UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA E CULTURAS POLÍTICAS

MATEUS FÁVARO REIS

Americanismo(s) no Uruguai:

os olhares entrecruzados dos intelectuais sobre a América Latina e os Estados Unidos (1917-1969)

Belo Horizonte

2008

MATEUS FÁVARO REIS

Americanismo(s) no Uruguai:

os olhares entrecruzados dos intelectuais sobre a América Latina e os Estados Unidos (1917-1969)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, do Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: História e Culturas Políticas

Orientadora: Profª. Drª. Kátia Gerab Baggio

Belo Horizonte

2008

REIS, Mateus Fávaro.

Americanismo(s) no Uruguai: os olhares entrecruzados dos intelectuais sobre a América Latina e os Estados Unidos (1917-1969)./ Mateus Fávaro Reis. Orientado pela Profª Doutora Kátia Gerab Baggio. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

1. Intelectuais e a política no Uruguai.
2. Estratégias editoriais e circulação de textos.
3. Encontros e desencontros entre a América Latina e os Estados Unidos.

MATEUS FÁVARO REIS

Americanismo(s) no Uruguai:

os olhares entrecruzados dos intelectuais sobre a América Latina e os Estados Unidos (1917-1969)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, do Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Mestre em História pela Banca Examinadora composta pelos membros:

Dissertação defendida e aprovada em

___ de _____de 2008.

_____

Prof(a). Doutor(a) .....

_____

Prof(a). Doutor(a) .....

_____

Prof(a). Doutor(a) .....

Dedico este trabalho aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas aquelas pessoas e instituições de fomento que contribuíram para a elaboração desta obra. Em primeiro lugar, gostaria de agradecer aos meus pais, Pedro César e Maria Odília, e demais familiares que souberam conviver com as minhas freqüentes partidas e chegadas durante estes últimos três anos, desde que comecei a compartir minha vida entre o Brasil, o Uruguai e a Argentina.

Às minhas irmãs Andréa e Aline, deixo uma especial consideração por sua inestimável ajuda para a concretização deste projeto.

À minha orientadora e amiga de todas as horas, profª doutora Kátia Gerab Baggio, que soube de forma certeira e sensível guiar-me pelo fascinante campo dos estudos latino-americanos, bem como aos colegas com quem compartia as reuniões mensais de nosso pequeno, mas extremamente fecundo grupo orientado por Kátia.

À profª doutora Eliana de Freitas Dutra e ao profº doutor Antonio Mitre pelas valiosíssimas críticas tecidas durante o exame de qualificação.

À profª doutora Maria Eliza Linhares Borges por sua estimulante orientação, que me iniciou nas pesquisas históricas, durante o projeto do PAD, em 2003.

Aos demais professores do Departamento de História da UFMG por suas lições de profissionalismo e de vida.

Aos professores e colegas do laboratório de Química Farmacêutica e Farmacologia da Faculdade de Farmácia da UFMG, especialmente à profª doutora Maria Auxiliadôra Fontes Prado e aos professores doutores Ricardo José Alves e Márcio de Matos Coelho, por sua acolhida aos meus questionamentos científicos, durante quase três anos em que fui bolsista de iniciação científica naquela faculdade, antes de decidir-me por desbravar novos rumos.

Aos amigos que conheci durante os dez últimos anos que vivi em Belo Horizonte, e que tornaram a minha estadia em uma experiência agradável e inapagável. Aos novos amigos

que conheci em Montevideo e Buenos Aires nestes últimos anos, particularmente à Helena Caorsi e Sofía Celina, que me hospedaram em sua residência durante a realização da pesquisa.

Aos professores da *Universidad de la República*, Carlos Demasi e especialmente Ana María Rodríguez Aiçagüer, dentre outros, que em alguns momentos foram interlocutores imprescindíveis, assim como aos funcionários da Biblioteca Nacional que souberam me assessorar tanto em aspectos profissionais quanto emocionais, durante minhas longas jornadas em seu interior.

À profª doutora Patricia Funes da *Universidad de Buenos Aires*, por sua preciosa atenção às minhas pesquisas.

Aos alunos da disciplina optativa sobre história dos intelectuais latino-americanos, que ministrei na UFMG, como Estágio Docente, durante o segundo semestre de 2006, especialmente aos intercambistas Roxana Calvo e Matías Germán Donato, que me receberam em La Plata e me apresentaram à profª doutora Alejandra Maihle, da *Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Universidad Nacional de La Plata*, instituição universitária que havia acolhido a Emilio Frugoni, dentre outros intelectuais latino-americanos, em sua sólida obra latino-americanista.

Aos professores argentinos, notadamente à Alejandra, do grupo de história intelectual nucleado pela *Universidad Nacional de Quilmes*, que me recepcionaram em seus instigantes debates mensais, realizados no *Instituto Ravignani* da *Universidad de Buenos Aires*.

Finalmente, gostaria de agradecer à CAPES, pela concessão de uma bolsa de estudos, sem a qual este projeto não teria saído de seus bosquejos, como também, à UFMG.

Todo país es una lección para el mundo. Hasta la más pequeña nación, el pueblo más reducido, pueden encerrar alguna enseñanza útil para la humanidad. La conducta individual aprende y se traza en la escuela del ejemplo; la conducta colectiva debe aprovecharse de la permanente lección de vida y de destino que con su vida y con su historia se dan constantemente unos pueblos a otros.

Emilio Frugoni, *La lección de México*

Resumo

O principal objetivo da presente dissertação consiste em explicitar as interpretações dos intelectuais uruguaios Emilio Frugoni, José G. Antuña e Carlos Quijano sobre a América Latina e os Estados Unidos, de 1917 à década de 1960. Frugoni, Antuña e Quijano dedicaram especial atenção ao latino-americanismo e pan-americanismo, contribuindo de forma desigual e por caminhos divergentes para o fortalecimento do americanismo no Uruguai. Quijano foi um dos principais críticos uruguaios ao pan-americanismo e promoveu – por meio de uma destacada trajetória nos circuitos jornalísticos, políticos e universitários do Uruguai – a edificação de um projeto de união latino-americana, bem como de crítica antiimperialista. Frugoni foi o principal artífice do ideário socialista no Uruguai e, apesar de certas divergências iniciais, cruzou sua trajetória com Quijano, ao propor caminhos para a construção da soberania dos Estados latino-americanos. Antuña, por outro lado, foi um confesso adversário de Frugoni, mas também de Quijano, e atuou como um dos mais expressivos defensores do pan-americanismo no Uruguai, articulando-o ao hispanismo conservador.

Palavras-chave:
Emilio Frugoni, José G. Antuña, Carlos Quijano, intelectuais, Uruguai, latino-americanismo, pan-americanismo

REIS, Mateus Fávaro. Americanismo(s) no Uruguai: os olhares entrecruzados dos intelectuais sobre a América Latina e os Estados Unidos (1917-1969). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

Abstract

This thesis aims to analyze Emilio Frugoni, José G. Antuña and Carlos Quijano interpretations between Latin America and United States relationships in the XXth century. Since 1917 up to the sixties, these three uruguayan intellectuals approved or censored the Latin America and Pan American movements of integration, and contributed in a special way on americanism debate in Uruguay. Carlos Quijano criticized Pan America idea and by publicizing newspapers promoted the Latin America movement of integration. Emilio Frugoni was one of most important socialist intellectuals in Uruguay and, despite some initial disagreements, crossed his route with Carlos Quijano on proposing Latin American sovereign projects. On the contrary, José G. Antuña diverged with Emilio Frugoni and Carlos Quijano on shielding Pan America conception, articulating it to his conservative hispanism.

Keywords:
Emilio Frugoni, José G. Antuña, Carlos Quijano, Intellectuals, Uruguay, Latin Americanism, Pan Americanism

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....12

1 OS INTELECTUAIS E A POLÍTICA NO URUGUAI: CAMINHOS CONVERGENTES QUE SE BIFURCAM.....29

1.1 Emilio Frugoni: a política como missão do intelectual.....30

1.2 José G. Antuña: o americanismo entre despachos, gabinetes e solenidades.....45

1.3 Carlos Quijano: a política por meio da escrita.....60

1.4 Itinerários cotejados.....72

2 ESTRATÉGIAS EDITORIAIS E CIRCULAÇÃO DE TEXTOS.....89

2.1 Intelectuais, cultura e política.....90

2.2 Plano cultural e sociabilidades intelectuais.....104

2.3 Vicissitudes e dilemas do mercado editorial uruguaio.....110

2.4 *Acción* e *Marcha*.....117

2.5 Dos leitores: esses personagens ubíqüos, porém evanescentes.....128

3 ENCONTROS E DESENCONTROS ENTRE A AMÉRICA LATINA E OS ESTADOS UNIDOS.....137

3.1 Na esteira do *maestro*: visões e revisões de Rodó e do arielismo.....140

3.2 Olhares americanistas do entreguerras: os Estados Unidos.....151

3.3 Visões utópicas e distópicas sobre a América Latina.....169

3.4 O pós-Segunda Guerra na América Latina: entre democracias e revoluções.....187

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....209

ACERVOS CONSULTADOS NOS SEGUINTES ARQUIVOS E BIBLIOTECAS.....214

FONTES.....215

REFERÊNCIAS.....219

INTRODUÇÃO

Este trabalho discute, de forma comparada, as visões dos intelectuais-políticos uruguaios Emilio Frugoni (1880-1969), José Antuña (1890-1972) e Carlos Quijano (1900-1984) sobre a América Latina e os Estados Unidos, bem como as posições que ocuparam nos projetos pela integração continental, entre 1917 e 1969.

Os três autores foram selecionados porque dedicaram parte significativa de suas importantes reflexões à América Latina e aos Estados Unidos – ao pensar o Uruguai numa perspectiva continental –, abarcando os temas do latino-americanismo, hispano-americanismo e do pan-americanismo, foram coetâneos e mantiveram relações de amizade e de críticas em determinados momentos de suas vidas. Além disso, porque traçaram trajetórias dinâmicas e exerceram grande influência nos meios intelectuais e políticos do país, ao se engajarem na arte da escrita e da ação política de maneira bastante expressiva.

A existência de visões divergentes dos três autores no debate sobre os projetos de integração continental foi um dos critérios mais relevantes para a sua seleção: José Antuña, por defender freqüente e ardorosamente o pan-americanismo; Quijano, por fincar raízes no campo oposto; Frugoni, por posicionar-se de forma mais hesitante no debate, ainda que em alguns momentos demonstrou certa simpatia pelo movimento latino-americanista, criticando ambas as posições, ao vislumbrar outras formas de integração, menos relacionadas a aspectos culturais e geográficos.

Selecionamos as obras publicadas entre 1917 e 1969 em que interpretaram a América Latina e os Estados Unidos e os seus empreendimentos de aliança regional ou continental, especialmente o pan-americanista em confronto com o latino-americanista.

A hipótese central deste estudo é que o latino-americanismo e o pan-americanismo ocuparam um lugar de destaque na obra de tais intelectuais, certamente os mais

representativos – de maneira alguma os únicos – na constante necessidade dos uruguaios em pensar o *adentro* e o *afuera*, a *patria chica* e a *patria grande*, como as duas faces de uma mesma moeda.

Em outras palavras, ao abordar os movimentos de integração entre os países americanos, tais autores buscaram propor saídas para suas inquietações acerca do futuro do Uruguai, que aparecem em seus textos – e de outros autores – como o tema da viabilidade de um país territorialmente pequeno e modesto em recursos humanos e naturais.

A análise dos textos publicados por tais autores revela que possuíam opiniões paralelas acerca do horizonte do Uruguai, ao sustentar que o país não poderia pensar em seguir uma trajetória isolada, preocupando-se em desenvolver somente seus potenciais internos, como, em certa medida, propunham os ensaístas e políticos de países como o Brasil, Argentina ou México. Em suma, a pedra de toque de Frugoni, Antuña e Quijano consistia em traçar e propor os caminhos de inserção do país no concerto internacional das nações, principalmente no cenário americano, uma vez que seus trabalhos e obras respondiam aos desafios de uma conjuntura histórica específica.

Decidimos pela comparação entre os três autores para podermos ladrilhar caminhos pouco freqüentados pela historiografia uruguaia contemporânea, ao buscar reconstruir uma das mais importantes e instigantes discussões que estimularam os círculos intelectuais e políticos uruguaios e latino-americanos.

O tema do americanismo recebeu, desde o século XIX, especial destaque no pensamento latino-americano. Os caminhos para o seu estudo foram traçados por filósofos e historiadores entre as décadas de 1940 e 50, principalmente na Argentina, México e Uruguai, em obras que buscavam a historicidade do pensamento político de diversos intelectuais do continente[1].

[1] ARDAO, Arturo. *La inteligencia latinoamericana*. Montevideo: Universidad de la República, 1987. Optamos pela grafia de Montevideo em espanhol para respeitar a versão original das obras uruguaias.

Segundo Eugênio Rezende de Carvalho, diversos intelectuais americanos e de outros continentes mergulharam na busca da existência de uma "especificidade cultural hispano-americana, ibero-americana ou latino-americana", assinalando a

> [...] existência de uma sólida tradição de pensamento de cunho *americanista*, que tem como característica básica a preocupação da intelectualidade em apresentar uma visão e uma interpretação do contexto e da realidade americana, em conformidade com o projeto de identidade que se queira construir e postular[2].

O historiador das idéias Arturo Ardao destacou que, a partir de meados do século XIX, o debate sobre o americanismo sofreu mudanças significativas e transpôs o par América/Europa[3]. Novas idéias foram propostas, com especial ênfase para as diferenças que existiam dentro do próprio continente. As noções de América Hispânica, América Ibérica e América Latina delinearam-se, em busca de uma identidade própria em relação à outra América, a anglo-saxônica[4].

Dentro deste cenário em configuração, receberam especial atenção o latino-americanismo – algumas vezes representado pelo hispano-americanismo – e o pan-americanismo, idéias que excitaram mentes, e em não menor proporção os corações, de diversos intelectuais da América Latina, levando-os a estabelecer um frutífero e tentacular debate em busca das identidades dos povos que conformam essa vasta parte do continente americano.

O período compreendido entre 1889 e 1948 foi crucial para a história do latino-americanismo e do pan-americanismo. Ainda que não possamos sustentar que o movimento de delineamento da idéia de América Latina tenha ocorrido de fora para dentro, como projeção dos círculos intelectuais europeus em direção à América, segundo Arturo Ardao, Patricia Funes e Héctor Bruit, alguns grupos de intelectuais hispano-americanos que viviam

---

[2] CARVALHO, Eugênio Rezende de. Idéias e identidade na América: quatro visões. In: *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, PUC-RS, v. 24, n. 2, dez. 1998, p. 8.

[3] Sobre os debates setecentistas e oitocentistas europeus sobre a América, ver: GERBI, Antonello. *O Novo Mundo. História de uma polêmica (1750-1900)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996; PRATT, Marie Louise. *Os Olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

[4] ARDAO, Arturo. *Nuestra América Latina*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1986, p. 58.

na Paris de meados do século XIX atuaram como os motores desse processo[5]. O termo gradualmente passou a ter maior difusão nos círculos intelectuais, incorporando-se a ações oficiais no final da década de 1940, com a criação da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL).

O seu conteúdo básico consistia numa aproximação e desejável integração cultural, política e econômica dos países latino-americanos, em um período em que muitos intelectuais se engajaram em torno a revistas, associações culturais, clubes de debate e de estudos, na virada do século XIX para o XX, como demonstraram Susana Zanetti[6] e Beatriz Colombi[7]. Tais autoras assinalaram que os intelectuais latino-americanos, particularmente os hispano-americanos, aproximaram-se devido às viagens que realizaram, dentro e fora do continente, ao exílio, à diplomacia, à participação conjunta em revistas e periódicos, além da troca de correspondências, o que levou ao fortalecimento da idéia de pertencimento a um espaço cultural comum.

Por outro lado, o pan-americanismo representava a busca pela articulação econômica, política e cultural entre todos os países americanos, particularmente sob a liderança, ou hegemonia, dos Estados Unidos. Ganhou seus contornos iniciais com a realização da Conferência Internacional Americana em Washington, entre outubro de 1889 e abril de 1890 e durante toda a primeira metade do século XX ocupou a agenda política e intelectual de praticamente todos os países americanos. O termo derivou-se de Pan-América e foi cunhado pela imprensa norte-americana, em meados de junho de 1889, referindo-se ao congresso que

[5] *Ibidem*, p. 40; FUNES, Patricia. Del Mundus Novus al novomundismo. Algunas reflexiones sobre el nombre de América Latina. IN: DAYREL, Eliane Garcindo, IOKOI, Zilda M. Gricoli (coords.). *América Latina contemporânea: desafios e perspectivas*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: Edusp, 1996, p. 77-95; BRUIT, Héctor H. A invenção da América Latina. In: *Revista Mestrado História*. Vassouras, RJ: Revista do curso de mestrado em história, v. 5, 2003, p. 75-94.

[6] ZANETTI, Susana. Modernidad y religación: una perspectiva continental (1880-1916). In: PIZARRO, Ana (org.). *América Latina: Palavra, Literatura e Cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas: Unicamp, 1994, v. 2, p. 489-534.

[7] COLOMBI, Beatriz. *Viaje intelectual, migraciones y desplazamientos en América Latina (1880-1915)*. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 2004.

estava programado para outubro do mesmo ano, ganhando grande difusão no léxico internacional[8].

Os olhares dos intelectuais latino-americanos se aguçaram e, "numa relação especular mutuamente fascinada, os Estados Unidos e a América Latina construíram uma série de saberes sobre si mesmos e sobre o outro, sem os quais resultaria incompreensível a emergência do antiimperialismo latino-americano"[9].

Maria Helena Capelato asseverou que a América Latina é uma "unidade diversificada", que esteve, ao longo dos séculos XIX e XX, permeada por um dilema importante entre a unidade e o particularismo, acentuado em períodos de crise. A idéia de integração esteve presente em diversos momentos de sua história com contornos divergentes, mas com a base comum de constituir uma barreira ao domínio dos Estados Unidos sobre a América Latina. Esse cenário conflituoso estimulou os intelectuais a se enveredar por caminhos que pudessem desvendar os elementos de uma identidade "americana"[10].

Ao abordar o Brasil, Maria Ligia Coelho Prado salientou que nosso país edificou durante o século XIX uma relação ambígua com a América Latina, oscilando entre a idéia de ser e simultaneamente não ser América Latina[11]. Kátia Gerab Baggio aprofundou-se nesse tema e concluiu que a visão predominante de importantes intelectuais brasileiros sobre a América Hispânica, nas primeiras décadas do regime republicano brasileiro, ressaltou seus aspectos negativos e contribuiu para a construção de opiniões preconceituosas e pejorativas sobre a "outra" América, que se difundiram por inúmeros setores da população[12].

---

[8] Cf. ARDAO, Arturo. Panamericanismo y latinoamericanismo In: ZEA, Leopoldo (coord.). *América Latina en sus ideas*. México: Siglo XXI: UNESCO, 1986, p. 157-158.

[9] TERÁN, Oscar. El primer antiimperialismo latinoamericano. In: *Punto de vista-Revista de cultura*. Buenos Aires, Año IV, n. 12, julio-octubre, 1981, p. 4 (todas as traduções são de nossa responsabilidade).

[10] CAPELATO, Maria Helena Rolim. América Latina: integração e história comparada. In: GEBRAN, Philomena; LEMOS, Maria Teresa T. B (orgs.). *América Latina: cultura, estado e sociedade*. Rio de Janeiro: ANPHLAC, 1994, p. 85.

[11] PRADO, Maria Ligia Coelho. O Brasil e a distante América do Sul. In: *Revista de História*. São Paulo: Departamento de História – FFLCH – USP: Humanitas, 2001, n. 145, p. 127-149.

[12] BAGGIO, Kátia Gerab. *A "outra" América: A América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas*. São Paulo: Departamento de História, FFLCH, USP, 1998 (Tese de doutorado).

Devemos respeitar as especificidades de Brasil e Uruguai, fundamentalmente o fato de este pertencer ao tronco hispano-americano, mas pode-se afirmar que, ao longo das primeiras décadas do século XX, o país platino também oscilou entre ser e não ser América Latina, ressaltando mais as suas diferenças do que afirmando as semelhanças com os demais países da região.

A historiografia uruguaia das últimas quatro décadas problematizou esta relação ambígua dos uruguaios com a América Latina, ao longo de boa parte de sua história como país independente. Sua questão central consistiu em discutir a construção de um imaginário social[13] que se tornou preponderante nas três primeiras décadas do século XX.

Entre 1870 e 1930, o Uruguai "modernizou-se" e recebeu um afluxo muito expressivo de imigrantes, majoritariamente de europeus meridionais[14]. Foram realizadas mudanças significativas na sociedade uruguaia, que atingiram seu ápice com a entrada do século XX, após a ascensão ao poder estatal de um grupo político republicano reformista oriundo do Partido Colorado denominado de batllista, capitaneado por José Batlle y Ordóñez. Batlle y Ordóñez foi presidente do Uruguai em dois mandatos não consecutivos: 1903-1907 e 1911-1915, durante os quais logrou capitanear significativas transformações em distintas esferas da vida pública uruguaia.

Os batllistas, que tinham um forte respaldo das camadas médias urbanas e dos imigrantes, investiram de forma significativa na educação pública laica – que vinha se

[13] Cf. BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. *Enciclopedia Einaudi.* v. 5 (Anthropos-Homem). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p. 296-332.

[14] Somente para se ter uma idéia, em 1830 o Uruguai possuía cerca de 75 mil habitantes. Em 1870, a sua população atingia 375 mil habitantes, com uma elevada proporção de imigrantes. O fluxo imigratório para o Uruguai atingiu seu período mais expressivo no último quartel do século XIX, período em que, segundo o censo departamental realizado em 1889, o número de estrangeiros residentes em Montevideo representava pouco mais de 43% da população total (93.216 imigrantes para uma população de 215.061 habitantes). Essa porcentagem diminuiu paulatinamente – mas continuou significativa – nas primeiras décadas do século XX: 26,8% em 1908 e 16% em 1930, de acordo com os dados dos censos nacional e departamental, respectivamente, mencionados por ZUBILLAGA, Carlos. *La utopía cosmopolita*. *Tres perspectivas históricas de la inmigración masiva al Uruguay*. Montevideo: Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 1998, p. 35. Ver também ZUBILLAGA, Carlos. Breve panorama da imigração maciça no Uruguai (1870-1931). In: FAUSTO, Boris (org.). *Fazer a América*. São Paulo: EDUSP, 1999, p. 419-460.

consolidando desde a reforma educacional liderada por José Pedro Varela (1845-1879) implementaram leis trabalhistas como a jornada de trabalho de 8 horas semanais, o direito de realizar greve e outras garantias para os trabalhadores; legalizaram o divórcio por vontade de qualquer um dos cônjuges; empenharam-se em uma luta pela secularização dos hospitais, dos cemitérios e do calendário; dentre outras importantes reformas[15].

Durante a modernização do Uruguai, os dois partidos políticos denominados tradicionais (Partido Colorado e Partido Nacional ou *Blanco*) desempenharam trajetórias centrais na cena política uruguaia e demarcaram seus projetos na relação que estabeleceram com o poder institucionalizado, o estrangeiro e os caminhos para promover a modernização do país, o mundo urbano e imigrante[16].

Os colorados definiram suas práticas por meio de uma relação privilegiada com o poder institucionalizado, sustentando um estilo político mais contratual, bem como ampararam um projeto de modernização claramente cosmopolita, urbano e imigrante. Por outro lado, os *blancos* foram mais hesitantes em relação ao poder institucionalizado, sustentaram uma modernização mais seletiva e auto-regulada, buscaram a afirmação de fronteiras mais sólidas, associando-se de forma privilegiada ao mundo rural e a seus símbolos mais localistas.

No entanto, a composição de tais partidos era bem mais complexa e existiam distintos setores que sustentavam outros projetos políticos para o Uruguai, como veremos ao tratar das trajetórias de Antuña e Quijano no próximo capítulo.

A despeito disso, os batllistas foram responsáveisas pela consolidação de um imaginário social integrador, que elencava algumas de suas características essenciais: a primazia do "público" sobre o "privado"; a existência de uma matriz democrático-pluralista de base

[15] ODDONE, Juan A. A formação do Uruguai moderno (1870-1930). In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina: de 1870 a 1930*. São Paulo: EDUSP, 2002, v. 5, p. 609-631. Para estudar a época batllista, é referência obrigatória o extenso e mais completo trabalho publicado até os dias atuais por BARRÁN, José Pedro, NAHUM, Benjamin. *Battle, los estancieros y el Imperio Británico*. 8 Tomos. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1981-1987.

[16] Cf. CAETANO, Gerardo, RILLA, José. *Historia contemporanea del Uruguay. De la colonia al Mercosur*. Montevideo: Fin de Siglo, 1994, p. 43.

partidocêntrica; o caminho reformista; a primazia do mundo urbano e cosmopolita de perfil eurocêntrico; o culto à "excepcionalidade" uruguaia no contexto latino-americano; o respeito à legalidade; a integração social e uma propensão à idéia de fusão de culturas e sentimentos[17].

O país caracterizava-se pelo fortalecimento das camadas médias urbanizadas, que pressionavam por mudanças democráticas e passava por um período de relativa estabilidade política e por bons índices de crescimento econômico, o que não teve continuidade ao longo da década de 1930, particularmente a partir da crise de 29 e do golpe de Estado liderado por Gabriel Terra, em 1933[18].

Gerardo Caetano destacou também que o Uruguai tinha a "convicção" de que se constituía em um "'país de exceção' indiscutivelmente 'superior' a seus irmãos do continente". O país oriental[19] foi visto por muitos intelectuais e políticos do período como o "primeiro país da América", porque resolveria seus problemas de maneira institucional, em que seus habitantes respeitariam a legalidade e a democracia seria a base de uma cultura política hegemônica. Além disso, reiterava-se que a sua conformação étnica não se apresentaria como um "empecilho" ou "obstáculo" para a modernização, um dos principais contrapontos utilizados para diferenciá-lo em relação aos demais países da América Latina[20].

Como salientou Carlos Real de Azúa, durante a segunda metade do século XIX o debate sobre a América Hispânica, em todo o continente e também no Uruguai, preocupou-se em desvendar os seus "males", empecilhos e obstáculos (*rémoras y lastres*) "raciais, culturais,

---

[17] Cf. CAETANO, Gerardo. Del primer batllismo al terrismo: crisis simbólica y reconstrucción del imaginario colectivo. In: *Cuadernos de CLAEH*, Montevideo, n. 49, 1989, p. 85-106. SOUZA, Marcos Alves de. *A cultura política do "batllismo" no Uruguai: 1903-1958*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003.

[18] Gabriel Terra foi eleito presidente do Uruguai pelo Partido Colorado, em 1930. Durante os dois primeiros anos de seu primeiro mandato, 1931 e 1932, articulou-se a grupos sociais e políticos da sociedade uruguaia que apontavam caminhos mais centralizados e autoritários para responder aos desafios colocados pela depressão econômica. Após o golpe, em 1933, iniciou seu segundo mandato, exercido até 1938. Ver JACOB, RAÚL. *El Uruguay de Terra, 1931-1938*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1983; CAETANO, Gerardo, JACOB, Raúl. *El nacimiento del terrismo (1930-1933)*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1989.

[19] O termo deriva-se de Banda Oriental, como era conhecida a região ocupada pelo atual país no período colonial, por se situar no lado leste do rio Uruguai, e depois passou para o nome oficial do país: República Oriental do Uruguai.

[20] CAETANO, Gerardo. Identidad nacional e imaginario colectivo en Uruguay. La síntesis perdurable del centenario. In: ACHUGAR, Hugo & CAETANO, Gerardo (comps.). *Identidad uruguaya: ¿mito, crisis o afirmación?* 3ª ed. Montevideo: Trilce, 1993, p. 75-96.

religiosos, sociais, geográficos, econômicos, políticos e psicológicos", que a retardaria ou impediria de obter resultados semelhantes aos do vizinho do norte, os Estados Unidos. Os problemas estariam relacionados à herança espanhola e católica, mas também à sua constituição mestiça, negra e indígena, que teria, segundo essas concepções, deixado um legado de fanatismo, superstição, ignorância, privilégios, exploração, caudilhismo e, acima de tudo, despotismo, o que levou esses autores a identificar os povos latino-americanos como corrompidos e desordenados, "incapazes para qualquer trabalho útil e para o respeito mínimo necessário para uma pacífica convivência internacional"[21].

O tema dos "males" do continente continuou a ser debatido com a entrada do século XX em todo o continente americano e no Uruguai ganhou contornos que foram utilizados para justificar o seu relativo grau de modernização e a sua "excepcionalidade" frente à América Latina.

Não pretendemos, todavia, argumentar que inexistiam outras opiniões entre os uruguaios. Nestes anos de comemorações e festividades (década de 20 principalmente) pelo Centenário da Independência, os uruguaios travaram diversas batalhas ideológicas em que um amplo conjunto de controvérsias sobre os seus principais elementos constitutivos, marcadamente a disputa pela nação e pelo passado. Foi um período rico em "tensões e controvérsias criativas"[22] e os diferentes grupos sociais e políticos uruguaios se envolveram em debates frutíferos nos diferentes locais de convivência de uma intelectualidade que formava um círculo relativamente pequeno, mas bastante atuante e conectado com os meios intelectuais de outros países, particularmente com os argentinos.

Cabe ressaltar que, particularmente a partir dos anos 1910, os "discursos-diagnóstico" que se nutriam de fontes darwinistas sociais e evolucionistas passaram a ser criticados de

[21] REAL DE AZÚA, Carlos. *Historia visible e historia esotérica*. *Personajes y claves del debate latinoamericnao*. Montevideo: Arca Editorial, 1975, p. 19-23.
[22] CAETANO, Gerardo. *Los uruguayos del Centenario. Nación, ciudadanía, religión y educación (1910-1930)*. Montevideo: Santillana, 2000, p. 13.

maneira crescente e freqüente, por intelectuais europeus e americanos, insatisfeitos com as perspectivas etnocêntricas em voga, o que se ampliou principalmente ao longo das décadas de 20 e 30[23]. Interpretações com ênfase sobre a cultura[24], as correntes vanguardistas, a difusão das idéias nacionalistas e fascistas, além dos ideários socialista e marxista, ampliaram o leque de perspectivas manejadas pelos pensadores do período. No Uruguai, esse embate de idéias e interpretações também ganhou corpo.

Transitamos por esse cenário polêmico, procurando evidenciar a disputa, não menos significativa, que se estabelece no país platino entre os intelectuais em prol do ideário latino-americanista ou do pan-americanista, que visavam uma integração cultural, econômica e política.

O marco cronológico inicial deste trabalho, 1917, que possui também um aspecto simbólico da temática, refere-se ao ano da morte de José Enrique Rodó, na Itália, e do início da campanha para a repatriação de seus restos mortais ao Uruguai, acompanhada por uma significativa onda de homenagens e de críticas ao renomado autor de *Ariel* e à sua obra[25]. Além disso, esse marco temporal inicial foi delineado pela Revolução Mexicana (1910-1917), que atraiu os olhares dos intelectuais e engendrou um amplo debate em todo o continente, com destacada participação de Frugoni, Quijano e Antuña, principalmente durante a segunda metade dos anos 20.

---

[23] Cf. FELL, Eve-Marie. Primeras reformulaciones: del pensamiento racista al despertar de la conciencia revolucionaria. In: PIZARRO, Ana (org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas: Unicamp, 1994, v. 2, p. 577-595. Para uma análise mais detalhada e instigante sobre tais interpretações, ver TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

[24] MYERS, Jorge. Gênese "ateneísta" da história cultural latino-americana. In: *Tempo Social*. São Paulo: Departamento de Sociologia, FFLCH/USP, v. 17, n. 1. jun. 2005, p. 9-54.

[25] Rodó desempenhou um papel central na vida intelectual uruguaia e latino-americana na virada do século XIX para o XX, principalmente após a publicação de *Ariel*, em 1900. Nessa obra, Rodó traduziu as principais inquietações dos intelectuais rioplatenses e latino-americanos, ao traçar as coordenadas mais gerais da(s) identidade(s) da América Latina (*Ariel*) em contraposição aos Estados Unidos (*Caliban*). Além disso, Rodó criticou a *nordomania* entre os latino-americanos, principalmente em relação ao fortalecimento do utilitarismo e alertou para os principais problemas da edificação da democracia na América Latina. Cf. RODÓ, José Enrique. *Ariel*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

Em 1917, Emilio Frugoni ministrou uma conferência para avaliar a figura de Rodó, que já vinha recebendo críticas no cenário uruguaio, e Carlos Quijano ajudou a fundar um centro de estudos universitários denominado *Centro Ariel*. Nesse momento, Frugoni e Quijano publicaram suas primeiras significativas interpretações sobre a América Latina, os Estados Unidos e os seus projetos de integração continental.

Alguns anos depois, em 1920, a revista do centro estudantil presidido por Quijano celebrou a chegada do corpo de Rodó por meio da publicação de dois volumes de estudos sobre o *maestro*, com contribuições de José Antuña e Carlos Quijano. Também nesse ano, Frugoni escreveu um texto para avaliar a orientação intelectual de Rodó.

Em relação ao México, José Vasconcelos visitou o Uruguai, em 1922, e debateu com diversos intelectuais sobre algumas das principais questões colocadas pela Revolução Mexicana. Quijano viajou ao México ao lado do argentino José Ingenieros, em 1925, a convite de Alfonso Reyes, e escreveu diversos artigos sobre a reforma agrária daquele país no jornal uruguaio *El País*, de fevereiro a abril de 1926. Frugoni ditou duas conferências em Montevideo a favor dos desdobramentos revolucionários em 1928 e criticou o pedido de José G. Antuña de intervenção no México pela Liga das Nações, em 1929, como veremos no primeiro capítulo.

O nosso percurso segue pela década de 1920, quando o debate se enriquece e se torna mais polêmico, uma vez que novas fontes passam a nutrí-lo de forma mais persistente. Continuamos nosso trajeto ao longo das décadas de 1930 e 1940, período em que o debate não arrefeceu.

Passamos pelos finais dos anos 40 e princípios dos 50, quando ocorreram as comemorações de 30 anos da morte de Rodó e do cinqüentenário da publicação de *Ariel*, período em que os três autores em questão revisaram o legado rodoniano. Quijano escreveu,

em 1947, *Retorno a Rodó*[26], enquanto Frugoni proferiu uma conferência[27], a convite do *Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay*, em 1950, que visava prestar uma homenagem a Rodó. Naquele período Antuña escreveu uma de suas mais expressivas obras, em que analisou as repercussões de *Ariel* e do arielismo no Uruguai e na América Latina[28].

O recorte final, os inquietantes anos 60 representaram um período em que a Revolução Cubana ocupou o centro do debate sobre a América Latina e suas relações com os Estados Unidos. Frugoni[29] e Quijano voltaram seus olhares convergentes para Cuba em diversos momentos nas principais páginas dos periódicos uruguaios.

Essa demarcação temporal tem o objetivo de responder às questões basilares que norteiam esse trabalho, acompanhando o movimento do objeto proposto. Em primeiro lugar, almejamos descortinar as visões que Frugoni, Antuña e Quijano edificaram sobre a América Latina e os Estados Unidos, e o seu engajamento em prol do latino-americanismo ou do pan-americanismo. Em segundo lugar, estamos interessados em analisar as referências que utilizaram, quais papéis preconizaram para os intelectuais, em que medida suas interpretações convergiram ou se bifurcaram, e ainda ensaiar um esboço das estratégias que utilizaram para a difusão de suas obras.

Por fim, no plano das relações entre os países latino-americanos, queremos analisar de que forma as relações do Uruguai com a Argentina e o Brasil influenciaram os seus projetos de integração continental, e também compreender suas motivações e objetivos[30] ao tratar do México e de Cuba.

---

[26] QUIJANO, Carlos. Retorno a Rodó. In: *Cultura, Personalidades, Mensajes*. Montevideo: Cámara de Representantes, 1992, p. 88-89.

[27] FRUGONI, Emilio. *Homenaje a Rodó en el cincuentenario de "Ariel"*. Montevideo: Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay, 1950.

[28] ANTUÑA, José G. *Un panorama del espíritu*. El "Ariel" de Rodó [1952]. Tomos I e II. Montevideo: Barreiro y Ramos: 1969.

[29] FRUGONI, Emilio. *Meditación americanista*. Montevideo: Continente, 1959.

[30] Devemos ter o cuidado em não nos tornarmos prisioneiros do círculo hermenêutico, como bem nos lembra Pocock, ao tratar das proposições de Quentin Skinner. Assim, iremos além do próprio texto e buscaremos as pistas e as evidências em outros textos e em algumas de suas correspondências. POCOCK, J. G. A. *Linguagens*

Antes de abordar os marcos teóricos que inspiram o presente trabalho, cabe apresentar em linhas introdutórias os autores que selecionamos, inscrevendo-os inicialmente em seus locais de ação, tarefa da qual nos ocuparemos com maior detalhamento no primeiro capítulo.

Principal arquiteto do Partido Socialista do Uruguai, fundado em 1910, Emilio Frugoni destacou-se por suas atividades intelectuais e políticas muito além da esfera intra-partidária. Frugoni deu os primeiros passos na vida pública uruguaia entre os círculos colorados, mas gradativamente ladrilhou os caminhos do que ele denominava uma política de idéias contra o tradicionalismo, e elegeu-se deputado por várias vezes. Na esfera cultural e intelectual, Frugoni foi poeta, crítico de teatro, professor de literatura no ensino secundário e de direito no universitário, além de diretor de jornais e revistas, quase sempre vinculados ao Partido Socialista. Exilado na Argentina durante o início do governo ditatorial de Terra, em 1933 e 1934, e representante diplomático do Uruguai na União Soviética, de 1944 a 1946, Frugoni buscou interpretar e adaptar o socialismo à realidade uruguaia e latino-americana, criticando as prédicas e táticas sustentadas por seus intelectuais e partidos comunistas.

José G. Antuña traçou percursos bem distintos aos de Frugoni. Desde sua juventude aproximou-se dos setores conservadores do Partido Colorado e desaprovou o projeto de secularização promovido pelos batllistas. Poeta, jornalista, ensaísta, jurista, deputado e senador, Antuña sublinhava que o americanismo representava o seu tema preferido. Líder da política cultural terrista e presidente da VII Conferência Pan-Americana, realizada em Montevideo, em dezembro de 1933, Antuña foi extremamente criticado pelos grupos de oposição àquela ditadura e atualmente tornou-se um autor quase esquecido tanto pela população em geral quanto pelos estudiosos da política e da cultura no Uruguai.

---

do ideário político. São Paulo: EDUSP, 2004, p. 27. Para o debate crítico sobre as propostas de Skinner e Pocock ver LACAPRA, Dominick. *Rethinking intellectual history: texts, contexts, language*. Ithaca: Cornell University Press, 1983; HARLAN, David. A história intelectual e o retorno da literatura. In: RAGO, Margareth, GIMENES, R. (orgs.). *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas: IFCH, 2000, p. 15-62.

Por outro lado, Carlos Quijano militou durante algumas décadas por grupos reformistas e minoritários do Partido Nacional. Líder da *Asociación Nacionalista Demócrata Social* (ANDS), Quijano elegeu-se deputado uma única vez, apesar de participar como candidato à Câmara de Representantes em quatro campanhas eleitorais. Após graduar-se em direito e receber uma bolsa de estudos do governo uruguaio para completar sua formação acadêmica em Paris, Quijano voltou ao Uruguai disposto a agitar as águas da vida política e jornalística do país. Atuou como professor de Economia Política na Universidade da República e capitaneou a fundação de importantes empreendimentos editoriais, dentre os quais os semanários *Acción* (1932-1939) e *Marcha* (1939-1974), que se tornaram os principais veículos de divulgação de suas idéias para o porvir do Uruguai e da América Latina.

Nossa operação historiográfica[31], para retomar a expressão de Michel de Certeau, consiste em recuperar e analisar as interpretações dos três intelectuais, articulando seus discursos, que não são neutros, ao contexto histórico em que exerceram as suas atividades intelectuais e políticas.

A pesquisa, ancorada em uma mescla de história dos intelectuais e história das idéias, norteia-se pela frutífera e instigante discussão sobre a "renovação" da história política e as possibilidades instigantes da história intelectual[32].

Antes de fazermos algumas considerações sobre o norteamento teórico de que lançaremos mão, devemos explicitar a abordagem que realizamos em relação às fontes, constituídas em sua quase totalidade de ensaios, de auto-interpretação e de autodefinição, como sublinhou Carlos Altamirano. Segundo Altamirano, esses ensaios respondem a uma "demanda de identidade: quem somos os hispano-americanos?, – quem somos os latino-americanos? – quem somos os argentinos?, quem somos os mexicanos?, quem somos os

[31] DE CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 1982, p. 65.
[32] RÉMOND, René (org.). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996; DARNTON, Robert. História intelectual e cultural. In: *O beijo de Lamourette*: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 175-197.

peruanos?", e a sua elaboração pode ser encontrada desde parte dos discursos de Simón Bolívar[33].

Os ensaios podem ter diferentes enfoques: político, sociológico, histórico, cultural, literário, religioso, econômico etc. O ensaio possui, contudo, algumas características similares, ao se constituir como uma narrativa de discurso fronteiriço, o que permite ao autor transitar entre a liberdade de interpretação e, ao mesmo tempo, referir-se à realidade em que está inserido.

Além disso, o intuito do ensaísta não é esgotar o tema proposto ou se restringir a ele. A sua narrativa não é linear e normalmente é bastante flexível, adequando-se às práticas intelectuais de um período ainda não marcado pela especialização. Segundo Casas, "a produção ensaística, ainda que sustentada em posições ideológicas divergentes, permitiu a promoção do papel central do intelectual em um processo dirigido à consolidação de identidades nacionais e continentais"[34].

Assim, em nosso percurso devemos estar atentos para a especificidade do discurso ensaístico e não devemos cometer o equívoco de exigir do autor uma abordagem mais intensiva sobre os temas. Devemos, sim, buscar no ensaio – no nosso caso, cultural-político-histórico – o seu universo de referência, o vocabulário político da época, a intertextualidade e, acima de tudo, devemos analisá-lo como uma "ação" do autor, isto é, no sentido em que se torna um objeto de luta política, pois, como destacou Marco Antônio Lopes, "os atos do discurso são forças dinâmicas destinadas a agir e desequilibrar um conjunto de fatores numa cultura política específica"[35].

---

[33] ALTAMIRANO, Carlos. *Para un programa de historia intelectual y otros ensayos*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005, p. 22.

[34] CASAS, Saúl Luis. "'Excluídos, Exilados, Enredados', los intelectuales y el ensayo histórico-social latinoamericano. (1900-1920)". In: RIVAS, Ricardo Alberto, RODRÍGUEZ, Rodolfo Alberto (coords.). *Problemas latinoamericanos y alteridad en los siglos XIX y XX*. Mar del Plata: Ediciones Suárez, 2003, p. 160.

[35] LOPES, Marco Antônio. *Para ler os clássicos do pensamento político: um guia historiográfico*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p. 88. Ver também POCOCK, J. G. *Linguagens do Ideário Político*. São Paulo: Edusp, 2003.

Aliás, esta é uma das importantes contribuições da história política e da história intelectual, produzida na últimas quatro décadas, cuja idéia central consiste em integrar texto e contexto, em busca da historicidade, sempre que possível[36]. Não devemos nos contentar, contudo, somente com alguma contextualização, mas buscar em nossa interpretação articular o texto, o contexto, a "biografia" do autor e a intertextualidade[37]. Em outras palavras, buscaremos compreender os itinerários dos intelectuais analisados, suas sociabilidades, além das discussões intra e intergeracionais, como propôs Sirinelli[38].

Compartilhamos com François Dosse de que é preciso "ir além da alternativa: internalismo/externalismo"[39]. Para o historiador francês:

> o que pode emergir de uma abordagem ao mesmo tempo internalista e extenalista não são mecanismos de causalidade mas, mais modestamente, a explicitação de correlações, de simples vínculos possíveis, como hipóteses, entre o conteúdo exprimido, o dizer, de um lado, e a existência de redes, o pertencimento de geração, a adesão a uma escola, o período e suas problemáticas do outro[40].

Trabalhamos também com um corpo documental constituído por artigos publicados em jornais e semanários, principalmente em relação aos escritos de Quijano – ainda que alguns de seus principais críticos tenham colocado seus artigos no cruzamento com a produção ensaística –, atentos para suas particularidades, como a materialidade do impresso, o seu conteúdo, tiragem, leitores em potencial e objetivos, conforme destacou Tânia Regina de Luca[41].

As diversas incursões que vimos realizando nas fontes selecionadas permitiram-nos traçar as principais questões que inquietaram tais homens de letras, que desenvolveram a maior parte de suas trajetórias na capital uruguaia, mas que, também, participaram de

[36] RODRIGUES da SILVA, Helenice. A história intelectual em questão. In: LOPES, Marco Antônio. Apresentação. *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 16.
[37] MOSCATELI, Renato. História intelectual: a problemática da interpretação de textos. In: LOPES, Marco Antônio. Apresentação. *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 51.
[38] SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996, p. 231-269.
[39] Cf. DOSSE, François. *História e ciências sociais*. Bauru, SP: Edusc, 2004, p. 296.
[40] *Ibidem*, p. 298-299.
[41] LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). *Fontes históricas*. 2a ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 139.

atividades em outros importantes centros intelectuais e políticos, latino-americanos e europeus. Desse diálogo constante com as fontes propomos a divisão do texto em três capítulos.

O primeiro capítulo busca traçar os caminhos intelectuais e políticos percorridos por Emilio Frugoni, José Antuña e Carlos Quijano, fundamentalmente entre 1917 e 1969, interessados em mapear os terrenos em que exerceram suas atividades como homens de letras e homens de política. O objetivo central do primeiro capítulo consiste em reconstruir seus itinerários, ao selecionar o que, a nosso ver, se apresente como mais importante para um equilibrado exame de suas obras.

O segundo capítulo focaliza algumas questões centrais a respeito do ambiente intelectual no Uruguai e das estratégias que tais autores lançaram mão para publicar e fazer circular suas obras. Em outras palavras, em tal capítulo buscamos ir além do discurso para tentar nos aproximar, ainda que de forma ligeira, do dia-a-dia destes escorregadiços personagens diante das vicissitudes do mundo editorial.

O terceiro capítulo destaca as interpretações que Frugoni, Antuña e Quijano edificaram a respeito da América Latina e os Estados Unidos, com especial atenção para as relações que construíram ao longo do século XX e para os seus projetos de integração. Em um primeiro momento abordamos, ainda que em linhas gerais, as suas interpretações sobre o *maestro* comum Rodó e sobre o arielismo. Em segundo lugar, enfocamos os seus olhares sobre os Estados Unidos, o pan-americanismo do entreguerras e a América Latina. Na última parte do terceiro capítulo, buscamos explicitar e interpretar o rico debate, acima de tudo, entre Quijano e Frugoni, a respeito dos caminhos democráticos reformistas ou revolucionários para o Uruguai e a América Latina do pós-Segunda Guerra.

CAPÍTULO 1
OS INTELECTUAIS E A POLÍTICA NO URUGUAI: CAMINHOS CONVERGENTES QUE SE BIFURCAM

Neste capítulo pretendemos traçar os percursos individuais e paralelos realizados por Emilio Frugoni (1880-1969), José G. Antuña (1890-1972) e Carlos Quijano (1900-1985), através da análise comparativa de diferentes tipos de fontes, que estão constituídas por prefácios, prólogos, notas biográficas e necrológicas, biografias, além dos escritos publicados pelos próprios autores.

Essas fontes exigem um olhar cuidadoso e crítico sobre os seus conteúdos e a maneira como são apresentados ou representados. Trataremos de destacar, ainda que em linhas gerais, as suas especificidades, ao inseri-las em seus contextos de produção e de publicação, atentos para os meios em que foram impressas e divulgadas.

Em outras palavras, um estimulante desafio que se impõe ao historiador ao escrever um texto de história intelectual ou de história dos intelectuais incide sobre como lograr estabelecer ou arquitetar uma articulação não mecânica entre a noção de contexto e a de texto, em como aproximar-se das intenções, ou de forma mais modesta, das motivações do autor ao dissertar sobre um determinado tema em um momento específico. Assim, sustentamos que é imprescindível seguir o olhar do autor sobre o contexto em que vive para podermos interpretá-los – o autor, o texto e o contexto – de uma maneira mais fecunda.

Vinte anos separaram os nascimentos de Emilio Frugoni, em 1880, e Carlos Quijano, o mais jovem dos três, em 1900. Intermediário entre ambos foi José G. Antuña, que nasceu em 1890. Montevideanos de nascimento, suas trajetórias se entreteceram com as dos principais círculos intelectuais e políticos do Uruguai novecentista, atuando como figuras que capitanearam importantes movimentos de ação política e cultural no país.

Dessa maneira, acompanhá-los em seus sinuosos caminhos significa divisar uma significativa parte da história político-cultural uruguaia durante o século XX, em um rico período de debates fundamentais para tais homens de letras, que não podiam, e tampouco almejavam, deixar de ser simultaneamente homens de ação.

Devemos destacar inicialmente que estamos comparando três autores que tiveram uma projeção intelectual e política desigual no panorama uruguaio, mas principalmente no latino-americano. Se nos permite o leitor criar uma escala para mensurar a circulação e recepção de suas obras e idéias, em uma curva ascendente, Antuña ocuparia a base do gráfico e Quijano se localizaria em seu ápice, ao passo que poderíamos inserir Frugoni em uma posição intermediária, provavelmente mais próxima deste que daquele, especialmente quando focalizamos o alcance de sua obra no Uruguai.

Buscaremos demonstrar tal afirmação, bem como analisar e interpretar essa diferença, baseando-nos em suas trajetórias e sociabilidades políticas e intelectuais, atentos especialmente para as transformações por que passaram os círculos culturais e políticos no Uruguai, por pouco mais de meio século de batalhas, mas também de diálogos frutíferos entre os distintos grupos que se delinearam em seu território.

1.1 Emilio Frugoni: a política como missão do intelectual

Antes de dar início a uma síntese biográfica de Emilio Frugoni (30/03/1880 – 28/08/1969), gostaríamos de fazer algumas considerações sobre as cinco principais obras, quatro biográficas, que foram publicadas sobre o autor. A primeira delas, publicada em 1940 após a expulsão de Servando Cuadro (1896-1953) do Partido Socialista, em 1938, deve ser lida de maneira muito cuidadosa porque o autor, para defender-se, ataca Frugoni constantemente. Cuadro militou pelo socialismo de 1916 a 1938 e foi expulso devido a

disputas pessoais pela direção do partido. Segundo Cuadro, na biografia que escreve sobre Frugoni, "o acento incide tanto sobre atitudes políticas como sobre características morais, pois na conduta do psicoanalisado a deficiência ou o erro político estão invariavelmente determinados por uma limitação ou uma miséria moral"[42].

Como destacou Carlos Real de Azúa, a principal obra escrita por Cuadro deve ser tomada com muita cautela tanto pela utilização um pouco ingênua de ferramentas psicanalíticas para a interpretação da obra de Frugoni quanto pelo caráter prolixo e extremamente subjetivo das críticas direcionadas ao seu adversário socialista[43].

No prólogo a *Poemas civiles* (1944), Roberto Ibáñez urdiu uma breve biografia de Frugoni e anotou as principais facetas do político-intelectual socialista[44]. É importante ressaltar que Frugoni sublinhou no início dos anos 60 que Ibáñez representava o seu crítico mais perspicaz[45].

Posteriormente, em 1964, Real de Azúa publicava uma das mais importantes antologias de ensaístas uruguaios do século XX. O erudito historiador selecionou textos de 41 significativos autores, como os de Cuadro, e escreveu uma longa análise sobre Frugoni. Ainda que o historiador uruguaio não tivesse a pretensão de fazer um trabalho biográfico sobre Frugoni, o seu texto, desde nosso ponto de vista, representa uma das mais equilibradas e compreensivas interpretações de sua obra[46].

Na década seguinte, momento em que a atmosfera nacional atingiu o seu ápice de tensão, foi publicado um importante ensaio biográfico sobre Frugoni, escrito por seu amigo íntimo e parceiro de "lutas pelo bem-estar social", Juan Edmundo Miller, em 1973, quatro

[42] CUADRO, Servando. *Al servicio de la idea socialista. Psicoanálisis profano de la biografía del Dr. Emilio Frugoni*. Montevideo: Editorial Charrúa, 1940, p. 5.
[43] REAL DE AZÚA, Carlos. Servando Cuadro. In: *Antología del ensayo uruguayo contemporáneo*. Tomo I. Montevideo: Universidad de la República, Departamento de Publicaciones, 1964, p. 259.
[44] Cf. IBÁÑEZ, Roberto. Prólogo. In: FRUGONI, Emilio. *Poemas civiles*. Montevideo: Claudio García & Cia, 1944, p. 9-20.
[45] Encuesta literaria de *MARCHA*. Contesta Emilio Frugoni. In: *Marcha*, Montevideo, ano XXI, n. 1007, 06 de maio de 1960, p. 23.
[46] REAL DE AZÚA, Carlos. Emilio Frugoni. In: *Op. Cit*., p. 111-141.

anos após a morte de Frugoni[47]. Miller escolheu uma maneira bastante peculiar para abordar a biografia de Frugoni, ao criar um sujeito narrativo denominado "Prudencio Pobre", que para o autor, era o representante do *gaucho*, do *criollo*, que abandonou a guitarra e usou a prosa para relatar os aspectos mais importantes da vida do biografado.

Não obstante tal ficcionalização, Miller aportou preciosas informações, freqüentemente sem citar a referência correspondente, sobre a vida de Frugoni, uma vez que muniu-se de sua biblioteca e arquivo pessoal para a tessitura de sua narrativa[48].

Em 1995, Gerardo Giúdice publicou a biografia mais completa sobre Frugoni escrita até os dias atuais, por meio da qual problematizou algumas das anteriores, ao buscar traçar um perfil mais complexo do intelectual e militante, ainda que sua obra não raras vezes desliza em direção à novelística e arquiteta um ator livre de contradições e hesitações[49].

Durante a redação deste capítulo, foi publicado em dezembro de 2007, o ensaio biográfico sobre Frugoni escrito por seu companheiro e discípulo, o jornalista Guillermo Chifflet. Chifflet realçou a presença do militante na elaboração do texto – corroborado pelo comentário de Eduardo Galeano – e selecionou algumas das facetas mais interessantes de Frugoni, embora em linhas bem gerais em algumas partes, e contribuiu para o *aggiornamento* do debate a respeito da sua trajetória político-intelectual[50].

Entretanto, como é habitual entre seus estudiosos, o olhar de Frugoni lançado sobre a América Latina e os Estados Unidos não recebeu especial atenção, o que de certa maneira contribui para manter oculta uma parte expressiva e assaz sugestiva de sua volumosa e instigante obra.

---

[47] MILLER, Juan Edmundo. *El sembrador (Emilio Frugoni)*. Trayectoria biográfica de "el gran traicionado". Relatos. Primera parte. Montevideo: Record, 1973, p. 15.
[48] *Ibidem*, p. 17.
[49] GIÚDICE, Gerardo. *Frugoni*. Montevideo: Proyección, 1995.
[50] CHIFFLET, Guillermo. *De la discusión nace la luz. Emilio Frugoni, desafío y referencia*. Montevideo: Letraeñe Ediciones, 2007.

Finalmente, é de grande valia enfatizar que Carlos Quijano fez considerações sobre o percurso ativo de Frugoni em algumas oportunidades, principalmente quando seus caminhos, até então marcados por críticas recíprocas e alguns desentendimentos, se encontraram definitivamente no final dos anos 50.

Homem de letras e de política desde muito jovem, Emilio Frugoni vivenciou o marcante ritmo de transformações por que passou o Uruguai, e fundamentalmente Montevidéu, nas últimas décadas do século XIX. Oriundo de uma família das camadas médias urbanas, filho de pai imigrante italiano, um "genovês abastado", para usar as palavras de Miller[51], e mãe *criolla*, Frugoni recebeu um ensino laico desde o início de sua formação escolar.

Aos 16 anos de idade, ensaiou sua entrada no mundo das letras, quando dirigiu o jornal estudantil *El Bombo*. Ingressou, quatro anos mais tarde, em 1900, no curso de Direito na *Universidad de la República*, concluído em 1910, e publicou seu primeiro livro de poesia, *Bajo tu ventana*. Sua segunda obra de poesias, *De lo más hondo,* publicada em 1902, foi prefaciada por José Enrique Rodó, que o descreveu como "um dos espíritos mais bem dotados de sua geração"[52].

Paralelamente aos estudos universitários, Frugoni lecionou literatura no ensino secundário, iniciou sua carreira na imprensa como crítico teatral dos jornais *El Día* e *Diario Nuevo*, e deu seus primeiros passos no terreno da política, ao participar da Guerra Civil de 1904[53], por fileiras coloradas, o que lhe abriu as portas do *Club Libertad,* agrupação intelectual composta por jovens intelectuais vinculados ao partido capitaneado por Batlle y Ordóñez. Nesse importante círculo intelectual, Frugoni atuou como jurado de concursos literários e entrou em contato com as discussões políticas do Partido Colorado.

[51] Cf. MILLER. *Op. Cit.*, p. 32.
[52] Cf. RODÓ, José Enrique. Prólogo a *De lo más hondo*. In: *Obras Completas.* Madri: Aguillar, 1957, p. 571.
[53] Sobre a última Guerra Civil uruguaia, entre *blancos* e colorados, consultar: BARRÁN, José Pedro, NAHUM, Benjamin. *El Uruguay del novecientos*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1979.

Na primeira década do século XX, Frugoni arquitetou os alicerces de seu empreendimento intelectual e político. Ao lado da suposta militância[54] colorada até 1910, ano em que liderou a fundação do Partido Socialista uruguaio, Frugoni já dava sinais de uma inclinação a outros rumos, uma vez que, em 1904, fundou o *Centro Obrero Socialista* e, no ano seguinte, o *Centro Carlos Marx*, locais que geraram os principais artífices do Partido Socialista[55].

Três décadas mais tarde Frugoni dava seu testemunho acerca desses cruciais anos de sua formação intelectual e política, o que, segundo Miller, seria o testemunho de sua conversão ao socialismo:

> Eu tinha no momento 18 ou 19 anos. Cursava meus estudos secundários. Celebrava-se em Montevidéu um Congresso Científico Pan-americano. Nele figuravam dois jovens intelectuais argentinos: Leopoldo Lugones e José Ingenieros. Diante do brilho deslumbrante daqueles dois jovens excepcionais seguiram os passos de nossa curiosidade juvenil. Assim despertou-se em mim a curiosidade pelo Socialismo. Assim comecei a sentir no fundo de minha consciência o adejo de um pássaro recém-nascido que desde a escuridão de um desconhecimento quase total das novas correntes políticas mundiais, eu pugnava por romper a máscara dos preconceitos das idéias prontas que por demasiado familiares são aceitas sem exame, sobretudo quando ainda não se começou realmente a viver e a raciocinar por conta própria[56].

Exímio na arte da oratória, Frugoni ditou conferências sobre diversos temas nos ambientes acadêmicos e populares, e elegeu-se o primeiro deputado socialista do Uruguai, nos finais de 1910. Na Câmara de Representantes converteu-se em um dos mais incisivos críticos do segundo mandato de Batlle y Ordóñez, exercido entre 1911 e 1915, se bem que apoiasse parte das reformas implementadas pelos batllistas.

---

[54] Segundo Gerardo Caetano e José Rilla, é possível detectar traços de uma espécie de "matriz colorada" em alguns textos de Frugoni. Principalmente em sua visão sobre o passado uruguaio e a reprovação do nacionalismo. Cf. CAETANO, Gerardo, RILLA, José. Izquierda y tradición: Un problema y su versión en Uruguay. In: CAETANO, José, GALLARDO, Javier, RILLA, José. *La izquierda uruguaya*. *Tradición, innovación y política*. Montevideo: Trilce, 1995, p. 13-70. Cabe ressaltar que, segundo Gerardo Giúdice – que não compartilha com Caetano e Rilla a idéia da militância de Frugoni no Partido Colorado –, a entrada de Frugoni no cenário político uruguaio por esse partido estava relacionada à esfera familiar e aos amigos de sua juventude. Ver GIÚDICE, Gerardo. *Frugoni*. Montevideo: Proyección, 1995, p. 34-35.

[55] GIÚDICE. *Op. Cit*., p. 56-57.

[56] FRUGONI *apud* MILLER. *Op. Cit.*, p. 27. Todas as traduções são de nossa autoria.

O projeto do Partido Socialista para o Uruguai edificou-se durante as duas primeiras décadas do século XX. Como líder e principal fomentador de suas atividades, Frugoni desempenhou um papel central em sua elaboração, que ficou registrada nas diversas obras que publicou. Democracia ancorada no sufrágio universal, ampliação dos direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, reforma agrária e igualdade socioeconômica foram os principais fundamentos de ação do Partido Socialista desde a sua fundação.

Os círculos operários e estudantis receberam especial atenção por parte dos socialistas, que buscaram a sua consolidação na política uruguaia em face do protagonismo compartilhado entre o Partido Colorado e o Partido Nacional.

Na segunda metade dos anos 10, Frugoni publicou os ensaios de caráter político *Los impuestos desde el punto de vista sociológico* (1915) e *Los nuevos fundamentos* (1919), em particular este, cuja temática se baseava em sua atuação na Assembléia Nacional Constituinte, eleita em 1916, que tinha por objetivo a elaboração de uma nova Carta Constitucional – finalizada em 1917 e promulgada em 1919 – para o país. Também em 1916, o parlamentar socialista voltou a publicar uma obra de poemas de crítica social, intitulada *Los himnos*.

Em meio à sua agitada primeira década de desempenho na vida parlamentar do Uruguai, começou a se desenhar o Frugoni *latino-americanista*, que nunca deixou de conviver com o homem de letras e de política, voltado também para os assuntos de outros continentes, tantas vezes alcunhado de "*ajeno, europeísta, foráneo, huraño y hosco hacia lo criollo"*[57].

Nos últimos anos desta década, Frugoni debutou no debate sobre a América Latina e os Estados Unidos após viajar por este país, em 1915, e publicar seu relato de viagem três anos depois, e com a morte de José Enrique Rodó, seu amigo e *maestro*, na Itália, em 1917, mas enterrado em Montevideo somente em 1920. Tanto a viagem realizada aos Estados Unidos,

[57] GIÚDICE. *Op. Cit.*, p. 124.

acompanhado de sua mãe e de sua irmã, como a morte de Rodó, estimularam Frugoni a dedicar especial atenção ao debate sobre a América Latina e os Estados Unidos.

Não é desnecessário assinalar que Frugoni viajou aos Estados Unidos em certa medida decepcionado por não poder realizar seu planejado sonho de conhecer a Europa, pois, devido à guerra que assolava o Velho Continente, teve que mudar seu "desejo de ver mundo" redirecionando seu itinerário para a própria América ou, com as suas próprias palavras, "outra América"[58].

No relato de viagem mencionado, Frugoni elaborou uma interpretação bastante interessante a respeito dos Estados Unidos, ancorado na visão rodoniana, em um período em que lançou seu olhar de forma significativa sobre a obra de Rodó, criticando-a e retomando-a.

Se por um lado, a década de 1920 iniciou-se com a imposição de desafiantes obstáculos para o político Frugoni, por outro, principalmente no seu final, sua carreira intelectual e política colheu bons frutos, quando o autor colocou as questões americanistas no centro de suas atividades.

Eleito para o segundo mandato parlamentar no final de 1919, Frugoni renunciou em abril de 1921 e deixou de contribuir para o jornal do Partido Socialista *Justicia,* devido a desentendimentos que ocorreram no seio do partido, dividido em relação à adoção dos pressupostos da III Internacional. Frugoni, em situação minoritária, rechaçou-os, pois rejeitava a adoção de práticas revolucionárias e antidemocráticas no Uruguai. A ruptura tornou-se inevitável, quando a maioria dos membros decidiu fundar o Partido Comunista, e Frugoni teve que iniciar uma duradoura articulação para a reconstrução do partido, tarefa concretizada pouco antes de sua terceira eleição ao Parlamento, pelo novo Partido Socialista, em 1928. Para essa reconstrução, Frugoni buscou apoio fora do círculo partidário, como, por exemplo, no meio estudantil, ao dissertar sobre qual era o papel do socialismo naquele

[58] Cf. FRUGONI, Emilio. En la otra América. In: *Nosotros*, ano XII, v. 28, n. 107, março de 1918, p. 333.

momento para os estudantes do colégio noturno do Ateneo. Além disso, passou a escrever para *El Sol*, jornal ligado ao novo partido, atividade a que se dedicou até os princípios dos anos 60.

A conferência de Frugoni pronunciada no Ateneo sintetizou o projeto político do Partido Socialista para o Uruguai, enfatizando a necessidade de "coletivização" da propriedade. Para Frugoni, o socialismo possuía um alcance muito mais amplo do que a fórmula de Proudhon de uma sociedade mais justa e mais humana. Com suas próprias palavras: "Apressamos em declarar que atualmente somente pode ser denominado de socialista aquele que aspira à socialização da propriedade, isto é, a que a propriedade seja um direito da sociedade e não do indivíduo" [59].

Nesse entretempo, Frugoni dedicou-se à docência universitária na faculdade onde estudara, cujo maior fruto foi a fundação da disciplina de Legislação do Trabalho e Previdência Social, e publicou três obras poéticas: *Poemas montevideanos* (1923), *Bichitos de luz* (1925) e *La epopeya de la ciudad* (1927), que expunham um escritor maduro e atraído pelas fronteiras urbanas, os subúrbios e os seus desamparados. O conjunto de tais obras representou, segundo Alberto Zum Felde, sua melhor experiência literária, com um tom de "nativismo urbano e moderno"[60].

O próprio Frugoni chegou a interpretar a transformação por que passara sua poesia após os primeiros passos tingidos pelo modernismo[61] do novecentos e assinalou que se distanciara da poesia intimista de seus primeiros anos, ao volver seus olhos, inspirados pelos renovadores

[59] FRUGONI, Emilio. ¿Qué es el socialismo? In: *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, n. 39, julho de 1970, p. 33.

[60] ZUM FELDE, Alberto. *Proceso intelectual del Uruguay y crítica de su literatura*. La Generación del Novecientos. 3ª ed. Tomo II. Montevideo: Ediciones del Nuevo Mundo, 1967, p. 347.

[61] O modernismo representou um importante e heterogêneo movimento da história literária e cultural da América Hispânica de finais do século XIX. Marcado pelas rápidas transformações das coletividades hispano-americanas, o modernismo articulou tradição e universalismo ou cosmopolitismo de uma maneira bastante fecunda e conseguiu traduzir as principais características daquele período histórico. Seus principais personagens foram Ruben Darío, José Martí, José Enrique Rodó, entre outros. Cf. REAL DE AZÚA, Carlos. Modernismo e ideologías. In: *Punto de Vista*, Buenos Aires, ano X, n. 28, 1986, *separata*.

debates vanguardistas, para o horizonte nacional, "tratando de fazer poesia com assuntos *criollos,* mas sem '*criollismo*'"[62].

Em relação à nova disciplina que buscava inserir no currículo do curso de Direito e que se articulava à sua militância a favor de uma reforma da Universidade da República, Frugoni expressou o seguinte, em sua aula inaugural de 1927:

> Aspiro que esta cátedra seja em realidade um órgão vivo de extensão universitária. Aqui se estuda uma matéria que ainda não está incorporada ao plano de estudos e que pode interessar a muitos que não são estudantes. Nenhuma disciplina trás em mais alto grau que esta a palpitação da vida moderna em suas manifestações sociais ao ambiente das salas de aula[63].

Em um ambiente intelectual latino-americano que dissertava habitualmente sobre a situação do México[64], o Frugoni latino-americanista voltou à cena em agosto de 1928, ao proferir duas conferências sobre o país setentrional na universidade onde lecionava. Interpretou a história mexicana da segunda metade do século XIX, passou por sua Revolução entre 1910 e 1917 e avaliou com simpatia a disputa entre o governo e a Igreja Católica pelas terras no país, além de ver os Estados Unidos como uma ameaça real à soberania mexicana[65].

Nesse período, já preparava a publicação de *La sensibilidad americana* (1929), uma recopilação de escritos publicados durante a década de 20, sobre aspectos das especificidades culturais latino-americanas, o papel da intelectualidade e da arte na região.

Também cabe ressaltar que essas duas obras de Frugoni foram publicadas em um período em que o autor demonstrava uma clara inclinação para a defesa de que as idéias na

---

[62] FRUGONI, Emilio. Una cuestión de poca monta. In: *La sensibilidad americana*. Montevideo: Maximino García, 1929, p. 122.

[63] Frugoni universitario. In: *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, n. 39, julho de 1970, p. 43.

[64] Ver RAMA, Carlos. La Revolución Mexicana en el Uruguay. *Historia Mexicana*. México, n. 8, out.-dez. 1957, p. 161-186; YANKELEVICH, Pablo. *Miradas australes. Propaganda, cabildeo y proyección de la Revolución Mexicana en el Río de la Plata, 1910-1930*. México: Instituto Nacional de Estudios Históricos de la Revolución Mexicana, 1997. O México recebeu apoio de grupos intelectuais uruguaios nos anos 20, por meio do "Comité Uruguay-México", do qual participaram Carlos Quijano, a poetisa Juana de Ibarborou (conhecida no Uruguai como Juana de América) e o vanguardista Fernán Silva Valdés. O comitê fora fundado, em 1927, com o objetivo de difundir temas sobre a cultura mexicana no Uruguai e inaugurou a Escola México em Montevideo. Além disso, durante 1928, várias conferências foram realizadas no Uruguai sobre o México, por, entre outros intelectuais, Alfonso Reyes e Alfredo Palacios.

[65] FRUGONI, Emilio. *La lección de Méjico*. Montevideo: Tip. Augusta, 1928. As conferências foram publicadas em formato de folheto taquigrafado, com uma tiragem de 5.000 exemplares.

América, ainda que oriundas de outras coordenadas geográficas, encontravam um terreno fértil, aclimatando-se e americanizando-se de forma fecunda e original.

Os bons ventos intelectuais da década anterior não cessaram com a entrada dos anos 30 e Frugoni optou pela renúncia ao mandato que exercia no parlamento, em 1932, ao ser eleito decano pela *Facultad de Derecho y Ciencias Sociales*, instituição que defendeu ao lado de parte de seus estudantes contra o golpe de Estado de 1933.

Deportado para a Argentina, país que o acolheu por pouco mais de um ano, Frugoni se aproximou ainda mais dos socialistas argentinos, atuou como professor na *Universidad de La Plata* – cujas aulas foram a base para a publicação de *Ensayos sobre marxismo*, livro publicado em Montevideo, em 1936 –, ditou diversas conferências, escreveu para alguns jornais e publicou uma obra de combate ao governo de Terra, intitulada *La revolución del machete* (1934), na qual nomeou os paladinos do presidente e repreendeu de forma bastante ácida e satírica a José G. Antuña, registrando em forma impressa e pública o seu repúdio ao intelectual colorado, como veremos posteriormente ainda neste capítulo.

Eleito deputado novamente em 1934, voltou um pouco hesitante ao Uruguai e tornou-se um dos principais críticos do terrismo. De acordo com Giúdice, Frugoni envolveu-se em incidentes durante a posse do segundo mandato de Terra no Congresso, em meados de 1934, ao acusá-lo de traidor, e teve que se retirar do parlamento após ser agredido por alguns parlamentares e pela polícia. Posteriormente passou a atuar ativamente na comissão formada – ainda com Terra no poder – para investigar denúncias de tortura durante esse segundo mandato[66].

Ao acompanhar a trajetória frugoniana, encontramos um intelectual freqüentemente engajado na defesa da democracia, da liberdade, da ética e da justiça social. Em tempos de ascensão de idéias e regimes autoritários na América Latina, na Europa e em outras partes do

[66] GIÚDICE, Gerardo. *Frugoni*. Montevideo: Proyección, 1995, p. 159.

mundo, Frugoni hasteou a bandeira da democracia e da liberdade de expressão, ao escrever copiosamente a favor de sua promoção em diversos artigos escritos ao longo dos candentes anos 30[67], como podemos visualizar no trecho seguinte pinçado de um discurso proferido no parlamento, em que almejava alertar sobre os riscos da propagação de idéias autoritárias no ensino do Uruguai:

> Já são motivo de profundas preocupações em muitos países de nosso continente as propagandas e ensinamentos, que sob inspiração de governos estrangeiros, têm-se efetuado, com tendência a inculcar no espírito das novas gerações, conceitos e sentimentos que conspiram contra o destino da democracia na América. Engendram fanatismos raciais incompatíveis com a idéia da confraternidade humana, que é o elemento vital dessas nações, nascidas por e para um internacionalismo de fato, e preenchem os corações das crianças de imagens guerreiras e idolatrias encarniçadas contra os ideais de paz e liberdade[68].

A sua renúncia, em 1938, ao decanato outorgado seis anos antes, ao ser reeleito como deputado pelo Partido Socialista, pode ser interpretada como uma saída para o dilema que fustigou o intelectual, pois se decidiu pelo sacrifício, temporariamente, de sua carreira acadêmica para se dedicar completamente à luta política[69].

As três últimas décadas de sua vida representaram a consagração do intelectual, que se afastou por um longo período do parlamento, após 1942, ano em que tentou, sem êxito, se eleger ao Senado. Designado para ocupar uma cadeira na *Academia Nacional de Letras*, fundada em fevereiro de 1943, renunciou ao posto em março de 1944[70].

---

[67] Esse é o fio condutor de *Las tres dimensiones de la democracia*. Buenos Aires: Claridad, 1944. Nesse livro, compilação de textos escritos entre 1930 e 1942, Frugoni dissertou sobre a democracia na América (Uruguai e Estados Unidos) e na Europa, posicionando-se a favor da República Espanhola, da resistência francesa e dos aliados, liderados pelo trabalhismo inglês que, a seu ver, representava o principal movimento socialista contemporâneo e desempenhava um papel de inspiração e de efetiva possibilidade da concretização de um governo socialista entre as poucas nações que permaneciam democráticas. Cf. *El laborismo británico. Sinopsis histórica e interpretativa*. Montevideo: Editorial Afirmación, 1941.

[68] FRUGONI, Emilio. *El nazi-fascismo en la enseñanza*. Montevideo: Publicaciones de la oficina de la C. Pro [sic] Congreso de Periodistas Libres, 1938, p. 3.

[69] Publicou outras duas obras de caráter político de 1940 a 1944, além dos dois livros mencionados na nota anterior: *La mujer ante el Derecho* (1940) e *Sobre la reforma agraria en el Uruguay* (1944).

[70] Em 1960 foi eleito à uma das cadeiras da Academia de Letras, onde dois anos antes de falecer, em dezembro 1967, recebeu uma homenagem de seus pares que o elegeram *Académico de Honor*. Ver http://www.mec.gub.uy/academiadeletras/Oc_Sill.htm. Acesso em 27/01/2007.

Logo em seguida, partiu para Moscou, em uma viagem extensa e repleta de contratempos, onde exerceu o cargo de ministro plenipotenciário e embaixador do Uruguai, entre meados de 1944 e finais de 1946. Na capital soviética, doou livros uruguaios a algumas bibliotecas e realizou uma conferência em espanhol sobre *Ariel* para um público de diplomatas de diversos países e hispanistas russos[71]. Nestes anos, Frugoni preparou alguns livros e publicou *De Montevideo a Moscú* (1945), pela editorial argentina *Claridad*[72].

Já de volta ao rio da Prata, Frugoni mandou para o prelo suas duas mais significativas obras: *Esencia, génesis y fundamentos del socialismo* (1947) e *La esfinge roja* (1948). Os dois livros também saíram por editoras argentinas, nos quais explicitou uma visão muito crítica sobre a União Soviética, destacando a falta de liberdade política e individual, além da opressão dos operários do país, e reafirmou sua crença na construção de um socialismo democrático, inspirado no modelo contemporâneo do trabalhismo britânico.

O conjunto dessas obras merece um estudo à parte, já que representaram uma das mais importantes tentativas de desconstrução de algumas visões paradisíacas sobre a União Soviética, que se difundiu entre as esquerdas em toda a América Latina, principalmente após a crise de 1929.

Em linhas bem gerais, nessas duas obras, essencialmente na primeira, podemos afirmar que Frugoni buscava realizar uma análise bastante ampla das reais possibilidades de transformar em ações efetivas as idéias socialistas, marxianas e marxistas, especialmente na América Latina, onde se encontrava o seu público leitor. As conclusões a que chegou foram bastante desoladoras para os espíritos revolucionários ou reformistas latino-americanos,

[71] Cf. FRUGONI, Emilio. *Homenaje a Rodó en el cincuentenario de "Ariel"*. Montevideo: Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay, 1950, p. 8.

[72] Frugoni testemunhou em 1960, que este período fora de extrema relevância para a sua "criação intelectual". Cf. Encuesta literaria de *Marcha*. Contesta Emilio Frugoni. In: *Marcha*, Montevideo, ano XXI, n. 1007, 06 de maio de 1960, p. 22-23.

ávidos em ter informações acerca do "enigma" soviético, agora sob a pluma de uma figura de grande envergadura no cenário rioplatense[73].

O intelectual-político socialista procurou expor o lugar de onde emitia seu discurso ao seu público, fundamentalmente para realçar que a viagem à União Soviética lhe havia permitido verificar que não se equivocava, desde os anos 20, em criticar a interpretação comunista a respeito do ideário marxiano:

> Meu juízo é o de um democrata e o de um socialista. Era essa a minha posição no campo das idéias sociais e das lutas políticas quando fui à URSS. Nesta posição me mantive. Com ela voltei. Ela não me pôs lentes de aumento para o mal nem me fez separar, por *partis pris*, do bem. Quis ser fiel à verdade reflexionando-a. E ser fiel a mim mesmo, julgando-a[74].

Por fim, Frugoni concluía, ao referir-se a uma carta que havia enviado a um amigo escritor, com uma crítica contundente ao comunismo soviético:

> a União Soviética não é para mim uma esperança (como parece sê-lo para você) porque a julgo como um trágico desvio em direção a formas de tirania política que para o mundo ocidental constituem um retrocesso. Sem desconhecer as realizações que em diversas ordens podem se admirar, meu juízo sobre a realidade e entranha política do comunismo soviético é este[75].

Frugoni entrevia que a publicação de *La esfinge roja* lhe traria muitas críticas e situações desafiadoras, e justificou que:

> [formava] parte, em certo modo, de minha função pública, em cujo exercício me considero, todavia, para com o meu país, ao dar à publicidade estas linhas, ainda que já não desempenhe mais o cargo de diplomata, que somente deveria ser um parêntesis de dois anos e meio em minha dilatada existência de porfiado guerrilheiro da política[76].

José G. Antuña foi um dos seus leitores e, para construir uma acerbada crítica sobre a União Soviética e o comunismo, no que toca fundamentalmente à organização de uma nova

[73] Nos parágrafos iniciais do livro, Frugoni destacava essa expectativa dos americanos por desvendar o "mistério soviético", para usar suas próprias palavras. Cf. *Idem*. *La esfinge roja*. Buenos Aires: Claridad, 1948, p. 7.
[74] *Ibidem*, p. 466.
[75] *Ibidem*, p. 475.
[76] *Ibidem*, p. 10.

cultura totalitária, citou *La esfinge roja*, apropriando-se, acima de tudo, de suas admoestações e assinalou que era uma obra de referência à qual recorrera inúmeras vezes para traçar o "panorama integral do mundo soviético"[77].

Provavelmente essa forma de apropriação, que não deve ter sido incomum, por um representante de grupos políticos e intelectuais deliberadamente adversários e de não menos velada posição conservadora, tenha causado um determinado desconforto em Frugoni, mas como o socialista destacara na publicação do livro, ele não podia deixar de expor sua crítica visão sobre a União Soviética para acariciar setores da esquerda que propalavam a inspiração no seu modelo político.

O ex-diplomata socialista avaliou, muitos anos depois, que tais obras representavam o momento mais maduro de sua carreira intelectual e sustentou que *La esfinge roja* fora um sucesso editorial tanto na América Hispânica, com mais de uma edição em espanhol em três meses, como no Brasil por meio de outras "várias, mutiladas, em português, emitidas em São Paulo"[78].

No que toca à preocupação a respeito da apropriação e também elaboração do ideário socialista na América Latina, Frugoni, após enumerar e interpretar boa parte do seu itinerário, essencialmente em seus circuitos europeus, dedicou a décima segunda e última parte de *Génesis, esencia y fundamentos del socialismo* para analisá-lo em terras americanas[79].

Duas de suas últimas obras latino-americanistas de importância inauguraram e encerraram a década de 1950. Convidado pelo *Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay* a pronunciar uma conferência em homenagem ao cinqüentenário da primeira publicação de

[77] Cf. ANTUÑA, José G. *Un panorama del espíritu*. El *Ariel* de Rodó. 2ª ed. Tomo II. Montevideo: Barreiro y Ramos, 1969, p. 247.
[78] Cf. Encuesta literaria de *Marcha*. Contesta Emilio Frugoni. In: *Marcha*, Montevideo, ano XXI, n. 1007, 6 de maio de 1960, p. 23.
[79] FRUGONI, Emilio. El socialismo como fenómeno histórico americano. In: *Génesis, esencia y fundamentos del socialismo*. Tomo II. Buenos Aires: Américalee, 1947, p. 209-341.

Ariel, Frugoni não deixou de frisar, com certa dose de orgulho, que fora "o único poeta do meu país prologado por sua pluma", e que fora seu discípulo na juventude[80].

Finalmente, em 1959, ano que se iniciou com a Revolução Cubana, Frugoni publicou, na Costa Rica e no Uruguai, uma síntese de seu olhar sobre a América Latina em *Meditación americanista*, no calor do debate acerca da ilha caribenha, retomando parte de suas considerações acerca do futuro da região[81].

Nesse período aproximou-se de Quijano e, como veremos adiante, no plano das relações pessoais, estabeleceram um fecundo diálogo intelectual e político e revisaram as dissensões do passado. Fruto desses contatos foi o expressivo debate acerca do futuro nacional e, em uma perspectiva mais ampla, da América Latina.

A sua última década de vida foi marcada por desafios políticos dentro do Partido Socialista, quando sua prédica reformista foi diversas vezes colocada em xeque, e optou por seu afastamento partidário, em 1963. Entretanto, não abandonou a militância política e fundou o *Movimiento Socialista* naquele mesmo ano. Posteriormente, em 1966, publicou *Carta sin sobre a los socialistas*[82], pela qual anunciava a venda de sua biblioteca em subasta pública para custear sua última campanha ao Senado. Frugoni não logrou ser eleito e faleceu em 1969, como cidadão proscrito durante o tenso governo do colorado Jorge Areco Pacheco (1967-1972)[83].

---

[80] Cf. *Idem*. *Homenaje a Rodó en el cincuentenario de "Ariel"*. Montevideo: Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay, 1950, p. 7.

[81] *Idem*. *Meditación americanista*. Montevideo: Continente, 1959.

[82] *Idem*. Carta sin sobre a los socialistas. In: *Cuadernos de Marcha*, n. 41, setembro de 1970, p. 79-80.

[83] Os anos 1960 uruguaios foram marcados por um longo estancamento econômico, pelo agravamento dos problemas sociais e pela ascensão da guerrilha urbana, representada pelos *Tupamaros*, inspirada no foquismo revolucionário. Eleito vice-presidente, Pacheco chegou à presidência após a morte de Óscar Diego Gestido, no final de 1967. O seu mandato é visto atualmente como um ensaio para a posterior ditadura civil-militar implementada em 1973, por seu sucessor Juan Maria Bordaberry. Cf. PANIZZA, Francisco. *Uruguay: Batllismo y después. Pacheco. militares y tupamaros en la crisis del Uruguay batllista*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1990.

1.2 José G. Antuña: o americanismo entre despachos, gabinetes e solenidades.

José Guillermo Antuña (22/04/1890-31/12/1972), com uma atuação extremamente importante em prol do pan-americanismo, percorreu uma trajetória de destaque no cenário político do Uruguai, mas não abandonou sua inclinação de literato e estudioso da cultura uruguaia e, principalmente, latino-americana, como freqüentemente ressaltava.

Reconstruir o seu percurso político-intelectual é uma tarefa bem mais desafiadora, uma vez que, ao contrário de Frugoni e Quijano, não temos conhecimento de que existam trabalhos biográficos sobre o autor. Ademais, em novo contraponto ao líder socialista e a Quijano, apenas uma obra ensaística de Antuña, *Un panorama del espíritu*. *El Ariel de Rodó* (1952), foi reeditada 17 anos após sua primeira publicação, em 1969.

Ora, se Antuña se tornou nos dias de hoje um autor esquecido, pelo menos do público menos familiarizado com a história uruguaia da primeira metade do século XX, poderia ser questionado – ainda que não concordemos com tal ressalva – sobre a relevância de colocá-lo em perspectiva ao lado de Frugoni e Quijano, cujas obras possuem uma expressiva ressonância nos círculos intelectuais e políticos do Uruguai.

Do nosso ponto de vista, mais interessante seria encontrar pistas e vestígios sobre as razões do silêncio que se edificou acerca de Antuña e de sua obra, fundamentalmente a partir da década de 1970, período de ascensão ao poder de uma repressiva ditadura (1973-1985), enquanto as figuras de Frugoni e Quijano se tornaram gradualmente mais visitadas.

Cabe ressaltar que os movimentos acadêmicos e editoriais, antes mesmo do fim da ditadura, empenharam-se em pesquisar e publicar sobre a vida e a obra de personagens que defenderam a democracia durante suas trajetórias, ao passo que deram menor atenção, naquele momento, às figuras conservadoras ou àquelas que apoiaram – como Antuña – alguma das duas experiências ditatoriais que experimentou o Uruguai durante o século XX: 1933-1942 e 1973-1985. Ao desempenhar um papel de relevo, o próprio Congresso Nacional

incentivou, no final da década de 1980, a publicação de obras de ex-parlamentares, como Frugoni e Quijano, cujas idéias e ações sempre foram ao encontro da construção democrática no país oriental.

Além deste indício importante, que, a nosso ver, contribuiu de maneira bastante expressiva para o esquecimento de Antuña, se retrocedemos aos anos 60, podemos encontrar outra evidência mais próxima dos princípios desse gradual processo de seu esquecimento.

Como já citamos anteriormente, Carlos Real de Azúa publicou, em 1964, uma coletânea dos principais, no seu entender, ensaístas uruguaios contemporâneos, que se tornou obra de referência obrigatória para os estudiosos da vida intelectual uruguaia daquele momento e posteriormente. Em tal antologia, que incluía 41 ensaístas, Real de Azúa somente mencionou o nome de Antuña uma única vez, entre parêntesis, para destacar que, assim como Alberto Zum Felde, havia direcionado seu olhar sobre os "problemas americanos"[84].

Pode ser, contudo, questionado qual era o efetivo peso da obra de Real de Azúa no período, para exercer uma influência tão marcante, que selecionava para o público leitor quais ensaístas eram relevantes e quais não o eram. Seguramente, a anedota que se segue, recuperada pelos historiadores Gerardo Caetano e José Rilla, delineia o papel de autoridade, ou pelo menos de grande respeito, que desempenhava Real de Azúa entre os grupos intelectuais uruguaios:

> Um breve dicionário de autores uruguaios, publicado em 1969, recolhia uma imagem de dilatada circulação no ambiente intelectual daqueles anos: 'suspeita-se – dizia – que Real de Azúa leu todos os livros'. Certamente inexata, a afirmação dava conta, não obstante, da propensão natural de todos aqueles que tentam se aproximar da sua vida e de seu pensamento. Real de Azúa aparece inacessível e não é uma tarefa fácil evitar a agonia que supõem suas preocupações diversas e torrenciais e o caudal de leituras que parece exceder as possibilidades da escala humana[85].

[84] Cf. REAL DE AZÚA, Carlos. Alberto Zum Felde. In: *Antología del ensayo uruguayo contemporáneo*. Tomo I. Montevideo: Universidad de la República, Departamento de Publicaciones, 1964, p. 184.

[85] CAETANO, Gerardo; RILLA, José. Real de Azúa y la historia. El método, los temas, las hipótesis. In: REAL DE AZÚA, Carlos. *Historia y política en el Uruguay*. Montevideo: Cal y Canto, 1997, p. 5.

A despeito disso, Antuña foi extremamente articulado durante praticamente toda a sua vida e sempre buscou a aproximação dos seus pares mais notáveis no mundo das letras, tanto nos círculos nacionais como nos internacionais. Oriundo de uma família das camadas médias da sociedade uruguaia, Antuña galgou posições intelectuais e políticas de destaque, que se iniciaram com seu ingresso ao curso de Direito na *Universidad de la República* e continuaram com seus seguidos mandatos como deputado na Câmara de Representantes.

Discípulo de Ruben Darío e Leopoldo Lugones em seus primeiros escritos, segundo o crítico e amigo Zum Felde[86], publicou suas obras em Montevideo, Buenos Aires, Paris e Madri. Ainda segundo o importante crítico uruguaio, Antuña freqüentou, em sua juventude, do mesmo modo que Frugoni, o café literário *Polo Bamba*, local de encontro da boêmia montevideana, onde escritores, poetas e políticos dialogavam sobre o marxismo, o anarquismo, o idealismo e outras correntes políticas, artísticas e filosóficas que deixaram marcas profundas na geração que se formava com o início do novecentos[87].

O conjunto de sua obra revela um pesquisador erudito e preocupado em enfocar as principais questões que agitavam o cenário nacional e principalmente o internacional. Suas primeiras publicações uruguaias *Las juntas de gobierno* (1913), *Estadistas americanos* (1918), *La fecha de nuestro Centenario* (1921), *La cruzada y los caudillos* (1922) e *Acción parlamentaria* (1924) – privilegiaram temas históricos, políticos e legislativos.

Assim como Frugoni e Quijano, Antuña dedicou especial atenção à obra de Rodó e o homenageou em um discurso proferido no Teatro Solís, ao lado de, entre outros, o próprio Quijano, em maio de 1918, durante a comemoração do primeiro aniversário do falecimento de Rodó. O tom da fala de Antuña consistiu em exaltar a figura de Rodó, ao identificá-lo como

[86] ZUM FELDE, Alberto. *Proceso intelectual del Uruguay y crítica de su literatura*. III – La promoción del Centenario. Montevideo: Ediciones del Nuevo Mundo, 1967, p. 241.

[87] Zum Felde comparou-o ao *Ateneo de Montevideo*, escola conhecida por preparar os homens de letras e de política orientais durante a segunda metade do século XIX, e inclusive alcunhou-o de *Ateneo de la Bohemia*. Cf. *Idem*. *Proceso intelectual del Uruguay y crítica de su literatura*. II – La generación del Novecientos. Montevideo: Ediciones del Nuevo Mundo, 1967, p. 35-39.

guia das novas gerações uruguaias e latino-americanas. Dois anos depois, o texto saiu publicado em uma edição comemorativa sobre Rodó, pela *Revista Ariel*, que estava vinculada à associação estudantil da Faculdade de Direito, denominada *Centro Ariel*, dirigida por Quijano[88].

Nesse período, Antuña já estava inserido no ambiente parlamentar, como deputado pelo Partido Colorado, cargo que ocupou diversas vezes durante o seu itinerário. Zeloso em relação à construção de sua carreira, Antuña publicou, em 1924, uma coletânea de suas principais atuações no parlamento, que enfatizava sua defesa dos direitos de propriedade intelectual e artística, uma habitual atenção à política internacional, particularmente com respeito ao cenário americano, entre outros discursos e projetos para o país[89].

Com uma ativa participação na vida pública do país, Antuña apoiou um dos grupos conservadores que compunham tal partido, cujo líder naquele momento, Feliciano Vieira, conseguiu eleger-se presidente para suceder a Batlle y Ordóñez, a partir de 1916. Essa facção conservadora, principal opositora ao setor batllista dentro do partido, foi alcunhada de vieirismo e foi responsável pelo freio ao reformismo batllista, durante quase uma década em que teve uma participação significativa principalmente no poder executivo do Uruguai.

Como destacamos na introdução, o batllismo foi responsável pela promoção de profundas transformações da coletividade uruguaia e desde princípios do século XX representava a facção do Partido Colorado com maior apoio eleitoral.

Em linhas gerais, as reformas batllistas engendraram um período divisor de águas, responsável, acima de tudo, pela consolidação do papel protagonista do Estado na coletividade uruguaia. Entre as medidas mais significativas, o batllismo buscou fortalecer o sistema institucional, articulou-se com os trabalhadores urbanos na defesa de suas reivindicações em face dos setores empresariais, aprovou importantes leis trabalhistas,

[88] Ver ANTUÑA, José G. José E. Rodó. In: *Revista Ariel* – Órgano del Centro de Estudiantes *Ariel*. Montevideo: El Siglo Ilustrado, año I, n. 8-9, fevereiro-maio de 1920, p. 139-144.
[89] *Idem*. *Acción parlamentaria*. Montevideo: Gómez y Cía, 1924.

ampliou a participação eleitoral com a adoção do sufrágio universal masculino a partir de 1916, bem como deu um novo e profundo impulso ao processo de secularização do Uruguai, o que alimentou as principais críticas dos grupos adversários[90].

A oposição ao batllismo desenvolveu-se tanto no seio do Partido Nacional e na Federação Rural quanto entre as facções do Partido Colorado que contavam com uma maior presença de representantes empresariais e conservadores, principalmente entre os colorados riveristas e colorados vieiristas, como demonstrou Caetano[91].

Vale ressaltar que a difusão de críticas às reformas batllistas se originaram em locais bastante heterogêneos, desde os setores mais à esquerda até aos grupos mais conservadores que se articularam com a Igreja Católica na defesa de seus valores e privilégios[92].

Ainda que não possa ser visto como um conservador sem matizes e menos ainda como religioso, o próprio Rodó foi um habitual adversário dos batllistas dentro do Partido Colorado, devido, acima de tudo, ao suposto jacobinismo que inspirava os seus projetos e ações na luta pela preponderância nos espaços públicos tais como nos hospitais, praças e cemitérios[93]. Importa lembrar para o leitor brasileiro que os batllistas decretaram a retirada dos crucifixos dos hospitais e cemitérios, além de coibir a realização de festas religiosas em praças públicas e reescrever o calendário festivo do Uruguai com denominações laicas[94].

---

[90] Sobre o processo de secularização do Uruguai, consultar: CAETANO, Gerardo; GEYMONAT, Roger. *La secularización uruguaya (1859-1919)*. Catolicismo y privatización de lo religioso. Montevideo: Antillana-Taurus, 1997. Para o confronto entre os batllistas e os grupos conservadores, ver REAL DE AZÚA, Carlos. *El impuso y su freno*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1964. SOUZA, Marcos Alves de. O reformismo "batllista" e seu confronto com a elite conservadora (1903-1958). In: *Estudos de História*, Franca, Depto. de História, UNESP – Franca, v.7, n.2, 2000, p. 197-214.

[91] CAETANO, Gerardo. *La república conservadora (1916-1929)*. La "guerra de posiciones". Tomo II. Montevideo: Fin de Siglo, 1993, p. 42-43.

[92] BARRÁN, José Pedro. *Los conservadores uruguayos (1870-1933)*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2004.

[93] SOUZA, Marcos Alves de. *Ideologia e política em José Enrique Rodó: liberalismo e jacobinismo no Uruguai (1895-1917)*. Franca: UNESP, 2006 (Tese de Doutorado).

[94] Os principais feriados renomeados em 1919 foram: 25 de dezembro: dia da família; 06 de janeiro: dia das crianças; Semana Santa: Semana de Turismo; 08 de dezembro: dia das praias. Ver BARRÁN, José Pedro; NAHUM, Benjamín. El batllismo uruguayo y su reforma "moral". In: *Desarrollo Económico*, Buenos Aires, v. 23, n. 89, abril-junho de 1986, p. 121-135.

Antuña edificou sua carreira política entre as correntes conservadoras e elitistas que promoveram o "alto" ou o "freio" às reformas batllistas, com a eleição de Feliciano Vieira como presidente[95]. Além disso, Antuña acolheu favoravelmente o hispanismo católico que se transformou na argamassa de seus projetos para o Uruguai e para a América Hispânica.

Segundo José Luis Bendicho Beired, o ideário hispanista articulou gradativamente os círculos intelectuais progressistas e, acima de tudo, conservadores da Espanha e da América Hispânica em variadas esferas, ao ocupar um espaço destacado em suas polêmicas a respeito da construção das identidades nacionais, dos programas político-culturais e das relações internacionais, desde a segunda metade do século XIX[96].

Anteriormente, Maria Helena Rolim Capelato enfatizou o papel da derrota espanhola diante dos Estados Unidos, em 1898, como catalisador da elaboração e propagação do ideário hispanista na Espanha e na América Hispânica. Além disso, Capelato reconstruiu as trajetórias dos mais destacados intelectuais que se arvoraram na defesa do hispanismo e demonstrou que, com poucas exceções (José Ortega y Gasset, Antonio Machado e Valle Inclán), os caminhos preferencialmente freqüentados assinalaram a sua migração para posições conservadoras e autoritárias durante as primeiras décadas do século XX[97].

As primeiras obras publicadas por Antuña traduzem suas principais inquietações a respeito da defesa das tradições hispânicas no Uruguai que recebera um número extremamente significativo de imigrantes durante as últimas décadas do século XIX[98].

---

[95] As distintas facções dos partidos políticos lançavam candidatos próprios ao pleito eleitoral. A vitória era reconhecida ao partido (com a soma total de todas as listas) que somasse o maior número de votos. O candidato que recebia a maior votação dentro do partido vencedor era considerado o novo presidente da república.

[96] BEIRED, José Luis Bendicho. Hispanismo: um ideário em circulação entre a Península Ibérica e as Américas. Disponível em: HTTP://www.anphlac.org/periodicos/anais/encontro7/ensaio10.pdf. Acesso em 05/04/2008. Para uma instigante análise das influências mútuas do hispanismo elaborado na Espanha e na Argentina, ver: GONZÁLEZ CALLEJA, Eduardo. El hispanismo autoritario español y el movimiento nacionalista argentino: balance de medio siglo de relaciones políticas e intelectuales (1898-1946). In: *Hispania*. Revista Española de Historia, Madri, v. LXVII, n. 226, maio-agosto de 2007, p. 599-642.

[97] CAPELATO, Maria Helena Rolim. A data símbolo de 1898: o impacto da independência de Cuba na Espanha e Hispanoamérica. In: *História*, Franca, v. 22, n. 2, 2003, p. 35-58.

[98] Consultar principalmente *Las juntas de gobierno* (1913), *La fecha de nuestro Centenario* (1921), *La cruzada y los caudillos* (1922).

No entanto, ao contrário da maioria dos autores hispano-americanos que acolheram o hispanismo católico-conservador, Antuña não se nutriu da oposição aos Estados Unidos e ao pan-americanismo. Por outro lado, para o intelectual colorado, a matriz político-cultural anglo-saxã não representava uma efetiva ameaça para a tradição hispânica, ibérica ou latino-americana.

Quando se aproximava o momento de comemorar a controvertida data de centenário da independência do Uruguai, Antuña impulsionou o debate acerca dessa efeméride que agitou os uruguaios durante toda a década de 1920[99]. É instigante, e no mínimo curioso, sublinhar que os uruguaios não haviam se ocupado sistematicamente da definição da data de sua emancipação frente à Espanha, às Províncias Unidas do Rio da Prata ou ao Império do Brasil. No contexto das comemorações das independências dos demais países latino-americanos e motivados por aspectos políticos e de formação de uma identidade menos porosos, os uruguaios começaram a discutir sobre o tema, de maneira tímida, durante a segunda década do século XX.

O debate girou em torno de duas datas principais: 25 de agosto de 1825 ou 18 de julho de 1830. O 25 de agosto articulava-se ao dia de declaração da independência em relação ao Império do Brasil durante a realização do *Congreso de Florida* no interior da então Província Cisplatina, mas que somente foi reconhecida em 1828 com a intermediação da Inglaterra entre o Brasil, o Governo de Buenos Aires e os dissidentes orientais[100]. Por outro lado, o 18 de julho recuperava o dia do juramento à Constituição de 1830. Além disso, a realização das festividades em 25 de agosto de 1925 fazia menção à liderança de Manuel Oribe, reivindicado como pai fundador das fileiras *blancas* ou nacionalistas. Por outro lado, o 18 de julho recuperava as campanhas de ocupação da região das missões operadas por Fructuoso Rivera,

[99] ANTUÑA, José G. *La fecha de nuestro centenario*. Montevideo: Escuela Naval, 1921.
[100] Sobre as diversas polêmicas que marcaram a formação dos Estados na região platina, ver: PIMENTA, João Paulo G. *Estado e nação no fim dos impérios ibéricos no Prata: 1808-1828.* São Paulo: Hucitec; Fapesp, 2002.

que se tornou o primeiro presidente constitucional do Uruguai, de 1830 a 1834. Rivera passou a ser considerado o fundador do ideário colorado.

De um lado, alguns representantes conservadores do Partido Colorado, como Antuña, mas principalmente do Partido Nacional, além dos principais representantes da Igreja Católica, apoiavam as comemorações do centenário de independência do Uruguai em 25 de agosto de 1925[101]. Do outro, os grupos identificados com o reformismo, seja batllista ou de outras vertentes, como o líder do Partido Socialista, Emilio Frugoni, sustentavam que os festejos deveriam ser realizados em 18 de julho de 1930.

Segundo Carlos Demasi, antes que "conflito de datas", operava-se no debate político do país um verdadeiro "conflito de projetos", uma vez que, ao defender o dia 25 de agosto, as forças conservadoras esquadrinhavam uma "comunidade historicamente madura" precedente, que lhes permitiam pensar a nação como uma "aquisição para sempre", ao mesmo tempo em que lhes munia de argumentos que estruturavam uma visão que instituía o "fim da história".

Em outras palavras, esta maneira de imaginar a comunidade nacional "está ligada ao conceito de nação concebida como um produto já completo, que somente admite progressões sem inovações, o que implicava a neutralização das forças renovadoras que atuavam na sociedade uruguaia"[102].

Por outro lado, ao sustentar o texto constitucional como momento fundador da nação, os grupos reformistas acionavam "uma ordem a partir de um 'contrato' que se constrói livremente por seus integrantes sem levar em consideração os antecedentes, o que vincula o projeto de comemoração de 1930 com posições universalistas e idealistas". Assim, a força da

[101] Cabe lembrar que posteriormente Antuña escreveu um ensaio "biográfico" sobre Fructuoso Rivera, realçando a sua liderança durante o "momento fundador da nação". Cf. ANTUÑA, José G. *Un caudillo, el General Fructuoso Rivera, prócer del Uruguay*. Madri: Instituto de Cultura Hispánica, 1948.

[102] Cf. DEMASI, Carlos. *La lucha por el pasado*. Historia y nación en Uruguay (1920-1930). Montevideo: Ediciones Trilce, 2004, p. 75-77.

tradição como fator de integração via-se atenuada e o projeto nacional voltava-se muito mais para um futuro em construção[103].

A Câmara de Deputados, de maioria blanca e com o apoio da maior parte dos congressistas colorados conservadores, votou em 1923 pelo dia 25 de agosto de 1825, enquanto o Senado, de maioria colorada batllista, votou pelo dia 18 de julho de 1830. Não se chegou a um consenso oficial e houve comemorações em ambas as datas.

Simultaneamente a tal debate, Antuña tornou-se membro efetivo da *Sociedad Uruguaya de Derecho Internacional*, onde proferiu um discurso em que elogiou a atuação de Rui Barbosa em Haia, devido à sua defesa da soberania das nações e do diálogo como forma de resolução de conflitos internacionais[104].

Em meados da década de 20, Antuña iniciou sua jornada pela Europa, onde estabeleceu relações duradouras com destacados círculos intelectuais franceses, espanhóis e latino-americanos, como foi cuidadoso em realçar posteriormente[105]. Aliás, Antuña habitualmente demonstrou cuidar seus textos e sempre fez questão de selecionar e publicar as resenhas ou comentários de suas obras.

Na capital francesa, Antuña incorporou-se ao Instituto de Altos Estudos Internacionais da Faculdade de Direito da Sorbonne e deu início a uma série de importantes publicações, algumas delas com prólogos de expressivos intelectuais latino-americanos e europeus, como o peruano Francisco García Calderón e o francês Valéry Larbaud.

De maneira ininterrupta, publicou por editoras parisienses, *Los viejos ritmos* (1925), obra poética de sua juventude; *Litterae* (1926), com prólogo de García Calderón; *Palabra* (1927), com frontispício de Gabriela Mistral; *Petrarca, Laura y el Renacimiento* (1927);

[103] *Ibidem*, p. 77.
[104] Antuña aprovou a atuação de Rui Barbosa como defensor dos interesses sul-americanos no âmbito das relações internacionais, essencialmente na busca de estabelecer contratos mais equitativos. Ver ANTUÑA, José G. Un prócer del pensamiento americano. Ruy Barbosa. In: *Palabra*. Conferencias y discursos: 1915-1927. Paris: Editorial Paris-América, 1927, p. 33-78.
[105] *Idem*. Nuevos juicios notables sobre la obra de José G. Antuña. In: *Incienso y bronce*. Montevideo: Ceibo, 1943, p. 225.

L'Uruguay, le panamericanisme et la Societé des Nations (1929), coletânea de seus discursos na Sociedade das Nações, em 1929; e *Figuras y crónicas de la paz* (1930).

No prólogo escrito para Litterae, García Calderón, ao reconhecer que escrevia um comentário elogioso sobre o recém-chegado uruguaio que buscava sua inserção nos círculos intelectuais latino-americanos de Paris, argumentou que Antuña propiciava ao leitor uma das mais importantes interpretações sobre a obra de Leopoldo Lugones, Rodó, entre outros escritores latino-americanos, após deixar a ágora para ingressar "decididamente na estreita família dos escritores americanos que renunciam à improvisação, estudam com vigor constante e criam obras duráveis. Publicará novos livros, travará experiências, enriquecerá sua visão de mundo"[106].

Gabriela Mistral concordava com García Calderón ao sustentar que o intelectual uruguaio havia escrito a melhor crítica publicada até então sobre Leopoldo Lugones, assim como ao argumentar que Antuña vivia "seus anos meridionais de virilidade intelectual, de sentido pleno do mundo e de cabal pulsação de seu tempo"[107].

No final da década de 20, a vida de Antuña dividiu-se entre a Europa e o Uruguai. Em 1928, proferiu conferências em Madri, Salamanca, Cádiz e Montevideo, em que abordou temas sobre a formação cultural do mundo hispânico e reclamou uma sincronização entre a América e a Espanha. Os estudos lingüísticos ganhavam a partir daquele momento um espaço destacado em sua obra, como vemos em *Nuestra lengua y la expresión propia americana*, apresentada no *Centro Gallego de Montevideo*[108] em outubro, cujo centro de gravidade girou

[106] GARCÍA CALDERÓN, Francisco. Prólogo. In: *Litterae*. Ensayos – Crítica – Comentarios. Paris: A. Fabre, 1926, p. VII-VIII.
[107] ANTUÑA, José G. Nuevos juicios notables sobre la obra de José G. Antuña. In: *Incienso y bronce*. Montevideo: Ceibo, 1943, p. 229.
[108] Segundo Carlos Zubillaga, o *Centro Gallego* transformou-se em um dos principais locais promotores de debates e conferências sobre o hispano-americanismo e o antiimperialismo na América Latina, entre 1925 e 1930. Cf. ZUBILLAGA, Carlos. *La utopía cosmopolita*. Tres perspectivas históricas de la inmigración masiva al Uruguay. Montevideo: Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 1998, p. 123-127.

em torno de uma aproximação com a Espanha, bem como de uma crítica às tentativas de criação de "idiomas nacionais" na América Latina[109].

Novamente eleito deputado pelo Partido Colorado, em 1928, assumiu a presidência da Comissão de Negócios Exteriores do parlamento, na qual também atuou Quijano. No ano seguinte, viajou a Genebra como representante do Uruguai na Sociedade das Nações, onde demandou a intervenção do organismo internacional no conflito que emergia no horizonte sul-americano, entre a Bolívia e o Paraguai, bem como a aproximação entre a Sociedade das Nações e a União Pan-Americana[110].

Na segunda metade dos anos 20 e durante toda a década de 30, colheu os frutos mais maduros de sua prédica a favor do pan-americanismo, corroborado por uma dinâmica atuação a favor da concretização de tal projeto de integração continental. A interpretação de seus textos nos permite inferir que Antuña se inspirou na trajetória e no discurso de Simón Bolívar, adequando-os ao discurso pan-americanista. Ao dissertar sobre Bolívar durante a fundação da *Sociedad Bolivariana del Uruguay* na Universidade da República, em junho de 1932, proclamou que se sentia orgulhoso de representar o "ideal bolivariano" ao integrar "aquelas assembléias do velho mundo, nas quais se procura, em meio a complicações muitas vezes dramáticas, organizar a paz e transformar a mentalidade internacional"[111].

No ano seguinte, Antuña pronunciou o discurso de abertura da VII Conferência Pan-Americana, ao lado do mexicano Alfonso Reyes, realizada em Montevideo, em 07 de dezembro de 1933, momento em que lamentou os magros resultados obtidos até então pelo pan-americanismo, mas não deixou de propor que teria reservado um fecundo porvir[112].

---

[109] Cf. ANTUÑA, José G. *Nuestra lengua y la expresión propia americana*. Montevideo: Publicaciones del Centro Gallego, IV y V curso de conferencias, 1930.
[110] Cf. *Idem*. *L'Uruguay, le panaméricanisme et la Société des Nations*. Paris: Imprimière Michel, 1929, p. 3-4.
[111] *Idem*. *Bolívar, símbolo de América. El libertador, el legislador, el apóstol*. Montevideo: Urta y Curbelo, 1932, p. 7.
[112] *Idem*. *Ante la VII Conferencia I. Americana*. Montevideo: Asamblea Deliberante del Uruguay, J. Florensa, 1933.

Quando a sua formação católica ficou mais transparente em suas páginas, voltou a tratar de Bolívar em *Nuevas páginas bolivarianas* (1942), nas quais traçou um paralelo entre Bolívar e Rodrigo Díaz de Vivar, ocasião em que o denominou *El Cid Americano*[113].

A década de 30 foi assaz prolífica para o político e também para o intelectual. Personagem de reconhecida trajetória ao lado dos setores conservadores do Partido Colorado, Antuña não somente apoiou o golpe de Estado capitaneado pelo então presidente Gabriel Terra, mas atuou como um de seus principais arquitetos e divulgadores, ao presidir a Assembléia Nacional Constituinte que se reuniu para redigir uma nova Constituição para o Uruguai, em substituição à que fora elaborada em 1917 e colocada em vigência em 1919, e ao escrever o prólogo lisonjeador da compilação de discursos de Gabriel Terra, publicada no final de seu mandato, em 1938[114].

Em linhas bem gerais, a constituição de 1917, que fora aprovada por meio de um plebiscito, além de confirmar o voto secreto com sufrágio universal masculino, consolidou os direitos trabalhistas estabelecidos pelos batllistas e a separação legal do Estado em relação à Igreja Católica. Além disso, tinha uma resolução que se tornara a pedra de toque para as críticas conservadoras: a transformação do Poder Executivo em uma instituição pluripersonal[115]. Por um lado, o presidente seria responsável pelos assuntos internacionais e pela segurança, ao ser o representante do país perante as demais nações e chefe das forças armadas e da polícia. Por outro, o Conselho Nacional de Administração, composto por nove representantes eleitos periodicamente, era o responsável por todos os demais assuntos do governo nacional, como, entre outros, educação, saúde, transportes e economia, e era o responsável pela nomeação dos seus ministros.

---

[113] *Idem*. *Nuevas páginas bolivarianas*. Montevideo: L.I.G.U., 1942.
[114] Cf. *Idem*. Prólogo. In: TERRA, Gabriel. *La revolución de marzo: principales discursos*. Buenos Aires: M. Gleizer, 1938, p. 10-26.
[115] DEMASI, Carlos. *La lucha por el pasado. Historia y nación en Uruguay (1920-1930)*. Montevideo: Trilce, 2004, p. 24-28.

Em um contexto de crise que atingia a maioria dos países americanos e europeus, tal estrutura do poder executivo era vista, por diversos grupos políticos opositores, como ineficiente e lenta na hora de elaborar soluções para os problemas que afligiam a população do Uruguai.

Em um discurso pronunciado na Convenção Nacional Constituinte, em fevereiro de 1934, Antuña argumentava que o parlamentarismo não podia se sustentar por muito tempo em terras americanas:

> Na América, 21 nações resistem até agora ao parlamentarismo. Somente o Canadá adotou-o (e o Canadá não tem da América outra coisa que a expressão geográfica). O instinto indicou-os o rumo, porque quando uma das nações do continente o instituiu, quase se precipita no caos. Refiro-me ao Chile[116].

Para Antuña, em um discurso proferido durante o encerramento de tal convenção, a nova Constituição "substituiu uma legislação trabalhista que ditou as circunstâncias eleitorais e a artéria demagógica, por uma solene e honrada declaração, de acordo com o imperativo da autêntica realidade biológica do país"[117]. Além disso, o presidente da Assembléia Nacional Constituinte assinalava que "ao semear no sulco dos princípios liberais, apartamo-nos tanto do espírito jacobino como da 'servidão mecânica' que os nega e que inutilmente quis imprimir o socialismo ao Estado moderno"[118].

A sua estreita relação com o terrismo – ao passo que Frugoni fora desterrado para a Argentina e Quijano perseguido –, abriu-lhe as portas de diversas atividades desenvolvidas no âmbito das relações internacionais. Além do exercício de um cargo de destaque durante a VII Conferência Pan-Americana, Antuña encarregou-se de diversas missões intelectuais, entre 1936 e 1938, na França, Argentina, Chile e Brasil, onde fez diversas conferências em institutos oficiais e acadêmicos.

---

[116] ANTUÑA, José G. La organización del poder ejecutivo. In: *La Constitución de 1934*. Montevideo: s/e, 1934, p. 31.
[117] *Ibidem*, p. 6.
[118] *Ibidem*, p. 9-10.

Como veremos na última parte deste capítulo, a crítica de Frugoni a Antuña, em *La revolución del machete* não deixava dúvidas sobre as posições que ocupavam nesse tenso período. Para Frugoni, os paladinos de Terra tentavam dissimular suas orientações ditatoriais ao ancorar freqüentemente suas ações no respaldo da população uruguaia, que havia aprovado a ascensão do regime terrista por meio de um plebiscito, mas cuja abstenção ao pleito havia sido elevada. Além disso, o socialista classificou Antuña como um "molusco desatento" e utilizou um vocabulário agressivo para criticar sua atuação como ideólogo do terrismo, ao denominar suas formulações de "defecações [sic] doutrinárias"[119].

Simultaneamente aos logros obtidos na cena política, quando se elegeu senador, Antuña canalizou seus esforços no sentido da difusão de seu pensamento, ao publicar três obras que foram premiadas por comissões culturais vinculadas ao governo de Terra: *El nuevo acento* (1935), *El inquieto horizonte* (1937) e *Perspectivas de América* (1938). À exceção da segunda, na qual analisava principalmente a crescente e preocupante tensão européia na forma de um relato de viagem, Antuña privilegiou o tema do americanismo, ao expor sua visão a respeito da realidade cultural e política da América Latina.

Com *El nuevo acento*, publicado pela *Sociedad Amigos del Libro Rioplatense*, Antuña buscava interpretar a "origem intelectual dos acontecimentos" de uma América que estava empenhada em batalhar por sua "emancipação espiritual", que o autor lia como independência cultural[120].

Ao publicar *Perspectivas da América*, em 1938, Antuña compilou uma série de textos publicados ao longo da década de 1930 e que demonstravam sua interpretação a respeito das interrogantes colocadas pelo período entre a crise de 1929 e o estopim da Segunda Guerra Mundial em toda a América Latina.

---

[119] FRUGONI, Emilio. *La revolución del machete. Panorama político del Uruguay*. Buenos Aires: Claridad, s/d, p. 41.

[120] ANTUÑA, José G. *El nuevo acento*. Montevideo/Buenos Aires: Sociedad Amigos del Libro Rioplatense, 1935, p. 41.

Nas três décadas seguintes, a sua atuação na vida política uruguaia tornou-se intermitente, mas continuou a publicar algumas obras importantes, como o livro de poesias *Cantos de Atlántida y del mar* (1940), os ensaios *Incienso y Bronce* (1943) e *Un caudillo. El General Fructuoso Rivera* (1948), além do mais amplo estudo realizado sobre *Ariel*, de que temos conhecimento, *Un panorama del espíritu*. *El "Ariel" de Rodó* (1952).

Este último livro foi escrito durante as comemorações dos 50 anos de publicação do ensaio de Rodó e, em 1969, foi republicado por uma empreitada editorial governamental, denominada *Biblioteca Artigas – Colección de clásicos nacionales*, que buscava levar ao público uruguaio de maneira mais efetiva e acessível algumas das principais obras publicadas no Uruguai, segundo sua comissão organizadora.

Antuña foi convidado por essa empresa editorial para escrever o prólogo dos três tomos da compilação de conferências e discursos de Juan Zorrilla de San Martín (1855-1931), personagem que havia percorrido o mundo das letras, e também da política nacional, desde as últimas décadas do século XIX, e que era conhecido como o poeta da pátria, cujas três principais obras, *La leyenda patria* (1879), *Tabaré* (1888) e *La epopeya de Artigas* (1910) focalizavam distintos aspectos e personagens da formação da nação uruguaia:

> Da profunda unção de seu credo está recheada sua obra e sua vida. Mas pelas imaculadas atitudes públicas do crédulo ascendia à torre de sua inspiração. Toda a sua obra ilumina-se do resplendor de uma palavra arrancada aos arcanos de sua fé. Zorrilla honrou ao espírito, à beleza, à virtude e à sagrada influência da inteligência, isto é, à poesia mesma da divina poesia. Não passará enquanto dure a pátria, sua paisagem e sua história[121].

Antes, porém, sua carreira intelectual fora finalmente condecorada ao ser eleito para ocupar uma cadeira da *Academia Nacional de Letras* em abril de 1959, um ano antes de Emilio Frugoni[122].

[121] *Idem*. Juan Zorrilla de San Martín, El tribuno. In: ZORRILLA DE SAN MARTÍN, Juan. *Conferencias y discursos*. Tomo I. Montevideo: Biblioteca Artigas – Colección de Clásicos Uruguayos, 1965, p. XIV.
[122] Cf. http://www.mec.gub.uy/academiadeletras/Oc_Sill.htm. Acesso em 27/01/2007.

Também durante a década de 1960, o autor continuou a participar de congressos sobre temas da cultura e lingüística do idioma hispânico, além de escrever algumas obras sobre crítica cultural, como a interpretação que faz sobre o caráter quixotesco da América Hispânica[123].

Enfim, cabe destacar, como já mencionamos, que, com evidentes notas de vaidade, Antuña sempre recolheu – certamente selecionou – e também publicou em vários de seus livros comentários feitos por importantes intelectuais sobre suas obras precedentes[124].

1.3 Carlos Quijano: a política por meio da escrita

Figura de maior projeção intelectual na arena nacional e latino-americana, Carlos Quijano já foi tema de vários bons trabalhos com respeito ao seu percurso de significativa atuação como agitador cultural e político, durante quase setenta anos de combate pela edificação do Uruguai moderno.

Ainda sexagenário, Quijano começou a ser reconhecido como tal e também como guia intelectual das gerações que se formaram no país, entre 1939 e 1969. Um dos primeiros estudos, se bem que breve, mais sugestivos acerca de seu desempenho foi publicado na já mencionada *Antología del ensayo uruguayo contemporâneo*, escrita por Real de Azúa[125].

No ano seguinte, 1965, o crítico Emir Rodríguez Monegal, ao publicar um estudo sobre a literatura uruguaia dos últimos vinte e cinco anos, realçou o papel de Quijano como regente de uma orquestra que criou novos acordes e experimentou novos ritmos, da qual o

[123] ANTUÑA, José G. *Cervantes y el Quijote en tierras de América*. Madri: s/e, 1960.
[124] Antuña sentiu a necessidade de argumentar, ao ser homenageado após a premiação de *El nuevo acento*, que "ninguém que me conheça poderá suspeitar de mim a mais remota porção de vaidade". Cf. ANTUÑA, José G. Pequeña historia de una vocación. In: *El inquieto horizonte*. Montevideo: Talleres Gráficos Institutos Penales, 1937, p. 11.
[125] Ver REAL DE AZÚA, Carlos. *Antología del ensayo uruguayo contemporáneo*. Tomo II. Montevideo: Universidad de la República, Departamento de Publicaciones, 1964, p. 319-358.

próprio Rodríguez Monegal havia sido um componente ativo, apesar de se distanciar daquele grupo durante os anos 60[126].

Para completar uma das tríades mais fecundas e aguerridas do campo cultural uruguaio nas décadas de 60 e 70, Ángel Rama escreveu no início dos inquietantes anos 70 um texto em que reivindicava a paternidade de Quijano a respeito da formação da "geração crítica" uruguaia[127]. Além disso, ao se exilar na Venezuela e trabalhar para a Biblioteca Ayacucho, em 1976, buscou ampliar o alcance do magistério de Quijano para toda a América Latina[128].

Essas peças fundamentais concertaram o reconhecimento de Quijano como uma das figuras sobressalentes do painel político-intelectual uruguaio, em um período de crescente deterioração do diálogo entre os distintos setores da sociedade uruguaia, devido às medidas coercitivas adotadas pelos governos colorados que antecederam a ditadura civil-militar instaurada em 1973.

A partir de meados dos anos 80, outros autores, vinculados ou não aos projetos editoriais dirigidos por Quijano, volveram seus olhares para a sua dinâmica atuação na "cidade das letras". Em 1984, Hugo Alfaro publicou um propositivo e em alguns momentos intimista ensaio biográfico sobre Quijano e o semanário *Marcha*, mas, por outro lado, dedicou a maior parte de sua análise para a crise da democracia uruguaia dos anos 70[129].

Quase simultaneamente, os historiadores Gerardo Caetano e José Pedro Rilla publicaram, pela mesma editora, o mais cuidadoso e completo trabalho a respeito da formação intelectual e política de Quijano, durante seus primeiros trinta e três anos, destacando que sua

[126] RODRÍGUEZ MONEGAL, Emir. *Literatura uruguaya de medio siglo*. Montevideo: Alfa, 1966.
[127] RAMA, Ángel. La generación crítica. In: BENVENUTO, Luis (org.). *Uruguay hoy*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1971, p. 325-402.
[128] Idem. Carlos Quijano, maestro americano. In: *Cultura, personalidades, mensajes*. Montevideo: Cámara de Representantes, 1992, p. 31-33. Originalmente publicado em *El Nacional*, Caracas, 13 de dezembro de 1976.
[129] ALFARO, Hugo R. *Navegar es necesario. Quijano y el semanario "Marcha"*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1984.

"vasta trajetória percorre – e identifica – praticamente todas as peripécias históricas do Uruguai contemporâneo"[130].

Referência imprescindível para qualquer estudioso de Quijano, o trabalho publicado pela frutífera dupla de historiadores foi desenvolvido ao longo do processo de reabertura democrática no final da última ditadura oriental – de 1973 a 1985 – que sufocara senão a produção pelo menos a publicação da crítica e historiografia no cenário nacional.

Logo após a edição de tal obra, o crítico cultural e docente Pablo Rocca iniciou a pesquisa sobre a biografia de Quijano, com especial atenção ao período em que conduziu o semanário *Marcha*, local, como veremos, de formação dos mais expressivos intelectuais do Uruguai de meados do século XX[131].

Também na segunda metade da década de 80, Caetano, Rilla, Ardao, entre outros historiadores, trabalharam em conjunto com alguns familiares de Quijano, sob o amparo da Câmara de Representante, com o objetivo de compilar e selecionar grande parte dos textos publicados por Quijano. Parte dos prólogos foi escrita por Ardao, parceiro de jornada de Quijano desde os anos 30 em seus empreendimentos editoriais, os quais nos permitem visualizar as principais inquietações que os aproximaram em suas trajetórias[132]. Além disso, permitem-nos, por outro lado, observar o reconhecimento de Ardao do papel desempenhado por Quijano como orientador intelectual de toda uma geração que sempre se viu envolvida com a necessidade de pensar e propor novos caminhos para o Uruguai e, por que não, para as demais nações latino-americanas.

Finalmente, antes de terminar essa extensa e necessária reflexão a respeito da reiterada visita de significativos intérpretes uruguaios nos campos lavrados por Quijano, e tentar

---

[130] CAETANO, Gerardo; RILLA, José Pedro. *El joven Quijano (1900-1933). Izquierda nacional y conciencia crítica*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1986, p. 9.

[131] ROCCA, Pablo. *35 años en Marcha*. Crítica y literatura en *Marcha* y en el Uruguay: 1939-1974. Montevideo: IMM-División Cultura, 1992.

[132] ARDAO, Arturo. Prólogo. *América Latina, una nación de Repúblicas*. Montevideo: Cámara de Representantes, 1989, p. XVII-XLI; Idem. Introducción general. *Los golpes de Estado (1933-1942)*. Montevideo: Cámara de Representantes, 1989, p. XVII-XLV.

suscitar outros olhares acerca de sua trajetória, gostaríamos de destacar que mais recentemente duas estimulantes obras trouxeram novas aproximações de sua trajetória como um dos principais artífices dos círculos culturais e políticos uruguaios do século XX.

Luisa Peirano Basso, por um lado, analisou a condução de Quijano sobre suas empresas editoriais e enfocou, acima de tudo, a primeira fase da publicação de *Cuadernos de Marcha*, entre 1967 e 1974, que fazia parte de um plano de ampliação editorial do semanário *Marcha* e tinha como proposta tratar alguns temas de maneira mais profunda, como veremos no próximo capítulo[133].

Por outro, os textos compilados pelos pesquisadores uruguaios Horacio Machin e Mabel Moraña[134] revelam um panorama muito rico sobre o semanário e alguns de seus personagens mais brilhantes. No entanto, tais textos selecionados transitam da interpretação mais cuidadosa e fundamentada em fontes, com interpretações estimulantes e inovadoras, além de alguns testemunhos não menos instigantes, à remarcação de temas como o terceirismo e o latino-americanismo propostos por Quijano e por outros artífices de *Marcha* de forma quase automática e em alguns casos um pouco atenta aos matizes e debates que ocorriam dentro da própria publicação.

Caçula entre eles, Carlos Quijano (21/03/1900-10/06/1984) cresceu em um cenário nacional marcado pelo "impulso" batllista das duas primeiras décadas do século XX, seguido do "freio" ou congelamento das reformas sociais no final da década de 1910, após a reorganização e definição de interesses comuns entre as forças conservadoras contra o reformismo, visto como perigoso e ameaçador.

[133] PEIRANO BASSO, Luisa. *Marcha de Montevideo y la formación de la conciencia latinoamericana a través de sus cuadernos*. Buenos Aires: Javier Vega, 2001.
[134] MACHIN, Horacio; MORAÑA, Mabel (eds.). *Marcha y América Latina.* Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana / Universidad de Pittsburgh, 2003.

Aos 17 anos, o jovem Quijano já demonstrava uma inclinação para a crítica literária, corroborada e exercida de 1918 a 1923, ao lecionar literatura no ensino secundário, paralelamente aos seus estudos em Direito pela *Universidad de la República*.

Ativo participante de movimentos estudantis em sua juventude, Quijano, entre outros estudantes, arquitetou a criação do *Centro de Estudiantes Ariel*, em 1917. Dois anos depois, ancorados no discurso rodoniano e na Reforma Universitária hispano-americana, começaram a publicar sua revista, que esteve sob a direção de Quijano, de 1919 a 1924.

Para Gerardo Caetano e José Rilla, ao compará-lo aos círculos ateneístas do século XIX, "mais do que um núcleo de índole gremial, era o *Centro Ariel* um cenáculo cultural e literário, integrado como se pode apreciar, por vários membros da juventude dourada montevideana [...]"[135].

Responsável pela redação do programa de tal agremiação estudantil e de sua revista, o então jovem intelectual começou a imprimir em suas páginas interpretações com tintas arielistas, que se matizaram posteriormente, quando passaram a ser revisadas e criticadas sob sua própria pena. Além disso, o seu programa convocava os jovens à ação, que jamais foi colocada em segundo plano durante todo o seu itinerário: "somos idealistas, confiamos no poder da vontade, pedimos ação, move-nos o otimismo e defenderemos um conceito de pátria que, sem perder a cor local, possa se fundir no amplo conceito de América"[136].

A *Revista Ariel* continuou a ser editada por mais de 11 anos e, em fevereiro e março de 1920, publicou dois números em homenagem a Rodó, com contribuições de diversos intelectuais, dentre os quais o seu amigo de juventude José G. Antuña.

A década de 20 foi bastante fecunda para o jovem estudante. Premiado com uma bolsa de estudos, por seu destacado desempenho discente, viajou a Paris para estudar economia e ciência política na *Sorbonne*, de meados de 1924 a princípios de 1928, onde conheceu

[135] CAETANO, Gerardo; RILLA, José. *El joven Quijano (1900-1933).* Izquierda nacional y conciencia crítica. Montevideo: EBO, 1986, p. 21.
[136] QUIJANO, Carlos. Programa. In: *Revista Ariel*. Montevideo, año I, nº12, 1920, p. 4.

diversos estudantes e renomados intelectuais hispano-americanos e europeus. Além disso, continuou a participar de movimentos e agrupações universitárias e escreveu copiosamente para o diário montevideano *El País* e para o argentino *La Nación*, uma vez que também viajara como correspondente desses importantes jornais.

Na capital francesa, participou, ao lado de outros destacados jovens intelectuais oriundos, acima de tudo, da América Hispânica, da fundação da *Asociación General de Estudiantes Latinoamericanos de Paris (AGELA)*[137], em 1925, que, segundo Quijano, tinha um duplo papel de assessorar a vida dos estudantes da América Latina na capital francesa, ao mesmo tempo em que os incentivava a estudar a realidade latino-americana[138].

Pouco tempo depois de sua fundação, a AGELA promoveu um ato de apoio ao governo mexicano de Plutarco Elías Calles contra os Estados Unidos, do qual participaram jovens e renomados intelectuais, tais como Victor Raúl Haya de la Torre, Francisco García Calderón, José Ingenieros, Miguel de Unamuno, além de Quijano. Todos discursaram a favor do México e Quijano aprovou o ensaio de reforma agrária que marcava o ritmo da marcha pós-revolucionária, além de classificar a Revolução Mexicana como socialista e criticar o imperialismo norte-americano[139].

Tamanha manifestação de apoio rendeu-lhe – e ao argentino Ingenieros – um convite oficial para visitar o país latino-americano[140]. Quijano e Ingenieros passaram duas semanas no

[137] Sobre a AGELA, ver TARACENA, A. La Asociación de Estudiantes Latinoamericanos de París (1925-1933). In: *Anuario de Estudios Centroamericanos*, San José, Universidad de Costa Rica, 1989, p. 61-80.

[138] QUIJANO, Carlos. La Asociación General de Estudiantes Latinoamericanos en París. Su obra y su programa. In: *América Latina, una nación de Repúblicas*. Montevideo: Câmara de Representantes, 1989, p. 21-26. Publicado originalmente em *El País*, 04 de maio de 1927.

[139] *Idem*. ¿Existe un imperialismo yanqui?. In: *América Latina, una nación de Repúblicas*. Montevideo: Câmara de Representantes, 1989, p. 11-19 (*El País*, 13 de agosto de 1925).

[140] Cabe ressaltar que os governos mexicanos, a partir da presidência de Venustiano Carranza, em 1914, se empenharam em difundir uma imagem positiva do país setentrional e buscaram o apoio dos intelectuais. Cf. YANKELEVICH, Pablo. En la retaguardia de la Revolución Mexicana. Propaganda y propagandistas mexicanos en América Latina: 1914-1920. In: *Boletín Americanista*. Barcelona, n. 49, 1999, p. 245-278. Ver também: Idem. Las campañas pro México: estrategias publicitarias mexicanas en América Latina (1916-1922). In: *Cuadernos Americanos. Nueva Época*, ano IX, v. 1, 49, ene.-feb., 1995, p.79-95.

México, onde, essencialmente, freqüentaram os ambientes selecionados por seus anfitriões e escreveram posteriormente sobre o que testemunharam na viagem.

Quijano consolidou seu discurso latino-americanista e antiimperialista, que sustentava desde suas primeiras páginas montevideanas, ao participar do Congresso Antiimperialista celebrado em Bruxelas, em 1927, com a participação de intelectuais comprometidos com as lutas políticas do período, como, entre outros, Henri Barbusse, Romain Rolland, Albert Einstein e José Vasconcelos. Durante o congresso Quijano envolveu-se em desentendimentos com os peruanos Haya de la Torre e Luis Alberto Sánchez, ao debater sobre as reais possibilidades das democracias, a formação cultural latino-americana e a inserção da América Latina no concerto internacional das nações[141].

No ano seguinte, com a publicação pela própria AGELA, em 1928, de *Nicaragua, ensayo sobre el imperialismo de los Estados Unidos*, às vésperas de sua viagem à Havana, onde participou de manifestações que criticavam a VI Conferência Pan-Americana, o jovem intelectual, ancorado em seus estudos de economia política, elaborou uma das mais interessantes críticas às ações norte-americanas naquele país[142].

De regresso a Montevideo, exerceu seu único mandato parlamentar até começos de 1932, pelo Partido Nacional, quando iniciou sua árdua e muito criticada batalha a favor da reforma do tradicional partido, que era visto como a principal agrupação conservadora do Uruguai. Para esse fim, liderou a fundação da *Agrupación Nacionalista Demócrata Social* (ANDS), em 1929, cujo programa se orientava pela defesa da consolidação da democracia política e social no país, reforma agrária e antiimperialismo. Dessa forma, Quijano e a ANDS trilhavam caminhos convergentes ao *radicalismo blanco* liderado por Lorenzo Carnelli,

[141] CAETANO, Gerardo, RILLA; José. *El joven Quijano (1900-1933).* Izquierda nacional y conciencia crítica. Montevideo: EBO, 1986, p. 186-187.
[142] QUIJANO, Carlos. *Nicaragua*. *Ensayo sobre el imperialismo de los Estados Unidos*. París: Agencia Mundial de Librería, 1928. O texto foi original e gradualmente publicado em *El País* durante 1927.

expulso do partido em 1924 por discrepar acerca das principais orientações da maioria de seus membros, nucleada por Luis Alberto Herrera[143].

Para Caetano e Rilla, Quijano se encaminhou lentamente para o Partido Nacional, que abrigava em seu seio alguns setores importantes de orientação esquerdista, no final da década de 1910, devido aos laços de amizade que mantinha com alguns de seus membros, como Washington Beltrán, um dos diretores do diário *El País* fundado em 1918 e que foi morto durante um duelo com o ex-presidente Batlle y Ordóñez em 1920[144].

Com a publicação do jornal *El Nacional*, entre agosto de 1930 e novembro de 1931, Quijano retomou sua duradoura e importante trajetória como diretor de significativas publicações periódicas e, além disso, como agitador cultural e político, que foi cimentada durante a direção dos semanários *Acción* (1932-1939) e *Marcha* (1939-1974).

Segundo o testemunho de Hugo Alfaro, seu companheiro na feitura do semanário *Marcha*, Quijano foi "um apaixonado pelo murmúrio das linotipos" e jamais abandonou a vida jornalística, desde que fundou o diário *El Nacional*, tornando-se um mestre das novas gerações[145]. A sua trajetória passou a se confundir, desde os anos 30, com a de seus empreendimentos periódicos, mas não se limitava a eles.

Já a vida política de Quijano, no que tange à participação direta nos quadros partidários, teve um fim precoce na década de 30, pois o candidato a deputado *blanco* não conseguiu se reeleger nas eleições de final de 1931 e tampouco obteve êxito em duas outras eleições posteriores pela ANDS em 1946 e 1950.

Como veremos com mais detalhes posteriormente, Frugoni censurou a filiação de Quijano ao Partido Nacional e asseverou que a sua reforma era infrutífera. A poetisa,

---

[143] Sobre os setores de esquerda do Partido Blanco denominados radicais, ver ZUBILLAGA, Carlos. *Las disidencias del tradicionalismo. El Radicalismo Blanco*. Montevideo: ARCA/CLAEH, 1978.

[144] Cf. CAETANO, Gerardo; RILLA, José. *El joven Quijano (1900-1933).* Izquierda nacional y conciencia crítica. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1986, p. 72-76, 206-207.

[145] ALFARO, Hugo. *Navegar es necesario*. Quijano y el semanario *Marcha*. Montevideo: Banda Oriental, 1984, p. 9.

pedagoga e crítica literária Luisa Luisi concordou com Frugoni e enviou uma carta a Quijano publicada em *Acción*, em que aprovou a defesa da democracia uruguaia sustentada por Quijano. Por outro lado, deixou evidente a sua opinião a respeito da vinculação de Quijano com os *blancos*:

> Se seu grupo, Dr. Quijano, tivesse concorrido às eleições com um lema puramente esquerdista, estou convencida de que haveria acrescentado seus contingentes em uma proporção que lhe surpreenderia. O fato de que seus votos fossem somar com os da parte mais conservadora e direitista de seu partido, retirou-lhe a maior parte da eficácia de sua prédica, tão elevada e nobre, tão em harmonia com minhas próprias idéias e de muitos que pensam como eu[146].

Luisi enviava essa carta após o golpe de 33, quando os denominados herreristas do Partido Nacional haviam se articulado às facções terrista e riverista do Partido Colorado para a sua concretização, o que também sinalizava que os projetos dos grupos conservadores colorados e nacionalistas não eram muito discrepantes entre si naquele momento de grande tensão.

Ao longo de todo o seu percurso como líder da ANDS, Quijano teve que justificar sua vinculação ao Partido Nacional, ao "nacionalismo independente", ao mesmo tempo em que defendia ideários esquerdistas e inclusive conclamava pelas páginas de *Acción* a formação de uma Frente Popular no Uruguai, inspirada nos exemplos da França, Espanha e Chile[147].

Marcha publicou, em 1950, o fragmento de um discurso proferido por Quijano em 1946 pelo qual reivindicava que fazer política significava ir além dos quadros partidários e das eleições, acima de tudo, pelo estudo dos problemas nacionais e pela edificação de projetos adequados para o país. Além disso, Quijano assinalou porque continuava vinculado ao nacionalismo:

---

[146] Cf. Una carta de Luisa Luisi. In: *Acción*, Montevideo, ano II, n. 54, 16 de setembro de 1933, p. 1.

[147] Ao abordar as eleições internas do Nacionalismo Independente, Quijano assinalava o seguinte: "Enquanto o herrerismo, reacionário e fascistizante naufraga no desprestígio, o Nacionalismo Independente dará mostras de sua vitalidade em uma luta de tendências cordial e democrática". Cf. Las elecciones del Nacionalismo Independiente. In: *Marcha*, Montevideo, ano I, n. 20, 03 de novembro de 1939, p. 5.

> Nacionalistas enquanto constituímos a força mais categórica e permanente orientação antiimperialista que atua no país. Enquanto estamos atados através do turbilhão das horas ao federalismo artiguista. Enquanto somos os inimigos, não mais os adversários, dos anti-pátria articulados ao estrangeiro e dos intervencionistas, que queira-se ou não são a rediviva encarnação daqueles que trouxeram as invasões portuguesas, traíram a Artigas e se curvaram ao conquistador lusitano. Daqueles que mais tarde andaram com os chapéus na mão pelas chancelarias européias requisitando o protetorado francês ou inglês para os nossos povos. Daqueles que mais próximos dos dias atuais marcharam nos flancos dos invasores do Paraguai depois de ter entrado nos flancos dos invasores na pátria. [...][148].

Durante todo esse período, Quijano trilhou outros caminhos da esfera política, ao fincar raízes no jornalismo e na crítica para repensar todo o quadro político, econômico, social e cultural do Uruguai, propondo novas direções para a edificação de uma nação que, a seu ver, possuía alicerces frágeis e excessivamente condicionados pelo concerto internacional.

Paralelamente às atividades jornalísticas, assim como Frugoni, foi professor na faculdade onde se graduou, nas disciplinas de Finanças e Economia Política, entre 1932 e 1936, além de pesquisador da Faculdade de Ciências Econômicas e Administração, onde orientou diversos estudantes em pesquisas acadêmicas[149].

Quijano afastou-se, no entanto, da vida acadêmica, no final de 1936. Continuou como diretor de *Acción* e passou a ensaiar ao lado de, entre outros intelectuais, Arturo Arado e Júlio Castro, o empreendimento de *Marcha.* Segundo Ángel Rama[150] e Pablo Rocca[151], *Marcha* promoveu a reestruturação do campo cultural e intelectual do Uruguai, a partir de 1939. Seus membros, capitaneados por seu principal arquiteto, foram responsáveis pela formação da *generación crítica*, também denominada de *generación de Marcha* ou *generación del '45*.

De 1939 a 1974, as 1676 edições do semanário, publicadas sempre às sextas-feiras, foram escritas pelos personagens mais renomados dos círculos intelectuais orientais, como, entre outros, os escritores Juan Carlos Onetti e Mario Benedetti, os críticos literários Ángel

[148] Decía Carlos Quijano hace cuatro años (Fragmento de un discurso de Carlos Quijano en noviembre de 1946). In: *Marcha*, Montevideo, ano XII, n. 547, 06 de setembro de 1950, p. 3.
[149] SCARONE, Arturo. *Uruguayos contemporáneos*. Nuevo diccionario de datos biográficos y bibliográficos. Montevideo: Barreiro y Ramos, 1937, p. 401-402.
[150] RAMA, Ángel. La generación crítica (1939-1969). In: BENVENUTO, Luis Carlos (org.). *Uruguay hoy*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1971, p. 323-402.
[151] ROCCA, Pablo. *35 años en Marcha*. Crítica y literatura en *Marcha* y en el Uruguay: 1939-1974. Montevideo: IMM-División Cultura, 1992.

Rama e Emir Rodríguez Monegal, os historiadores Arturo Ardao, Carlos Real de Azúa e Juan E. Pivel Devoto, o pintor Joaquín Torres García, além do pedagogo Julio Castro e do próprio Quijano.

Marcha era vendida em Montevideo, Buenos Aires, Paris e em outras cidades americanas e européias, principalmente a partir do final dos anos 50. Segundo Luisa Peirano Basso, baseando-se em dados fornecidos por Hugo Alfaro, as tiragens do semanário giravam em torno de 30.000 exemplares na década de 70 e o seu provável número de leitores ascendia à cifra de 120.000 por semana[152].

Os seus editoriais – porta de entrada para a leitura do semanário – eram geralmente escritos por Quijano que, de maneira bastante assídua, visitou os temas referentes ao Uruguai e à América Latina. Em grande parte dos exemplares, Quijano empunhou sua pluma para levar aos seus leitores artigos ensaísticos que os colocavam a par das discussões mais efervescentes do cenário nacional, latino-americano e mundial.

Sobre o seu estilo narrativo, pode-se argumentar, com Real de Azúa, que Quijano escreveu simultaneamente diversas obras nos editoriais de *Acción* e *Marcha*, e elaborou uma maneira bastante singular e fecunda para expressar seu ideário:

> Quijano foi adestrando a ferramenta de um estilo expositivo sem par entre nós, 'jornalístico' pelo estrito ajuste funcional, mas 'ensaístico' em sua medula pela liberdade, invenção e o acento pessoal que o normatiza, e finalmente 'literário' pelo seu sustentado nível de excelência[153].

Dentre os seus temas preferidos, os projetos de integração continental ou regional receberam especial atenção, alicerçados em suas preocupações sobre como promover o fortalecimento da economia uruguaia em conjunto com a de outros países latino-americanos,

[152] PEIRANO BASSO, Luisa. *Marcha de Montevideo y la formación de la conciencia latinoamericana a través de sus cuadernos*. Buenos Aires: Javier Vega, 2001, p. 39.
[153] REAL DE AZÚA, Carlos. Carlos Quijano (1900). In: *Antología del ensayo uruguayo contemporáneo*. Tomo II. Montevideo: Universidad de la República, 1964, p. 320.

essencialmente ao recomendar a aproximação entre o Uruguai e a Argentina para formar um bloco conjunto com maior poder de negociação no mercado internacional.

Poderíamos enumerar vários textos em que o redator-chefe de *Marcha* dirigiu seu olhar para tal tema, mas certamente nenhum deles seria tão elucidativo como a série de editoriais publicados no semanário, entre maio e junho de 1941, intitulada *Proposiciones para fundar una política internacional*. Ao reafirmar seu diagnóstico sobre o Uruguai, Quijano destacava o seguinte:

> O país não somente carece de uma política internacional. Carece também – e é talvez mais grave – de consciência dos problemas internacionais. Não possui tradição a respeito disso, carece de técnicos, de informações e de educação. É uma terra virgem, sujeita a arrebates e a improvisações[154].

Vale destacar que pouco tempo depois, em 1944, Quijano publicaria uma extensa obra por meio da qual desaprovava os doze anos anteriores da política exterior do Uruguai, que, no seu entender, estava viciada "por ilegalidades flagrantes e por não menos flagrantes inconstitucionalidades". Além disso, agregava que o país havia tolerado tudo isso, por um lado, "porque as agitações da crise que o atormentavam levaram-no a buscar amparo na primeira oferta que estava à mão", por outro, porque havia no ar uma "pasmosa perda de consciência da legalidade que nos aflige"[155].

Fruto de sua formação intelectual em direito e em economia política, do magistério na Faculdade de Ciências Econômicas e do fundamentado e cuidadoso estudo a respeito da economia uruguaia, Quijano desempenhou cargos em instituições econômicas, como a de diretor do Banco Internacional de Reconstrução e Fomento, a partir de 1947, além de ser um dos juristas mais importantes na especialização financeira e cambiária[156].

---

[154] QUIJANO, Carlos. Proposiciones para fundar una política internacional. In: *Marcha*, Montevideo, ano III, n. 99, 06 de junho de 1941, p. 5.

[155] *Idem*. *Evolución del Contralor de Cambios en el Uruguay. Un estudio de legislación positiva*. Montevideo: s/e, 1944, p. 323-324.

[156] REAL DE AZÚA, Carlos. Carlos Quijano. In: *Antología del ensayo uruguayo contemporáneo*. Tomo II. Montevideo: Universidad de la República, 1964, p. 322.

Quijano fincou raízes na preconização do latino-americanismo como política de integração do continente americano, criticou o pan-americanismo e as ações dos Estados Unidos na América Latina, mesmo durante a existência da política da boa vizinhança.

Ainda segundo Real de Azúa, que também integrou os quadros de *Marcha*, Quijano – a quem chamava de *Don Quijano de la Marcha* – sustentou um "nacionalismo popular latino-americanista, inclinado ao uso informal de um marxismo aberto e hostil a todo totalitarismo dogmático, antiimperialista, neutralista e 'terceirista' nas contingências da vida internacional"[157].

Até o fechamento definitivo de *Marcha* pelo governo ditatorial, em 22 de novembro de 1974, Quijano atuou ativamente à frente do semanário que durante trinta e cinco anos promoveu indeléveis transformações no campo cultural e político uruguaio, uma vez que por suas colunas passaram inúmeros personagens que, certamente, faziam parte de um dos círculos intelectuais mais expressivos do país.

Perseguido, partiu para o exílio no final da década de 70 e viveu no México até os últimos dias de sua vida, onde dirigiu a publicação da segunda fase de *Cuadernos de Marcha* e atuou como professor da UNAM.

1.4 Itinerários cotejados

Para ensejar uma concisa recapitulação comparativa entre Frugoni, Antuña e Quijano devemos selecionar, em um primeiro momento, os critérios de que lançaremos mão para operá-la de maneira estruturada e elucidativa, ao longo de todo o texto que se segue. Nesse sentido, pensamos que essa comparação não pode se distanciar da análise das diferentes gerações em que se formaram e emergiram como homens públicos, seus trajetos políticos por

[157] *Ibidem*, p. 319.

diferentes e adversários partidos, e principalmente os grupos intelectuais aos quais se dirigiram ou, como em alguns casos, atuaram como seus "despertadores" ou como o "fermento das gerações seguintes", para usar as palavras de François Dosse[158].

Dosse concorda em grande medida com Jean-François Sirinelli, particularmente ao insistir sobre a fecundidade do marcador geracional e da sociabilidade intelectual como ferramentas para a interpretação desses personagens denominados de intelectuais.

Ainda que o texto escrito por Sirinelli mereça uma crítica a respeito de como o historiador francês estabelece uma determinada separação nem sempre palpável entre o intelectual criador e "mediador" cultural e o intelectual *engaggé*, a indicação de que é necessário trabalhar com o mapeamento dos itinerários transitados pelos intelectuais, em diálogo com o conceito de geração e de sociabilidade inspira boa parte do desenvolvimento da presente narrativa[159].

Igualmente a produção bibliográfica de Helenice Rodrigues da Silva formula uma significativa contribuição para desviar a lupa do historiador de um tratamento inadequado em relação ao "pequeno mundo dos intelectuais", segundo a consagrada fórmula de Sartre, publicada após a morte de Camus, em janeiro de 1960. Concordamos com as críticas que a historiadora tece a respeito do modo como Sirinelli manuseia a noção de redes de sociabilidade, ao argumentar que não vai muito além de afirmar a sua existência e destacar que o seu estudo deve abarcar "as evoluções de posições [que] se processaram, dentro de quais configurações sociais, institucionais e culturais as solidariedades se constituíram"[160].

---

[158] DOSSE, François. *La marcha de las ideas. Historia de los intelectuales, historia intelectual*. Valencia: PUV, 2007, p. 51.

[159] SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996, p. 231-269.

[160] RODRIGUES DA SILVA, Helenice. A história intelectual em questão. In: LOPES, Marco Antônio. Apresentação. *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 22. Ver também: Idem. *Fragmentos da história intelectual*: entre questionamentos e perspectivas. Campinas: Papirus, 2002. Consultar, além disso, a obra de Sirinelli criticada pela historiadora brasileira: SIRINELLI, Jean-François. *Intellectuels et passions françaises. Manifestes et pétitions au XX^e siècle*. Paris: Fayard, 1990.

Este instigante arrazoado é, para o bem do enriquecimento da atividade interpretativa, mais amplo e possui outros autores que não podem ser elididos. No centro da linha de fogo situa-se Pierre Bourdieu, com um arsenal nada desprezível, em defesa de uma sociologia da cultura e dos intelectuais. Talvez a principal contribuição de Bourdieu fora destacar a formação de verdadeiros campos de batalha durante o processo de constituição dos grupos intelectuais, que buscam impor o seu instrumental teórico-prático, "o poder simbólico", particularmente sobre os demais grupos em disputa por este poder e em geral sobre todo conjunto da população[161].

Coincidimos com a crítica de Dosse a Bordieu de que o campo intelectual não pode ser visto como "um campo de batalhas totalmente estruturado ao redor de estratégias conscientes, a partir das quais os intelectuais somente se reagrupariam por razões de reconhecimento, em proveito de legitimidade e toma de poder". A sua proposta, que não nega a existência do cálculo e dos interesses conscientes nas relações entre os intelectuais, sustenta que mais do que um campo de batalhas o campo intelectual seria "um campo magnético muito composto e, além disso, flutuante no tempo, o que exige um olhar de historiador"[162].

Além disso, como realçou Patricia Funes, ainda não é possível falar em campo cultural e campo político definidos na América Latina durante os anos 1920, uma vez que "estão em um processo embrionário de organização", marcados por uma alta "porosidade e interpenetração entre ambos, o que não deixa de tensionar a análise e complicar, em outra direção, a consideração sobre o caráter 'intelectual' de algumas figuras"[163].

Caetano e Rilla destacaram que "existe em nosso meio uma forte tradição de estudos sobre as gerações, em particular os referidos aos fenômenos culturais e 'ambientes' ideológicos". Ainda que se apresente como uma "categoria escorregadia", dentre outros,

[161] BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
[162] DOSSE, François. *La marcha de las ideas. Historia de los intelectuales, historia intelectual*. Valencia: PUV, 2007, p. 57.
[163] FUNES, Patricia. *Salvar la nación: intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo, 2006, p. 65.

Carlos Real de Azúa e Ángel Rama – bem como Zum Felde e Rodríguez Monegal – foram extremamente sensíveis em delineá-las e apontar o repertório de "idéias e crenças", a "*utillaje mental*" que permitiu a elaboração de suas distintas visões de mundo[164].

Entre o nascimento de Frugoni, Antuña e Quijano transcorrem vinte anos que, em um primeiro momento, devem ser tomados em conta para a análise de algumas de suas principais inquietações e também para a maneira como interpretam a realidade nacional e continental.

Ainda que habitualmente os principais intérpretes da vida intelectual uruguaia inscreveram a Frugoni na famosa "geração dos novecentos", o intelectual socialista começou a produzir a parte mais substantiva de sua obra em prosa e em poesia a partir da segunda metade da década de 1910, período em que Antuña e Quijano davam os primeiros passos nesse sentido. Assim, as relações de Frugoni com tal geração devem ser matizadas e, não obstante tenha participado com Rodó e Carlos Reyles do cenáculo colorado *Club Libertad*[165].

É necessário também prestar maior atenção para os entretons do percurso e da obra de Antuña, que em taxonomia inflexível pode ser situado no ramo da geração de promoção do centenário, como assinalou seu amigo e intérprete, Alberto Zum Felde. O crítico uruguaio, contudo, criterioso em sua interpretação lembrou que o seu pensamento possuía uma clara filiação modernista e intelectualmente poderia ser inserido naquela geração que raiava com o nascimento do século XX[166].

Por outro lado, Quijano nasceu com o século XX, adentrou a cena pública nos finais dos anos 10 e tornou-se um dos principais porta-vozes de um discurso auto-referencial da geração que emergia na década do centenário oriental e também da maior parte das nações latino-americanas. Como usualmente destacaram todos os seus estudiosos, o jovem intelectual

[164] CAETANO, Gerardo; RILLA, José. *Historia contemporánea del Uruguay. De la colonia al Mercosur*. Montevideo: Fin de Siglo, 1994, p. 150-151.
[165] ARDAO, Arturo. Despedida a Emilio Frugoni. In: *Etapas de la inteligencia uruguaya*. Montevideo: Universidad de la República, 1971, p. 419.
[166] ZUM FELDE, Alberto. *Proceso intelectual del Uruguay.* III – La promoción del Centenario. 4ª ed. Montevideo: Librosur, 1985, p. 241.

pouco antes de partir rumo a Paris, em princípios de 1924, publicou no diário *El País* sua profissão de fé geracional, que não estava circunscrita ao Uruguai, mas ampliava seu alcance ao continente:

> Efetivamente o que trás esta nova geração para o convulsionado cenário?
> Em primeiro lugar, o repúdio à geração anterior, tarada pelo positivismo e corroída por toda classe de interesses. Claro está que dessa geração anterior se salvam aqueles que tiveram também o valor de repudiá-lo e superá-lo: Vasconcelos, Ingenieros, Rojas, fundador da fracassada Aliança da nova geração na Argentina, etc.
> Repúdio ao positivismo, portanto, e orientação filosófica idealista. Além disso, socialismo isento de todo dogmatismo sectário, nacionalismo anti-armamentista e liberalismo democrático. Por último, hispano-americanismo como postulado básico em matéria internacional ou como instrumento eficaz de redenção social e difusão da cultura. Estes são os elementos comuns, princípios e meios do movimento[167].

Sensíveis ao contexto de reconfiguração do Uruguai, devido, acima de tudo, à entrada maciça de imigrantes provenientes da Europa meridional, Frugoni, Antuña e Quijano registraram em seus textos os renovadores debates que o processo engendrou em todas as esferas da sociedade uruguaia. Esta conjuntura exerceu maior influência em Frugoni e em Antuña, uma vez que cresceram durante o seu período de auge, ao passo que Quijano começava a sentir os efeitos da emigração, que, segundo César Aguiar, já se tornava um tema – e um problema, como destacará Quijano – importante a partir das primeiras décadas do novecentos[168].

Se nos é permitido pensar em episódios fundadores de suas visões de mundo, que devem ser articulados a esta faceta conjuntural, tanto as transformações que imprimiram os batllistas no país quanto o movediço panorama internacional aproximaram-nos e

[167] QUIJANO, Carlos. La nueva generación. In: *Cultura, personalidades y mensajes*. Montevideo: Cámara de Representantes, 1992, p. 37-38.

[168] AGUIAR, César. *Uruguay, país de emigración*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1982. Segundo Quijano, era possível observar o fenômeno emigratório do Uruguai desde os princípios do século XX, uma vez que a entrada de novos imigrantes se tornava cada vez mais tênue, ao passo que o movimento contrário, acima de tudo, em direção à Argentina crescia gradativamente. Quijano atribuía esse movimento devido aos problemas a respeito da distribuição fundiária do país destinada preferencialmente às atividades pecuárias, ao apoio cada vez menor do governo para a edificação de colônias agrícolas e à saturação do ambiente urbano concentrado em Montevideo. Cf. QUIJANO, Carlos. Emigración e inmigración. In: *Marcha*, Montevideo, ano VI, n. 198, 27 de agosto de 1943, p. 4-5. Ver também os outros três artigos publicados até o número 201.

desempenharam um papel inquestionável no desenho ou reconfiguração de suas temáticas e das maneiras como passaram a olhar o mundo que os cercava.

Claro está que a convergência de suas agendas político-culturais não significa que tenham elaborado interpretações comuns ou pelo menos paralelas aos problemas que mais do que instigá-los, os espreitava.

De forma introdutória e esquemática, podemos identificar alguns períodos-chave para pensar as relações entre tais intelectuais-políticos. Até finais dos anos 20 é possível vislumbrar uma aproximação entre Quijano e Antuña, particularmente em alguns dos círculos intelectuais no Uruguai e provavelmente também na Europa. Com Frugoni, por um lado, Antuña não parece ter maiores contatos, uma vez que politicamente militavam em direções extremamente opostas, apesar de ainda não haver sinais de grandes enfrentamentos. Por outro, Quijano e Frugoni começaram a construir uma relação polifônica e baseada no respeito mútuo.

Os três intelectuais foram eleitos neste ano para o parlamento, onde polemizaram freqüentemente e definiram algumas de suas principais orientações políticas, ideológicas e, em certa medida, intelectuais. Estes três anos de encontros e desencontros constantes desempenharam o papel, como gostaríamos de ressaltar, de acionadores de indeléveis rivalidades, particularmente entre Frugoni e Antuña, mas também deste último com Quijano, e de uma relação mais ambivalente e evidentemente mais cordial entre o parlamentar socialista e o "nacionalista".

Tais deputados militavam por partidos políticos adversários: Antuña e Quijano pelos "tradicionais" Partido Colorado e Partido Nacional, respectivamente, e Frugoni pelo Partido Socialista, que buscava desviar-se das disputas entre tais partidos, a seu ver, enraizadas em antigos ranços *criollos*, e projetar a construção de novos caminhos para a política do país.

Cabe relembrar, contudo, que Antuña compunha uma das principais facções conservadoras do Partido Colorado e desde meados da década de 10 mostrava-se bastante crítico do projeto reformista batllista. Por sua vez, Quijano apostava na renovação ou reconstrução, como realçava, do Partido Nacional, ao liderar a fundação da *Asociación Nacionalista Demócrata Social*, cujo programa colidia com a maior parte dos demais setores do partido.

Dessa aposta de Quijano na transformação do Partido Nacional brotavam as principais críticas de Frugoni, muito mais do que de divergências ideológicas, que naquele período eram interpretadas por Quijano como uma incompreensão de Frugoni e que o nacionalista buscava justificar.

No final dos anos 50, quando a aproximação entre os dois estava selada, Quijano concordaria com seu crítico a respeito da impossibilidade de renovação do Partido Nacional, exatamente no momento em que tal partido ascendia ao governo da nação, em 1958, após quase um século de predomínio colorado. Na parte final do texto escrito para Frugoni, em que tratava de responder ao problema das possibilidades políticas para o Uruguai, Quijano propunha uma aliança entre distintos partidos e grupos de esquerda, cujo eixo de conexão seria o socialismo, e formulava uma espécie de *mea culpa*, por meio da qual reconhecia a validade das críticas do socialista:

> Promover, desde seu interior, a reforma dos grandes partidos, a esta altura de nossa própria experiência, definitivamente encerrada, é infecundo recalcar a inutilidade desta empresa.
> Afiliar-se a um dos partidos menores, pode resolver um problema de consciência. O de alguns. O meu, por exemplo. Não acredito que na caminhada contra o tempo em que estamos empenhados para evitar o pior – já se sabe o que é o pior – esta solução, desde um ponto de vista geral, seja eficaz.
> [É preciso] intentar sobre a base de organizações constituídas – se é que além do socialismo existem outras – a criação de uma frente nacional, das denominadas esquerdas[169].

[169] QUIJANO, Carlos. Noviembre, es un Punto de Partida. A Emilio Frugoni. In: *Marcha*, Montevideo, ano XX, n. 933, 17 de outubro de 1958, p. 4. Além disso, Quijano sentiu a necessidade de realçar que a ANDS desde 1931 não votava sob o mesmo lema do Partido Nacional, uma vez que até 1942 sustentou o abstencionismo.

Retrocedamos, todavia, três décadas para analisar de forma um pouco mais meticulosa os contatos entre Frugoni, Antuña e Quijano na Câmara de Representantes. Como demonstrou Carlos Demasi, tal instituição ocupava um papel central na vida cívica uruguaia e possuía um grande prestígio tanto pelos homens de política como pela população em geral: "a atividade parlamentar era o cenário onde se verbalizavam os principais conflitos da sociedade, o que gerava um contexto que contribuía para aumentar a complexidade da análise de qualquer incidência que se desenrolava neste âmbito"[170].

Em março de 1929, o ambiente de debate na Câmara de Representantes tornou-se bastante tenso. Quijano iniciava o mês com um pedido de explicações ao ministro de Relações Exteriores, Rufino T. Domínguez, que havia enviado um representante, assim como o presidente da República, ao *Te Deum* realizado na capital uruguaia em comemoração ao acordo firmado entre o governo italiano e o Vaticano, que re-estabelecia o poder temporal dos papas[171].

Na sessão do dia 13 de março, em presença do ministro, Frugoni, Antuña e Quijano discutiram de maneira exaltada e inclusive trocaram alguns insultos, que revelavam uma disputa não somente nos assuntos particularmente relacionados à política, em seu sentido mais estreito, mas também a respeito de suas orientações ideológicas.

Frugoni criticou os participantes de tal ato religioso com as seguintes palavras:

> Meu interesse é deixar constância de que esse orador sagrado [Reverendo Speletta], segundo essa síntese, entre muitas coisas que disse, fez a apologia do grande governante italiano – são textuais palavras da crônica – graças ao qual o Papado conseguiu recuperar finalmente o que havia perdido, em 20 de setembro de 1870.
> Eu senti, senhor presidente, rebelar-se no fundo de minha indignação, o anticlericalismo e o antifascismo de que estou orgulhoso[172].

[170] DEMASI, Carlos. *La lucha por el pasado. Historia y nación en Uruguay (1920-1930)*. Montevideo: Trilce, 2004, p. 47.
[171] Diario de Sesiones de la Cámara de Representantes. Tomo 350. Montevideo: Imprenta Nacional, 1930, p. 136. Citaremos a partir daqui como DSCR.
[172] DSCR. Tomo 350. Montevideo: Imprenta Nacional, 1930, p. 385.

Quijano, coincidente com Frugoni, apoiava-o, ao definir-se como um "liberal notório" e proclamar que a religião deveria ser um assunto privado. Além disso, nutria o argumento de Frugoni ao apelar à tradição liberal do Uruguai para criticar a ação do poder executivo[173].

Por outro lado, Antuña defendeu o ato do executivo e destacou que o governo de Mussolini havia sido sagaz e realista ao reconhecer a soberania do Vaticano. Enquanto Antuña discursava, Quijano interrompeu-o logo após ouvir o nome do governante italiano, com a seguinte resposta de Antuña:

> O senhor deputado Quijano ouviu-me mal quando supõe que eu defendo a ditadura de Mussolini.
> Além disso, o senhor deputado Quijano porta-se mal em interromper-me, sem que eu tenha expressado a totalidade do meu pensamento[174].

Antuña, que também debatia com o colorado batllista Luis Batlle Berres, prosseguiu seu discurso e reforçou a defesa da legitimidade do episódio ao destacar que o Uruguai não rechaçava os representantes legais de governos ditatoriais, seja o italiano ou qualquer outro, como, no seu entender, o soviético e o mexicano. Além disso, para provocar seus adversários, Antuña sustentou que o México era governado por uma ditadura abominável.

Em seguida, Antuña e Frugoni trocaram insultos de maneira irônica e o deputado colorado provocou o socialista ao argumentar que se orientava, ou como supunha Antuña, desnorteava, por um "estreito sectarismo", com imediata reprovação de Frugoni, como bem ilustra o debate reproduzido a seguir, segundo a versão taquigráfica do diário da sessão parlamentar:

> - Antuña: O estreito espírito sectário do Partido Socialista e do grupo de espíritos que o acompanha nestes momentos.
> - Frugoni: O único espírito amplo nesta câmara é o do senhor deputado católico.
> - Antuña: Neste momento sim; isto é, não o único porque felizmente neste momento estou em boa companhia.
> - Frugoni: Para possuir um espírito amplo é preciso deixar de ser católico.

[173] *Ibidem*, p. 385.
[174] *Ibidem*, p. 389.

> - Antuña: Este é o equívoco ancestral do senhor deputado, do qual não conseguiu se libertar, porque está cristalizado.
> (Murmúrios)[175].

Antuña prosseguia sua argumentação, com interrupções de Frugoni e Quijano, contra o que entendia ser o renascimento do "jacobinismo" no Uruguai, contra o qual travava uma verdadeira batalha dentro do próprio Partido Colorado, particularmente contra os batllistas que tinham o anticlericalismo como uma de suas bandeiras mais conhecidas.

Na sessão do dia seguinte, os ânimos continuaram exaltados e Frugoni assinalou que Antuña havia dado aos parlamentares uma "estupenda exibição de habilidade jurídica e parlamentar, que veio, por outra parte, para confirmar o alto conceito intelectual que sempre tive a respeito do doutor Antuña"[176].

Novamente o debate entre Frugoni e Antuña foi marcado por acusações e ironias recíprocas e atingia o seu ápice de tensão, uma vez que os presidentes da Câmara de Representantes tiveram que intervir em alguns momentos para acalmar os ânimos exaltados dos debatedores e de seus partidários.

Ao defender-se da acusação de ser sectário, Frugoni contrapôs: "É nada menos que o deputado católico! A mim me parece um pouco cômico ver a um católico acusar-nos de ter preconceitos ancestrais". O deputado socialista acrescentava que a estreiteza da visão de mundo dos católicos se enraizava na "aceitação da herança dos séculos", além da "impostura e do erro porque vocês têm que acatar sem análise e sem crítica textos sagrados que foram escritos há muitos milhares de anos e não se sabe por quem"[177].

Por sua vez, Antuña argumentava que o socialismo era "anacrônico" e que estava "cristalizado realmente em um preconceito anticatólico", além de presumir que era o portador da verdade, que Antuña denominava ironicamente de "verdade marxista". O deputado colorado também tentava debilitar a argumentação de Frugoni, ao sustentar que o deputado

[175] *Ibidem*, p. 393.
[176] *Ibidem*, p. 430.
[177] *Ibidem*, p. 433-438.

socialista "traz a uma assembléia política, sem tempo nem preparação especial nesse assunto, argumentos puramente verborrágicos e artificiosos"[178].

Durante tal discussão, Frugoni mencionou o desempenho de Antuña na Sociedade das Nações e reprovou o seu pedido de intervenção desta organização internacional no México:

> [...] ele opina que não se pode tolerar que o governo do México fuzile a alguns generais católicos que se alçam em armas apoiando-se na confiança que neles depositaram o próprio governo, ao passo que permanece completamente tranqüilo quando na Itália se assassina a Matteoti ou se mata a pauladas a Améndola, ou se assaltam as cooperativas, ou se incendeiam os lares proletários, ou se comete toda classe de tropelias[179].

Antuña ironizou as palavras de Frugoni, incorporando a denominação que lhe era dirigida por seus adversários políticos: "O senhor deputado católico não estava em assembléia quando se assassinou a Matteoti". Além disso, criticou a posição de Frugoni frente à situação mexicana e expressou a sua opinião sintética, mas indicadora acerca dos últimos governos pós-revolucionários daquele país, que expressou como justificativa de sua atuação na Sociedade das Nações: "A tirania do México é a mais sangrenta, a mais desonrosa para a civilização e a mais abominável". E agregava que era pior que a ditadura italiana, "porque aplica a pena de morte sem processo prévio"[180].

A polêmica não terminou neste momento e Frugoni acusou o jornal *El bien público*, dirigido por Antuña, de admirar o fascismo, bem como propôs ao ministro de Relações Exteriores que indicasse o nome do deputado colorado como representante do Uruguai no Vaticano.

---

[178] *Ibidem*, p. 438.
[179] *Ibidem*, p. 439.
[180] *Ibidem*, p. 439. O anticlericalismo do governo de Plutarco Elías Calles gerou uma rebelião liderada pela Igreja Católica e foi acolhida por um número assaz expressivo principalmente de mexicanos de localidades interioranas que pegou em armas para lutar contra as tropas federalistas. Calles buscou aprofundar as medidas anticlericais que os liberais mexicanos do século XIX já vinham implementando, mas que ganharam maior atenção com a Revolução Mexicana (1910-1917). No entanto, as medidas tomadas pelo seu governo desagradaram o clero, que realizou uma greve de culto a partir de julho de 1926. A situação se tornou gradativamente mais dramática e somente em 1929 houve um acordo entre as partes beligerantes. Consultar: MEYER, Jean. *La cristiada*. 11ª ed. 3 volumes. México: Siglo XXI, 1993.

Antuña respondeu que não aceitaria tal nomeação e assinalou que a presentearia a outro legislador que se encontrava naquela sessão, mas não o nomeou. Em seguida replicou Frugoni: "Você presenteia a mão de dona Inês". Neste momento, segundo a versão taquigráfica dos debates parlamentares, houve hilaridade e algumas interrupções, como também havia ocorrido anteriormente.

A partir desse momento Quijano incorporou-se ao debate e criticou a habilidade com que Antuña, no seu entender, havia empregado para desviar do tema central daquela sessão.

A crítica de Quijano a Antuña continuava da seguinte forma:

> - com este talento que me deleito em reconhecer e que me honro em admirar...
> - muito obrigado. [resposta de Antuña]
> - ... desviou com grande habilidade logo em seguida o debate em direção ao terreno religioso e adotou um pouco nesta Câmara o papel do mártir ou o do perseguido[181].

Finalmente, o debate foi postergado, após Quijano censurar a aliança entre o Vaticano e o fascismo, e interpelar a Antuña sobre suas considerações a respeito de tal tema. Antuña limitou-se a argumentar que a premissa do deputado *blanco* era falsa[182].

Tal discussão extrapolou a arena parlamentar, como demonstrou uma carta pública publicada por Antuña no jornal que dirigia *El bien público*, no dia dois de abril de 1929:

> A presidência na Catedral! Um horror. Nossos jacobinos, com a camisa ao vento, põem o grito no céu e na Câmara. Mas você, amigo Quijano, quais foram os frutos de sua cura de ausência, e que fez na França, o solo da harmoniosa tolerância...? [...] Não, você em quem tanto cremos e de quem tanto se espera [...] não pode abrigar uma aspiração tão miúda. [...] Você está longe dessa tresnoitada rajada jacobina...[183].

Os três deputados envolveram-se em diversas outras discussões posteriormente, às vezes por filigranas, e trocaram acusações de ausências freqüentes nas reuniões da *Comisión de Asistencia, Trabajo y Previsión Social*, no seio da qual se desenrolava o longo e dissonante debate acerca da fixação do salário mínimo. Quijano acusou Antuña de ausentar-se

[181] DSCR. Tomo 350. Montevideo: Imprenta Nacional, 1930, p. 452.
[182] *Ibidem*, p. 454.
[183] ANTUÑA *apud* CAETANO, Gerardo; RILLA, José. *El joven Quijano (1900-1933).* Izquierda nacional y conciencia crítica. Montevideo: EBO, 1986, p. 78.

usualmente, ao passo que o deputado colorado direcionava a mesma denúncia tanto a Frugoni quanto a Quijano[184].

As diferenças entre Frugoni e Quijano contra Antuña intensificaram-se a partir de então e foram nutridas pelo golpe de 1933, quando o colorado galgou posições no cenário político e intelectual oficial, ao passo que Frugoni foi desterrado para a Argentina, de 1933 a 1934, e Quijano capitaneou um grupo de jovens intelectuais que combatiam a ditadura terrista por meio da imprensa. Em tal período, embora ainda não seja possível divisar uma aproximação política entre Frugoni e Quijano, ambos exerceram atividades políticas e intelectuais de grande paralelismo e não deixaram de propor desafios recíprocos, e também de tecer algumas críticas que seriam reavaliadas algumas décadas mais tarde, quando suas rotas convergiram, em outros contextos da história uruguaia.

Em diversos momentos podemos detectar críticas veladas ou deliberadas entre eles, particularmente sobre Antuña. *Acción* e *Marcha* criticaram habitualmente os paladinos do terrismo e inclusive utilizaram meios iconográficos, como a capa da edição de 13 de março de 1942, que estampava uma foto dos "homens da ditadura", intitulada *Antaño y Hogaño*. O nome de José G. Antuña aparecia em destaque, ao lado de, entre outros, Luis Alberto Herrera e Pedro Manini Ríos, principais representantes do Partido Nacional, à esquerda de Gabriel Terra[185].

Por outro lado, apesar da aproximação canalizada pela oposição ao governo de Terra, as relações entre Frugoni e Quijano continuavam bastante ambivalentes, uma vez que as críticas recíprocas que teceram anteriormente ainda não estavam arrefecidas e superadas, como podemos ver no seguinte trecho, extraído de *Acción*, seis meses após o golpe:

> Alguns personagens, cujo ódio nos honra, têm falado que estou em não sei quais maquiavélicas e ocultas combinações com o senhor Frugoni. Não tenho, como se compreenderá, maiores motivos de amizade com o senhor Frugoni. Ele foi nosso

[184] DSCR. Tomo 354. Montevideo: Imprenta Nacional, 1930, p. 228.
[185] Cf. Antaño y Hogaño. In: *Marcha*, Montevideo, ano IV, n. 129, 13 de março de 1942, p. 1.

> inimigo arrebatado e injusto, mas a causa comum que agora nos une faz com que, por nossa parte, apaguemos tudo. Se do outro lado não querem apagar, pior para eles. E como nos são atribuídos estes propósitos, é conveniente que se saiba, de uma vez por todas, que perdi minha cátedra e meu salário porque acreditava que sobretudo na ditadura, ensinar o direito em um instituto oficial é um sarcasmo e porque, além disso, parecia-me também, no mínimo absurdo, que enquanto o decano estivesse no desterro – esse decano que havia sido preso nos mesmos umbrais da universidade ao deixá-la – a faculdade mantinha sua rotina normal e pacificamente, e que chegava ao cúmulo de oferecer, como se tratasse de preencher uma vaga qualquer, a cátedra que esse decano desempenhava. Ademais, também é conveniente destacar que, ao tomar esta atitude, que no princípio foi aplaudida com fervoroso entusiasmo, no final, como em tantas outras ocasiões da minha vida, fiquei sozinho. Este desespero que às vezes me acomete pela sorte do país e que alguns amigos que conheci nos últimos tempos sabem que não é somente por causa da ditadura, deve ser oriunda também do conhecimento que gradualmente tenho de alguns 'revolucionários'"[186].

Possivelmente Quijano fazia referência aos homens do terrismo que não podiam deixar de ver a Quijano e, acima de tudo, a *Acción* com apreensão e desconfiança devido ao teor das críticas divulgadas por suas páginas. Além disso, pode-se perceber que as disputas pela liderança da oposição ao regime terrista dificultavam uma maior articulação dos setores de esquerda, aos que Quijano denominou ironicamente de revolucionários, e que poderiam ser representados tanto por alguns grupos socialistas rivais de Frugoni, como o liderado por Servando Cuadro, quanto ao Partido Comunista. Não é desnecessário lembrar que os comunistas propagaram as críticas mais ácidas sobre a trajetória de Quijano pelo Partido Nacional, como destacaram Caetano e Rilla[187].

Entre as décadas de 1940 e 1960, Frugoni e Quijano estreitaram suas relações e passaram a nutrir uma fecunda amizade, além dos habituais contatos intelectuais e políticos, ao passo que Antuña percorreu caminhos distintos, particularmente ao associar-se intelectualmente a projetos e institutos oficiais.

Se começamos essa breve confrontação entre os percursos político-culturais explorados por Frugoni, Antuña e Quijano pela análise das gerações em que nasceram e iniciaram suas atividades, gostaríamos de terminá-la de uma maneira não muito usual, mas que do nosso

[186] QUIJANO, Carlos. Personal. In: *Acción*, Montevideo, ano II, n.54, 16 de setembro de 1933, p. 8.
[187] CAETANO, Gerardo; RILLA, José. *El joven Quijano (1900-1933).* Izquierda nacional y conciencia crítica. Montevidéu: EBO, 1986, p. 82.

ponto de vista pode ser bastante ilustrativa. Referimo-nos aos momentos em que tais autores faleceram e de como estes eventos articularam-se de uma forma bastante peculiar aos seus diferentes contextos.

Frugoni falecia aos 89 anos de idade no final de uma década inquestionavelmente transformadora tanto no âmbito nacional como internacional. Em um período de especial paralelismo entre as trajetórias das nações latino-americanas, no Uruguai a conjuntura era de uma até então ignorada tensão, cuja combatividade afligia os distintos setores da sociedade nacional, fundamentalmente a partir de 1965, que ficou conhecido como o "ano terrível"[188].

Como já destacamos, ao esboçar a biografia de Frugoni, o socialista fora proscrito do Uruguai pelo governo de Jorge Areco Pacheco, em 1968, mas não havia deixado o país, onde desempenhara sua permanente militância.

Logo após sua morte, o destacado grupo de intelectuais nucleado em *Marcha*, que em alguns casos também desempenhavam atividades no circuito universitário, buscou recuperar a figura de Frugoni e levou à venda algumas publicações que reivindicavam a sua batalha pela construção de uma sociedade distinta para aquele determinado contexto.

Dois números de *Cuadernos de Marcha* foram dedicados ao intelectual socialista, em julho (n. 39) e setembro (n. 41) de 1970, e no início do ano seguinte Quijano realçaria seu inigualável exemplo:

> Maestro de vida e maestro de esperança, ensinou-nos com seu exemplo a perseverar sem triunfar, a virtude do orgulho e o valor da modéstia. Ensinou-nos também que o marxismo – materialismo histórico e materialismo dialético – é o único humanismo fecundo e o mais alto idealismo. Além disso, revelou-nos como o amor pela terra e por seu povo pode ser chaga e alegria[189].

Também em 1971, Arturo Ardao co-fundador de *Marcha* e professor de história das idéias na *Universidad de la República*, publicava uma obra em que abordava as orientações

[188] VÁRIOS AUTORES. *El fin del Uruguay liberal (1959-1973)*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1990, p. 28-29.

[189] QUIJANO, Carlos. Frugoni y su tiempo. In: *Cultura, personalidades y mensajes*. Montevideo: Cámara de Representantes, 1992, p. 301 (originalmente publicado em *Marcha*, 05 de fevereiro de 1971).

ideológicas das mais destacadas gerações uruguaias. Na última parte do livro, subtitulada *Del positivismo al idealismo*, Ardao despedia-se de Frugoni com as seguintes palavras, que se inscreviam no crítico período por que passava o país:

> Esta sombria época que tantas coisas levou e que se está levando o Uruguai do passado, tinha que levar também a Emilio Frugoni. Do Uruguai que morre, era ele a última insigne encarnação do que tinha de melhor. Porque ele desapareceu, sabemos já que aquela morte plural de toda uma forma histórica nacional terminou de cumprir-se. Mais que toda uma época, é todo um Uruguai que morre com ele[190].

No último dia do ano seguinte, 31 de dezembro de 1972, faleceria José G. Antuña, aos 82 anos, quando a situação do país parecia rememorar as vésperas do golpe de Estado de 1933 – exatamente quatro décadas atrás – e que se mantinha vivo na memória da população uruguaia, fundamentalmente entre aqueles que foram os seus principais opositores, como, entre outros, o grupo nucleado em torno de Quijano, Ardao e Julio Castro, que haviam fundado *Acción* em 1932 e *Marcha* em 1939, e que na virada dos anos sessenta para os setenta ocupavam os papéis de maior destaque no cenário intelectual uruguaio.

Assim, naquele contexto de grande apreensão e de fraturas, a obra de um autor que fora um dos principais articuladores políticos e intelectuais da primeira experiência ditatorial uruguaia do século XX não tinha outro destino que o fundo da gaveta ou algumas esquecidas prateleiras das bibliotecas[191].

Por outro lado, exilado no México desde finais da década de 1970, Quijano havia retomado a publicação de *Cuadernos de Marcha*, após a proibição de sua edição no Uruguai,

---

[190] ARDAO, Arturo. Despedida a Emilio Frugoni. In: *Etapas de la inteligencia uruguaya*. Montevideo: Universidad de la República, 1971, p. 418.

[191] Apesar de anedóticos, peço licença pelo tom pessoal para relatar dois episódios – que podem ser impressionistas – que me tocou experimentar durante a concretização da pesquisa. Em julho de 2005, quando ingressava pela primeira vez na Biblioteca Nacional do Uruguai, deparei-me com a obra "clássica" de Antuña sobre *Ariel*, republicada em 1969, cujas páginas ainda não haviam sido folheadas naquela instituição, uma vez que tive, ao lado de uma funcionária, que separar suas pouco mais de 700 páginas com uma lâmina, que se mantinham unidas devido ao tipo de impressão que lhe havia sido destinada. Recentemente, em meados de dezembro de 2007, ao transitar pela famosa Feira de Tristán Narvaja em Montevideo, encontrei pela primeira vez uma obra de Antuña à exposição, nada mais nada menos que o premiado *El nuevo acento*, que era vendido em conjunto com outras obras de menor interesse por vinte pesos uruguaios, o que corresponderia a quase dois (!) reais. Coincidentemente ou não suas páginas também estavam unidas.

em 1974, e se aproximara de forma fecunda de importantes docentes da *Universidad Nacional Autónoma de México* (UNAM).

Pouco antes do seu falecimento no exílio, em 1984, sua biografia já despertava o interesse de alguns estudiosos, como, por exemplo, os jovens historiadores Gerardo Caetano e José Rilla, o ex-marchista Hugo Alfaro, Pablo Rocca e de seu amigo de longa data e "díscipulo" Arturo Ardao, contribuíram de maneira inquestionável para o seu estudo e também para a retomada de grande parte de sua indelével obra.

Além disso, os *Cuadernos de Marcha* passaram a ser editados após o falecimento de Quijano, no Uruguai, a partir de 1985, o que propiciava vincular sua trajetória e mensagem com a da nova geração que emergia após os ásperos doze anos ditatoriais.

CAPÍTULO 2

ESTRATÉGIAS EDITORIAIS E CIRCULAÇÃO DE TEXTOS

Uma fecunda história dos intelectuais e das idéias necessita transpor a análise dos textos escritos, ir além do discurso, isto é, precisa englobar a análise de outras esferas que possibilitem a difusão, circulação e a recepção das idéias de um determinado autor pelo público leitor.

Buscamos neste capítulo trilhar um caminho ainda timidamente visitado pela historiografia uruguaia, ao colocar em primeiro plano os circuitos mais importantes que conectaram Frugoni, Antuña e Quijano aos seus leitores, com especial ênfase para as estratégias de que lançaram mão para publicar e fazer circular seus impressos. Em outras palavras, enfatizaremos as esferas da divulgação e circulação de textos, ao passo que, devido às dificuldades de fontes e tempo, somente destacaremos alguns sinais da recepção de suas idéias, principalmente entre uma parte significativa dos setores intelectuais.

Como veremos em seguida, tais autores não pouparam esforços em fazer chegar suas reflexões a diversos setores da sociedade uruguaia, por meio de distintos canais, além de buscar também ampliar o alcance de circulação de suas obras em direção a outros países hispano-americanos e, em alguns casos, europeus. Até o presente momento não foi possível observar a efetiva circulação de suas obras no Brasil, com algumas exceções pontuais.

Selecionamos como ponto de partida suas opiniões a respeito do papel dos intelectuais na vida da cidade, isto é, acerca de suas responsabilidades como agentes de cultura e também de política, em um período em que tais esferas possuíam abundantes e frutíferas interconexões.

2.1 Intelectuais, cultura e política

A análise das trilhas exploradas por Frugoni, Antuña e Quijano traz à tona a relação dos intelectuais com a cultura e com a política, e, portanto, com o poder. Tal questão tornou-se o cerne das interpretações elaboradas pelos estudiosos que se dedicaram a pensar o papel desempenhado pelos intelectuais em seus distintos locais de atuação.

Entre os autores uruguaios, bem como em outros meridianos, duas correntes interpretativas receberam maior destaque. De um lado, aquela representada pelo cientista político Juan Rial, que sugeriu um processo de cooptação dos intelectuais do país pelos partidos políticos e pelo Estado, ao longo de todo o século XX, como atores que arquitetavam a legitimação de seus discursos e programas[192].

De outro, Ángel Rama propôs que é "indispensável manejar uma relação mais fluida e complexa entre as instituições ou classes e os grupos intelectuais", que podem "servir" a um poder, mas que querem, ao mesmo tempo, expressar formas de poder que reivindicam em seu principal palco de atuação, a "cidade letrada"[193].

Vale ressaltar que tais textos, inicialmente publicados fora das fronteiras uruguaias, chegaram às estantes das livrarias em meados dos anos oitenta. Essas análises respondiam tanto às inquietações de muitos intelectuais a respeito dos caminhos a percorrer para a (re)construção das democracias latino-americanas, após experiências conectadas de governos ditatoriais, quanto ao arrefecimento de suas antecedentes articulações a movimentos comprometidos com causas revolucionárias, que sofriam fraturas notoriamente angustiantes.

---

[192] RIAL, Juan. Los intelectuales y la política en el Uruguay. Soberbia y expiación. In: SOARES, Maria Susana Arrosa (coord.). *Os intelectuais nos processos políticos da América Latina*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1985, p. 45.

[193] RAMA, Ángel. *A cidade das letras* [1984]. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 47-48. Ver também sua obra anterior, considerada mais "otimista" pelos críticos literários: *Transculturación narrativa en América Latina* [1982]. Montevideo: ARCA/Fundación Ángel Rama, 1989.

Pouco tempo depois, o poeta, ensaísta e docente uruguaio Hugo Achugar tangenciou a interpretação de Rama, ao argumentar que a política cultural do Estado uruguaio consistiu em estimular a "captação ou cooptação" dos intelectuais, entre as décadas de 1910 e 1920, com o objetivo de convalidar um projeto de construção nacional, mas também como canal de subvenção de suas atividades, abrindo-lhes um caudaloso veio de expressão de suas visões de mundo[194].

Tal momento de reflexão foi bastante fecundo e suas sementes haviam sido plantadas há algumas décadas, pois os olhares dos intelectuais e de seus críticos estiveram voltados para esses personagens desde pelo menos finais do século XIX. No entanto, em alguns períodos, a efervescência do presente, bem como a necessidade de construir delimitações auto-referenciais estimulou a ampliação do debate acerca dos intelectuais.

Possivelmente, não há dois outros momentos na história dos intelectuais latino-americanos em que se podem divisar paralelos tão curiosos como os que se traçaram durante os anos vinte/trinta e sessenta/setenta[195]. Ainda que transitassem em contextos distintos, os intelectuais desses períodos produziram um copioso exame acerca de seus papéis como homens comprometidos com a vida cívica e, ao propor um espectro de condutas desejáveis, propalaram discursos que tinham como norte a transformação de suas respectivas comunidades nacionais. Além disso, chegaram inclusive a preconizar uma espécie de antiintelectualismo, principalmente entre as correntes revolucionárias que se nutriam pelas expectativas nutridas pela Revolução Cubana[196].

---

[194] ACHUGAR, Hugo. Letras. La década del veinte: Vanguardia y Batllismo. El intelectual y el Estado. In: VÁRIOS AUTORES. *Vida y cultura en el río de la Plata*. Tomo I. Montevideo: Universidad de la República, Departamento de Publicaciones, 1987, p. 99-116.

[195] ANSALDI, Waldo; FUNES, Patricia. Viviendo una hora latinoamericana. Acerca de rupturas y continuidades en el pensamiento en los años veinte y sesenta. In: *Cuadernos del CISH*, Universidad Nacional de La Plata, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, ano III, n.4, 2º semestre de 1998, p. 13-75.

[196] GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil*. Debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003, p. 164-231. Consultar, igualmente, a instigante obra de SIGAL, Silvia. *Intelectuales y poder en la década del sesenta*. Buenos Aires: Puntosur, 1991.

Na América Latina foi bastante evidente a vinculação estreita da intelectualidade à política, desde o início do século XIX, o qual, segundo Elías Palti, foi vivido como o "tempo da política"[197]. Esse quadro gradualmente ganhou novos matizes já no final daquele século, devido à ampliação do setor jornalístico e editorial em alguns países, como na Argentina ou, em menor grau, no Brasil e no Uruguai.

Em linhas bem gerais e respeitando as singularidades locais, podemos traçar alguns paralelos entre a vida intelectual uruguaia e a brasileira, nas primeiras décadas do século XX, uma vez que, devido às limitações impostas ao mercado editorial de ambos os países, os intelectuais apoiaram-se em atividades jornalísticas, institucionais e políticas, apesar do país platino não possuir uma diplomacia tão bem articulada como a brasileira ou como a mexicana pós-revolucionária, que amparavam grande parte do labor intelectual.

Os governos uruguaios de finais do século XIX e começos do XX investiram maciçamente na alfabetização, mas o seu público leitor em números absolutos quase sempre impôs um limite à ampliação dos projetos editoriais nacionais, uma vez que a população uruguaia era de pouco mais de 1 milhão de habitantes no final dos anos 10[198].

Além disso, o mercado editorial uruguaio enfrentou outras dificuldades para a sua expansão durante pelo menos toda a primeira metade do século XX. Inicialmente, devido à concorrência de publicações espanholas e francesas, nas primeiras décadas do século XX. A partir dos anos 30, o mercado livreiro do Uruguai foi disputado pelas edições argentinas, que se expandiram rapidamente durante e após a Guerra Civil Espanhola[199].

---

[197] PALTI, Elías J. *El tiempo de la política. El siglo XIX reconsiderado*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.

[198] Segundo o censo nacional realizado em 1908. Além disso, o censo classificava pouco mais de 60% da população uruguaia como alfabetizada. Cf. ACEVEDO, Eduardo. *Anales históricos del Uruguay*. Tomo V. Montevideo: Casa A. Barreiro y Ramos, 1934, p. 437.

[199] A Guerra Civil asfixiou as possibilidades de publicação na Espanha, favorecendo a ascensão do mercado editorial argentino, que destinava mais de 40% de sua produção de livros e folhetos para o mercado externo durante a década de 1940. Cf. RIVERA, Jorge B. *El escritor y la industria cultural*. Buenos Aires: Atuel, 1998, p. 97. Ver também DE DIEGO, José Luis. 1938-1955. La "época de oro" de la industria editorial. In: DE DIEGO, José Luis (dir.). *Editores y políticas editoriales en Argentina, 1880-2000*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006, p. 91-123; SOARES, Gabriela Pellegrino. Novos meridianos da produção editorial em

A despeito disso, os jornais passaram a ter ampla circulação e a atingir grandes tiragens tanto no Uruguai quanto no Brasil, impulsionados pela modernização das oficinas gráficas, pela redução dos seus preços e também pela demanda de informação de seus públicos leitores em formação e em ascensão, além da circulação de outros gêneros de impressos que atuavam como meios de difusão da leitura[200].

Dessa forma, diante de um mercado editorial cambiante e ainda assaz sensível às flutuações financeiras internas e externas, e também às políticas culturais adotadas pelos governos do Uruguai e do Brasil, eram escassos os exemplos de intelectuais que podiam se dedicar exclusivamente às atividades literárias.

Outro ponto de contato entre os intelectuais uruguaios e brasileiros inscreve-se na hipótese de Nicolau Sevcenko de que os "escritores-cidadãos" brasileiros das primeiras décadas republicanas, desejosos de "fruir mecenato" e orientar os caminhos a serem seguidos pela sociedade, "já de longe traziam a predisposição para uma prática mal velada de tutela", que não deixava de responder a uma expectativa da população em geral[201].

Com o desenrolar dos anos, os intelectuais uruguaios articularam-se em busca de maior autonomia e poder de participação política. Segundo Achugar, o artigo 100 da Constituição uruguaia de 1917 amparava a criação dos entes autônomos que passariam a atuar como grupos de pressão, representados pelos núcleos empresariais, industriais, comerciais, rurais e também os artísticos. Nessa direção, foi criado o *Teseo*, importante círculo intelectual da década de 20, sob a direção de Eduardo Dieste e composto por, entre outros, Alberto Zum Felde, Justini Zavala Muniz e Emilio Oribe, cuja marca principal era a pluralidade de orientações ideológicas e políticas. Contudo, as opiniões dos seus integrantes canalizavam-se

---

castelhano: o papel de espanhóis exilados pela Guerra Civil na Argentina e no México. In: *Varia História*, Belo Horizonte, v. 23, n. 38, julho-dezembro de 2007, p. 386-398.

[200] Para uma análise mais apurada do cenário brasileiro, consultar: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson (orgs.). *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas: Mercado de letras, 2005; DUTRA**,** Eliana de Freitas. *Rebeldes literários da República: história e identidade nacional no* Almanaque Brasileiro Garnier *(1903-1914)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

[201] SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 106-08.

no sentido da vontade de atuar na esfera das decisões políticas, uma vez que "vão propor, além de certos aspectos específicos, a necessidade de participar [...] na administração pública ou, para ser mais exato, a participação das associações profissionais no poder decisório a respeito da distribuição de bens e da produção nacional"[202].

Concordamos com Patricia Funes, ao assinalar que a década de 20 promoveu a redefinição da agenda intelectual no caleidoscópico cenário latino-americano moderno. Nesse período, a palavra de ordem consistia em defender a ação dos homens de letras na vida pública, o que lhes proporcionava conduzir as agendas político-culturais e estabelecer os múltiplos canais de comunicação entre a tradição e o mundo moderno, passando a se ver como um grupo delimitado e auto-referente[203].

Além disso, a historiadora argentina destacou que os intelectuais do entreguerras oscilaram entre a distopia spengleriana e a pedagogia comprometida barbussiana que propunha por meio da revista *Clarté!* edificar uma espécie de "Internacional do Pensamento". Por um lado, a desilusão, desencanto e decadência do mundo ocidental. Por outro, a prédica do comprometimento do intelectual com as transformações sociais, pois, como destacava a frase reproduzida nas múltiplas revistas *Clarté!* (*Claridad* na Argentina) latino-americanas, "fazer política é passar dos sonhos às coisas, do abstrato ao concreto. A política é o trabalho efetivo do pensamento social, a política é a vida [...] Não fazer política é sustentar a política imperante"[204].

Outro fator que pode enriquecer a interpretação sobre o engajamento dos intelectuais na vida política uruguaia relaciona-se com a notória politização de seus habitantes, destacada

[202] ACHUGAR, Hugo. Letras. La década del veinte: Vanguardia y Batllismo. El intelectual y el Estado. In: VÁRIOS AUTORES. *Vida y cultura en el río de la Plata*. Tomo I. Montevideo: Universidad de la República, Departamento de Publicaciones, 1987, p. 106-107.
[203] FUNES, Patricia. *Salvar la nación. Intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006, p. 52-55.
[204] *Apud* FUNES, Patricia. *Op. Cit*., p. 32.

pelos historiadores Gerardo Caetano e José Rilla[205], Germán Rama[206], e Marcos Alves de Souza[207]. Esses autores compartilharam o argumento de que a participação dos uruguaios na esfera política ocorreu de modo habitual e significativo durante a primeira metade do século XX. Caetano e Souza afirmam, além disso, que a construção da identidade nacional uruguaia, principalmente em contraposição à Argentina, realçou o gosto dos uruguaios em participar da política, mediante a filiação aos partidos ou a mobilização constante da população, com a realização quase anual de eleições e plebiscitos, e também pelo predomínio da vida pública sobre a privada.

Portanto, as interpretações que realçam as formas de cooptação e de predomínio – ou de quase determinação – das estruturas sociais e políticas sobre as atividades desempenhadas pelos intelectuais, como sugeriu Juan Rial, mostram-se duvidosas e rarefeitas, ao menosprezar a esfera dos anseios e interesses que esses atores demonstraram durante seus percursos na vida político-cultural do Uruguai.

Frugoni, Antuña e Quijano pensaram freqüentemente sobre o papel desempenhado pelos intelectuais e preconizaram distintas maneiras de exercício de suas atividades nos círculos intelectuais do período, articulando-as às suas próprias trajetórias, que se orientavam ora por estratégias comuns, ora diversas ou mesmo opostas.

Traço comum entre os três, a inserção ou, para sermos mais exatos, a fundação e direção de empresas jornalísticas desempenhou o papel de suporte de divulgação de suas idéias e também o de combate e trampolim para as suas atividades políticas, como, por exemplo, a criação de *El Día* por José Batlle y Ordóñez e *El Bien Público* por Juan Zorrilla de

[205] CAETANO, Gerardo; RILLA, José. La partidocracia uruguaya. Historia y teoría de la centralidad de los partidos políticos. In: *Cuadernos del CLAEH*, Montevideo, n. 44, 1987, p. 76-95. Ver também: CAETANO, Gerardo. Lo privado desde lo público. Ciudadanía, nación y vida privada en el Centenario. In: BARRÁN, José Pedro & CAETANO, Gerardo & PORZECANSKI, Teresa. *Historias de la vida privada en el Uruguay*. Individuo y soledades (1920-1990). Montevidéu: Santillana, 1998, p. 19-60.

[206] RAMA, Germán. *La democracia uruguaya*. Montevideo: ARCA, 1995.

[207] SOUZA, Marcos Alves de. *A cultura política do "batllismo" no Uruguai: 1903-1958*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003.

San Martín, no final do século XIX, e de *El País* pelos nacionalistas independentes durante a segunda década do XX.

O balanço realizado por Quijano sobre o primeiro aniversário de *El Nacional*, em 03 de agosto de 1931 – quatro meses antes do seu fechamento definitivo, devido à derrota eleitoral sofrida e a questões financeiras[208] –, não deixava dúvidas a respeito da centralidade dos jornais como canal de ação política no Uruguai, bem como em outros países:

> Homens novos em política, de uma geração que ainda aguarda a sua hora, quase desconhecidos, temos feito frente, não obstante, às exigências múltiplas [...]. Tínhamos que dizer nossa palavra e o fizemos, e se fosse necessário começar de novo, sem vacilações o faríamos. Aí está nossa obra: sem dinheiro, sem amigos influentes, um grupo de homens jovens, cujos integrantes estão beirando os trinta anos, criou este diário [...], enfrentaram os problemas vivos da realidade nacional para dizer suas soluções e lançaram, em um ano de esforços, as bases de uma obra que temos o direito de acreditar estável e útil[209].

Simultaneamente, Frugoni financiava a publicação do diário *El Sol*, vinculado ao Partido Socialista, ao passo que Antuña dirigia *El Bien Público*, os quais também foram veículos das disputas que eles travavam na Câmara de Representantes, desde 1928.

Em um período movediço e muito pouco reconfortante, Frugoni e Quijano, apesar de raramente definirem-se como intelectuais, habitualmente projetaram seus olhares sobre os personagens que circulavam pelo mundo das letras, ao passo que Antuña não ocultava certa satisfação em fazer parte de uma república nacional ou internacional das letras. O intelectual colorado atuou freqüentemente em defesa dos direitos autorais, pela formação de uma consciência profissional do escritor e selecionou os prólogos que destacavam invariavelmente a sua fertilidade e fama como homem de letras[210].

---

[208] O jornal *El Nacional* foi fundado para ampliar o espaço de debate e o programa político da ANDS. No entanto, os esforços de seus diretores e colaborabores não foram suficientes para manter a sua publicação após a derrota dos candidatos da ANDS capitaneados por Quijano, no final de 1931, que redirecionaram seus esforços para a confecção de *Acción*.

[209] QUIJANO *apud* CAETANO, Gerardo; RILLA, José. *El joven Quijano (1900-1933).* Izquierda nacional y conciencia crítica. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1986, p. 219.

[210] ANTUÑA, José G. Pequeña historia de una vocación. In: *El inquieto horizonte*. Montevideo: Talleres Gráficos Institutos Penales, 1937, p. 16.

Em uma coletânea de poesias escritas ao longo dos anos 10 e 20, publicada durante seu primeiro ano de estadia em Paris, Antuña assinalava, em alusão ao título *Los viejos ritmos*, que cantava "o velho ritmo da esperança" e criticava a poesia de combate:

> *¿Poesía de combate?*
> *¿Cláusulas para la proclama Triunfal?*
> *¿Pólvora para las muchedumbres,*
> *Arco tenso; escudo o violento carácter Mental?*
> *No. Mi poesía es íntima y humilde y crepuscular*[211].

Contudo, a sua visão sobre a convivência entre o homem de letras e o homem político tinha outras tonalidades, como podemos observar no discurso que proferiu em uma festa de despedida que lhe fora oferecida por seus amigos no *Club Uruguay*, em 21 de junho de 1925, pelo qual expôs sua visão acerca dos deveres do homem público:

> Na vida pública e parlamentar estou certo de haver cumprido sempre com meu dever fundamental de cidadão e patriota, mas estive muito distante de ser um triunfador, como acabou de definir-me a palavra fraternal, acaso porque careço de certa capacidade orgânica para a conquista do êxito equívoco e fácil, e porque sempre detestei em política, o torpe, o vulgar e o vil[212].

Tanto em *Litterae* (1926) quanto em *El inquieto horizonte* (1937), Antuña enfocou esse tema, criticou a aproximação dos homens de letras ao comunismo e também ao sindicalismo, logo após alertar sobre as "ações dissolventes" dos intelectuais, evidenciando as suas orientações bastante conservadoras:

> Que tenham sido ácratas alguns intelectuais, de acordo com a pragmática nieszscheana [sic] da "nova estimação dos valores" ou anarquistas fanáticos de uma ideologia ou certa superstição cientificista, isso é problema deles! [*¡allá ellos!*] Mas que se tornem comunizantes, somente explica-se por analfabetismo ou obturação mental, uma vez que o comunista, como seu gêmeo o sindicalista, é o antiintelectual por definição[213].

---

[211] *Idem*. *Los viejos ritmos*. Paris: Imprimérie Artistique A. Fabre, 1925, p. 5.
[212] *Idem*. Viaje a Europa. In: *Palabra*. Conferencias y discursos: 1915-1927. Paris: Editorial Paris-América, 1927, p. 241.
[213] *Idem*. Pequeña historia de una vocación. In: *El inquieto horizonte*. Montevideo: Talleres Gráficos Institutos Penales, 1937, p. 14-15.

Nessa mesma obra, publicada quando era senador pelo Partido Colorado, Antuña propunha os temas prioritários que, segundo ele, deveriam ocupar a agenda dos intelectuais latino-americanos, como, por exemplo, "o idioma, a raça, a cultura e a arte americana", sobre os quais discutira com Miguel de Unamuno, durante a sua estadia na Espanha[214].

Por trilhas bem opostas caminhava Frugoni. Em 1925, escrevia o poema *Torres de Marfil*, no qual proclamava a necessidade dos intelectuais – "profetas" – ocuparem-se dos assuntos públicos:

> *Abandonad las torres de marfil ¡oh **poetas**!*
> *La gran voz de los tiempos necesita **profetas***
> *Que la hagan penetrar en el alma del mundo*
> *Llevando a todas partes su sentido profundo.*
> *[...]*
> *Salid de vuestras torres; descended a mezclaros*
> *¡oh ególatras marmóreos, 'decadentes' y raros!,*
> *Con la gente que cumple sus misiones normales,*
> *Y el polvo del camino que alzan sus pies inmortales.*
> *[...]*
> *¡Torres ebúrneas! Torres que encarnan el orgullo*
> *Del esteta anacrónico en medio del murmullo*
> *Universal, del vasto jadeo del taller*
> *Donde se está forjando todo lo que ha de ser*[215].

Dois anos depois, ao ver-se envolvido em uma divergência com o batllista do diário *El Día* Mateo Legnani – por ter afirmado que Frugoni, por sua "fobia antibatllista", deveria ter-se dedicado à poesia e não ter sequer metido o dedo no terreno da política –, o socialista uruguaio, mais do que refutar tal acusação, destilou uma visão bastante provocativa em relação ao profissionalismo das letras, que corroborava a mensagem anterior:

> Se eu tivesse sensibilidade moral de literato (não há ninguém mais imbecil que o literato), me sentiria desarmado ante seu empenho em exaltar minhas faculdades poéticas, e sob condição de que me continuasse considerando poeta, estaria disposto a conceder-lhe que não deveria me meter em política.
> No entanto, acredito que sou imune ao vírus do profissionalismo literário, que costuma corromper as almas e corroer o espírito dos homens até reduzi-lo, como fazem com o coração da madeira determinados insetos diminutos, a um punhado de serragem de vaidade, de egocentrismo e egoísmo.

[214] *Idem*. *El inquieto horizonte*. Montevideo: Talleres Gráficos Institutos Penales, 1937, p. 75.
[215] FRUGONI, Emilio. Torres de Marfil. In: *Poemas civiles*. Montevideo: Claudio García & Cia, 1944, p. 41-43. Grifos nossos.

> [...]
> Desde que Aristóteles disse que 'o homem é um animal político', ficou reconhecido aos poetas o direito de fazer política. A menos que se entenda que os poetas não são homens... Se não o são, dificilmente poderão ser poetas.
> [...]
> Além disso, nos tempos atuais, aquele que se afasta das agitações populares e rechaça as contendas civis não vive completamente sua experiência de homem, não adquire a plenitude de uma personalidade prolífera, não chega a ser homem completo, portanto, tampouco pode chegar a ser poeta completo[216].

Com um tom mais sereno e menos enredado em uma disputa política direta, ao redigir *La nueva función de la intelectualidad y del arte americanos*, Frugoni registrava as divergências mais visíveis e gerais entre aqueles que proclamavam a autonomia ou o distanciamento dos intelectuais com respeito à política, e os grupos, entre os quais se inseria, que reivindicavam a fusão do homem artístico com o cidadão.

Para Frugoni, se, por um lado, os intelectuais oitocentistas tiveram que se "sacrificar" para edificar as novas nações que se emancipavam e, no seu entender, careciam de homens suficientes para realizar uma empresa de notória amplitude, por outro, embora os intelectuais pudessem obter certa autonomia nas primeiras décadas do século XX, sua missão – dizia Frugoni – deveria cumprir-se em sua ação a favor da vida cívica:

> Não quero internar-me nos domínios da velha polêmica sobre os fins da Arte. Admito que a Arte somente existe por si e para si. Porém, uma arte que se mantém deliberadamente distante das mais profundas preocupações da alma coletiva e que se torna impermeável às inquietações da hora, não é a arte forte e vigorosa que corresponde a um mundo jovem. Pode ser uma arte de decadência e desilusão, explicável na Europa, onde os organismos e as psicologias gastaram-se e desequilibraram-se no frenesi angustiante das grandes convulsões sociais, das grandes penúrias, das mais trágicas incertezas...
> Todavia, aqui na América a Arte deve ser outra coisa. Aqui deve ter um intenso calor de humanidade, deve estar repleta da vontade de rimar com as preocupações espirituais do momento e não pode encerrar-se em uma atmosfera distinta da atmosfera social que todos respiramos, inclusive o artista. Não se pode sentir ofuscada para que a sombra dos problemas continentais e humanos desça até suas águas mais vibrantes. Além disso, não se deve esquecer que é possível satisfazer a finalidade estética, que lhe dá a razão de ser, sem prescindir dos sentimentos e idéias que vivem por direito próprio na alma e na personalidade da moderna arte americana, consubstanciados com ela, e vibrando, portanto, espontaneamente como cordas da mesma harpa, com que ela canta seu hino de beleza e de vida[217].

[216] *Idem*. Carta aberta a Legnani. In: *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, n. 39, julho de 1970, p. 73-75 (originalmente publicada em *Imparcial*, em 1927).
[217] *Idem*. La nueva función de la intelectualidad e del arte americanos. In: *La sensibilidad americana*. Montevideo: Maximino García, 1929, p. 77. Arte em maiúsculo no original.

Na mesma direção, Frugoni acrescentava que na Europa, devido a uma "infinita divisão do trabalho", os intelectuais podiam consagrar-se exclusivamente às atividades artísticas, ao passo que na América Latina a situação era diferente. Frugoni corroborou a fórmula do líder oitocentista pela unificação italiana Giuseppe Mazzini (1805-1872) – "as nações, ateliês da humanidade" – e preconizou a busca de uma arte própria americana:

> Se vamos ter uma arte própria, há de ser nem tanto para se individualizar em suas modalidades exteriores, mas por sua resposta às condições e necessidades históricas de nossa existência coletiva. O verdadeiro americanismo é internacionalismo e humanismo. Não reside no aspecto pitoresco das coisas nem nos modos superficiais ou externos à vida. Seu caráter próprio e definitivo deve vir de sua idealidade, que naturalmente é coisa do espírito. Se lhe falta essa idealidade, esse espírito, nós teremos *nativismos* ou *regionalismos* com um interesse geográfico mais ou menos acentuado, mas não teremos arte americana[218].

Frugoni preconizava, dessa forma, a construção de um americanismo que reafirmasse o caráter cosmopolita e humanístico da América Latina, em comunhão com as esferas mais vibrantes da vida dos seus habitantes. Além disso, o intelectual socialista inscrevia suas críticas aos movimentos nativistas e regionalistas que, a seu ver, ao enfatizar certos localismos perdiam a oportunidade de edificar uma efetiva arte que compartilhasse características comuns entre todas as regiões latino-americanas e do Globo.

Frugoni e Antuña uma vez mais divergiam claramente sobre tal polêmica. Ancorado em controvertidas considerações de Taine e Buckle sobre a América, Antuña advertia a todos aqueles que pensavam com Edgard Quinet, que na América do presente havia "germens de vida nova" e que novas direções se desenhavam no seu horizonte cultural, sobre a dificuldade da tarefa, tanto devido ao legado deixado pelos ibéricos quanto às formações humanas e sociais que se edificaram na América Latina:

> Até o presente, tão somente desfrutamos da herança intelectual, pobre, ainda que generosa, que nos legaram os conquistadores, que é a herança de ferro de um passado legendário e heróico, sempre palpitante através das origens coloniais e através do nebuloso cosmopolitismo invasor.

[218] *Ibidem*, p. 79.

> [...]
> É desatendendo a pessimistas e analíticos externos, que se anunciou o germe primeiro da alma americana. Apesar da confusão de raças e costumes, do estado amorfo de nossa sociabilidade e de todo o exótico que indetermina o ambiente, nós sentimos como no distante amanhecer, a consciência da alma genuína de nossa América...
> E este período embrionário e de formação que alenta a ilusão de uma grandeza por chegar, pode frutificar, acaso, em uma "literatura distinta" por sua originalidade? Acaso na bruma desse vago despertar, pode o poeta, o artista, o novelista alçar com audácia as asas de seu gênio?
> [...]
> Não se pode exigir racionalmente essa autonomia em toda a sua magnitude, dadas as manifestações de vida da incipiente sociedade de um continente ainda inorgânico e desagregado. Não poderia surgir senão uma arte resultante de fatores psicológicos inferiores ou, por outra parte, exclusivamente a pintura de uma exuberante natureza, como se àquela lhe satisfizesse o mero contingente dos motivos naturais[219].

Fica evidente que Antuña elaborava uma interpretação não somente a contrapelo do pensamento de Frugoni, mas de todo um movimento que se articulava na América Latina em busca da denominada "emancipação do discurso" e da arte, que já era possível de ser observada mesmo antes dos movimentos vanguardistas que brotavam em toda a região[220].

Além disso, a citação de Antuña revelava uma visão de que a arte e a cultura só poderiam vir da Europa, que os "povos americanos" eram "inferiores" e que, na América, só a natureza era exuberante e própria. Antuña expressava novamente o seu olhar extremamente conservador sobre a América Latina, pois, segundo ele, nossa única herança provinha dos colonizadores e ainda por cima, herança pobre apesar de generosa. No entanto, como veremos no próximo capítulo, devemos matizar essa interpretação de Antuña, pois ele passará a exaltar a tradição católico-conservadora ibérica a partir de finais da década de 20.

Frugoni e Antuña publicavam esses textos durante a segunda metade dos anos 20, período em que os movimentos vanguardistas latino-americanos ainda colhiam frutos significativos, bem como se ampliava o número de vozes, acima de tudo, entre os grupos comunistas que defendiam a reestruturação dos círculos artísticos e literários em torno do

[219] ANTUÑA, José G. Sobre la autonomía literaria de América. In: *Litterae*. Ensayos, Crítica, Comentarios. Paris: Impremérie Artistique A. Fabre, 1926, p. 210-212.
[220] Cf. PIZARRO, Ana (org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. A emancipação do discurso. São Paulo: Memorial; Campinas: Unicamp, 1994, v. 2.

realismo socialista. Vale lembrar que Frugoni foi um crítico habitual desse movimento em armonia com suas censuras ao ideário e às práticas comunistas.

Além disso, o artigo publicado por Antuña em Paris constitui uma peça-chave para podermos entender porque ele foi esquecido nos anos 60/70, um período de força da intelectualidade de esquerda, que reivindicava com maior ênfase a valorização dos caracteres próprios latino-americanos e a fusão dos homens de letras com a dita cultura popular.

Quijano, que não era "literato" ou poeta, como Frugoni e Antuña, coincidia sobretudo com o socialista uruguaio a respeito da imperativa ação dos intelectuais na vida política de todas as nações latino-americanas. Entretanto, Quijano realçava a necessidade de um olhar de "especialista" ou mais fundamentado e detalhado sobre as principais demandas dos países da América Latina.

Após destacar, como mencionamos no capítulo anterior, o caráter associativo e anti-imperialista da Associação Geral de Estudantes Latino-Americanos (AGELA), Quijano destacou que as reuniões semanais dos seus membros representaram um exemplo de frutífero estudo dos problemas latino-americanos mais urgentes:

> Permitam-nos dizer que estas conversações semanais têm, a nosso ver, uma extrema importância e serão de um fecundíssimo resultado. Acreditamos que pela primeira vez se estudam de uma maneira científica e objetiva, por latino-americanos, os problemas vitais de nosso continente. Acreditamos que é a primeira vez que se tenciona esse esforço de compreensão e de mútuo conhecimento, de maior utilidade que todas as declarações e todos os manifestos sobre nossa solidariedade, e que constitui a base imprescindível para toda a ação política futura na América. Acreditamos que esta obra somente será suficiente para que a AGELA não seja esquecida e para que sua ação se prolongue a todos os futuros movimentos políticos de nosso continente.
> [...]
> *Aprendre* ou *perir*, dizia nestes dias em referência aos problemas da Europa, um velho mestre da política. A divisa é da mais urgente aplicação na América. Contra a demagogia estúpida, contra o charlatanismo, contra a ignorância, contra a estreiteza regionalista, produto precisamente desta ignorância que se nega a ver, e às vezes nem suspeita sobre o que está fora da fronteira das pátrias pequenas, se não quisermos perecer, é necessário que nos concentremos em estudar, estudar e estudar[221].

[221] QUIJANO, Carlos. La Asociación General de Estudiantes Latinoamericanos en París. Su obra y su programa. In: *América Latina, una nación de Repúblicas*. Montevideo: Cámara de Representantes, 1989, p. 23, (artigo publicado originalmente em *El País*, em 04 de maio de 1927).

Em 1928, já de volta ao Uruguai, Quijano reafirmou a necessidade do estudo profundo dos problemas vitais de cada país latino-americano e realçou que era necessário reconhecer a centralidade dos temas econômicos na vida das principais nações do mundo, como ocorria nos Estados Unidos, na União Soviética, na França e no México pós-revolucionário. Para Quijano, o México tinha resolvido nos últimos anos o problema da reforma agrária que era, a seu ver, "substancialmente um problema econômico"[222].

No caso específico do Uruguai, Quijano assinalou a escassez de estatísticas, de estudos de economia política e sobre sua política exterior, baseados em dados a respeito de sua balança de pagamentos, sem os quais não se poderia, no seu entender, traçar qualquer projeto de política social:

> Somos um país, portanto, que não temos nenhuma base para iniciar uma política social. Fala-se agora – vamos tocar um tema palpitante, para animar um pouco o ambiente – do problema do salário mínimo. No entanto, o salário mínimo não pode ser decidido por um simples decreto – se vocês permitem a palavra – pelos legisladores. É um problema de uma transcendência social e econômica vastíssima, que demanda uma decisão baseada em dados econômicos, que inexistem nesse sentido. [...]
> Tomemos qualquer outro problema fundamental do país: o regime de impostos. É uma das coisas mais complexas, mais abstrusas e menos científicas que conheço.
> [...]
> Vejam, portanto, a necessidade urgente que temos em criar de uma vez por todas uma Faculdade de Ciências Econômicas, que seja o centro de direção, de controle fiscal e de previdência nessa matéria de ciência econômica e ciência financeira. Eu diria mais – sem que isto implique que saia do tema. Entendo que o problema fundamental de nossa democracia está ligado precisamente à criação de técnicos em matéria de economia. Tudo o que é denominado 'a crise atual dos parlamentos' – vocês a conhecem tão bem quanto eu – deriva-se precisamente disso, de que os parlamentos costumam estar integrados por gente que não conhece os problemas econômicos e, como não conhecem os problemas econômicos, as coisas fundamentais e vitais do país não se resolvem[223].

Um dos desenlaces parciais de tal visão expressada por Quijano ocorreu durante o debate sobre o projeto de emissão de dívida pública para a realização de obras de infra-

[222] *Idem*. La Facultad de Ciencias Económicas. In: *Cultura, personalidades y mensajes*. Montevideo: Cámara de Representantes, 1992, p. 69-71 (originalmente publicado pela *Revista Histórica del Partido Nacional*, em 03 de agosto de 1928).
[223] *Ibidem*, p. 72-73.

estrutura viária e hidrográfica, em 11 de abril de 1930. O empréstimo de banqueiros norte-americanos ou britânicos levantou uma expressiva polêmica entre os parlamentares.

Durante aquela sessão, Frugoni posicionou-se totalmente contra o empréstimo e argumentou que o Uruguai deveria guiar-se por um dever moral, antes que por supostas necessidades, ao passo que Quijano, embora reprovasse a contratação do empréstimo com os Estados Unidos, não se opôs ao projeto, uma vez que sustentava que era necessário modernizar a infra-estrutura do país e, portanto, sua economia[224].

Além disso, Quijano reclamou um tratamento mais fundamentado sobre o tema e criticou parte do discurso do deputado socialista por sua falta de conhecimento técnico e pela estreiteza de sua visão naquele momento. Para Quijano, às vezes era necessário pedir um empréstimo, ainda que tal operação revelasse a debilidade de um Estado que não podia contar com capitais nacionais para a realização de projetos fundamentais para a nação[225].

2.2 Plano cultural e sociabilidades intelectuais

Até aqui sustentamos a evidente articulação entre a esfera cultural e a esfera política no Uruguai durante as primeiras décadas do século XX. Daqui em diante iremos focalizar algumas transformações por que passaram esses planos, com especial ênfase sobre as sociabilidades de Frugoni, Antuña e Quijano.

Se o *Ateneo* de Montevideo desempenhou um papel de destaque para a gênese dos intelectuais e políticos de proa do Uruguai de finais do século XIX, por outro lado, a ampliação do ensino primário e secundário facilitou o acesso da população à denominada cultura letrada. Além disso, a *Universidad de la República* (UDELAR), ao lado dos círculos

[224] Diario de Sesiones de la Cámara de Representantes. Tomo 361. Montevideo: Imprenta Nacional, 1931, p. 464.
[225] *Ibidem*, p. 544-545.

jornalísticos, passaram a desempenhar um papel gradativamente mais destacado para a formação dos novos grupos políticos e intelectuais nos princípios do século XX.

A ebulição de iniciativas para a renovação e ampliação desses grupos respondia às profundas modificações que a imigração e a urbanização acelerada imprimiam sobre a sociedade nacional, especialmente em Montevideo, e buscava expor suas divergências em relação às disputas político-intelectuais protagonizadas por *blancos* e colorados.

Frugoni foi o regente de uma dessas iniciativas ao liderar a fundação do *Centro Obrero Socialista*, em 1904, bem como do *Centro Carlos Marx*, que estava destinado a formar grupos de estudos sobre as obras escritas pelo intelectual alemão, dentre outros. A fusão desses centros, em 1905, operou como um dos principais antecedentes que possibilitou a fundação do Partido Socialista, em 1910.

Entretanto, a sociabilidade de Frugoni foi mais diversificada, pois neste mesmo período participou ao lado de Rodó e do escritor conservador Carlos Reyles (1868-1938) como jurado de concursos literários do "colorado" *Club Vida Nueva*, anteriormente denominado *Club Libertad*, o que de certa maneira lhe propiciara colaborar como crítico teatral para o jornal *El Día*.

Enquanto Frugoni concluía seus estudos na Faculdade de Direito e Antuña ingressava na mesma instituição, a UDELAR passava por um processo de reforma universitária, que levantou, em 1908, algumas das principais questões reivindicadas uma década depois pela Reforma Universitária cordobesa de 1918[226].

Se avançamos por esses dez anos, chegamos ao período em que Quijano ingressou em uma universidade marcada pelos ecos de um novo impulso reformista. Tanto a sua trajetória

[226] A Reforma Universitária iniciada na cidade argentina de Córdoba criticou o poder das oligarquias argentinas e latino-americanas e reivindicou a democratização e modernização do ensino universitário, com a maior participação dos estudantes na sua direção e renovação dos conteúdos ministrados. Além disso, a Reforma Universitária de 1918 propunha a aproximação entre os estudantes latino-americanos e foi responsável pela elaboração de um significativo discurso antiimperialista. Cf. PORTANTIERO, Juan Carlos. *Estudiantes y política en América Latina. El proceso de la reforma universitaria (1918-1938)*. México: Siglo XXI, 1978. Sobre a reforma da UDELAR, em 1908, ver: ODDONE, Juan A.; PARÍS, Blanca. *La universidad uruguaya del militarismo a la crisis, 1885-1958*. Tomo II. Montevideo: Universidad de la República, 1971, p. 108-118.

quanto a de Frugoni convergiram nos finais dos anos 20 e durante os 30 no sentido da democratização do ensino universitário, uma vez que lecionaram simultaneamente na Universidade Popular uruguaia. Além disso, foram eleitos representantes dos alunos nos foros universitários em vários momentos.

Em 1936, a redação de *Acción* expressou sua opinião acerca das Universidades Populares, após sofrerem restrições por parte do governo de Gabriel Terra:

> As Universidades Populares – fazemos nossas as palavras de *Jornada* – constituem o esforço mais desinteressado e profundo do povo à procura de sua própria cultura. Nada foi criado nesta última época que inspire mais o aplauso e a admiração. É obra do povo, do verdadeiro povo, que busca seu caminho nesta hora incerta para o seu próprio destino[227].

Em linhas gerais, o ambiente cultural uruguaio ganhou novos contornos durante o período entreguerras, que, não obstante a fundação de revistas nutridas por mananciais vanguardistas e em alguns casos mais preocupadas com questões estéticas, se iniciou permeado pela convergência com a esfera estatal, como argumentou Hugo Achugar[228].

Durante a década de 1930, podemos discernir algumas bifurcações mais combativas no cenário cultural e intelectual uruguaio. Se, por um lado, Antuña galgava uma posição de cúpula nos círculos oficiais, por outro, a fundação do semanário *Acción*, da *Asociación de Intelectuales, Artistas, Periodistas y Escritores* (AIAPE) e de *Marcha*, além do projeto editorial *Sociedad Amigos del Libro Rioplatense*, propiciaram a Quijano e a Frugoni, dentre outros expressivos intelectuais do período, participar de círculos intelectuais que não se ancoravam em iniciativas estatais.

---

[227] El ataque a las universidades populares. In: *Acción*, Montevideo, ano V, n. 133, 27 de junho de 1936, p. 4.

[228] Ver ACHUGAR, Hugo. Paisajes y escenarios de la vida privada, literatura uruguaya entre 1920 y 1990. In: BARRÁN, José Pedro & CAETANO, Gerardo & PORZECANSKI, Teresa. *Historias de la vida privada en el Uruguay*. Individuo y soledades (1920-1990). 2ª ed. Montevideo: Santillana, 1998, p. 209-215. Sobre a vanguarda no Uruguai, consultar: RODRÍGUEZ MONEGAL, Emir. El olvidado ultraísmo uruguayo. In: *Revista Iberoamericana*. Madri, n.118-119, jan-jun., 1982, p. 257-274; ROCCA, Pablo. Las rupturas del discurso poético (De la vanguardia y sus cuestionamientos, 1920-1940). In: RAVIOLO, Heber; ROCCA, Pablo (dir.). *Historia de la literatura uruguaya contemporánea*. Una *literatura en movimiento (Poesía, Teatro y otros géneros)*. Tomo II Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1997, p. 9-59.

Vale destacar que, inicialmente com *Acción* e posteriormente com *Marcha*, Quijano nucleou um grupo claramente heterogêneo de intelectuais que desempenhou um papel de destaque a respeito das direções a serem seguidas pelo meio cultural e político do país. Além dos fundadores Quijano, Arturo Ardao e Julio Castro, freqüentaram suas oficinas Juan Carlos Onetti, Emir Rodríguez Monegal, Ángel Rama, Eduardo Galeano, Carlos Martínez Moreno, Carlos Real de Azúa etc. Além disso, tais semanários habitualmente mantiveram canais de comunicação com intelectuais e políticos de outros países americanos e europeus, particularmente aqueles que ocupavam posições de luta pela democracia, a favor das emancipações coloniais ou que sofriam perseguições políticas.

A AIAPE foi criada em Montevideo, em1936, após a fundação da unidade inicial na Argentina. Seus principais representantes foram Antonio Grampone, Paulina Luisi, Arturo Prunell, Frugoni, Quijano, Eugenio Petit Muñoz, Luisa Luisi e Justino Zabala Muniz, que a promoveram nas páginas de *Acción* e *Marcha*. A AIAPE perseguia o objetivo comum de congregar seus representantes em torno da luta pela democracia, a favor da República Espanhola, e "orientar o movimento intelectual do país, no sentido da defesa da cultura diante da ameaça que para ela representam o fascismo e demais forças regressivas"[229].

Para citar dois exemplos, em setembro de 1938, *Acción* publicou uma conferência de Guillermo García Moyano sobre a nacionalização do petróleo no México pelo governo de Lázaro Cárdenas, durante o ato organizado pela AIAPE para demonstrar o seu apoio ao aquele país[230].

Em 1941, *Marcha* estampou outro pedido de mobilização por parte dos intelectuais, por meio da pluma de Sofía Arzarello, que enfocou as proezas de Luis Carlos Prestes:

---

[229] AIAPE (Agrupación de Intelectuales, Artistas, Profesionales, Periodistas y Escritores). In: *Acción*, Montevideo, ano V, n. 140, 20 de outubro de 1936, p. 2. Ver também: CELENTANO, Adrián. Ideas e intelectuales en la formación de una red sudamericana antifascista. In: *Literatura y lingüística*, Santiago de Chile, Universidad Católica Cardenal Raúl Silva Henríquez, n. 17, 2006, p. 195-218.

[230] GARCÍA MOYANO, Guillermo. México y su problema petrolero. Conferencia pronunciada en el acto de homenaje a México organizado por AIAPE. In: *Acción*, Montevideo, ano VI, n. 176, 10 de setembro de 1938, p. 4-5.

> É possível que ainda hoje se pergunte se o intelectual deve ocupar um lugar na luta. [...] Em momentos em que o mundo sangra, o reclamo é dramático. Deve o intelectual ocupar seu posto na luta! Esta é o choque entre dois elementos: a força que vem do passado e segue adiante, e a força que arranca do presente e segue para trás. Ambas entranham um problema único: o da cultura. Deve o intelectual ocupar um lugar na luta?[231]

Finalmente, o último governo do período ditatorial, liderado por Alfredo Baldomir, captou as pressões da população uruguaia a favor dos Aliados, além de buscar a aliança das principais forças políticas democráticas, à exceção da ANDS liderada por Quijano e do Partido Socialista, para protagonizar o denominado *golpe bueno*, que arquitetou uma reforma política e constitucional, aprovada pela população por meio de um plebiscito[232].

Para Quijano, a transição conduzida por um herdeiro do *marzismo*[233] era bastante crítica, pois, a seu ver, borrava uma das piores gestões administrativas do Uruguai. Além disso, Quijano sustentava que a tímida reforma constitucional conservava as bases da Constituição de 1934 e que a sua aprovação mediante o voto popular não representava a verdadeira opinião da população, que não tivera a oportunidade de discuti-la amplamente:

> O grande renascimento nacional que poderia ter originado a pilhagem de 33, terminou, assim, em uma opereta jocosa. Opereta ou tragicomédia. Ao governo do general Baldomir lhe corresponderá, portanto, esta triste honra: ter vencido uma grande esperança de reconquistar a pátria. Em sua defesa, repetimos, somente cabe dizer que toda a responsabilidade, que talvez a maior parte da responsabilidade não é sua: é dos dirigentes da oposição, alguns dos quais podem se considerar triunfadores efêmeros da hora que passa. Dos dirigentes, inferiores ao seu destino e à sua missão. Diz-se: isto é política. É uma política, nunca justificável, mas acaso capaz de dar resultado em outros tempos. Agora continua a ser tão justificável como antes e, ademais, seguramente é infecunda.
> O forno não está para bolos, nem os dias para habilidades.
> Também é preciso gritar que, se isto é a política, então que a façam outros.
> Provar que não o é, é a árdua tarefa que nos espera[234].

De 1942 a 1973, o Uruguai exercitou outro considerável período democrático, que promoveu, por sua vez, a diversificação dos espaços culturais e intelectuais. Os battlistas,

---

[231] AIAPE. La hora de la acción. In: *Marcha*, Montevideo, ano III, n. 107, 01º de agosto de 1941, p. 18.

[232] Cf. DUTRÉNIT, Silvia B. Uruguay: Golpe malo, golpe bueno: los reajustes del sistema político después de 1930. In: ANSALDI, Waldo (ed.). *Tierra en llamas. América Latina en los años 1930*. La Plata: Ediciones Al Margen, 2002, p. 56-57. Ver também: FREGA, Ana; MARONNA, Mónica; TROCHON, Yvette. *Baldomir y la restauración democrática (1938-1946)*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1987.

[233] Como era denominado o regime ditatorial uruguaio por Quijano e demais opositores, em alusão ao mês em que o golpe de 1933 fora executado.

[234] QUIJANO, Carlos. Despedida. In: *Marcha*, Montevideo, ano V, n. 174, 26 de fevereiro de 1943, p. 4.

principal setor de oposição intrapartidária do terrismo, conseguiram rearticular-se nos anos 40 e voltaram a ocupar a cadeira presidencial em 1947, com Luis Batlle Berres, que era sobrinho de José Batlle y Ordóñez. No entanto, já no governo anterior de Juan José de Amézaga, o Uruguai começava a sentir os ventos favoráveis do fim da Segunda Guerra Mundial e iniciava o denominado "decênio glorioso" (1945-1955). Todavia, de 1955 a 1973 o contexto tornou-se gradativamente menos favorável e bastante conflituoso.

Emir Rodríguez Monegal assinalou as importantes iniciativas financiadas pelo governo no plano cultural: apoio a instituições como a *Asociación Uruguaya de Escritores* (AUDE); estímulo à produção cultural com o aumento dos prêmios concedidos pelo Ministério da Instrução Pública; criação da Faculdade de Humanidades e Ciências da Educação, integrante da UDELAR; fundação da Comédia Nacional; ampliação do acervo bibliográfico da Biblioteca Nacional[235].

Ángel Rama, por sua vez, também destacou o essencial amparo do Estado às atividades no terreno cultural e argumentou que esse apoio representou "uma preocupação cultural orientada principalmente à instrução massiva, ainda que incorporasse a formação de elites de elevado padrão"[236].

Além disso, o Museu Histórico Nacional foi reorganizado; ocorreu a fundação do *Instituto Nacional de Investigaciones y Archivos Literarios* (INIAL), em 1947; foi criado o *Instituto de Profesores Artigas* (IPA), em 1950, responsável pela formação docente de ensino secundário; e a Biblioteca Nacional foi reformada e ampliada, nos começos dos anos 50[237].

[235] RODRÍGUEZ MONEGAL, Emir. *Literatura uruguaya del medio siglo*. Montevideo: Alfa, 1966, p. 36.
[236] RAMA, Ángel. La generación crítica. In: BENVENUTO, Luis Carlos (org.). *Uruguay hoy*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1971, p. 337.
[237] ROCCA, Pablo. *Ángel Rama, Emir Rodríguez Monegal y el Brasil: Dos caras de un proyecto latinoamericano*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2006, p. 124-125.

2.3 Vicissitudes e dilemas do mercado editorial uruguaio

Durante as décadas de 40 e 50, Rodríguez Monegal dirigiu as páginas culturais de *Marcha* e colocou em primeiro plano o mundo das edições no país, ao constatar que a situação era preocupante e lastimável, uma vez que as principais editoras do Uruguai haviam fechado suas portas.

O crítico uruguaio realçou que era muito mais oneroso publicar um livro no Uruguai do que em outros países latino-americanos, e não por falta de "oficinas especializadas", "técnicos capazes", "escritores ávidos" e até mesmo de capital, mas devido ao público leitor relativamente pequeno do país[238].

O artigo ainda assinalou que o mercado editorial uruguaio havia perdido duas oportunidades para expandir suas atividades. A primeira durante o declínio da produção espanhola e posteriormente quando o peronismo conduzia os rumos políticos e culturais da Argentina. Segundo Rodríguez Monegal, muitas editoras daquele país haviam pensado em trasladar suas unidades gráficas para o Uruguai, mas foram desestimuladas pelos elevados orçamentos que teriam que dispor para poder publicar da mesma forma que no país de origem, preferindo manter suas atividades na Argentina, ainda que fossem alvo de perseguições e censuras.

Apesar de não haver estudos mais minuciosos sobre as edições no Uruguai da primeira metade do século XX, podemos concordar com Rodríguez Monegal com respeito aos freqüentes altos e baixos de uma indústria que raramente contou com o apoio estatal até os princípios dos anos 50.

O historiador Carlos Zubillaga analisou, em um breve artigo, o papel desempenhado por editores galegos durante a virada do século XIX para o XX e demonstrou que tais

[238] RODRÍGUEZ MONEGAL, Emir. El escritor y el problema editorial en nuestro país. In: *Marcha*, Montevideo, ano XIV, n. 659, 13 de fevereiro de 1953, p. 14.

personagens tiveram que conviver "geralmente em árduo debate com as estreitezas de um mercado editorial reduzido e de uma política cultural inconsistente quando não ausente"[239].

Alberto Zum Felde, por outro lado, assinalou que a maioria dos livros de autores nacionais, publicados no último quartel do oitocentos, havia saído das tipografias de Dornaleche y Reyes, ao passo que o anarquista Orsini Bertani desempenhava um papel vital para a edição dos novos autores nacionais nas duas primeiras décadas do novo século[240].

Ainda que o panorama editorial uruguaio não se mostrava muito alentador, Frugoni e Antuña possuíam algumas opções para a publicação de suas obras. Frugoni provavelmente se aproximou de Bertani por questões ideológicas, mas também publicou parte de suas obras ensaísticas pela editora dos irmãos galegos Claudio e Maximino García.

Por outro lado, durante o período em que os setores conservadores do Partido Colorado governaram o Uruguai, de 1916 a 1946, praticamente todas as obras que Antuña publicou por editoras nacionais estiveram vinculadas ao fomento estatal, à exceção de *Acción parlamentaria*, publicada pela editorial *Gómez y Cía.*, em 1924.

Traço comum entre ambos, e em menor medida com relação a Quijano, foi a busca da publicação de parte substantiva de sua obra por editoras estrangeiras, principalmente argentinas, no caso de Frugoni, ou francesas, argentinas e espanholas por parte de Antuña. Essa prática revelava a necessidade de alguns autores nacionais em buscar o amparo de indústrias editoriais mais estruturadas e estáveis. Entretanto, também operava como uma estratégia publicitária bem planejada, que tinha como objetivo promover uma mais ampla circulação de seus textos.

Antuña publicou sete obras em Paris, ao longo de suas idas e vindas da capital francesa, entre 1925 e 1930. Durante a segunda metade da década de 1930, publicou outras

[239] ZUBILLAGA, Carlos. Libreros y editores gallegos en Montevideo. In: *Madrygal*, Madri, n. 2, 1999, p. 139.
[240] ZUM FELDE, Alberto. *Proceso intelectual del Uruguay.* III – La promoción del Centenario. 3ª ed. Montevideo: Ediciones del Nuevo Mundo, 1967, p. 40-41.

duas obras pela editorial argentina M. Gleizer, e a partir dos anos quarenta publicou algumas obras em território espanhol.

Quijano publicou *Nicaragua*. *Ensayo sobre el imperialismo de los Estados Unidos*, em Paris, em 1928, com o amparo da AGELA, após a paulatina exposição de sua publicação nas colunas do diário *El País*, durante 1927. O jovem intelectual uruguaio conseguiu, dessa maneira, uma maior circulação de seu ensaio político entre os setores intelectuais hispano-americanos e europeus.

Por outro lado, Frugoni não buscou publicar suas obras em terras européias, mas, assim como Antuña, desde meados da década de 1910, enviou contribuições para a revista argentina *Nosotros*. Além disso, o seu exílio na Argentina, desde abril de 1933 até meados de 1934, consolidou seu laços de amizade e cooperação intelectual com os membros da editora Claridad.

Importa ressaltar que os impressos de Claridad possuíam uma ampla difusão no período em toda a América Hispânica. A editora se definia como uma "tribuna de pensamento esquerdista" e representou um importante local de sociabilidade intelectual, nucleado em torno de seu diretor Antonio Zamora[241].

Como destacava o anúncio nas últimas páginas de *La revolución del machete. Panorama político del Uruguay*, primeira obra de Frugoni publicada pelas impressoras de Zamora, em 1934, a revista *Claridad* tinha uma tiragem de 10.000 exemplares e circulava por todos os países de língua espanhola, o que provavelmente também ocorria com os livros publicados pela editora homônima.

Além da obra acima citada, Frugoni publicou pela editora argentina *Las tres dimensiones de la democracia* (1944), *De Montevideo a Moscú* (1945) e *La esfinge roja*

[241] Cf. FERREIRA DE CASSONE, Florencia. *Claridad y el internacionalismo americano*. Buenos Aires: Claridad, 1998.

(1948). Além disso, Frugoni publicou *Génesis, esencia y fundamentos del socialismo* (1947) por outra editorial argentina denominada Américalee.

Na década anterior, não obstante, Frugoni havia participado de uma das iniciativas mais interessantes no campo das edições no Uruguai, que escreveu um capítulo singular na trajetória editorial do país, bem como revelou os reveses de sua prática de produção livresca. Fazemos referência à criação da *Sociedad Amigos del Libro Rioplatense* (SALRP) que congregou vários intelectuais uruguaios e argentinos para a publicação de jovens e consagrados autores desses países[242].

O vigésimo primeiro volume editado pela SALRP, em 1935, foi *El nuevo acento* de José G. Antuña, figura intelectual que era deliberadamente adversário de Emilio Frugoni e que não nutria muitas simpatias por outros membros do comitê consultor da editora. Essa obra de Antuña foi premiada pelo Ministério de Instrução Pública, mas não passou incólume pelas páginas de crítica literária de *Acción*, como veremos no próximo capítulo.

Cabe ressaltar que, nesse período, Antuña enfatizava o problema dos direitos autorais. Em 1921, o então deputado colorado criticou a falta de uma legislação específica para os direitos autorais de obras estrangeiras. O resultado, a seu ver, era perverso para o autor nacional. Antuña sustentava que somente subsistiam os tradutores em detrimento dos escritores porque aqueles não tinham que pagar tributos pelo seu trabalho[243].

[242] Segundo o testemunho de Edmundo Miller, que foi o seu administrador geral, a SALRP foi fundada, em 1932, pelo uruguaio Agustín de Ocampo, que vivia na Argentina desde 1914. Ocampo trabalhava em Buenos Aires para o *Palacio del Libro*. Os editores argentinos estavam de olho no mercado uruguaio e o encarregaram da criação de uma sucursal do *Palacio del Libro* em Montevideo. Com a experiência no mercado livreiro, Ocampo capitaneou a fundação da cooperativa editorial conhecida como SALRP. Cf. MILLER, Juan Edmundo. *El sembrador (Emilio Frugoni)*. Trayectoria biográfica de "el gran traicionado". Relatos. Primeira parte. Montevideo: Record, 1973, p. 50.

[243] ANTUÑA, José G. La propiedad literaria y artística. In: *Acción parlamentaria*. Montevideo: Gómez y Cia, 1924, p. 4.

Durante os anos trinta, ao ocupar uma posição de maior visibilidade na vitrine política e intelectual do Uruguai, Antuña voltou a reivindicar uma maior mobilização a favor do reconhecimento dos direitos autorais no país e nas Américas[244].

Finalmente, em 17 de dezembro de 1937, o parlamento uruguaio promulgou a lei 9.739 de propriedade artística e literária e Antuña continuou com sua cruzada pela consolidação dos direitos autorais, bem como pela formação da consciência de escritor, como evidenciou em *Estatuto Universal del Derecho de Autor* (1947).

Outro capítulo importante da indústria editorial uruguaia refere-se à incursão estatal em seus âmbitos com a publicação da *Biblioteca Artigas, Colección de Clásicos Uruguayos*, a partir de 1950. Esse empreendimento estatal foi duramente criticado por Rodríguez Monegal, mas foi importante para dar um novo impulso para a divulgação de autores nacionais, já consagrados ou coetâneos[245].

Segundo Pablo Rocca, foram publicados 128 títulos pela *Biblioteca Artigas, Colección de Clásicos Uruguayos*, com prólogos dos mais destacados intelectuais, como, por exemplo, Real de Azúa, Rodríguez Monegal, Rama e Carlos Martínez Moreno, entre 1950 e 1968. No entanto, a partir deste ano, após o assassinato do estudante Líber Arce e dos freqüentes desencontros entre um governo cerceador e grupos intelectuais e políticos notoriamente participativos, as fissuras entre a intelectualidade e o Executivo colorado tornaram-se irremediáveis[246].

---

[244] *Idem*. Pequeña historia de una vocación. In: *El inquieto horizonte*. Montevideo: Talleres Gráficos Institutos Penales, 1937, p. 16; Idem. La propiedad intelectual en América. In: *Perspectivas de América*. Temas, acontecimientos y monografías continentales. Buenos Aires: M. Gleizer, 1938, p. 177-196.

[245] Rodríguez Monegal alertava para o risco de uma editora do Estado "de não discriminar esteticamente e de discriminar politicamente". Cf. RODRÍGUEZ MONEGAL, Emir. El escritor y el problema editorial en nuestro país. In: *Marcha*, Montevideo, ano XIV, n. 659, 13 de fevereiro de 1953, p. 15. Ver também: *Idem*. Letras Nacionales. La Biblioteca Artigas y el Estado Editor. In: *Marcha*, Montevideo, ano XV, n. 689, 25 de setembro de 1953, p. 14-15. Cabe ressaltar que seria interessante comparar a Biblioteca Artigas com a Coleção Brasiliana, marcadas por pontos em comum, mas também por diferenças. Cf. DUTRA, Eliana de Freitas. Nação nos Livros: A Biblioteca Ideal na Coleção Brasiliana. In: DUTRA, Eliana de Freitas, MOLLIER, Jean-Yves (eds.). *Política, nação e edição. O lugar dos impressos na construção da vida política. Brasil, Europa e Américas nos séculos VXIII-XX*. São Paulo: Annablume, 2006, p. 299-314.

[246] ROCCA, Pablo. La política oficial del libro: Hablar sobre la nada. In: *Siete sobre Siete*, Montevideo, n. 89, 16 de maio de 2005, p. 5.

Sinal dos tempos – e uma peça a menos para montar o quebra-cabeças que nos propusemos –, precisamente em 1969 Antuña reeditava *Un panorama del espíritu. El Ariel de Rodó*, como a 136ª obra clássica da *Biblioteca Artigas*, cujo "prólogo" reproduzia a crítica elogiosa do também conservador Raúl Montero Bustamante, publicada pela *Revista Nacional*, em 1953.

Após a saída de Rodríguez Monegal, Ángel Rama o substituiu na direção das páginas literárias de *Marcha* e iniciou um estudo literário, que interpelava um grupo seleto de escritores sobre diversos aspectos da vida cultural e editorial do Uruguai. Suas perguntas eram as seguintes:

1. Que obras e que autores contribuíram mais para sua formação intelectual? Considera-se inscrito em uma tradição nacional ou mais vinculado a movimentos estéticos estrangeiros?
2. Há em sua vida algum acontecimento que teve profunda influência sobre sua criação intelectual?
3. Conseguiu realizar seus propósitos artísticos ou alguma coisa impediu sua completa realização? Quais as obras que escreveu lhe interessam mais e por quê?
4. Qual é o seu regime de trabalho? Tem obra inédita? Teve dificuldades para publicar? Em que obra trabalha e quais são seus projetos?
5. Que opina você da repercussão de sua obra no país e fora dele? Qual é o melhor crítico que teve?
6. Que papel desempenhou a promoção intelectual à qual pertence para o desenvolvimento cultural do país?
7. Que função desempenha o intelectual em nossa sociedade e, do seu ponto de vista, quais são as suas atividades mais pertinentes?
8. Que medidas concretas estima necessárias para manter viva a comunicação escritor-público?
9. Que pensa da literatura atual do país, narrativa, poesia e crítica?
10. Que correntes artísticas ou que autores você entende que apontam para o porvir imediato das letras?[247]

Frugoni seguiu à risca a ordem das perguntas de Rama e teceu a resposta mais vasta e pormenorizada à pesquisa. Para não truncar o texto, nos ateremos somente a algumas de suas respostas, destacando, em primeiro lugar, que o autor socialista deixou de responder se tivera problemas para publicar sua obra.

[247] Encuesta literaria de *Marcha*. Contesta Emilio Frugoni. In: *Marcha*, Montevideo, ano XXI, n. 1007, 06 de maio de 1960, p. 22-23.

Tal omissão sinalizava que esta não era uma inquietação latente para Frugoni, ao passo que palpitava nas páginas da "geração de 45", certamente porque Frugoni, ao proceder de uma família abastada, financiava a publicação de sua obra, como destacaram alguns de seus biógrafos.

Vale lembrar que Frugoni teve que investir na publicação de suas obras e em algumas vezes se envolveu em problemas com os editores, como destacou Edmundo Miller: "em muito raras exceções, a publicação de seus livros lhe representavam um 'gasto', e alguns editores nunca lhe renderam conta da venda. Houve até 'perdas' de originais que teve que reconstruir. Para ele, o importante era a divulgação, a docência"[248].

Com relação à sétima pergunta, que colocava em foco o papel do intelectual na sociedade, Frugoni, em declarado diálogo com suas obras anteriores, citou uma passagem central de *La nueva función de la intelectualidad y el arte americanos*, publicada em *La sensibilidad americana*, em 1929, para reafirmar a sua responsabilidade pública:

> 'Claro e alto é o destino das forças espirituais de nosso continente. Uma obra exige imperiosamente a aplicação dessas forças, que temos de empregar em proveito para a história do mundo: a obra de criar os novos poemas da vida, onde a humanidade se sinta finalmente reconciliada, acima das diferenças de raça e em meio da indestrutível harmonia dos interesses fundamentais'[249].

Ao responder a pergunta seguinte, Frugoni convergiu com grande parte das inquietações de Rodríguez Monegal e de Rama, e sustentou que somente havia uma medida eficaz para manter viva a comunicação entre o autor e o seu público leitor: "colocar a obra do escritor ao alcance de todos os bolsos. Abaratar o livro nacional e estimular a edição de livros nacionais"[250].

[248] Cf. MILLER, Juan Edmundo. *El sembrador (Emilio Frugoni)*. Trayectoria biográfica de "el gran traicionado". Relatos. Primeira parte. Montevideo: Record, 1973, p. 51.
[249] FRUGONI, Emilio. Encuesta literaria de *Marcha*. Contesta Emilio Frugoni. In: *Marcha*, Montevideo, ano XXI, n. 1007, 06 de maio de 1960, p. 23.
[250] *Ibidem*, p. 23.

Por outro lado, o mercado jornalístico expandiu suas atividades de forma bastante rápida durante as décadas de 40 e 50 devido aos importantes subsídios estatais. Segundo as estimativas de Roque Faraone, entre 1955 e 1958, a soma das tiragens dos nove diários mais importantes da capital, os matutinos *El Bien Público*, *El Debate*, *El Día*, *El País*, *La Mañana* e *La Tribuna Popular*, em conjunto com os vespertinos *Acción*, *El Diario* e *El Plata*, circundava a expressiva cifra de 500.000 exemplares para uma população de pouco mais de 2,5 milhões de habitantes[251].

Assim, o panorama para a publicação de livros no Uruguai não era muito favorável para os autores nacionais, que muitas vezes procuraram o apoio de editoras estrangeiras, devido tanto à sua maior estabilidade quanto ao seu alcance de circulação. No entanto, Frugoni, Antuña e, acima de tudo, Quijano encontraram nos jornais uruguaios um importante suporte para a divulgação de seus discursos. Nesse sentido, os semanários *Acción* e *Marcha* escreveram um capítulo central na vida jornalística do país.

2.4 *Acción* e *Marcha*

A maior parte dos textos de Quijano foi escrita para circular por meio dos periódicos de que participou e ajudou a conduzir, como a *Revista Ariel* (1919-1924), os diários *El País*[252] (1924-1930) e *El Nacional* (1930-1931), e os semanários *Acción* (1932-1939) e *Marcha* (1939-1974).

Nesta parte do capítulo, iremos dedicar algumas páginas, em linhas gerais, especialmente para *Acción* e *Marcha*, que desempenharam um papel vital para a formação das novas gerações intelectuais uruguaias, a partir dos anos 30, e também porque explicitaram o

[251] FARAONE, Roque. *La Prensa de Montevideo*: estudio sobre algunas de sus características. Montevideo: Biblioteca de publicaciones oficiales de la Facultad de Derecho y Ciencias Sociales de la Universidad de la República, 1960.

[252] A *Revista Ariel* foi publicada até 1931 e o diário *El País* é publicado até os dias atuais.

núcleo do pensamento de Quijano, principalmente no que toca à sua visão a respeito da América Latina e dos Estados Unidos. Cabe ainda ressaltar que Fugoni publicou certa parte de sua obra de cunho americanista em *Marcha* e que a sua redação foi palco de debates e de seminários, usualmente encabeçados por Quijano.

Os títulos dos dois semanários, finamente escolhidos e desenhados, indicavam ao leitor que a proposta de *Acción* e *Marcha* estava articulada à idéia de movimento contínuo, de infatigável batalhar a favor da transformação do mundo no qual se inseriam.

acción

Nuestras ideas en el interior

PROPOSITOS

El Nacional y Accion

Figura 1: 1º exemplar de *Acción*

O nome *Acción* possuía uma iconografia bastante interessante, em que as duas letras "c" em destaque representavam duas ondas, enquanto a letra "n" trazia um pé em sua segunda "perna". Dessa maneira, a percepção e recepção visual do título convergiam com os propósitos declarados pela redação: "*ACCIÓN* será o sismógrafo que recolherá e apontará todas as inquietações de uma juventude que quer colocar um gesto enérgico e voluntarioso em seu aporte, nessa tarefa de forjar o porvir". Além disso, tal semanário propalava que lutaria

pela justiça social, a favor da "emancipação do trabalhador", em um momento de "crise profunda" do capitalismo[253].

Da mesma maneira, *Marcha*, sete anos mais tarde, estamparia o título que convergia com sua prédica, alertaria com fotos sobre o suposto perigo nazista no Uruguai e não deixaria de assegurar a sua continuidade em relação à *Acción*, no artigo *ACCIÓN no ha muerto*. Segundo destacavam os redatores de *Marcha*:

> Nossa consagração total ao bem público chegou a identificar-se plenamente com sua existência. Foi impossível nestes anos sombrios em que nós vivemos conceber uma separada da outra.
> [...]
> Durante sete anos, foi, sem concorrência, a tribuna mais característica 'dos novos'[254].

Figura 2: 1º exemplar de *Marcha*

Devemos acrescentar ainda que, como já foi repetido insistentemente, *Marcha* trazia na capa de seu número inicial a proposta de que analisava "toda a semana em um dia" – objetivo também perseguido por *Acción* –, além da não menos ambiciosa fórmula de que expunha para o leitor "a verdade, mas toda a verdade".

[253] La Redacción. Propósitos. In: *Acción*, Montevideo, ano I, n. 1, 19 de março de 1932, p. 1 e 4.
[254] *ACCIÓN* no ha muerto. In: *Marcha*, Montevideo, ano I, n. 1, 23 de junho de 1939, p. 5.

Em segundo lugar, devemos também explicitar, de maneira breve, a estrutura de *Acción* e *Marcha*. Os primeiros números de *Acción* raramente ultrapassavam dez páginas, e se dedicavam fundamentalmente a comentários políticos, sendo que as relações entre o Uruguai, a América Latina em conjunto e os Estados Unidos recebiam um espaço de destaque desde aqueles momentos iniciais. Gradativamente, a diagramação de *Acción* ganhou uma estrutura mais organizada e deu origem, por exemplo, à criação da coluna *Cara y Cruz de América*, no número 167, de 15 de fevereiro de 1938.

Por outro lado, *Marcha* herdava de *Acción*, além da experiência de seus editores no mercado editorial, algumas de suas colunas, como a própria *Cara y Cruz de América*, que acrescentava ao seu título a denominação *La voz del continente*. O semanário que fora projetado para circular com 32 páginas, quase sempre não ultrapassou, em seus começos, as 24 páginas, que se dividiam em diversas seções, organizadas habitualmente da seguinte maneira: Editorial, comentários políticos, "a semana política" e "a semana econômica" nas primeiras páginas; entrelaçadas com política internacional, *Cara y Cruz de América* e um artigo sobre questões políticas, históricas, culturais ou filosóficas nas páginas centrais; e finalmente, na sua segunda metade, literatura, música, teatro, cinema, esportes "com humor", coluna feminina (três páginas), além de palavras cruzadas, jogos e charges. De forma paulatina, *Marcha* ampliou seu conteúdo e chegou a publicar em algumas edições comemorativas duas seções de 32 páginas cada uma.

Mais importante do que a interminável discussão catapultada por Rodríguez Monegal, em *Literatura uruguaya del medio siglo* (1966), a respeito da existência de "Dos *Marchas*", uma política e outra cultural, é anotar que o semanário passou durante os seus 35 anos – interrompidos somente devido a uma implacável perseguição ditatorial – por distintas transformações, que respondiam às inquietações políticas e culturais latejantes do momento, que freqüentemente não andavam por caminhos completamente desconexos.

Somente para algumas hipóteses bem gerais, para além das questões sobre estética e forma, as páginas culturais e de política nacional em *Marcha* teciam mais articulações do que inicialmente sugeria Rodríguez Monegal, particularmente no que tangia à convicção dos seus condutores de que o país necessitava de homens "novos" e decididos a lançar as bases de um projeto de edificação nacional, que certamente passava pela formação de um público leitor e consciente das necessidades de tal empreendimento, tanto no terreno político quanto no cultural, o que também marcava a discussão político-intelectual dos países vizinhos, como demonstrou Gabriela Pellegrino Soares[255].

Arturo Ardao também criticou a interpretação de Rodríguez Monegal, mas não tememos em arriscar que, além também da consideração de Ardao, de que na verdade haviam "duas partes de *Marcha*"[256], *Marcha*(s) foram muitas, dentro e fora das colunas.

Com a desvinculação de Rodríguez Monegal de *Marcha* e a entrada de Rama, em 1958, os pontos de contato se alentaram de maneira inquestionável, ao convergir com as páginas de política internacional, que recebiam um espaço de destaque no semanário. Nas páginas iniciais, os autores enfocavam as lutas anticoloniais (Argélia e Porto Rico), as revoluções (Bolívia, Guatemala e Cuba), as relações entre o Uruguai e os seus contornos, bem como as disputas entre os Estados Unidos e a União Soviética. Com Rama, *Marcha* estreitou os laços com as correntes literárias latino-americanas e buscou promover os autores que mantinham relações mais estreitas com a vida política, ainda que, assim como sucedia no caso da revista cubana *Lunes de Revolución*[257], os debates não se circunscrevessem à política ou menosprezassem as experimentações estéticas e de forma.

---

[255] SOARES, Gabriela Pellegrino. *Semear horizontes: uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil (1915-1954)*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

[256] Cf. ARDAO, Arturo. ¿Dos *Marchas*? In: *Cuadernos de Marcha*, tercera época, Montevideo, ano XIV, n. 151, junho de 1999, p. 14-17.

[257] Cf. MISKULIN, Sílvia Cezar. *Cultura Ilhada: imprensa e Revolução Cubana (1959-1961)*. São Paulo: Xamã, 2003. Convém precisar, entretanto, que ao contrário do periódico cubano, *Marcha* não era amparada por financiamento estatal, e mantinha-se como uma tribuna de oposição frente à denominada política oficial.

O terceiro ponto a ser tomado em consideração sobre *Acción* e *Marcha* refere-se aos desafios e contratempos por que passaram como empresas editoriais, durante quarenta e dois anos de profundas transformações do cenário político-cultural uruguaio.

Os redatores de *Acción* requisitaram constantemente aos seus colaboradores e leitores maior apoio para possibilitar a sua publicação e ampliação. Quando *Acción* completou seis meses de vida, ao realizar o balanço da derrota política da ANDS, em 1931, o que levara ao fechamento de *El Nacional*, Quijano assinalou que esse diário permanecia em *Acción*, projeto editorial que, a despeito das reservas de muitos, já possuía uma tiragem superior a de outros diários e sobrevivia equilibradamente das cotas das assinaturas[258].

Até o golpe de 1933, as atividades de *Acción* marchavam compassadas com as expectativas de seus redatores, que planejavam retomar a publicação de *El Nacional* para as próximas batalhas políticas. Contudo, o tom tornou-se bastante dramático, após o golpe e levou os seus diretores a intensificar a dupla campanha a favor de sua publicação.

Em dezembro de 1932, *Acción* declarava que já havia cumprido o seu "destino" de fazer política sem ter que ocupar cargos políticos e resumiu os seus principais projetos para o futuro:

> A essa *Acción* de 10 páginas e 3.000 exemplares, que não publica mais do que comentários políticos, queremos substituí-la por outra maior de 24 páginas, e que mais do que artigos de crítica, doutrina e política, ofereça uma síntese semanal dos teatros, concertos, cinemas, exposições, movimento econômico e vida esportiva, ora do país, ora da capital multiforme e infelizmente tentacular. Um 'diário semanal', se é permitido articular os dois termos, porém mais completo, melhor apresentado e mais cuidadosamente escrito do que o diário corrente, obra improvisada sempre, e ainda mais em nosso país.
> [...]
> Uma empresa como a que vamos ensejar, necessita de um capital inicial e um número determinado de assinaturas pagas antecipadamente.
> PARA OBTER O CAPITAL, PENSAMOS QUE O MELHOR SERIA FAZER 500 PARTICIPAÇÕES DE CINCO PESOS CADA UMA, COM DIREITO A UMA ASSINATURA ANUAL. As quantias arrecadadas por esse meio serão complementadas com alguns outros aportes, que já nos foram prometidos.
> O MÍNIMO DE ASSINATURAS QUE DEVE SER ALCANÇADO NÃO PODE SER MENOR QUE 3.000. NÃO SERÁ DIFÍCIL CONSEGUÍ-LO, SE PENSAMOS QUE AGORA *ACCIÓN* POSSUI POUCO MAIS DE 1.700 ASSINANTES.

[258] QUIJANO, Carlos. La reorganización. In: *Acción*, Montevideo, ano I, n. 25, 19 de setembro de 1932, p. 3.

> A essa tarefa de obter participantes e assinantes, devem se dedicar todos os nossos companheiros imediatamente[259].

Dois meses depois, *Acción* anunciou que seria publicada com 24 páginas, durante a comemoração de seu primeiro aniversário, em 19 de março de 1933[260]. Não obstante tal declaração otimista, somente conseguiu sair com 16 páginas por dois números consecutivos, em 18 e 25 de março (números 44 e 45), e ausente de publicidades. O número 46, que não chegou às bancas na sexta-feira, mas foi adiado para sair no sábado seguinte, 31 de março de 1933 – dia do golpe –, voltava a sair com oito páginas. O periódico foi empastelado logo em seguida e somente voltou a circular pelas ruas da capital e do interior do país três meses depois.

Em maio de 1935, após sofrer novas medidas de censura mais sutis, como o corte ocasional do abastecimento de energia, o apelo dos diretores de *Acción* permite-nos assinalar que as dificuldades tornaram-se cada vez mais angustiantes, pois a publicação já não podia ser publicada semanalmente, como em seus primeiros anos de vida. A solicitação de empenho para a sua manutenção veio em destaque na primeira página: "*Acción* é nosso único meio de propaganda. É necessário, hoje como nunca antes, redobrar os esforços até conseguir publicá-la a cada duas semanas"[261].

Entretanto, podemos afirmar que a tônica foi o adiamento de sua execução, revelando as dificuldades por que passavam os editores de *Acción* até as vésperas da publicação de *Marcha*, anunciada nas páginas de *Acción*, durante todo o primeiro semestre de 1939.

Pista de que o fluxo dos ventos começava a mudar, ainda que de forma bastante tênue, foi o anúncio da criação da Editora *Acción*, nos finais de 1938:

> Temos a satisfação de informar-lhe que acaba de se constituir, com um capital autorizado de $ 50.000, a Editora *Acción* Sociedade Anônima, que se dedicará à impressão, por conta própria ou alheia, de livros, periódicos e revistas.

[259] Balance de *Acción*. In: *Acción*, Montevideo, ano I, n. 25, 19 de setembro de 1932, p. 10. Maiúsculas no original.
[260] *Acción*, Montevideo, ano I, n. 42, 25 de fevereiro de 1932, p. 1.
[261] *Acción*, Montevideo, ano IV, n. 116, 22 de maio de 1935, p. 1.

> Essa Sociedade iniciará suas atividades editando um grande semanário ilustrado, com não menos de 24 páginas, que aspira ser uma síntese acabada da atualidade nacional e internacional.
> Todos os temas de interesse: política, economia, vida artística, literária, teatro, cinema, rádio, universidade, mulheres e esportes.
> Será cuidada esmeradamente a parte tipográfica. Nutrirá-se dos ensinamentos da experiência estrangeira, que em nosso país e em nossa cidade, dada a sua importância, já podem ser aplicados.
> O semanário não terá filiação política. Será um órgão político na acepção literal do vocábulo. Assim, tomará posição diante de todos os problemas que encare. Todavia, não será órgão nem de uma tendência nem de um partido. **Aspira ser, isso sim, uma tribuna de toda a oposição democrática dentro do país e uma vez mais na defesa da causa internacional, da dignidade humana frente a todos os fascismos e imperialismos.**
> Os homens que iniciamos esta empresa não aspiramos mais que a cumprir um dever, dever tanto mais imperioso nesta hora de confusões e de crise. Para esta obra de **docência pública** em que nos vamos a empenhar, é que solicitamos o seu concurso, sem prometer, por nossa parte, desde o ponto de vista material, resultados imediatos brilhantes, mas sem lhe ocultar que a empresa em seu aspecto econômico foi estudada com todo o cuidado à luz de uma experiência que dura já seis anos e projeta, de nossa parte, todas as possibilidades de êxito[262].

O último número de *Acción* saiu em 17 de março de 1939, para dar lugar a *Marcha* a partir de 23 de junho, que não circulou com 32 páginas, como queriam seus redatores e que atrasou em um dia a sua distribuição pelas bancas, devido a problemas técnicos, como se desculparam seus redatores[263].

Ao festejar seu primeiro aniversário, *Marcha* publicou as felicitações de seus principais amigos, como, entre outros, Antonio Grompone, Emilio Oribe e Emilio Frugoni, que já enviavam importantes colaborações para o semanário. Naquele momento, Frugoni não somente reafirmou seus laços de amizade com Quijano, como também declarou suas expectativas em relação ao papel da publicação na sociedade uruguaia:

> Entre a crescente simpatia popular, *Marcha* tem marchado, e eu me jubilo disto em minha dupla condição de colaborador intermitente da revista, e amigo e admirador de Carlos Quijano, que consegue dotar Montevideo de uma publicação de idéias e de informação, com sua missão educadora de cátedra livre, na qual se ventilam todos os problemas do dia e se abrem pesquisas para que por elas desfilem diversos critérios e encontradas opiniões, sem perder nunca de vista – claro está – a função de servir à causa dos ideais democráticos pelo caminho do esclarecimento mental e da ilustração dos leitores[264].

[262] La editorial en marcha. In: *Acción*, Montevideo, ano VI, n. 180, 09 de dezembro de 1938, p. 2. Grifos nossos.
[263] *Marcha*, Montevideo, ano I, n. 1, 23 de junho de 1939, p. 5.
[264] Los amigos de *Marcha* en su primer aniversario. Del Doctor Frugoni. Mi apretón de manos. In: *Marcha*, Montevideo, ano II, n. 52, 21 de junho de 1940, p. 2.

O projeto passou por alguns contratempos, mas gradativamente se consolidou e tornou-se um dos principais pontos de encontro das novas gerações que se forjaram a partir de 1939. Ainda que seja difícil estimar as tiragens de *Marcha*, o testemunho de Hugo Alfaro, que era responsável pela coluna cinematográfica de *Marcha*, e que ocasionalmente a dirigiu, o seu número de exemplares alcançava a significativa cifra de 30.000 no início dos anos 70, isto é, pouco antes do golpe de 73[265].

Se bem que, já em 1943, *Marcha* anunciava a sua circulação em Buenos Aires, somente no número 803, publicado em 02 de março de 1956, pouco tempo depois da queda do governo de Juan Domingo Perón, começamos a observar uma maior demonstração de que o semanário fosse vendido legalmente na capital argentina. Inicialmente havia somente um local de venda autorizado, onde estava sediada a *Oficina Latinoamericana del Libro (OLADEL)*, sob responsabilidade de Gregorio Selser[266]. Tanto em 1956 como em 1957 podemos observar que as páginas de *Marcha* estamparam diversas matérias a respeito da política e da cultura argentina, após o longo período em que as relações diplomáticas entre o Uruguai e a Argentina estiveram bloqueadas[267].

Em 1961, o socialista Alfredo Palacios, após ser eleito ao Senado argentino, foi convidado pela UDELAR para dar uma conferência sobre a Revolução Cubana em Montevideo, assinalando que era um leitor assíduo de *Marcha*, entre outros argentinos, e que admirava a trajetória de Carlos Quijano:

> Alegro-me que venham. Eu sempre leio *Marcha*, que se vende muito em Buenos Aires, além de sentir verdadeira admiração pelo semanário de vocês.

[265] ALFARO, Hugo. *Navegar es necesario. Quijano y el Semanario Marcha.* Montevideo, Ediciones de la Banda Oriental, 1984, p. 63.

[266] *MARCHA* en Buenos Aires. In: *Marcha*, Montevideo, ano XVII, n. 803, 02 de março de 1956, p. 4.

[267] Desde a ascensão de Juan Domingo Perón à presidência da Argentina as relações diplomáticas entre os dois países platinos tornaram-se problemáticas. As críticas foram recíprocas, mas as trocas comerciais ou o trânsito de passageiros entre eles não sofreram grandes transformações. Os governos uruguaios hesitaram em reconhecer a legitimidade do peronismo, ao passo que o governo peronista censurou a acolhida uruguaia aos perseguidos políticos. Cf. ODDONE, Juan. *Vecinos en discordia. Argentina, Uruguay y la política hemisférica de los Estados Unidos*. Selección de documentos, 1945-1955. 2ª edição corrigida. Montevideo: Ediciones El Galeón - Universidad de la República, 2004, p. 49-61.

> […]
> Há mais de quarenta anos conheço Carlos Quijano. Uma vez vim a Montevideo para dar uma conferência e Quijano presidia a Associação de Estudantes. O Conselho Universitário não cedeu a sala de aula, mas os jovens quebraram os vidros, abriram as portas e liberaram o salão. Dei minha conferência rodeado de todos os jovens. Quijano era um dos mais brilhantes daquela geração.
> Agora essa mesma universidade convida-me para dar uma conferência sobre Cuba. Agora não fecha, mas abre suas portas de par em par. Designa-me *Doutor Honoris Causa*[268].

Outra vez, o testemunho de Alfaro pode ser valioso para realizar uma aproximação da difusão de tal periódico. Para o crítico de cinema, *Marcha* circulou desde muito cedo em Buenos Aires e em menor medida em Santiago do Chile. Além disso, foi bem recebida em Madri e Paris, dentre outras cidades européias, aonde chegava após uma semana da sua impressão[269].

Luisa Peirano Basso coincidiu com Alfaro e assinalou que, apesar de ainda não existir um estudo mais minucioso do seu trânsito e recepção na América e também na Europa, a repercussão do semanário uruguaio transcendia as fronteiras nacionais e essencialmente na Argentina era uma fonte imprescindível de informação, e talvez formação, de alguns importantes grupos de esquerda[270]. Fica a dúvida sobre uma possível circulação de *Marcha* no Brasil, ausente dos testemunhos ou estudos já publicados.

Em 1966, a venda de *Marcha* foi definitivamente proibida na Argentina, proporcionando o desfecho de uma série de sanções de que foi alvo. Essa restrição, se não impediu completamente, dificultou de forma decisiva a sua venda para o público do país argentino. Na verdade, *Marcha* encontrava problemas para circular pelas bancas argentinas, desde 1959, mas foi a partir de 1962 que a situação se tornou mais dramática. Nos primeiros dias de setembro de 1962, Eduardo Galeano destacou os cerceamentos que *Marcha* enfrentava, ao assinalar que os seus exemplares continuavam "seqüestrados" no aeroporto de

[268] Una visita a Alfredo Palacios. In: *Marcha*, Montevideo, ano XXII, n. 1046, 10 de fevereiro de 1961, p. 24.
[269] ALFARO, Hugo. *Op. Cit.,* p. 62.
[270] PEIRANO BASSO, Luisa. *Marcha de Montevideo y la formación de la conciencia latinoamericana a través de sus cuadernos*. Buenos Aires: Javier Vega, 2001, p. 18-19.

Buenos Aires e que, portanto, não fora distribuída pelas bancas de jornais e revistas ou livrarias na sexta-feira à tarde, do dia 31 de agosto de 1962[271].

Tais medidas restritivas foram colocadas em debate na Câmara de Deputados da Argentina, em 1964, quando o parlamentar Lejarraga demandou informações fundamentadas acerca da proibição da entrada e venda de *Marcha* no país. Apesar de um pouco extensa, consideramos de extrema valia citar a argumentação daquele deputado, que certamente era um dos leitores do semanário uruguaio na Argentina:

> O decreto em virtude do qual se proíbe a entrada na Argentina deste periódico diz assim: 'Em virtude do disposto pelos decretos 4965/59 e 8161/62, declara-se compreendido no artículo 2º do decreto 4965 ao periódico *Marcha* editado na cidade de Montevidéu...', etc. É o de 29 de agosto de 1962 e está subscrito pelo doutor Guido y doutor Carlos Adrogué como ministro do interior.
> [...]
> Como podemos notar, trata-se dos decretos repressivos do comunismo. No entanto, o semanário *Marcha* não é um periódico comunista, e ainda que fosse, mas não é. E digo isto, não com sentido discriminatório, mas simplesmente para precisar o caráter da publicação. *Marcha* é uma velha e prestigiosa publicação uruguaia, talvez o mais importante dos semanários que se publicam na América, que tem ampla difusão por todo o continente, em seus meios populares e núcleos representativos. Está dirigida pelo doutor Carlos Quijano, uma figura relevante da cultura e da política do Uruguai, de acendrado espírito democrático e americano, que foi professor e legislador, e é um distinguido escritor e jornalista, e sobretudo um velho batalhador pelo direito dos povos e de suas liberdades públicas, em sua pátria e nas Américas.
> [...]
> Se os comentários do periódico *Marcha*, que é uma publicação democrática, molestaram em algum momento ao doutor Guido, ao doutor Adrogué, ao SIDE ou aos generais daquele momento da vida argentina, não se justifica sua proibição, e menos ainda se justifica que se mantenha durante o atual governo legal[272].

Marcha, não obstante a defesa do deputado Lejarraga, somente voltaria a circular legalmente em Buenos Aires em abril de 1965, com a intercessão do embaixador uruguaio José María Penco, após quase três anos de proibição[273], para receber nova censura em 1966.

No Uruguai, após a expansão de suas atividades editoriais, ao iniciar a publicação de *Cuadernos de Marcha* e da *Biblioteca de Marcha*, em 1967, cujo objetivo consistia em oferecer um espaço mais amplo para a abordagem de temas que mantinham uma conexão

[271] GALEANO, Eduardo H. Por qué *MARCHA* no puede entrar en Buenos Aires. In: *Marcha*, Montevideo, ano XXIV, n. 1123, 07 de setembro de 1962, p. 9.
[272] *MARCHA* en Buenos Aires. Un planteo del diputado Lejarraga. In: In: *Marcha*, Montevideo, ano XXV, n. 1208, 05 de junho de 1964, p. 9.
[273] *MARCHA* en la Argentina. In: *Marcha*, Montevideo, ano XXVI, n. 1250, 09 de abril de 1965, p. 7.

entre os três formatos de impresso: semanário, revista mensal e livro, respectivamente, os diretores de *Marcha* passaram a enfrentar grandes desafios. Já a partir de 1968, mas fundamentalmente nas proximidades do regime instaurado em 1973, que empastelou o empreendimento em novembro de 1974, o funcionamento das impressoras de *Marcha* foi diversas vezes interrompido por decisões governamentais, principalmente após promover a formação do partido de união de setores das esquerdas, denominado *Frente Amplio*, tema pouco enfocado pelos vários estudos publicados sobre *Marcha* até os dias atuais.

2.5 Dos leitores: esses personagens ubíquos, porém evanescentes

Finalmente, para terminar este capítulo e projetar canais de comunicação com o que vem a seguir, iremos tratar de um objeto primordial, novamente em linhas gerais e propositivas, para o circuito que permeia as pesquisas sobre a história intelectual e sua história dos impressos: o leitor.

Reconhecemos que reconstruir o entrelaçado circuito da leitura não se apresenta como uma tarefa simples, que se enreda mais ainda quando deixamos os domínios um pouco mais conhecidos dos autores e editores em busca dos distribuidores e, acima de tudo, dos leitores. Se por um lado, no circuito dos impressos, o leitor é o personagem mais numeroso e onipresente, por outro habitualmente impõe numerosos limites para os estudos da recepção, por seu caráter notoriamente prófugo.

Como assinalou André Belo, por caminhos paralelos aos trilhados por Michel de Certeau[274],

> não existe nenhuma solução para o problema da escassez de testemunhos diretos das práticas de leitura. A partir do momento em que se considerou insuficiente saber

[274] DE CERTEAU, Michel. Ler: uma operação de caça. In: *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 259-273.

> 'quem' lia 'o quê' e que o interesse se deslocou para compreender 'como' se lia, estava criada a dificuldade[275].

Diante disso, fica a pergunta sobre por quais caminhos percorrer, com o intuito de capturar, ainda que de forma inicial, as relações que os leitores, a partir de seu horizonte de expectativas ou de suas enciclopédias, travam com os textos, sejam eles mais ou menos literários. André Belo nos sugeriu um caminho. Para o autor português, deveríamos tentar apreender o sentido veiculado pelo texto, o seu direcionamento de recepção. Os seus efeitos persuasivos e a ordem do texto, isto é, necessitaríamos buscar o "leitor ideal" ou leitor implícito para o qual o texto foi pensado[276].

Além disso, é sempre bom pensar com Jean-Marie Goulemot[277] que a "autoridade", ou em outras palavras, o lugar de onde vem o discurso prepara – mas não agrilhoa – a sua recepção, isto é, traz consigo um sentido implícito, uma direção, que por outro lado vem preencher o dilatável horizonte de expectativas do leitor, que não raras vezes se assegurará de pisar em territórios mapeados, ainda que também se descobrirá em um mundo repleto de lacunas, brechas e ambigüidades, com as quais terá que lidar para solucionar a trama.

A discussão teórica sobre tal problema é bastante vasta, como enfatizou Beatriz Sarlo, e foi animada inicialmente entre os círculos acadêmicos alemães e anglo-saxões de finais dos anos 1960 e princípios dos 1970, por filósofos e críticos literários – embora nem sempre por fluxos afluentes –, como, por exemplo, Hans Robert Jauss, Harold Weinrich, Wolfgang Iser, dentre outros, como Umberto Eco na Itália, e Jacques Leenhardt e Pierre Józsa na França[278].

No Brasil, Luiz Costa Lima nutriu um fecundo diálogo com tais autores europeus na busca pela difusão de novos olhares sobre o mundo da interpretação, tangenciando as

[275] BELO, André. *História & Livro e Leitura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, p. 54.
[276] *Ibidem*, p. 53-55.
[277] GOULEMOT, Jean-Marie. Da Leitura como Produção de Sentidos. In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p. 107-116.
[278] SARLO, Beatriz. Los lectores: una vez más ese enigma. In: *El imperio de los sentimientos*. Narraciones de circulación periódica en la Argentina (1917-1927). Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2004, p. 31-75.

discussões da semiótica saussuriana ou as correntes hegemônicas da hermenêutica estruturalista, que sufocavam os lances interpretativos dos leitores[279].

Simultaneamente, o historiador alemão Reinhart Koselleck sublinhou a necessidade de se estudar a "história dos conceitos", que procura analisar as relações não simétricas entre o "espaço de experiências" e o "horizonte de expectativas", isto é, em outras palavras, o entrecruzamento do passado e do futuro no presente, de maneira sempre assimétrica, o que certamente prepara a recepção de um discurso ao mesmo tempo em que incide sobre a sua concretização[280].

Os desafios colocados para as análises deterministas tiveram uma fecunda recepção entre outros historiadores e demais artífices da construção do pensamento social, que se propuseram a dissecar o mundo da leitura e das relações evidentemente plásticas entre texto e contexto, norteados pela brisa que vinha dos estudos sobre estética da recepção[281].

Para o propósito introdutório desta reflexão, importa ressaltar que as relações entre o texto e o leitor não se mostram transparentes ou acomodadas. Pelo contrário, captam as principais tensões que inquietam os homens em um determinado contexto histórico, e uma obra provavelmente terá maior repercussão na medida em que responda a um horizonte de expectativas específico, contribuindo concomitantemente para a sua moldagem.

No que tange aos leitores implícitos de Frugoni, Antuña e Quijano, e seus horizontes de expectativa, devemos buscar alguns vestígios – que não brilham por sua abundância – nas próprias obras, a partir da análise da gênese de conceitos que tramam, de suas escolhas políticas, estéticas, e, além disso, na estrutura formal e estética do texto, bem como nos prólogos, quando estão presentes, isto é, os "protocolos de leitura", que habitualmente

[279] Ver COSTA LIMA, Luiz (org.). *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
[280] KOSELLECK, Reinhart. *Futuro pasado. Para una semántica de los tiempos históricos* [1979]. Buenos Aires: Paidós, 1993. Ver também: Idem. *história/História* [1975]. Madri: Mínima Trotta, 2004.
[281] Uma bibliografia não exaustiva sobre o tema inclui, entre outros: CHARTIER, Roger. *Libros, lecturas y lectores en la Edad Moderna*. Madri: Alianza Universidad, 1993. CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996; COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da Teoria. Literatura e Senso Comum*. Belo Horizonte: ED. UFMG, 2001; DARNTON, Robert. História da Leitura. In: BURKE, Peter. *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1994, p. 199-236.

ambicionam direcionar os olhares dos leitores para uma "leitura correta" ou pelo menos "plausível", na pior das hipóteses.

Devemos ainda sublinhar que parte de seus textos foram redigidos para serem pronunciados, o que, por si só, exige um olhar bastante sensível a respeito das relações entre cultura escrita e oral, e das suas possibilidades de alcance nos distintos setores da sociedade uruguaia, inclusive entre os grupos não necessariamente considerados letrados.

Reconhecemos nossas limitações em avançar nessa direção ao longo do presente trabalho, mas gostaríamos de dedicar algumas páginas sobre o circuito da leitura de *Acción* e de *Marcha*.

Praticamente todas as obras que enfocaram os semanários dirigidos por Quijano coincidiram em classificar o seu público leitor como oriundo da "classe média culta ou universitária"[282]. Os leitores de Frugoni também receberam idêntica classificação, de forma irônica, por Rodríguez Monegal, durante os anos 60[283].

Segundo Gustavo de Armas e Adolfo Garcé, os leitores de *Marcha* podiam ser caracterizados por suas inquietações a respeito da sugerida herança latina, buscavam as páginas culturais em primeiro lugar, para em seguida adentrar-se nas políticas e econômicas, e finalmente, sustentavam orientações ideológicas de esquerda[284]. Com as palavras dos próprios autores:

> O público de *Marcha* estava composto basicamente de professores, escritores e estudantes. Um público de elevado nível cultural, de forte sentido ético e de vocação americanista. *Marcha*, dirigida por um rodoniano militante como fora Carlos Quijano, teve nitidamente esse perfil. O leitor de *Marcha* foi, então, um leitor arielista, latinista e idealista[285].

[282] ROCCA, Pablo. *35 años en Marcha (Crítica y Literatura en Marcha y en el Uruguay, 1939-1974)*. Montevideo: Intendencia Municipal de Montevideo, 1992, p. 41.
[283] RODRÍGUEZ MONEGAL, Emir. *Literatura uruguaya del medio siglo*. Montevideo: Alfa, 1966, p. 35.
[284] DE ARMAS, Gustavo, GARCÉ, Adolfo. *Uruguay y su conciencia crítica. Intelectuales y política en el siglo XX*. Montevideo: Trilce, 1997, p. 35.
[285] *Ibidem*, p. 42.

Embora as opiniões de Rocca, De Armas e Garcé coincidiram sobre um leitor, cujo mundo de referência ia além das primeiras letras – com a qual concordamos – a descrição do leitor de *Marcha* acima citada precisa ser matizada, pois tomar a primeira juventude do Quijano arielista e extrapolá-la para os anos de publicação de *Marcha*, e particularmente projetá-la sobre os seus leitores, parece-nos ser uma atitude bastante arriscada. Além disso, chamar esse leitor de "arielista, latinista e idealista" é um exagero e uma generalização.

Entretanto, nessa altura do texto, mais importante do que embarcar em uma discussão entre intérpretes, consideramos mais proveitoso ajustar o foco sobre a opinião que o próprio semanário sustentava sobre os seus leitores. Ao iniciar o seu quarto ano de vida, *Marcha* reivindicava a sua influência sobre a opinião pública e traçava as diferenças entre os "leitores" de um semanário e de um diário. Apesar de um pouco extensa, a riqueza dos detalhes justifica a reprodução quase completa do texto:

> *MARCHA* constitui em nosso meio uma exceção desde o ponto de vista jornalístico. É, rigorosamente falando, um semanário de informação geral e política. Este tipo de publicação não arraigou muito na América Latina e são ainda muitos incipientes.
> O país do semanário é a França. Na França, os semanários exercem uma influência imensa sobre a opinião pública, de fato mais do que os diários. O público francês, o que mais lê em todo o mundo, é ávido pelos semanários e, por outro lado, dedica somente uma atenção ligeira à imprensa diária.
> A força do semanário reside na possibilidade de dedicar um amplo espaço a um tema, documentá-lo bem, tratá-lo com uma maior profundidade que o diário, **dirigir-se ao público mais inteligente** e, portanto, mais interessante, desde o ponto de vista da eficácia da difusão das idéias.
> O caso de *MARCHA* é expressivo neste ponto. Apesar da sua modéstia de elementos, exerce mais ação sobre os espíritos que muitos órgãos de imprensa – e de ruído – com grandes ou com pretensões de grandes tiragens. Por que razão? Porque simplesmente *MARCHA* é lida, ao passo que tais órgãos servem para muitas coisas úteis, como encontrar uma casa, colocar-se a par do anedotário local, ler as informações das agências e outras necessidades, mas ideologicamente se fazem sentir muito pouco, em relação inversa à sua tiragem.
> Por isso, a difusão dos semanários informativos, literários e culturais é um dos melhores índices para catalogar o grau de maturidade de um povo. Onde não pode viver um semanário, podemos deduzir, sem maior esforço, que a cultura se encontra em um baixo nível ou em um estado de dissolução, ou falta, simplesmente, um número decoroso de pessoas capazes de ler, no sentido mais exato do vocábulo[286].

[286] La influencia del semanario en la opinión pública. In: *Marcha*, Montevideo, ano IV, n. 143, 26 de junho de 1942, p. 12. Grifos nossos.

A mensagem propalada pelos redatores era bem clara e se complementava com as opiniões tecidas durante a publicação de *Acción* e os três anos iniciais de *Marcha*: periódico de idéias, tal semanário buscava forjar, bem como dialogar com um público leitor "inteligente" e profícuo. A citação ficaria incompleta se não reproduzíssemos a sua segunda parte – possivelmente mais interessante – em que os redatores fazem a distinção entre os seus leitores implícitos ou "leitores-modelo" e os "*ojeadores*":

> O semanário é muito superior em qualidade e em hierarquia intelectual que o diário. Isso deriva simplesmente porque o semanário é feito para o leitor, ao passo que o diário é escrito e publicado unicamente para o '*ojeador*' (não confundi-lo com o '*hojeador*').
> O que é um leitor, todos o sabem, mais ou menos. Porém, o que é o '*ojeador*'? Muito simples: um animal novo, uma espécie gerada recentemente. O '*ojeador*' é um tipo que não usa o entendimento para ler ou informar-se; usa unicamente os olhos. Pretende 'ver' as idéias nas letras e economiza quanto pode o seu cérebro e o seu precioso tempo, porque o '*ojeador*', como todos os ociosos deste mundo, nunca tem tempo.
> O '*ojeador*' pertence à era do cinematógrafo, espetáculo no qual tudo se dá generosamente ao espectador: fatos, figuras, paisagens, tudo 'entra pelos olhos' sem o menor esforço do entendimento ou da imaginação.
> [...]
> Todavia, sejamos justos: o '*ojeador*' faz às vezes um esforço e lê alguma notícia, especialmente esportiva. No entanto, como perdeu a valorização dos vocábulos e é praticamente analfabeto, ainda que conhecedor das letras, tampouco se informa.
> Às vezes o '*ojeador*' olha [*ojea*] com as orelhas [*orejas*], porque não desdenha escutar o rádio e capta as coisas vagamente, sem determinação.
> [...]
> Por outro lado, o leitor sente outras apetências. Necessita uma informação mais séria, mais rigorosamente selecionada, mais profunda. Necessita informar-se, e isto não consegue no diário, feito para a massa dos '*ojeadores*', obrigando-o a buscar o semanário.
> O semanário, com suas informações e artigos pensados com calma [*reposados*], atrativos, sem perder a sua qualidade substancial e formal, satisfaz ao leitor. Tal é em nosso país a necessidade que vem a preencher *MARCHA*[287].

Nesse texto foram explicitados os principais desafios enfrentados pelos redatores da ainda jovem publicação, que certamente necessitava conquistar um concorrido espaço no mundo dos impressos uruguaios, granjeando novos leitores – ditos de boca cheia –, além da

[287] Semanario y diario. El lector y el 'ojeador'. In: *Marcha*, Montevideo, ano IV, n. 143, 26 de junho de 1942, p. 13. Não encontramos uma palavra para traduzir o termo *ojeador*. Em espanhol, *ojear* significa olhar a uma determinada parte, bem como *ojeada* quer dizer olhada rápida. Além disso, *ojear* também significa espantar a caça para que se dirija ao local onde estão os caçadores. Enfim, em português poderia ser traduzido como olhar ligeiramente, furtivamente, sem conceder muita atenção.

concorrência do rádio e do cinema, que cada vez mais ampliavam as suas fronteiras, e que despertavam uma evidente inquietação entre os homens daquele período.

Outro conflito que pode ser lido no artigo está relacionado com a massificação da alfabetização no Uruguai, que, se por um lado dotava a população de um capital cultural mínimo para a formação de leitores, por outro apresentava fissuras, segundo os redatores de *Marcha*, que impediam a formação uma sólida "consciência crítica" no país.

Vale destacar que a escolha da sexta-feira para a publicação de *Marcha*, mas também de *Acción*, para além de ser o último dia útil da semana, respondia ao projeto de proporcionar ao leitor mais tempo para dedicar-se à leitura, uma vez que teria todo o fim de semana para se trasladar por suas páginas políticas, culturais, econômicas, esportivas, etc.

A riqueza desse texto procede justamente das diversas leituras que possibilitava aos leitores daquele momento e aos atuais. Um dos seus objetivos evidente consistia na busca por moldar o seu leitor ideal e criar uma hierarquia entre os semanários e os diários. Ao proclamar essa hierarquização, *Marcha* procurava estimular certos hábitos de leitura, e descrevia o horizonte de expectativas de uma faixa de leitores que requeriam um tipo de texto mais abrangente e, quiçá, "formativo", do que o mais especificamente informativo. Textos de discussão de idéias, ricos em análises e informações, além de sofisticados, irônicos, e dedicados também ao público feminino, visto naquele período como leitor por excelência.

Vale destacar que, acima de tudo, *Marcha* conseguiu estabelecer um fecundo diálogo com seus leitores, como testemunham o amplo espaço reservado às cartas dos leitores e sua constante mobilização por pesquisas, além de ter sido extremamente exitosa em forjar o prestígio de que gozou durante e após a sua publicação, propalado nos artigos que vimos anteriormente.

É bastante provável que os seus leitores não ocultassem os exemplares pelos locais onde desenrolavam suas atividades, o que lhes permitia identificar-se como um grupo de

"leitores verdadeiros", em contraposição aos *ojeadores*, que nem sequer seriam *hojeadores*, segundo a representação elaborada pelos redatores de *Marcha*.

Finalmente, devemos assinalar que *Marcha* buscou identificar seus leitores como homens e mulheres não exclusivamente dedicados ao ambiente livresco e teórico. Somente para citar um exemplo representativo, em 16 de janeiro de 1942, seus redatores anunciavam uma pesquisa sobre o que pensavam os jovens a respeito da vida social, política e ideológica do Uruguai e do mundo naquele momento[288]. Era recomendado que os jovens redigissem textos com capacidade de síntese e a seleção das respostas, publicadas a partir de 06 de fevereiro até agosto de 1942, propunha que seus leitores provinham em grande parte dos setores trabalhadores. As classificações utilizados foram as seguintes: "jovem trabalhador", "jovem de 25 anos que trabalha", "três mulheres", etc.

Essa seleção estava certamente relacionada ao "tipo" de leitor que os editores de *Marcha* identificavam como os "seus" leitores e não necessariamente com o conjunto ou a maioria dos leitores efetivos. Em outras palavras, *Marcha* buscou representar os seus leitores como jovens, homens e mulheres, que alimentavam os debates em torno do presente e do porvir do Uruguai e da América Latina, ao mesmo tempo em que trabalhavam para a sua construção. Assim, *Marcha* inscrevia sua trajetória entre os setores jovens e populares, e se distanciava da imagem de ser uma tribuna de debates alheios aos problemas vitais da política e cultura contemporâneas. Em outras palavras, os diretores de *Marcha* sublinhavam que suas idéias canalizavam os anseios de mudanças freqüentemente identificados com os grupos juvenis e trabalhadores.

Marcha queria ser e definitivamente era um impresso que se orientavava pelo objetivo de edificação e consolidação da nação uruguaia, sempre em diálogo e em conjunto com as demais nações latino-americanas.

[288] Lo que piensan los jóvenes. In: *Marcha*, Montevideo, ano IV, n. 122, 16 de janeiro de 1942, p. 7.

Ainda falta um estudo mais minucioso sobre a sua recepção no Uruguai e em outros meridianos por onde circulou, mas podemos inferir que traduziu e respondeu boa parte das inquietações dos intelectuais e demais grupos de esquerda uruguaios, principalmente durante os anos 60 e 70 quando alcançou tiragens semanais de até 30.000 exemplares. Além disso, vale ressaltar que *Marcha* desempenhou um importante papel para a formação da primeira Frente Ampla [*Frente Amplio*] no começo dos anos 70, que reuniu em seu seio diversos setores da oposição às disputas entre o Partido Colorado e o Partido Nacional, cujas orientações bebiam em fontes alimentadas por um projeto de profundas transformações da coletividade uruguaia, ancoradas na integração com as forças de esquerda latino-americanas.

CAPÍTULO 3: ENCONTROS E DESENCONTROS ENTRE A AMÉRICA LATINA E OS ESTADOS UNIDOS

Ponto de chegada do presente trabalho, neste capítulo ensejamos entrecruzar os olhares de Frugoni, Quijano e Antuña a respeito da América Latina e dos Estados Unidos, ao longo de pouco mais de meio século de ativas trajetórias nos círculos intelectuais e políticos do Uruguai, como tivemos a oportunidade de ver nos dois capítulos anteriores.

Tais intelectuais elaboraram e propagaram distintas visões sobre a América Latina e os Estados Unidos, em um período em que boa parte da população uruguaia, ancorada duplamente nas práticas e nas representações – notoriamente no imaginário social traçado durante os diversos governos batllistas de começos e meados do século XX[289] –, orgulhosamente proclamava a excepcionalidade uruguaia no contexto latino-americano, até pelo menos meados dos anos 60, como denunciou Carlos Martínez Moreno[290].

Apesar da existência de algumas instigantes interpretações sobre o olhar latino-americanista e antiimperialista de Quijano, não temos conhecimento até o presente momento de obras que enfoquem suas idéias de forma confrontada e cruzada às visões de outros importantes intelectuais uruguaios contemporâneos.

Em relação à obra de Frugoni, alguns de seus principais intérpretes não deixaram de sublinhar que, embora tenha dedicado uma parte significativa de sua reflexão aos problemas especificamente americanos, escasseiam trabalhos que busquem reconstruir as suas análises acerca do continente, direcionadas, acima de tudo, para as possibilidades de adaptação – o que não é o mesmo que transposição – do ideário socialista no Novo Mundo.

---

[289] Segundo Gerardo Caetano, nem o período ditatorial de 1933 a 1942 desestimou a idéia de que a trajetória política e social uruguaia era excepcional na América Latina, que realçava a estabilidade institucional do país, o respeito às regras da democracia e certa homogeneidade da coletividade nacional. Para Caetano, somente a partir dos anos 50 é possível detectar fissuras nesse imaginário social. Cf. CAETANO, Gerardo. Del primer batllismo al terrismo: crisis simbólica y reconstrucción del imaginario colectivo. In: ANSALDI, Waldo (ed.). *Tierra en llamas. América Latina en los años 1930*. La Plata: Ediciones Al Margen, 2002, p. 59-84.

[290] Cf. MARTÍNEZ MORENO, Carlos. Crepúsculo en Arcadia: la institucionalidad y su derrumbe a la uruguaya. In: AUTORES VARIOS. *Uruguay hoy*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1971, p. 405-455.

Finalmente, sentimo-nos estimulados em tecer essa trilogia dos intelectuais com a interpelação antagonista de Antuña, cuja produção de cunho americanista entre as décadas de 20 e 60 tem direito a ser revisada, sobretudo porque representava uma significativa porção desse debate mobilizador e bastante polifônico.

Para o caráter inicial dessa reflexão, importa enfatizar que não nos aventuramos a tomar as visões tramadas por Frugoni, Antuña e Quijano como um espelho fiel dos grupos intelectuais e políticos de que participaram, da mesma maneira que tampouco pensamos ser adequado sustentar que suas opiniões eram totalmente idiossincráticas ou singulares, isto é, desarticuladas desses mesmos setores que alicerçavam parte da sociedade uruguaia. Pelo contrário, argumentamos que é necessário enfocá-los justamente nesse diálogo intra e intergrupal, se queremos ter uma noção mais equacionada de suas performances.

Todavia, tal operação não é nada fácil e infelizmente não tivemos tempo nem espaço adequado para extrapolar as interpretações de Frugoni, Quijano e Antuña dentro de seus círculos mais próximos, ainda que seja possível divisar entre os heterogêneos companheiros de jornada de Quijano (Arturo Ardao, Julio Castro, Carlos Martínez Moreno, Eduardo Galeano, Ángel Rama, Mario Benedetti, certamente o próprio Frugoni, entre outros) visões mais ou menos coincidentes com respeito ao Uruguai, à América Latina e aos Estados Unidos, ou mesmo com a sabida, porém divergente, militância antiimperialista do principal líder do Partido Nacional, entre 1922 e 1958, Luis Alberto Herrera.

Confrontar a análise (pan-)americanista de Antuña com a de outros setores do Partido Colorado, notoriamente identificado com essa política exterior fomentada pelos Estados Unidos e também pelo Brasil, tanto entre as facções batllistas quanto entre as mais conservadoras, também seria de extrema valia, uma vez que propiciaria uma observação mais ampla sobre os pontos de encontro e as fissuras dentro de tal partido acerca da política externa sustentada durante praticamente todos os seus governos.

Como ponto de abertura de seus olhares americanistas, é impossível omitir ou desprezar as conexões que travaram com as idéias divulgadas por Rodó, especialmente em *Ariel*, catapultadas pela morte do escritor uruguaio, em 1917, e pelas comemorações do cinqüentenário da publicação de *Ariel*, em 1950. Evidentemente que, ao falar em conexões, não significa que Frugoni, Antuña e Quijano tenham bebido em fontes cristalinas ou que tenham incorporado acriticamente as várias mensagens agenciadas por Rodó.

Em seguida, gostaríamos de direcionar nosso projetor sobre o período entreguerras, quando o pan-americanismo retomou e acentuou suas investidas para estabelecer os pilares da política internacional entre todas as nações do continente americano, ao mesmo tempo em que o México e os desdobramentos de sua revolução apontavam novos caminhos a seguir para os países latino-americanos.

Finalmente, pretendemos colocar em perspectiva o período compreendido entre o final da Segunda Guerra Mundial e a década de 60, que por um lado se iniciava com a ação vital dos Estados Unidos, Brasil e Uruguai, para a criação da Organização dos Estados Americanos (OEA) e do Tratado Interamericano de Ajuda Recíproca (TIAR), e por outro lançava bases concretas para pensar em conjunto os problemas dos países latino-americanos, como a Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), além de ver os movimentos revolucionários bolivianos e guatemaltecos serem asfixiados, ao passo que a Revolução Cubana passava a ser um modelo a seguir, a partir de 1959.

Além disso, gostaríamos de ressaltar que as condições geográficas, geopolíticas, demográficas e econômicas do Uruguai, entre a Argentina e o Brasil, certamente, contribuíram para a precoce conscientazação de seus intelectuais de que o futuro do Uruguai dependia de um projeto de integração bem arquitetado com os seus vizinhos.

3.1 Na esteira do *maestro*: visões e revisões de Rodó e do arielismo

Não cabe dúvida de que José Enrique Rodó – ao lado de Carlos Vaz Ferreira – desempenhou uma expressiva atividade na formação das novas gerações uruguaias – quiçá hispano-americanas – durante as duas primeiras décadas dos novecentos.

De maneira bastante sintética, Rodó adaptou os personagens da peça *A Tempestade* (1613), de William Shakespeare, para tramar a contraposição de seus personagens principais, *Calibán* (representando os Estados Unidos) e *Ariel* (América Latina), em face de *Próspero* (Europa). O primeiro se caracterizava pelo utilitarismo interessado, vulgarização da cultura, individualismo medíocre e pela democracia baseada no número. Para Rodó, essas características anulavam qualquer noção de qualidade em Calibán. Assim, representava a preocupação absoluta com o triunfo material, a despeito de qualquer densidade histórica. *Ariel*, em contrapartida, representava a tradição humanista latino-americana, herdeira, para o autor uruguaio, da cultura greco-latina, com seu idealismo e espiritualismo que convergiam para a ação desinteressada dos povos da América Latina.

Concordamos com Belén Castro[291] e Maria Helena Rolim Capelato[292] que a publicação de *Ariel* necessita ser inscrita no clima das buscas das identidades latino-americanas, cuja contra-cara mais próxima estava representada pela matriz anglo-saxônica, e que havia sido catapultado tanto pelas comemorações do quarto centenário (1892) da chegada dos espanhóis ao "Novo Mundo" quanto, acima de tudo, pelo "Desastre" da derrota espanhola durante a guerra contra os Estados Unidos, em 1898.

A despretensiosa publicação de 700 exemplares pela editora montevideana Dornaleche y Reyes, custeada pelo próprio autor, canalizava e organizava as múltiplas e dispersas vozes que se enveredavam pelas buscas identitárias hispano e latino-americanas, ao mesmo tempo

[291] CASTRO, Belén. Introducción. In: RODÓ, José Enrique. *Ariel*. Madri: Ediciones Cátedra, 2000, p. 52-53.
[292] CAPELATO, Maria Helena Rolim. A data símbolo de 1898: o impacto da independência de Cuba na Espanha e Hispanoamérica. In: *História.* São Paulo: Editora UNESP, v. 22, n. 2, 2003, p. 35-58.

em que, como sublinhou Antonio Mitre, expressava os principais conflitos internos entre a tradição e a mudança de finais do século XIX, vividos pelos países do Rio da Prata[293].

Dessa maneira, em *Ariel*, Rodó registrava as principais tensões rioplatenses e suas críticas sulcavam as vertentes locais da "crítica aristocrática à sociedade de massas", que se preocupavam mais com o "aluvião imigratório" do que com a modernização econômica, cuja advertência vital direcionava-se sobre uma possível vulgarização da vida política e da denominada "alta cultura". Contudo, ainda com Mitre, é precipitado asseverar uma postura rígida, intransigente e conservadora em Rodó. Sua proposta, por outro lado, representada pelo "ideal de mediania", era mais permeável às mudanças gradativas nas sociedades, como a construção de regimes democráticos, mas sempre com certos limites[294].

Ariel tornou-se um fenômeno editorial, e segundo a crítica uruguaia radicada em Veneza Martha Canfield, o próprio Rodó não conseguia seguir o ritmo das suas várias edições, autorizadas (nove até 1911) ou clandestinas, em toda a América Hispânica e na Espanha[295].

Dessa forma, o leque de leitores de Rodó ampliou-se rapidamente, bem como a recepção e apropriação de sua obra. Distantes de uma hercúlea tarefa sobre a difusão de seu pensamento, gostaríamos de focalizar algumas sensíveis oscilações da crítica a respeito de sua obra, principalmente no Uruguai de Frugoni, Antuña e Quijano.

Em linhas bem introdutórias, dos anos 10 até meados da década de 40 ocorreu uma significativa inflexão na crítica literária e cultural sobre a obra de Rodó, quase sempre circunscrita a *Ariel*, que paulatinamente passou da celebração quase uníssona à refutação de suas linhas norteadoras, tanto no Uruguai quanto no restante da América Latina.

---

[293] MITRE, Antonio. Fenômenos de massa na sociedade oligárquica: o despertar da modernidade em *Ariel* de Rodó. In: *O dilema do centauro*: ensaios de teoria da história e pensamento latino-americano. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p. 103-119.

[294] *Ibidem*, p. 104.

[295] CANFIELD, Martha L. Persistencia del mensaje ariélico. In: RODÓ, José Enrique. *Ariel*. Estudios de Martha Canfield y Rómulo Cosse. Montevideo: Ministerio de Educación y Cultura, Biblioteca Nacional, 2000, p. 13.

Em maio de 1917, os uruguaios recebiam a notícia da morte de Rodó em um hotel da cidade italiana de Palermo, alguns meses após o início de sua primeira viagem ao continente europeu, como correspondente da revista argentina *Caras y Caretas*, o que reestimulou os olhares da crítica sobre a sua herança intelectual e política.

No ano seguinte, o Centro Estudantil *Ariel* promoveu um ciclo de conferências em sua homenagem no Teatro Solís, durante o qual discursou José G. Antuña, entre outros intelectuais uruguaios. Antuña, com um tom inquestionavelmente de homenagem, justificou que as palavras do escritor uruguaio foram necessárias na medida em que criticavam o cepticismo e a sedução da vida material em toda a América[296].

Em 1919, aquele centro decidiu publicar sua revista, cujo propósito germinal consistia, segundo o programa redigido por Quijano, em ser um "órgão de combate, um órgão que surge no país com ideais definidos pela ação", herdeiros do discurso e da trajetória de Rodó[297].

Segundo as palavras de Quijano: "nós levantamos agora a bandeira de *Ariel*: somos idealistas, confiamos no poder da vontade, pedimos ação, movemo-nos pelo otimismo e defendemos um conceito de pátria que, sem perder a cor local, pode fundir-se no amplo conceito de América"[298].

A publicação estudantil que criticava a lentidão do governo nacional com vistas à repatriação dos restos mortais de Rodó, em todos os seus números buscava a aproximação de outros órgãos universitários, acima de tudo, hispano-americanos, e dedicou alguns de seus números aos intelectuais tomados como tradutores de suas idéias e ações, como, por exemplo, o mexicano Armando Nervo (n.2), o peruano Víctor Andrés Belaúnde (n. 4-5), e finalmente dois números (n. 8-9) dedicados a Rodó no primeiro semestre de 1920.

[296] ANTUÑA, José. José Enrique Rodó. In: *Litterae*. Ensayos-Crítica-Comentarios. Paris: A. Fabre, 1926, p. 134.
[297] QUIJANO, Carlos. Nuestro programa. In: *Ariel*, Revista mensual del Centro Estudiantil "Ariel", Montevideo, ano I, n. 1, 1919, p. 3.
[298] *Ibidem*, p. 4.

Esses dois números, publicados durante as manifestações comemorativas pela sua definitiva e tardia repatriação, copilavam os discursos pronunciados no Teatro Solís, em 02 de maio de 1918, como o de Antuña, além de publicar outros textos de significativos intelectuais uruguaios, e divulgavam na contracapa a sua mensagem à juventude uruguaia:

> *Ariel* é a tribuna aberta à aspiração e ao ideal dos novos.
> *Ariel* é energia otimista porque é juventude.
> *Ariel* é uma inquietação pela justiça, um propósito de verdade e uma aspiração de beleza.
> *Ariel* quer realizar obra de renovação e de melhoramento.
> *Ariel* é palavra de fé nestes tempos de esperança.

Em destaque, o texto da poetisa, pedagoga e crítica literária Luisa Luisi, pronunciado também em maio de 1918, que conclamava ao estudo mais profundo das idéias rodonianas. Apesar de criticar sutilmente as limitações de algumas percepções sobre a democracia propaladas em *Ariel*, Luisi sugeria que a sua medula consistia na proposta de transformações das nações latino-americanas pela educação de seus habitantes, isto é, a autora distinguia em sua proposta a necessidade de uma adequada pedagogia para a edificação das democracias em toda a América Latina[299].

Uma leitura cuidadosa de *Ariel* permite-nos coincidir com o convite de Luisi, pois a educação como forma de aperfeiçoamento da democracia, como pensava Rodó, ocupou várias páginas do ensaio e, além disso, representou um importante ponto de desacordo em relação às considerações tecidas por Ernest Renan em *Calibã*.

Após criticar a condenação do autor francês sobre a igualdade de direitos, "princípio fundamental da democracia", segundo Rodó, o autor uruguaio concluía que era,

> portanto, insensato pensar, como Renan, em obter uma consagração mais positiva de todas as superioridades morais, a realidade de uma racionável hierarquia, o domínio eficiente dos altos dotes da inteligência e da vontade pela *destruição* da igualdade democrática. Somente cabe pensar na educação da democracia e sua reforma[300].

[299] LUISI, Luisa. Rodó. In: *Revista Ariel*, Montevideo, ano I, n. 8-9, fevereiro-maio de 1920, p. 5-28.
[300] RODÓ, José Enrique. *Ariel*. In: *Obras completas*. Madri: Aguilar, 1957, p. 223.

Por outro lado, Alberto Zum Felde, que escrevia para o diário batllista *El Día*, e Alberto Lasplaces foram os principais críticos de Rodó no Uruguai, como destacou Frugoni. Antes de construir uma interpretação mais matizada sobre Rodó, Zum Felde, em conjunto com Lasplaces, consideraram-no um escritor anacrônico, quase um fóssil vivo soçobrado em suas utopias passadistas[301].

Por caminhos paralelos, ainda como realçou Frugoni, o diário *El Día* havia estampado em suas páginas, durante os procedimentos de homenagem e sepultamento dos restos mortais de Rodó, em 1920, que o escritor era um reacionário e que, portanto, não merecia tais manifestações organizadas por distintos setores da população uruguaia. Além disso, Frugoni criticou os atos dos críticos de Rodó que pertubaram o desenrolar de sua homenagem e sepultamento[302].

Para entender essa reação, é preciso lembrar que Rodó, apesar de ser agnóstico e de defender a gradual secularização do Estado uruguaio, havia censurado freqüentemente as ações anticlericais dos governos batllistas, no seu entender, muito próximas do "jacobinismo" austero e ortodoxo, que atingiu seu ápice durante as duas primeiras décadas do século XX[303].

Como destacou Marcos Alves de Souza, o anticlericalismo batllista foi um dos temas mais apaixonantes da sociedade uruguaia naquelas primeiras transformadoras décadas do século XX no Uruguai e constantemente foi objeto de disputas políticas e intelectuais, com especial atuação de Rodó[304].

Apesar de travar relações polifônicas com Batlle y Ordóñez e demais batllistas, depois de haver sido crítico teatral de *El Día* e de apoiar as medidas seculazidoras do grupo reformista colorado, Frugoni defendeu seu falecido amigo e elaborou uma das interpretações

[301] FRUGONI, Emilio. La orientación espiritual de Rodó. In: *La sensibilidad americana*. Montevideo: Editorial La Facultad, 1929, p. 181-182.
[302] *Ibidem*, p. 171.
[303] Cf. RODÓ, José Enrique. *Liberalismo y Jacobismo*. In: *Obras completas*. Madri: Aguilar, 1957, p. 245-291.
[304] SOUZA, Marcos Alves de. *Ideologia e política em José Enrique Rodó: liberalismo e jacobinismo no Uruguai (1895-1917)*. Franca, SP: UNESP, 2006, p. 158 (Tese de Doutorado).

sobre Rodó e *Ariel* mais instigantes e equilibradas daquele período, com alguns pontos de contato, vale ressaltar, com as tramadas nas últimas décadas.

Se, por um lado, Frugoni criticou o fato de Rodó não ter conseguido se apartar do "vício hereditário do tradicionalismo partidário", por omitir a escravidão na Grécia antiga, "por sua incompreensão dos verdadeiros fins da democracia igualitária" e por sua "preocupação aristocrática contra o igualitarismo essencial da democracia", por outro, assinalou que ele não poderia jamais ser descrito como reacionário, pois "fora, acima de tudo, um *maestro* de tolerância, de solidariedade, de idealismo generoso e radiante [...]". Além disso, Frugoni acrescentou que Rodó foi um reformista moderado e um liberal heterodoxo, que propôs uma pedagogia das massas para "defender a liberdade interior diante das opressões do meio externo e salvar as asas íntimas do ideal das inexoráveis tesouras do utilitarismo"[305].

Passados tais momentos de maior focalização em Rodó, Antuña e Frugoni somente voltaram a ocupar-se do *maestro del 900*, de forma mais detida, em meados do século, ao passo que Quijano expressou, em setembro de 1927, em Paris, e em 1935, já de volta ao Uruguai, suas ressalvas, o que indicava a sua evidente inflexão intelectual.

A revisão acerca da "aplicação", isto é, da instrumentalização dos pressupostos de *Ariel*, empreendida por Quijano em Paris e publicada em 26 de setembro de 1927 no diário montevideano *El País*, não obstante sublinhasse sua admiração por Rodó, demarcava o cerne das censuras operadas pelos críticos do denominado arielismo.

Cuidadoso em assinalar que não discutia densamente as teses de Rodó, Quijano anotou suas críticas, desabrochadas, como destacou, durante as reuniões da AGELA em Paris, fato que poderia ter dado à leitura daquele ensaio um "certo caráter simbólico". No entanto, para Quijano, Rodó não respondia aos concretos problemas latino-americanos:

[305] FRUGONI, Emilio. La orientación espiritual de Rodó. In: *La sensibilidad americana*. Montevideo Editorial La Facultad, 1929, p. 171-185.

> Pois bem, em um continente que ainda não sabe ganhar seu pão, Rodó predica a educação antiutilitária, o culto à beleza; em um continente enfermo de 'diletantismo', a cultura integral; em um continente enfermo de idealismo e de preguiça, o 'ócio nobre', a despreocupação do presente; em um continente idolátrico e atrasado, em marcha ainda atrás do 'homem', o culto do herói; e em um continente que não sabe o que é democracia e que menos o sabia na época da aparição de *Ariel*, quando as oligarquias e as ditaduras se estendiam de norte a sul, lança-se em combater os supostos e, em todo caso distantes perigos daquele regime[306].

Para Quijano, os latino-americanos deveriam estar preocupados em desenvolver suas riquezas, em edificar uma "forte estrutura econômica", que seria, por exemplo, a fonte da ciência e da arte francesas. Com este texto provocador, Quijano afirmou que se a América Latina desaparecesse naquele momento, deixaria poucas recordações.

> Por outro lado, se amanhã desaparecessem os Estados Unidos da América do Norte – você sabe que nossa opinião a respeito deste país não pode ser taxada de benevolente –, que têm o mesmo tempo de constituição que nós, sem dúvida que a civilização perderia muito mais. Para que comparações e citações comprobatórias, que além de odiosas seriam incompletas? Deixe-nos dizer que em nossos estudos econômicos – sem dúvida essencialmente 'práticos' – os textos e os livros de consulta da Universidade de Paris habitualmente são norte-americanos.
> [...]
> Nas mãos dos americanos do norte estão agora todas as possibilidades, e a ninguém pode ser ocultado que é mais fácil que a pesquisa diletante (ela existe efetivamente?), a cultura pura, a alta especulação, tomem antes seus assentos na América do Norte do que entre nós[307].

Poucos meses depois, o novo diretor da revista *Ariel*, Héctor González Areosa publicou considerações convergentes às de Quijano, o que demonstrava que as palavras do ex-diretor daquela publicação estudantil haviam sido acolhidas no seio de alguns círculos universitários. Talvez não exatamente as suas palavras em sentido estreito, mas, sobretudo, o questionamento a propósito da atualidade da agenda intelectual e política sugerida por Rodó, que ganhou acentuadas tonalidades parricidas sob a pena de González Areosa:

> Desde já, sentimos que seu doutrinamento não havia realmente tocado nossa profundidade espiritual, pois tão somente havia seguido, sem o avigorar, o vago perfil de um idealismo de adolescência. Tínhamos que confessar que a doutrina do

[306] QUIJANO, Carlos. Cartas a un lector [Rodó: una lectura de *Ariel*]. In: *Cultura, personalidades y mensajes*. Montevideo: Cámara de Representantes, 1992, p. 168.
[307] *Ibidem*, p. 170.

> *maestro* está ausente do processo de nossa definição pessoal e distante de nossa fervorosa participação no sentido histórico do tempo que vivemos. A unidade de vivência que Rodó nos suscitava, notamos atualmente que consistia em uma penetrante sugestão estética e em uma emoção de vaga idealidade[308].

Em meados da década seguinte, Quijano voltou a censurar as concepções rodonianas acerca da democracia, quando alguns diários invocavam-nas para articular a oposição contra a ditadura terrista.

Se, por um lado, Quijano destacou brevemente que Rodó empenhou sua pluma "para fustigar a todos os tiranos da América", por outro, bem mais enfático, reprovou a influência de Renan como fonte de seu ideário, se bem que reconheceu a apropriação crítica do autor uruguaio em relação às idéias do francês, e destacou que Rodó exaltou a liberdade e a fraternidade, mas se opôs à igualdade, inscrevendo-o no "setor intelectual heterodoxo do liberalismo democrático"[309].

A contrapelo das reprovações de diversos autores no Uruguai e outros países hispano-americanos, Quijano reparou, nos inícios de 1947, tanto a sua inicial concordância entusiasta quanto a crítica juvenil que, segundo ele mesmo, tinha pretensões de ser serena.

Naquele ano, as comemorações dos 30 anos de falecimento de Rodó atraíram os olhares renovados dos intelectuais latino-americanos sobre o escritor uruguaio, em um período de crise das idéias autoritárias e de fortalecimento dos defensosres da democracia. Com as palavras de Quijano:

> O Rodó ao qual se alçaram com emoção reverencial os olhos de nossa adolescência distante, não é o Rodó que vêem os olhos de nossa maturidade. Entre nós e eles está a vida, dizemos. Em outros termos, o tempo. Há alguns anos, mais de quinze, desde terras distantes, tentamos uma revisão de sua mensagem. Assinalamos, naquela oportunidade, acaso com a presunção ainda juvenil, os vazios e carências de sua obra à qual reprochávamos, sobretudo, a sua raiz europeizante e de um europeísmo livresco e limitado. Contra o que havíamos acreditado e dito, o *maestro*, *maestro* por antonomásia, parecia-nos que havia enviesado o grande drama de nosso continente, que a essência real e profunda deste havia escapado à sua visão, e à sua compreensão de homem de biblioteca e de retiro com sabor conventual.

[308] GONZÁLEZ AREOSA, Héctor. La revisión de Rodó. In: *Ariel*, Revista del Centro de Estudiantes "Ariel", Montevideo, n. 37, dezembro de 1927, p. 1.
[309] QUIJANO, Carlos. Rodó y la Democracia. In: *Acción*, Montevideo, ano 4, n. 115, 08 de maio de 1935, p. 3.

> [...]
> É possível que agora estejamos a caminho do retorno a Rodó, a quem vemos com uma nova luz, que descobrimos em sua mensagem maciça e inconfundível, arestas que a sombra nos havia roubado. Um Rodó com depurada firmeza, sob o signo protetor do Cruzeiro do Sul, sobre estas terras americanas que marcham em ancas do galope tumultuoso das horas, em direção a horizontes ainda confusos e apenas entrevistos[310].

Embora seja precipitado assegurar que Quijano dava o pontapé inicial para o movimento de "redescoberta" de Rodó no Uruguai, podemos argumentar que a sua revisão em sintéticas e precisas linhas registrava a importante inflexão que ganhava cada vez mais vozes. Como assinalou Lockhart, essa recapitalução mais compassada de Rodó fora catalisada pela inauguração da Exposição de Originais e Documentos de Rodó, por Roberto Ibáñez, no *Instituto Nacional de Investigaciones y Archivos Literarios* (INIAL), em Montevideo, em 19 de dezembro de 1947[311].

Pouco mais de dois anos depois, Frugoni, que já estava de volta ao Uruguai, foi convidado pelo Instituto Histórico e Geográfico Uruguaio a proferir outra palestra em homenagem ao cinqüentenário da primeira publicação de *Ariel*.

Frugoni outra vez explicitou suas divergências com respeito à "filosofia política" de Rodó, cujas concepções eram, a seu ver, "as de um republicano de tipo girondino". Entretanto, Frugoni realçou as orientações mais persistentes de Rodó visavam o aprimoramento do "espírito social", direcionadas à edificação de uma sociedade mais digna e justa. Além disso, Frugoni também ressaltou que Rodó era um leitor crítico de Renan e que nunca havia sido contrário à "igualdade de possibilidades"[312].

Dentre os diversos temas glosados por Frugoni, as relações dialógicas entre latinos e saxões, vistos como matrizes populacionais e culturais, ganharam um especial destaque. Para Frugoni, Rodó "não predica uma oposição, uma pugna exclusivista da influência de uma raça

[310] QUIJANO, Carlos. Retorno a Rodó. In: *Marcha*, Montevidéu, ano IX, n. 369, 28 de fevereiro de 1947, p. 1. Sobre as leituras quijanianas de Rodó, consultar: PENCO, Wilfredo. Quijano ante el espejo de Rodó. In: *Cuadernos de Marcha*, Tercera época, Montevideo, ano XIV, n. 160, março de 2000, p. 16-20.
[311] LOCKHART, Washington. Rodó y el arielismo. In: *Capítulo Oriental: la historia de la literatura uruguaya*. Montevideo: Centro Editor de América Latina, 1968, v. 12, p. 177.
[312] FRUGONI, Emilio. *Homenaje a Rodó en el cincuentenario de Ariel*. Montevideo: El Siglo Ilustrado, 1950, p. 9.

por outra. O que reivindica é a 'reciprocidade de suas influências' e o 'atinado concerto dos atributos em que se fundou a glória de ambas'"[313].

Assim, Quijano e Frugoni realçaram um autor preocupado com os temas mais inquietantes de seu período, crítico em relação às suas fontes e "original", se bem que não deixaram de desaprovar algumas de suas opções estéticas, como, por exemplo, certas metáforas e imagens "desventuradas" e hesitações em certas passagens.

Antuña, por sua vez, propôs-se a hercúlea tarefa de estudar a "recepção" e a "apropriação" de *Ariel*, desde a sua publicação até meados do século, e propalou a reivindicação da atualidade quase integral de suas mensagens, apesar de censurar a insuficiência, a seu ver, do cristianismo de Rodó[314]. Antuña criticou algumas interpretações condenatórias de Rodó, evitou o embate direto com vários outros intelectuais uruguaios e retomou, acima de tudo, as considerações positivas que foram divulgadas sobre Rodó.

No entanto, muito pouco acessível ao leitor "mediano", recheado de citações, que deslizavam para a demonstração erudita, a obra de Antuña distanciava-se, em muito, das expectativas tanto da crítica quanto dos demais leitores não especialistas do país e, até os dias atuais, raramente é citada ou comentada de forma que ultrapasse a menção à sua existência ou que busque dedicar maior atenção ao seu conteúdo.

Além disso, podemos argumentar que, apesar do lacônico comentário elogioso de seu amigo Raúl Montero Bustamante, publicado na *Revista Nacional*, em outubro de 1953, que anunciava a obra de Antuña como o exame mais completo e vasto sobre o arielismo, o seu livro foi, de certa maneira, esquecido e tornou-se um "clássico", naquelas circunstâncias que mencionamos no capítulo anterior, que provavelmente foi pouco lido, ou que pelo menos não deixou rastros mais contundentes de sua leitura entre a crítica, desde a sua primeira publicação.

---

[313] *Ibidem*, p. 13.

[314] ANTUÑA, José G. *Un panorama del espíritu*. El *Ariel* de Rodó [1952]. 2ª edição. Tomo I. Montevideo: Barreiro y Ramos, 1969, p. 23.

Ainda durante a década de 50, Emir Rodríguez Monegal preparou a publicação das "obras completas" de Rodó pela editora espanhola Aguilar (1957), que recebeu uma segunda edição ampliada e corrigida, em 1967, e com um interessante prólogo daquele crítico. Nesse mesmo ano, saiu pela uruguaia Ediciones del Nuevo Mundo a terceira edição de *Proceso intelectual del Uruguay*, de Alberto Zum Felde, com o estudo escrito sobre Rodó durante os anos 20, um pouco mais rico em matizes, que também foi reproduzido como prólogo de uma nova publicação de *Ariel* pela mesma editora, cuja idéia central consistia em assinalar o seu "ideal de mediania".

Além disso, Benedetti, Ardao e Real de Azúa também participaram ativamente do longo processo de revisão de que foi alvo a obra rodoniana em seu conjunto, a partir de meados dos novecentos, e, à exceção do primeiro, notoriamente defenderam-na das diversas censuras que receberam no Uruguai e em toda a América Latina.

Cabe ainda mencionar a leitura proposta pelo poeta e ensaísta cubano Roberto Fernández Retamar, sabidamente marcada pelos desdobramentos da Revolução Cubana, que identificou o povo latino-americano com Calibán, ao passo que associou Ariel ao intelectual descompromissado[315].

Reafirmamos que não temos a pretensão de envolver todo o vastíssimo debate a respeito da obra de Rodó, mas, por curiosidade, cabe destacar que por volta da comemoração do centenário da publicação de *Ariel*, os principais críticos uruguaios abriram novas veredas para a interpretação do corpo textual escrito por Rodó e não deixaram de frisar o contexto de produção de sua obra, ao mesmo tempo em que reivindicaram a atualidade de parte de suas propostas.

Vale destacar a interpretação de Fernando Ainsa, que, de maneira cautelosa e respeitando as diferenças entre 1900 e 2000, propôs uma leitura de *Ariel* para o terceiro

[315] FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. *Calibán. Apuntes sobre la cultura en nuestra América* [1972]. 2ª ed. México: Editorial Diogenes, 1974.

milênio, acima de tudo, no que toca à sua preconização do cultivo do espírito crítico, da perspectiva humanística, do sentido dinâmico da história, além do caráter eclético e protéico de seu pensamento[316]. Tampouco devemos nos esquecer que o ensaio, já mencionado, de Antonio Mitre, entre outros autores, sobre *Ariel*, publicado originalmente em meados dos anos 80, relaciona-se estreitamente ao debate que se edificou em torno das reconstruções democráticas nos países sul-americanos.

Enfim, ainda que de forma inicial, pensamos que as interpretações da obra de Rodó divulgadas por Frugoni, Antuña e Quijano devem ser inscritas em seus contextos de enunciação, para que possamos compreendê-las de maneira mais satisfatória e equilibrada, articulando-as às visões que esses autores entrecruzaram a respeito das relações entre a América Latina e os Estados Unidos. Além disso, é possível sustentar que os debates acerca da obra de Rodó foram importantes para estruturar os olhares americanistas no Uruguai.

3.2 Olhares americanistas do entreguerras: os Estados Unidos

Desde o falecimento de Rodó até o final da Segunda Guerra Mundial, Frugoni, Antuña e Quijano dedicaram especial atenção às relações entre o Uruguai, os demais países latino-americanos e os Estados Unidos, e teceram divergentes interpretações acerca do latino-americanismo e do pan-americanismo.

Quijano expressou que defendia o hispano-americanismo ou o latino-americanismo no âmbito da política internacional, e via os Estados Unidos como uma inquestionável ameaça à real soberania das nações da América Latina. Antuña, por sua vez, apoiava a política externa pan-americanista do Uruguai, desde os anos 10 até meados dos anos 40. Por outro lado, Frugoni, embora criticasse as orientações da política internacional norte-americana e

[316] AINSA, Fernando. *Del canon a la periferia. Encuentros y transgresiones en la literatura uruguaya*. Montevideo: Trilce, 2002, p. 67-81.

desaprovasse o pan-americanismo, nem sempre apoiou a idéia de um projeto de integração que se restringisse à América Latina e defendeu a união dos setores trabalhadores de todas as Américas a favor da construção do socialismo democrático.

Desde o período independentista até a realização da1ª Conferência Pan-Americana nos Estados Unidos, em 1889, foram organizados alguns congressos que propunham a integração ou união dos novos Estados hispano-americanos, ora como um projeto inicial de emancipação, ora contra as ameaças ou ações de intervenção européias, como, por exemplo, os congressos de Panamá e Tacubaya, em 1826 e 1828, respectivamente, e o 1º e 2º Congresso Americano de Lima, em 1847-1848 e 1864-1865, que censuraram a ameaça espanhola ao Equador e as intervenções européias no Peru, República Dominicana e México[317].

A partir de 1889, as Conferências Pan-Americanas ao mesmo tempo em que traduziam os projetos norte-americanos no âmbito continental, permitiram aos representantes latino-americanos edificar um importante local de contato, que engendrou diálogos e também muitas discussões desencontradas, ao inscrever o pan-americanismo nas relações internacionais das Américas.

Evidentemente que, se de um lado, muitos países se sentiram atraídos pela proposta pan-americanista, de outro, forjaram-se ácidas críticas ao papel central desempenhado pelos Estados Unidos, canalizadas pela voz de José Martí, contribuindo de maneira bastante significativa para a tessitura do conceito de imperialismo nas Américas[318].

Embora os desbotados conceitos de imperialismo, colonialismo, neocolonialismo possam, à primeira vista, suscitar reservas e hesitações, concordamos com Ricardo Salvatore que é necessário revisar suas trajetórias e transformações desde distintos pontos de vista, acima de tudo, dos atores que os vivenciaram como uma realidade política, econômica e

[317] ARDAO, Arturo. *Nuestra América Latina*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1986, p. 50-51.
[318] Cf. MARTÍ, José. Congresso Internacional de Washington. In: *Nossa América*. São Paulo: Hucitec, 1983, p. 170-185.

sociocultural[319]. Além disso, é preciso estar atento para os canais de debate que engendraram entre os seus artífices, como realçaram Edward Said[320] e Marie Louise Pratt[321].

Durante quase sessenta anos (1889-1948), o pan-americanismo buscou impulsionar a integração das Américas em torno de objetivos comuns, por meio de distintos canais de instrumentalização política e institucional. A América do Sul organizou a maior parte das conferências realizadas, o que sinalizava os interesses dos norte-americanos em aliar-se aos países daquela região do Globo. As seguintes cidades foram sedes das Conferências Internacionais Americanas, além de Washington: México (1901), Rio de Janeiro (1906), Buenos Aires (1910), Santiago do Chile (1923), Havana (1928), Montevideo (1933), Lima (1938), Bogotá (1948) e, embora já existisse a OEA, Caracas (1954). Ademais, foi realizada em Buenos Aires, em 1936, uma reunião extraordinária denominada Comissão para a Consolidação da Paz, que contou com a presença do presidente norte-americano Franklin Delano Roosevelt, cujo tema central foi a resolução do conflito entre a Bolívia e o Paraguai, iniciado em 1933.

Diante disso, ficava bastante clara a posição central que a América do Sul ocupava na política externa dos Estados Unidos. Como destacou Kátia Gerab Baggio, o Brasil tornou-se uma peça-chave dessa articulação diplomática e, em 1905, a legação brasileira em Washington foi elevada à embaixada, concomitantemente à criação da primeira embaixada norte-americana da América do Sul, no Rio de Janeiro, um ano antes da realização da III Conferência Pan-Americana[322].

No Uruguai, ainda que desde a década de 1870 os Estados Unidos mantivessem um representante em seu território, somente em 1941 a sua legação diplomática foi elevada à

[319] SALVATORE, Ricardo. Re-pensar el imperialismo en la era de la globalización. In: Idem (comp.). *Culturas imperiales: experiencia y representación en América, Asia y África*. Rosario: Beatriz Viterbo, 2005, p. 9-35.
[320] SAID, Edward. *Cultura e imperialismo* [1993]. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente* [1978]. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
[321] PRATT, Marie Louise. Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
[322] BAGGIO, Kátia Gerab. *A "outra" América: A América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas*. São Paulo: Departamento de História, FFLCH, USP, 1998 (Tese de Doutorado), p. 51.

categoria de embaixada, em um período em que o país se tornou uma peça estratégica no Atlântico Sul.

Não cabe dúvida de que as reuniões, apesar das demonstrações de apoio e solidariedade, foram marcadas por uma constante hesitação das delegações latino-americanas a respeito das propostas norte-americanas, o que dificultava lançar as bases para a instrumentalização política e institucional dos projetos discutidos em seu interior. Durante a realização da IV Conferência em Buenos Aires, em 1910, foi criada a União Pan-Americana, com sede na capital norte-americana, a qual almejava estabelecer um local que representasse aquele movimento e que pudesse se constituir em um centro de encontro e de estudos dos representantes dos distintos Estados-membros, com seus grupos de trabalho.

Durante a V Conferência, realizada em Santiago do Chile, em 1923, a presidência da União Pan-Americana passou a ser escolhida por meio de eleições entre as delegações. Entretanto, Quijano denunciou que, mesmo assim, os Estados Unidos continuaram a presidi-la, pois o secretário deste país sempre fora eleito pelos demais membros[323].

No que toca o campo da história, duas iniciativas receberam especial atenção a partir das conferências realizadas em Havana e Montevideo. Em primeiro lugar, com a fundação do Instituto Pan-Americano de Geografia e História (IPGH), na Cidade do México, em 1929, um ano após a sua aprovação pelos participantes da VI Conferência Pan-Americana em Havana. Em Montevideo, foi realizada durante a VII Conferência Pan-Americana a Convenção Sobre o Ensino de História, cuja proposta consistia em promover a revisão dos textos veiculados pelos livros didáticos de história, com o intuito de depurá-los de qualquer conteúdo que sugerisse dissensões entre as nações americanas[324].

[323] QUIJANO, Carlos. Las Conferencias Panamericanas. Santiago y La Habana. In: *Acción*, Montevideo, ano I, n. 23, 05 de setembro de 1932, p. 8.

[324] Cf. PITA GONZÁLEZ, Alexandra, VENTURA RAMÍREZ, Rogelio. La Convención sobre la enseñanza de la Historia: educar para la comprensión americana. Disponível em Http://www.caei.com.ar/es/programas/historia/18.pdf. Acesso em 09/12/2007.

Todas essas iniciativas, mencionadas de forma bastante resumida, estimularam os políticos e intelectuais latino-americanos a olhar com maior zelo para os perigos e as vantagens em se aproximar dos vizinhos norte-americanos, ao mesmo tempo em que propiciaram a maior articulação dos grupos contrários ao pan-americanismo em torno de projetos alternativos e fundamentalmente animados por intelectuais, como, por exemplo, a *Alianza Popular Revolucionaria Americana* (APRA), capitaneada pelo peruano Víctor Raúl Haya de la Torre, a partir de 1924, a *Unión Latinoamericana*, organizada por José Ingenieros em Buenos Aires, em 1925, e a *Liga Antiimperialista de las Américas* (LADLA), dirigida pelos mexicanos Úrsulo Galván e Diego Rivera, também em 1925[325].

Frugoni, Antuña e Quijano relacionaram-se de maneiras divergentes com tais grupos e foram os autores uruguaios mais assíduos nesse debate, durante os marcos cronológicos selecionados.

Frugoni, desde a publicação na revista argentina *Nosotros*, em 1918, do relato da viagem que havia realizado aos Estados Unidos, três anos antes, intitulado *En la otra América*, passou a conceder uma significativa atenção aquele país. Frugoni, embora não tenha citado as impressões de viagem de Paul Groussac aos Estados Unidos (1897) ou *Ariel*, não conseguiu desvincular-se da trama tecida nestes textos precedentes.

Se de um lado, assinalou os diversos aspectos positivos dos Estados Unidos, designados como uma "nação de prodígios modernos", com uma população progressiva, ativa, estudiosa, concisa, penetrante, e também vaidosa, por outro, concluiu pelo veio utilitário que adentrava todas as atividades dos norte-americanos, inclusive dos homens de letras: "Esta idéia da nobre condição do lucro é tão profunda que conseguiu a conciliação

[325] Ver FUNES, Patricia. *Salvar la nación: intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo, 2006, p. 226-229. A linha norteadora do APRA foi o indo-americanismo e seus principais objetivos foram a luta contra o imperialismo dos EUA, a unidade política da América Latina, a nacionalização de terras e de indústrias, a internacionalização do Canal do Panamá e a solidariedade com todos os povos e grupos oprimidos do mundo. Cf. *Idem*. El APRA y el sistema político peruano en los años 30: elecciones, insurrecciones y catacumbas. In: ANSALDI, Waldo (ed.). *Tierra en llamas. América Latina en los años 1930*. La Plata: Ediciones Al Margen, 2002, p. 115.

perfeita do que parecia ser irreconciliável. As mais elevadas ocupações do espírito e da inteligência aparecem irmanadas com o lucro, sem que este as descorem"[326].

O viajante socialista cotejou os norte-americanos com os romanos e destacou que traçaram muitos pontos em comum, como, por exemplo, a onipresente educação do músculo para a guerra, a seu ver, não contra outros povos, mas para "essa guerra moderna pela fortuna, essa luta de indivíduo a indivíduo dentro de um mesmo povo, pela vida e pela riqueza", e que em contato com os gregos foram estimulados a fecundar profundamente seus espíritos, o que poderia ser vislumbrado entre as novas gerações norte-americanas, marcadas por uma "cultura intelectual intensiva", em suas 720 universidades[327].

A visão de Frugoni sobre os EUA pintava um país marcado por contrastes, que, a seu ver, pouco assimilava os exemplos externos, à exceção das esferas científicas e artísticas que mantinham suas portas constantemente abertas ao exterior. Frugoni criticou a manutenção da pena de morte como uma ferramenta de punição jurídica, ao passo que outras nações, como o Uruguai, extinguiam essa prática de suas cartas constitucionais. O viajante socialista chamou atenção para a "barbárie" norte-americana da pena de morte, envolta por um nefando clima de festa e citou os convites para as execuções por meio da cadeira elétrica em Nova Iorque, bem como os *pic nics* que conglomeravam os sulistas após um enforcamento. Frugoni concluiu que "este é um fenômeno que permite duvidar da intensidade do verdadeiro sentimento cristão deste povo tão familiarizado com a Bíblia"[328].

Posteriormente, Frugoni, interessado em propor os caminhos do socialismo latino-americano, ao confrontar as suas experiências anglo-saxônicas, destacou em mais de uma oportunidade o exíguo espaço dedicado pelos trabalhadores norte-americanos à discussão de idéias e ideologias que fossem além das reivindicações por melhoras salariais ou sindicais,

[326] FRUGONI, Emilio. En la otra América. In: *Nosotros*. Buenos Aires, a. 12, v. 28 , n. 107, março de 1918, p. 343.
[327] *Ibidem*, p. 341.
[328] *Ibidem*, p. 347-348.

devido, a seu ver, pela absorvente preocupação mercantilista, ao passo que o trabalhismo britânico emergia como uma significativa fonte de inspiração:

> Tem o trabalhador dos Estados Unidos uma inegável habilidade de organização e uma magnífica capacidade de luta pela defesa de seus interesses. Sustenta greves colossais, promove movimentos imponentes, habitualmente propõe conflitos de profunda transcendência econômica e se mantém com coragem em posições combativas. Entretanto, não se move exceto por melhoras de salário ou de horário, por interesses de ofício, quando muito, por interesses sindicais. Não se eleva por encima dos problemas elementares da vida gremial. Rechaça com horror ou desprezo as ideologias. Colide rapidamente com outros trabalhadores por razões de tática gremial. [...]. Nada de princípios, portanto, nem de idealismos. Isto é próprio, acima de tudo, de uma classe produtora sobre cujo espírito se deixa sentir a influência do clima social nessa enorme nação em que as máximas potências do capitalismo preenchem o âmbito moral com a presença fenícia das preocupações mercantilistas absorventes, onde a sua majestade 'o negócio' constitui o eixo em torno do qual giram a vida e o destino de milhões de pessoas[329].

Cabe assinalar que em *Génesis, esencia y fundamentos del socialismo* (1947), Frugoni confirmou sua visão sobre os trabalhadores norte-americanos, segundo ele, pouco articulados ao Partido Trabalhador Socialista (*Social Labour Party*), e que eram adversários dos anarco-comunistas e da própria Federação Americana do Trabalho (*American Federation of Labour*). Para Frugoni, a idéia de "reforma social pela via econômica" continuava a dar as coordenadas para os trabalhadores dos Estados Unidos[330].

Antuña e Quijano, por sua vez, não chegaram a publicar textos mais penetrantes sobre a sociedade norte-americana e circunscreveram suas interpretações antagonistas sobre as relações entre a América Latina e os Estados Unidos.

Desde 1917, Antuña expressou o seu apoio ao pan-americanismo e assinalou que o Uruguai tornou-se uma peça fundamental para os norte-americanos nos mares do Atlântico Sul, a partir da entrada dos Estados Unidos na 1ª Guerra Mundial.

Para Antuña, todos os países americanos deveriam apoiar os Estados Unidos e nutrir o pan-americanismo, transformando-o em um "*Zollverein* Americano" que, a seu ver, deveria

---

[329] FRUGONI, Emilio. *El laborismo británico. Sinopsis histórica e interpretativa*. Montevideo: Editorial Afirmación, 1941, p. 112-113.

[330] *Idem*. El socialismo en Estados Unidos. In: *Génesis, esencia y fundamentos del socialismo*. Tomo II. Buenos Aires: Américalee, 1947, p. 211-244.

ancorar-se na Doutrina Monroe e no exemplo de George Washington. Antuña destacou em diversas passagens que as diretrizes da política externa norte-americana não representavam ambições de dominação, mas de luta pelo pacifismo, pela liberdade, e encarnavam "a negação rotunda do cesarismo e autocracia"[331].

O intelectual e deputado colorado contestou as críticas lançadas às investidas dos Estados Unidos sobre o México e argumentou que, quando as tropas norte-americanas adentraram o território mexicano, o país "se encontrava anarquizado e sua sangrenta convulsão dava origem aos repetidos incidentes fronteiriços". Além disso, Antuña sustentou que o próprio governo mexicano consentira inicialmente sobre a ação dos norte-americanos dentro de um delimitado raio em torno dos limites de ambos os países[332].

Finalmente, Antuña criticou as representações iconográficas dos livros de Manuel Ugarte sobre os Estados Unidos, que satirizavam a águia exposta nos brasões das forças militares norte-americanas, e aprovou a sua expansão sobre a América Latina:

> Em que se funda, portanto, a propaganda antipan-americanista que se esforça por nos apresentar a grande democracia do norte, tal como aparece na capa dos livros de Ugarte, como uma águia obsessiva, de garras sangrentas, que desde o mastro da insígnia estrelada está sempre pronta para precipitar sua voracidade furiosa sobre a América Latina?
> Realmente constitui uma força conquistadora, mas sejam bem-vindas essas conquistas, uma vez que elas não arrancam nem do baixo espírito expansionista, nem do afã imoderado da velha dominação material. São estas as conquistas da paz e do trabalho, do progresso e da ordem, que em forma da emulação e do exemplo, chegaram a invadir os países da América espanhola subsumidos na dissolução e no opróbrio. Dessa maneira, explica-se que em alguns povos da América Central e no próprio México possa ser surpreendido um determinado sentimento anexionista, nem muito vago nem demasiado obscuro, a ponto de que como anota um autor argentino, assim como ocorria com Cuba durante a dominação espanhola, muitos dos homens mais importantes daqueles países adotaram a cidadania americana [sic] para se ver livres dos atropelos das autoridades locais[333].

Em 1926, o argentino Arturo Capdevilla publicou entre os membros da *Unión Latinoamericana* uma obra de crítica aos Estados Unidos e a alguns povos latino-americanos,

[331] ANTUÑA, José G. Panamericanismo. In: *Acción parlamentaria*. Montevideo: Gómez y Cia, 1924, p. 91.
[332] *Ibidem*, p. 92.
[333] *Ibidem*, p. 94-95.

desde "Buenos Aires, cidade forte"[334]. A mensagem de Capdevilla era deliberadamente de denúncia às ações norte-americanas na América Central, no México e no Caribe, mas, por outro lado, de advertência à necessidade de tais povos fazerem-se respeitar, consolidando as bases de verdadeiros Estados-nacionais.

No ano seguinte, Antuña publicou um artigo sobre o livro de Capdevilla tanto na revista francesa *L'Amérique Latine*, em janeiro, quanto na argentina *Nosotros*, em fevereiro, cuja apropriação das idéias expostas pelo autor argentino se mostraram bastante seletivas. Antuña invertia a ênfase da obra de Capdevilla e até mesmo a imagem de Buenos Aires como cidade forte, já não como uma fortaleza de resistência, mas como cidade dotada de vigor e virtuosa "porque soube criar-se com ordem, ciência e energia"[335].

O intelectual colorado queria desvendar "a verdade da América", em alusão à América Hispânica. Para tanto, utilizou um léxico inquestionavelmente patológico e assinalou que, ao contrário dos argentinos, os demais povos do continente careciam de vontade para edificar verdadeiras nações.

Antuña assentiu parcialmente com Capdevilla acerca da existência do imperialismo norte-americano. Contudo, sustentou que muitas vezes os Estados Unidos intervieram em seus vizinhos próximos ou distantes porque havia sido convocado:

> Mas o ianque chegou muitas vezes porque foi chamado. Não nos esquecemos disso, embora outros quisessem ou simulassem esquecê-lo. Atualmente e nestas mesmas horas em que escrevo estas linhas, um governante americano clama pública e oficialmente para que o 'imperialismo' do Norte se ponha ao seu lado para evitar que outro país vizinho arme e prepare para a revolta interna as facções políticas que lhe são adversárias. Horror! Amanhã falarão uns e outros em frases épicas da 'bofetada' [*manotazo*] ianque[336].

[334] Cf. CAPDEVILLA, Arturo. *América: nuestras naciones ante los Estados Unidos*. Buenos Aires: M. Gleizer, 1926.
[335] ANTUÑA, José G. La verdad de América. In: *Palabra*. Conferencias y discursos: 1915-1927. Paris: Editorial Paris-América, 1927, p. 82.
[336] *Ibidem*, p. 85.

Enfim, o argumento de Antuña radicava sobre a "debilidade", "instabilidade" e "desorganização" dos países latino-americanos, os quais não se faziam respeitar pelos norte-americanos:

> Pouco respeitosos foram para com a América Latina os Estados Unidos, afirma o autor de *América*. Entretanto, quão certo é também que 'não se respeita senão o respeitável', agrega, ao mesmo tempo em que recorda que assim como o ciclope legendário devorava mais facilmente os carneiros do que os homens, este outro ciclope, primeiro comerá rebanhos vagabundos do que verdadeiros povos[337].

Se bem que Antuña geralmente não articulasse deliberadamente as conformações étnicas latino-americanas com a suposta anarquia de suas nações, suas palavras muito pouco alentadoras certamente não poderiam ser bem recepcionadas entre os expressivos grupos intelectuais dos anos 20 aos 40, que empreendiam uma verdadeira revisão crítica dessas interpretações tanto nas Américas quanto na Europa.

Quijano, ao contrário de Antuña, desde finais da década de 10 expressava seus reproches à política externa norte-americana para a América Latina. Durante a sua estadia na Europa, de 1924 a 1928, ao travar estreitos contatos com outros jovens estudantes hispano-americanos, dentre outros importantes intelectuais, Quijano cultivou um discurso antiimperialista, que gradualmente ampliava o seu espectro de recepção tanto entre os círculos intelectuais latino-americanos e asiáticos quanto europeus.

Embora o Uruguai da juventude de Quijano se mantinha um pouco distante das investidas políticas, econômicas e culturais dos Estados Unidos, ele não deixou de apontar que os principais desafios para os países latino-americanos viriam de suas relações desencontradas ou dialógicas com aquela poderosa nação, que desde a primeira metade do século XIX direcionava permanentemente suas atenções sobre os seus vizinhos do Sul[338].

---

[337] *Ibidem*, p. 86.

[338] Ver JUNQUEIRA, Mary A. Ciência, técnica e as expedições da marinha de guerra norte-americana, *U. S. Navy*, em direção à América Latina. In: *Varia História*, Belo Horizonte, v. 23, n. 38, Jul/Dez 2007, p. 334-349.

Como Arturo Ardao já bem interpretou o olhar antiimperialista, e ao mesmo tempo latino-americanista, de Quijano[339], pensamos ser mais fecundo tentar ladrilhar outros operosos caminhos que procurem dar conta das revisões que elaborou em distintos momentos, articulando-as às relações assimétricas e sinuosas entre o "espaço de experiência" e o "horizonte de expectativa" [340] de alguns setores intelectuais no Uruguai e nos demais países da América Latina.

Antes, porém, importa ressaltar que é possível avistar em alguns de seus textos considerações paralelas às tramadas por Capdevilla e Antuña acerca da responsabilidade dos países latino-americanos diante do crescente assédio dos Estados Unidos sobre a América Latina. Ao discursar em Paris, em 1925, em apoio ao governo mexicano e contra o desembarque de tropas norte-americanas na cidade portuária de Veracruz, Quijano mencionou a responsabilidade dos próprios governos latino-americanos, que apoiaram inúmeras vezes as ações norte-americanas na região:

> Eu não vacilo em declarar que grande parte da culpa dos males que nos afligem é nossa, ou melhor dito de nossos dirigentes. O caso do Haiti é típico, como são o do Peru e da Venezuela. Falou-se de uma gestão da Liga das Nações para cessar a ocupação. Esta, no entanto, não pode exercê-la porque o governo haitiano, que era o único capacitado, segundo o pacto, para solicitar essa gestão, não quis fazê-la, satisfeito, sem dúvida, com a providencial e ordenadora dominação americana [sic]. Eu mesmo me recordo de ter lido em meu país, por ocasião de uma campanha contra o serviço militar obrigatório – campanha à qual acompanhei com todo o entusiasmo – que nós não tínhamos necessidade de preparar-nos para a guerra porque a garantia de nossa independência era o apoio dos Estados Unidos.
> [...]
> Sim, a culpa é nossa, a culpa é dos governos que outorgaram concessões e contrataram empréstimos seguidos de empréstimos aos banqueiros ianques. 'Atrás do capital vêm os soldados'. A culpa é daqueles que, ao aceitarem o artigo 21 do Pacto da Liga das Nações, reconhecem a Doutrina Monroe como princípio de Direito Internacional Público e como acordo regional[341].

[339] Cf. ARDAO, Arturo. El latinoamericanismo de Quijano. In: MACHIN, Horacio, MORAÑA, Mabel (eds.). *Marcha y América Latina.* Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana / Universidad de Pittsburgh, 2003, p. 167-184.

[340] KOSELLECK, Reinhart. *Futuro pasado. Para una semántica de los tiempos históricos*. Buenos Aires: Paidós, 1993.

[341] QUIJANO, Carlos. ¿Existe un imperialismo yanqui? In: *América Latina, una nación de Repúblicas*. Montevideo: Câmara de Representantes, 1989, p. 14-15 (publicado originalmente por *El País*, 13 de agosto de 1925).

Durante os anos 40, ao concluir uma interessante análise a respeito da política internacional uruguaia, Quijano voltou a tocar nesse tópico, com uma visão mais matizada, apesar de não refutar uma parcela de responsabilidade "individual" e coletiva presente na construção de relações respeitosas entre os latino-americanos e os anglo-saxões:

> Pessoalmente, em nossas relações com muito cordiais e finos amigos ingleses e ianques, comprovamos que o anglo-saxão respeita a quem se faz respeitar. Não lhe concedemos a isto maior importância, como se compreenderá, porque sabemos que o jogo internacional é um jogo de forças. Se as forças têm que cumprir seus fins, as barreiras morais ou psicológicas pouco contam. Contudo, seria tolo desprezar o que nos é útil e o que, além disso, é sempre demonstrativo de dignidade[342].

Também ao longo dos anos 20 e 30, Frugoni apoiou o México, criticou o pan-americanismo e as ações norte-americanas em seu entorno mais próximo, sustentou que a política norte-americana era conduzida por *Wall Street* e constantemente denominou a sua democracia de plutocracia.

Sismógrafo das inquietações dos estudantes universitários uruguaios, a revista *Ariel* mostrava-se bastante receptiva às interpretações de Quijano e Frugoni, em sintonia com os papéis desempenhados pelos dois intelectuais como docentes na Faculdade de Direito e Ciências Sociais, quando freqüentemente foram eleitos como seus representantes nos conselhos universitários. Entretanto, em 1930 a revista *Ariel* condenou o voto favorável de Quijano pela contratação de um empréstimo com bancos norte-americanos ou ingleses, tema sobre o qual se desentendera com Frugoni no parlamento, como já tivemos oportunidade de ver com mais detalhes no capítulo anterior.

Somente para recapitular parcialmente esse debate, Frugoni desaprovou completamente a assinatura do contrato, ao passo que Quijano não via outra saída para o Uruguai, que carecia de financiamento interno e necessitava modernizar sua infra-estrutura viária e hidrográfica. Entretanto, Quijano reprovou veementemente a contratação do

[342] *Idem*. Las directivas fundamentales de una política internacional. In: *Marcha*, Montevideo, ano VI, n. 240, 07 de julho de 1944, p. 5.

empréstimo com bancos e agências financiadoras oriundas dos Estados Unidos, optando pelo pagamento de juros mais elevados aos britânicos[343].

A revista *Ariel* posicionou-se a favor de Frugoni e publicou o texto escrito pelo parlamentar socialista acerca dos desafios enfrentados pelos trabalhistas ingleses na Índia[344], ao passo que censurou duplamente as ações de Quijano, tanto em seu desempenho diante dos estudantes universitários quanto no parlamento, classificando-as de "atitudes envoltas nas nebulosidades das falsas posições":

> Essa é a posição do Dr. Quijano frente aos estudantes de Direito, aos quais, depois de lhes endereçar bonitos discursos durante sua greve, vota para decano a uma pessoa que não era aquela que os estudantes, impondo o mandato imperativo, mandaram-no que votara. Essa é também sua posição frente ao seu eleitorado, que o votou de acordo com as idéias de esquerda que expunha em sua plataforma eleitoral, ao qual se burla, votando em empréstimos, que contém cláusulas que abrem as portas da economia do país aos avanços vorazes do capitalismo estrangeiro[345].

Com tal reprovação, os estudantes demonstravam que acompanhavam de perto tanto o discurso de Quijano quanto as suas posições parlamentares e que não acatavam a meticulosa e fundamentada justificativa erigida por Quijano para convencer Frugoni a respeito da necessidade daquele empréstimo.

O tema do pan-americanismo também esteve presente na Liga das Nações e foi alvo de intensas discrepâncias, fundamentalmente em relação ao famoso Artigo 21, que reconhecia a compatibilidade do seu pacto com doutrina Monroe e, como censurou Quijano, legitimava-a como "acordo regional", admitindo implicitamente a tutela dos Estados Unidos nas Américas[346].

Diante disso, Quijano propunha a sua derrogação, criticava a aceitação dos representantes uruguaios ao texto, denominando-os de "iancófilos" e assinalava que outros

[343] DSCR. Tomo 361. Montevideo: Imprenta Nacional, 1931, p. 464.
[344] FRUGONI, Emilio. La India y el laborismo inglés. In: *Ariel*. Revista del Centro de Estudiantes *Ariel*, Montevideo, n. 39, maio de 1930, p. 4-6.
[345] FERNAR. El Dr. Quijano. Fue expulsado por traidor a la causa antimperialista [sic], por la liga que lleva ese nombre. In: *Ariel*, Revista del Centro de Estudiantes "Ariel", Montevideo, n. 39, maio de 1930, p. 13.
[346] QUIJANO, Carlos. La doctrina de Monroe en el pacto de la Sociedad de Naciones. In: *Acción*, Montevideo, ano I, n. 21, 22 de agosto de 1933, p. 5-6.

países, tais como a Argentina e o México, haviam sustentado posições mais sensatas e favoráveis à América Latina.

Antuña, por outro lado, ao participar da delegação uruguaia na Liga das Nações, em setembro de 1929, não parece ter feito amplas censuras ao Artigo 21 e lamentou a adesão tardia dos Estados Unidos ao Estatuto da Corte Permanente de Justiça Internacional de Haia, além de preconizar a aproximação da Liga das Nações com a União Pan-Americana, o que, a seu ver, seria fecundo para a América Latina[347].

Quijano criticava, em 1932, a plataforma da diplomacia e da política externa uruguaia tanto na Liga das Nações quanto na União Pan-Americana, em um contexto de batalha contra os representantes dos setores conservadores, que dirigiam o país, nucleados pelo governo colorado de Gabriel Terra. Em meados da década seguinte, quando as negociações para a criação da Organização das Nações Unidas caminhavam a passos longos, Quijano novamente criticou a possibilidade da aprovação de um "estatuto independente" interamericano em seu seio, além de reprovar o apoio do Brasil ao pan-americanismo, visto como "o soldado dos Estados Unidos na América do Sul"[348].

É interessante notar que, neste mesmo editorial, Quijano buscou inscrever a atuação de Antuña no bloco de oposição à redação do Artigo 21, ainda que uma leitura minuciosa dos discursos proferidos pelo representante colorado na Liga das Nações, ou de outros textos coetâneos em que abordou a Doutrina Monroe, não nos permita sustentar completamente a afirmação de Quijano. Aliás, vale sublinhar que Antuña argumentou que a interpretação exagerada do artigo 21 havia gerado a uma infecunda reserva e renúncia da América Latina à Liga das Nações[349].

---

[347] Cf. ANTUÑA, José G. *L'Uruguay, le panaméricanisme et la Société des Nations*. Paris: Imprimière Michel, 1929.

[348] QUIJANO, Carlos. La cabeza en el tajo. In: *Marcha*, Montevideo, ano VI, n. 282, 18 de maio de 1945, p. 4-5.

[349] Cf. ANTUÑA, José G. Paz instintiva y paz racional. In: *Perspectivas de América*. Temas, acontecimientos y monografías continentales. Buenos Aires: M. Gleizer, 1938, p. 131.

Possivelmente, Quijano não quis ser injusto com Antuña, apesar de haver discordado de suas posições a respeito da política nacional, internacional e também de seus fundamentos teóricos, uma vez que Antuña discursara em alguns momentos sobre a edificação de um pan-americanismo ancorado na "igualdade" de relações entre os países das Américas, a aproximação cultural e, em casos de conflitos, a arbitragem ampla, tradicional reivindicação uruguaia na União Pan-Americana e na Liga das Nações.

Ao longo dos anos 30, Quijano utilizou a redação de *Acción* para ministrar cursos e conferências, aos quais eram convidados tanto os seus funcionários e colaboradores, quanto o público leitor em geral, uma vez que desde maio de 1932 passaram a ser anunciados em destaque na capa do semanário. Naquele ano, Quijano privilegiou o tópico do imperialismo econômico e político, ao dissertar sobre as disputas européias pela conquista de territórios, particularmente sobre o imperialismo inglês e francês, a ascensão dos Estados Unidos e o pan-americanismo.

Importa ressaltar que muito provavelmente os diversos textos sobre a América Latina, o latino-americanismo e o pan-americanismo publicados por Arturo Ardao posteriormente, além de parte dos conteúdos que ministrou como professor de História das Idéias na *Universidad de la República*, desde os anos 50 até 1973, fundamentaram-se inicialmente nos textos pronunciados ou escritos por Quijano. Todavia, não é possível desenvolver aqui de forma mais intensa esta hipótese.

À medida que se aproximava a Conferência do Uruguai, em 1933, *Acción* acentuava gradativamente suas críticas ao pan-americanismo e preconizava que seria melhor para a América Latina que os seus trabalhos fossem cessados porque os seis encontros realizados até então não haviam dado frutos significativos. Para Quijano, os Estados Unidos sempre se esquivaram da temática relacionada às intervenções, as relações econômicas entre as nações americanas se regiam pelo protecionismo e a União Pan-Americana, ao contrário da Liga das

Nações não estava sediada em um país "neutro", como a Suíça, mas mantinha-se na capital do Estado mais poderoso do bloco, o que certamente despertava receios entre os latino-americanos[350].

No dia da cerimônia de abertura da VII Conferência Pan-Americana, 07 de dezembro de 1933, *Acción* circulou entre os leitores do Uruguai com uma crítica rotunda ao pan-americanismo. Dentre os diversos textos e manifestos publicados, abria aquele número um artigo em que Quijano argumentava que a Casa Branca se constituía em uma "fachada", ao passo que *Wall Street* representava o "real governo"[351]. Quijano também apareceu nas páginas centrais, com uma recopilação sintetizada dos artigos que havia escrito e publicado anteriormente, também em *Acción*, a respeito das conferências pan-americanas[352].

Outros dois textos mais expressivos foram o manifesto da Federação de Estudantes Universitários do Uruguai, que canalizava as suas principais reivindicações no âmbito latino-americano, como, por exemplo, o reconhecimento da real soberania de Cuba, a retirada das tropas norte-americanas do Haiti e o cessar-fogo da Guerra do *Chaco*[353], além do anúncio, pelos redatores, da realização simultânea de uma "contra-conferência" em Buenos Aires, organizada por instituições estudantis, operárias e culturais:

> A Conferência de Buenos Aires considera, com um dia de posteridade, os mesmos assuntos de que tratam a Conferência de Montevideo, para dar, assim, em face das soluções oficiais dos diplomáticos, o verdadeiro pensamento das classes populares da América. As conclusões serão publicadas em um boletim especial que será editado diariamente[354].

No que toca ao diagnóstico a respeito do "fracasso" do pan-americanismo até aquele momento, Antuña, embora acreditasse que seria possível insuflar-lhe novos alentos e

[350] QUIJANO, Carlos. Otra Conferencia Panamericana. In: *Acción*, Montevideo, ano II, n. 61, 11 de novembro de 1933, p. 1.
[351] *Idem*. Estados Unidos y los banqueros. In: *Acción*, Montevideo, ano II, n. 64, 07 de dezembro de 1933, p. 1; 5.
[352] *Idem*. Las Conferencias Panamericanas: desde Washington a Montevideo. In: *Ibidem*, p. 4-5.
[353] Federación de Estudiantes Universitarios del Uruguay. A la Conferencia Panamericana reunida en Montevideo. In: *Ibidem*, p. 6.
[354] La contra conferencia en Buenos Aires. In: *Ibidem*, p. 6.

transformá-lo em uma "Sociedade das Nações do Novo Mundo", coincidia parcialmente com Quijano e assinalava, em seu discurso de abertura, que era necessário arquitetar com urgência um "tribunal permanente e eficaz de justiça e conciliação"[355].

Certamente, aquela conferência de Montevideo sinalizava novos caminhos a serem seguidos no âmbito das relações exteriores entre os países americanos, acima de tudo, devido à eleição de Franklin D. Roosevelt como presidente dos Estados Unidos, bem como em face do crescente avanço das idéias nazi-fascistas na Europa e nas Américas.

A ascensão de Roosevelt à presidência norte-americana, o *New Deal* e a Política da Boa Vizinhança transformaram notoriamente o debate a respeito das relações entre os Estados Unidos e a América Latina, mas não foi capaz de abolir completamente as reservas de Quijano e demais intelectuais nucleados em *Acción* e *Marcha*.

Antes mesmo da realização da Conferência de Montevideo e às vésperas do golpe terrista, Quijano citou um fragmento do discurso de Roosevelt para ressaltar que a "civilização *supercapitalista*" enfrentava uma profunda crise, o que lhe propiciava "uma grande lição de humildade, de modéstia e de solidariedade"[356].

Ao longo da difícil edificação da Política da Boa Vizinhança, Quijano não deixou de apontar para suas fissuras, ao mesmo tempo em que realçou que as nações latino-americanas deveriam ser mais cautelosas ao estabelecer qualquer tipo de acordo com o vizinho anglo-saxão, pois o governo "conjuntural" de Roosevelt não duraria para sempre e já se encontrava em pugna contra os republicanos e alguns setores do Partido Democrata, como concluiu em *Marcha*, em novembro de 1944:

> Dizíamos já em nosso último número que sabemos valorizar no presidente a sua honrada vontade de dominar e humanizar as forças do colosso. Trata-se evidentemente de um estadista com altas e espirituais intenções.
> No entanto, subsistem nossas lógicas reservas. Em primeiro lugar, porque nem todo o governo dos Estados Unidos encarna-se no presidente Roosevelt, pressionado

[355] ANTUÑA, José. Ante la VII Conferencia I. Americana. Montevideo: J. Florensa, 1933, p. 8-10.
[356] QUIJANO, Carlos. Justicia inmanente. In: *Acción*, Montevideo, ano I, n. 43, 04 de março de 1933, p. 10.

> freqüentemente por forças estranhas a ele, de cuja influência não se pode livrar um governante democrático. Forças que atuam inclusive no seio de seu próprio partido, como o prova, por exemplo, o bloco republicano-democrata anti-*New Deal*. Mas também, em segundo lugar, porque, sem pré-julgar as intenções profundas do presidente, sua política na América Latina não deixa de ter falhas, reiteradamente denunciadas por nós, criando, além disso, um abrandamento do vigor nacional – sempre necessário nos povos sadios – em nossos países[357].

Por outro lado, Frugoni, no clima de batalha contra o nazi-fascismo, elogiou a aproximação entre o governo norte-americano e o britânico, criticou os setores favoráveis ao isolamento norte-americano e traçou um paralelo entre Woodrow Wilson e Franklin Roosevelt, destacando que este havia conseguido extirpar "do pan-americanismo oficial a noção antipática da política do *garrote* policial, preconizada pelo outro Roosevelt, substituindo-a pelo conceito decoroso de uma honorável política 'do bom vizinho'"[358].

Além disso, ao proferir um discurso em homenagem à entrada dos Estados Unidos na guerra, Frugoni citou um fragmento de seu relato de viagem, publicado em 1918, e concluiu que Roosevelt e Walt Whitman representavam os dois principais símbolos coetâneos da luta pela democracia naquele país, e deixou entrever que uma aliança com os britânicos poderia representar um canal bastante permeável para a disseminação das idéias do Partido Trabalhista entre os norte-americanos[359].

A publicação desses textos, enunciados originalmente em Montevideo, pela editorial argentina *Claridad* não foi casual, uma vez que seus diretores e leitores estavam dispostos a escutar tais considerações, que também convergiam com a posição do aprismo peruano naquele momento.

Eis o momento ideal para Antuña apresentar, em outubro de 1941, no Senado uruguaio uma proposta de alinhamento do país com os Estados Unidos, empregando a revisão do líder

---

[357] *Idem*. Roosevelt. In: *Cultura, personalidades, mensajes*. Montevideo: Cámara de Representantes, 1992, p. 189. Ver também: Idem. Franklin Roosevelt. In: *Marcha*, Montevideo, ano VI, n. 278, 20 de abril de 1945, p. 1.

[358] FRUGONI, Emilio. De Wilson a Roosevelt. In: *Las tres dimensiones de la democracia*. Buenos Aires: Claridad, 1944, p. 90.

[359] *Idem*. En homenaje a Estados Unidos. In: *Las tres dimensiones de la democracia*. Buenos Aires: Claridad, 1944, p. 93-99.

aprista Haya de la Torre, que passava a preconizar a união "indo-americana" como única saída possível para a derrota nazi-fascista nas Américas[360].

Sobre o novo posicionamento de Haya de la Torre, cabe assinalar que, pouco mais de um ano após o discurso do senador Antuña, *Marcha* publicou uma carta pública do intelectual peruano dirigida ao diplomata, político e jurista norte-americano Wendell Wilkie, e advertia os leitores que embora lhe propiciasse tal espaço para explicar melhor sua mudança de atitude, não a endossava completamente[361].

Em suma, Frugoni, Antuña e Quijano dedicaram especial atenção para as relações entre os Estados Unidos e a América Latina, desde ângulos distintos, embora seja possível observar alguns interessantes paralelos em determinados tópicos e períodos, contribuindo para uma mais ampla discussão sobre os constantes encontros e desencontros que caracterizaram tais contatos.

3.3 Visões utópicas e distópicas sobre a América Latina

Se, nos finais do século XIX e princípios do XX, o norte central das interpretações sobre as coletividades humanas, ancorava-se no determinismo racial e geográfico, que se nutria das teorias positivistas e social-darwinistas, o período entreguerras catalisou a ascensão de inovadores marcos teóricos, que de forma gradual ampliaram os seus espectros de recepção entre os círculos intelectuais, ao mesmo tempo em que respondiam a variados projetos de construção nacional na América Latina.

Segundo Jorge Myers, durante as primeiras décadas do século XX, importantes intelectuais latino-americanos abandonaram ou criticaram o marco positivista, aderindo a um

[360] ANTUÑA, José. *Defensa nacional y defensa continental*. Montevideo: Comité Ejecutivo Nacional del Partido Colorado, 1941, p. 30.
[361] Tópicos de América. V. H. de la Torre. Carta abierta de Haya de la Torre, líder del Aprismo, a Wendell Wilkie. In: *Marcha*, Montevideo, ano IV, n. 169, 22 de janeiro de 1943, p. 11.

conceito espiritualista da cultura, o que lhes permitiu acumular interpretações, que se transformaram no centro gravitacional de uma história cultural latino-americana, produzida a partir das décadas de 1920 e 1930[362].

Por sua vez, como destacou Fernanda Beigel, ao interpretar a trajetória político-cultural de Mariátegui, os anos 20 agenciaram a ascensão de grupos artísticos e intelectuais, que operaram, mediante um prolífico trabalho editorial, rupturas artísticas e protestos sociais, cuja boa recepção entre os personagens que preconizavam projetos de transformação social e política, permitiu o desenvolvimento do vanguardismo latino-americano em um terreno estético-político[363].

Vale ressaltar que Mariátegui – coetaneamente a Luis E. Valcárcel, e após a significativa trajetória de Manuel González Prada – reivindicou um lugar central para os indígenas na construção da sociabilidade política e da nacionalidade peruana, bem como contribuiu para a crítica da nefasta idéia de degeneração dos mestiços[364].

Em 1929, uma década antes de *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar* (1940), ao publicar um breve artigo na *Revista Bimestre Cubana*, Fernando Ortiz sublinhava que já não era sustentável o conceito de raça, censurado por ser pernicioso, falso e estático, e preconizava orientar as interpretações acerca das coletividades humanas pelo viés da cultura, mais dinâmico e aglutinador[365].

---

[362] MYERS, Jorge. Gênese "ateneísta" da história cultural latino-americana. In: *Tempo Social*. São Paulo: Departamento de Sociologia, FFLCH/USP, v. 17, n. 1, junho de 2005, p. 9-54.

[363] Cf. BEIGEL, Fernanda. *El itinerario y la brújula: el vanguardismo estético-político de José Carlos Mariátegui*. Buenos Aires: Biblos, 2003, p. 39.

[364] Cf. MARIÁTEGUI, José Carlos. Sete ensaios de interpretação da realidade peruana [1928]. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.

[365] ORTIZ, Fernando. Ni racismos ni xenofobias. In: SCHWARTZ, Jorge. *Las vanguardias latinoamericanas. Textos programáticos y críticos*. México: Fondo de Cultura Económica, 2002, p. 678-680.

Aliás, José Martí levantara sua voz contra as idéias racistas ou racialistas já nos finais do século XIX, quando, ao escrever *Nossa América*, em 1891, preferiu a noção de povos à de raças e negou a inferioridade dos negros em relação aos brancos[366].

Para terminar esse brevíssimo sobrevôo a respeito da formação de uma nova "sensibilidade" entre os círculos intelectuais latino-americanos, não poderíamos deixar de mencionar a debatida contribuição de Gilberto Freyre, a partir da publicação de *Casa Grande & Senzala* (1933), e a visão da mestiçagem como fator positivo, assim como também havia proposto Vasconcelos em *La raza cósmica* (1925).

Em suma, queremos enfatizar que Frugoni, Quijano e Antuña voltaram seus olhares para os problemas e questões introduzidos pela modernização do Uruguai e da América Latina, em um universo de intenso embate de idéias, marcado pela elaboração de renovados pressupostos interpretativos, que respondiam aos seus projetos de transformação política, socioeconômica e cultural.

Esse movimento interno latino-americano também se nutriu da inquietação pelas dissensões e rivalidades presentes numa Europa convulsionada. Enquanto o Velho Mundo, no entender de tais intelectuais, chegava ao seu outono, a América Latina guardiã seletiva de suas principais riquezas intelectuais e culturais, florescia no raiar do sol primaveril novecentista. Era chegada "a hora americana", como sublinhou Hugo Achugar, convicção propalada freqüentemente tanto nos discursos oriundos das vozes universitárias quanto de vários intelectuais em vias de consagração[367].

Emilio Frugoni, em mais de uma oportunidade, construiu essa comparação, fundamentado em Paul Valéry (*A crise do espírito*), Demangeon (*A decadência da Europa*) e

[366] MARTÍ, José. *Nossa América*. São Paulo: Hucitec, 1983, p. 194-201.
[367] ACHUGAR, Hugo. La hora americana o el discurso americanista de entreguerras. In: PIZARRO, Ana (org.). *América Latina – Palavra, Literatura e Cultura*. La emancipación del discurso. Volume 2. São Paulo; Campinas: Memorial; UNICAMP, 1994, p. 635-662.

Spengler (*Decadência do Ocidente*, 1918 e 1922)[368], mas nunca deixou de frisar que acreditava na recuperação européia e na reconquista de sua posição iluminadora, que tantos "bons exemplos" havia legado à humanidade e em especial às Américas[369].

Por sua vez, nos finais de agosto de 1932, um editorial-chave de *Acción* explicitava as principais inquietações daquele grupo de intelectuais capitaneados por Quijano a respeito do presente e do futuro uruguaio e internacional, pelo qual constatavam a "confusão", "incertezas" e "anarquia" material e espiritual do pós-Primeira Guerra, por um lado, mas que se apresentava como um período gestacional de profundas transformações, por outro.

Para tais intelectuais, aquele momento apresentava-se como ideal para pensar as suas posições "entre o grito agoureiro de Spengler e a profissão de fé esperançada e otimista do grupo *Clarté* dos intelectuais encabeçados por Barbusse", isto é, em meio à "Nova Idade Média" do alemão ou a "plenitude vital" e "cultura ecumênica" de Wells e Keyserling respectivamente[370].

A mensagem divulgada por aquele editorial, ancorada, acima de tudo, em Keyserling, insistia sobre a responsabilidade individual dos intelectuais, bem como da juventude para a edificação de novas formas de pensamento e de sociabilidade:

> Em meio de toda essa desorientação, somente uma coisa sabemos e ela é suficiente: toda a humanidade será o que queremos que seja.
> [...]
> Não é para perguntar o que se deve fazer, mas sempre, em cada caso, o que eu devo fazer.
> Daqui em diante importa o indivíduo. Somente quando existam muitos indivíduos, que tenham resolvido seus problemas pessoais, será possível a realização de uma modificação molecular da totalidade[371].

[368] Cabe ressaltar que os textos que argumentavam sobre uma "decadência" da Europa ou da cultura ocidental foram apropriados mediante diferentes leituras – bem divergentes às realizadas por Frugoni – por importantes correntes autoritárias na América Latina. Ver BEIRED, José Luis Bendicho. *Sob o signo da nova ordem. Intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina (1914-1945)*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
[369] FRUGONI, Emilio. *La sensibilidad americana*. Montevideo: Maximino García, 1929, p. 23.
[370] La inquietud de nuestra época. In: *Acción*, Montevideo, ano I, n. 22, 29 de agosto de 1932, p. 1.
[371] *Ibidem*, p. 1.

Tempos de cruzamento de utopias e distopias, com vantagens para aquelas sobre estas últimas, pelo menos até os finais dos anos 20, e se lançamos mão das categorias propostas por Koselleck, podemos argumentar que a balança da "jovem" América pendia favoravelmente para o "horizonte de expectativas" sobre o "espaço de experiência".

Neste contexto, Frugoni desenvolveu em *La lección de México* (1928) e em *La sensibilidad americana* (1929) a hipótese de que a América Latina finalmente havia encontrado um caminho a seguir, mas ainda tinha que batalhar arduamente porque "oligarquias venais e cobiçosas corrompem e violentam o destino desses povos, apoderando-se para tropelias criminais de repúblicas politicamente atrasadas, que geralmente são repúblicas de nome"[372].

O líder socialista nutriu-se de diversas correntes intelectuais, filosóficas e culturais na elaboração de um marxismo bastante aberto. Destacou que a América Latina, por ser um espaço de trocas biológicas e culturais, mostrava ao mundo um ambiente mais propício à conciliação e ao diálogo de seus habitantes. Ademais, "até mesmo na luta de classes sente-se aqui mais acentuadamente que há o aspecto da colaboração, que não a nega, mas que a alimenta sob a forma da trégua ou da negociação para o benefício de todos"[373].

Ao dividir a América em três zonas culturais, uma anglo-saxônica e duas "latinas", o intelectual socialista argumentou que a América Latina do Pacífico estava envolvida em um frutífero resgate e revalorização dos valores morais e espirituais de seus ancestrais indígenas, ao passo que a zona voltada para o Atlântico (Argentina, Uruguai e a parte meridional do Brasil) representava o verdadeiro lugar de harmonização das diferenças étnicas, da nova *sensibilidade*, devido à maior diversidade de povos e influências, principalmente devido ao fluxo imigratório que colocou em contato diversos povos[374].

[372] FRUGONI, Emilio. *La sensibilidad americana*. Montevideo: Maximino García, 1929, p. 12.
[373] *Ibidem*, p. 13.
[374] *Ibidem*, p. 27.

Frugoni citou a *Utopía de América* (1925) de Pedro Henríquez Ureña[375], para reforçar o seu argumento de que o destino dos países latino-americanos ("verdadeira federação de povos afins") era a aproximação e a união, potencializada também pelos perigos comuns que os espreitavam e pela marcha "do progresso nivelador"[376].

A visão polifônica de Frugoni sobre a América Latina pode ser interpretada da síntese, a seu ver, de suas características mais marcantes: universalidade, ignorância e intuição. Ao proferir duas conferências em Montevideo sobre o México, em 1928, embora realçasse o fecundo exemplo do país setentrional, principalmente em sua luta contra o latifúndio e a Igreja Católica, o socialista uruguaio pintou com cores fortes os "signos de atraso político, o marcado predomínio presidencialista, caudilhismo, fanatismo personalista e corrupção de alguns funcionários administrativos, fomentada pelos grandes capitais estrangeiros, muito poderosos e influentes" [377].

O México, por outro lado, emergia como o paladino da independência econômica e política da América Latina, em sua liderança no cumprimento da "missão histórica de forjar um novo mundo, com os olhos fixos em um porvir radiante de solidariedade humana e democracia integral"[378].

Como Mariátegui, Frugoni arquitetou um projeto estético-político para a América Latina, que passava pelo cruzamento entre o debate estético vanguardista, a recepção seletiva das idéias marxianas e marxistas, além dos constantes desencontros no que tocavam às recomendações da III Internacional no âmbito das práticas políticas e culturais.

Em linhas bem gerais, Frugoni respondia a algumas das questões centrais propostas por, entre outros, José Ortega y Gasset e Jean Epstein (orientador de Luis Buñuel), tanto a

[375] Henríquez Ureña (1884-1946) deixou seu país, a República Dominicana, ainda jovem, em 1901, traçando a partir de então uma trajetória internacional marcada por desafios e logros intelectuais, durante seu exílio em diversos países americanos. Ver MYERS, Jorge. Gênese "ateneísta" da história cultural latino-americana. In: *Tempo Social*. São Paulo:Departamento de Sociologia, FFLCH/USP, jun. 2005, V. 17, nº 1, p. 30-38.
[376] FRUGONI, Emilio. *La sensibilidad americana*. Montevideo: Maximino García, 1929, p. 23.
[377] *Idem*. *La lección de México*. Montevideo: Tip. Augusta, 1928, p. 11. O folheto com a versão tipográfica das conferências pronunciadas por Frugoni circulou pelo Uruguai com uma tiragem de 5.000 exemplares.
[378] *Ibidem*, p. 53.

respeito da edificação de uma modernidade latina ou ibérica alternativa quanto da formação de uma "nova sensibilidade estética" durante as primeiras décadas do século XX, ancorada na separação entre a identificação imediata da obra com o público ou, como destacou Jorge Urrutia, na hesitação em aceitar a existência de uma "relação direta da arte com a vida e a realidade" [379].

O livro *La sensibilidad americana* reunia dezoito artigos que, segundo Frugoni, deviam "ser considerados como elementos componentes de uma campanha em prol da formação de uma consciência continental, entendida como elo e fator espiritual da história da América", sempre vista por ele como a América Latina, bem como articulava as noções de sensibilidade e opinião tanto no campo da cultura quanto da política[380].

No primeiro e mais extenso artigo, que nomeou o conjunto da obra e que também havia sido publicado de forma bem mais sintética nas primeiras páginas da revista *Nosotros*, nos princípios de 1929, Frugoni argumentou que a América Latina possuía a missão histórica de promover o diálogo entre as distintas culturas e salvaguardar a humanidade de uma catástrofe, bem como preconizou a articulação entre as manifestações artísticas e a vida social, com o intuito de criar uma arte "americana", mas não afirmou que esta devesse ser necessariamente de cunho socialista[381].

Se, por um lado, podemos observar que boa parte da construção do conceito de América, desde o século XVIII até o século XIX, principalmente em referência à América de colonização espanhola e portuguesa, realçou negativamente, por meio de pressupostos eurocêntricos, a sua falta de densidade histórica, por outro, parte dos intelectuais latino-americanos, ainda que nem sempre se esquivassem completamente dessa modalidade

[379] Cf. URRUTIA, Jorge. Vitalidad de la deshumanización del arte. In: *Revista de Occidente*, Madri, n. 300, maio de 2006, p. 16-17.
[380] FRUGONI, Emilio. *La sensibilidad americana*. Montevideo: Maximino García, 1929, p. 7.
[381] *Ibidem*, p. 40-41.

discursiva, empenharam-se em mudar os seus sinais, como podemos ver no fragmento pinçado em *La sensibilidad americana*:

> Temos a vantagem de não nos sentirmos atados à tradição. Isso nos permite mover com desenvoltura em todos os horizontes. O passado, que na Europa é uma força histórica, uma fatalidade decisiva, na América se confunde com o presente. É muito breve a perspectiva que permanece atrás em relação ao infinito de possibilidades que se abre ante nossos olhos. [...] Nosso destino não arraiga tanto no passado. Devemo-nos muito mais ao porvir. O futuro tem mais preponderância sobre nossa vida que o pretérito. [...] Na América tem muito mais força o sentimento do porvir, o desejo de abrir horizontes, o afã pelo novo. Ainda é tão pouco o que devemos ao passado que toda nossa fé descansa no porvir. Nada vale nossa recordação em comparação à nossa esperança[382].

Impossibilitados de analisar de forma mais minuciosa esse riquíssimo texto e antes de trasladarmos para o enfoque a respeito da "síntese americana" em relação ao socialismo, gostaríamos de destacar que Frugoni criticou o regionalismo tradicionalista, o indianismo e o *criollismo rioplatense*, além de assinalar que Sarmiento representava o expressivo exemplo de um autor e estadista "genuinamente americano", que enfocava de forma pujante e fecunda os principais problemas argentinos e latino-americanos do século XIX[383].

O programa socialista de Frugoni para a América Latina incluído em *Génesis, esencia y fundamentos del socialismo*, obra escrita durante sua estadia em Moscou e publicada em 1947, sob encomenda da editorial argentina *Américalee*, revelou um olhar atento para as especificidades regionais presentes nas Américas.

Após identificar a fusão do movimento operário com a idéia socialista como o sinal mais fecundo do socialismo e de asseverar que a Comuna de Paris (1871) colocara o marxismo no centro dos movimentos socialistas , Frugoni buscou observar de forma geral os diversos matizes elaborados pelas plumas e práticas de alguns de seus autores mais conhecidos[384], convicto de que a articulação entre democracia e marxismo representava a

[382] *Ibidem*, p. 26.
[383] *Ibidem*, p. 57.
[384] No primeiro tomo, Frugoni partiu da análise de François Babeuf, passou por Owen, Saint-Simon, Fourier, Proudhon e dedicou maior atenção a Marx, Engels e às associações internacionais dos trabalhadores, concluindo pela defesa da transformação da "consciência em ação". No segundo tomo, Frugoni enfatizou os movimentos de

mais vasta tarefa a cumprir pelas Américas, mas não descartou que em alguns países, como nos andinos, somente as ações revolucionárias eram capazes de promover profundas e necessárias transformações.

Para Frugoni, as expressões mais interessantes do socialismo latino-americano vinham dos exemplos do México, do aprismo peruano e da trajetória de Mariátegui, bem como do Rio da Prata, ainda que por caminhos bem distintos. Cabe ressaltar que em sua análise a respeito do marxismo nas Américas, o Brasil não ocupou qualquer espaço de relevo, o que indicava um provável desconhecimento dos movimentos de esquerda do nosso país, que não eram insignificantes ou imperceptíveis, a ponto de estarem ausentes de uma interpretação geral do marxismo europeu e americano.

Ao enfocar o aprismo, Frugoni aprovou os seus receios em afiliar-se à Internacional Comunista, a sua busca pela mobilização constante das "massas" e seu projeto de nacionalização da terra, como plataforma para a resolução dos problemas daquele país[385]. Por outro lado, criticou que tal movimento excluísse de seu empreendimento transformador e antiimperialista qualquer possibilidade de união com os trabalhadores norte-americanos:

> Seria, sem dúvida, uma ação muito importante, concorde com os fins do aprismo, promover um movimento antiimperialista ianque no seio da pátria do dólar. A nova orientação dada por Roosevelt à política internacional americana, colocando-se em pugna contra *Wall Street*, e abandonando os empregos abusivos e torpes da Doutrina Monroe, para endereçá-la em um sentido de solidariedade continental, incompatível com os atropelamentos da 'política do porrete' dos tempos do outro Roosevelt e também de alguns dias sombrios do governo de Wilson, demonstra que a campanha antiimperialista não se deve limitar ao território da América Latina [...][386].

Com respeito ao Rio da Prata, Frugoni sugeriu que, essencialmente em Buenos Aires e Montevideo, devido à maior homogeneidade de suas populações e a mais expressiva organização de seus movimentos operários, o ambiente apresentava-se "apropriado à

---

expansão do socialismo e destacou as figuras de Jaurès, Berstein e De Man. Além disso, analisou o comunismo soviético (Lenin, Stalin e Trotsky, principalmente), corroborou suas idéias positivas acerca do trabalhismo britânico e concluiu a obra com "o socialismo como fenômeno histórico americano". Cf. Idem. *Génesis, esencia y fundamentos del socialismo*. 2 Tomos. Buenos Aires: Américalee, 1947.

[385] *Ibidem*, tomo II, p. 255-263.

[386] *Ibidem*, p. 266-267.

formação de um movimento socialista do tipo da democracia social européia", desde que os canais democráticos se mantivessem abertos[387].

Paralelamente a Frugoni, Quijano mostrou-se bastante interessado em estudar a trajetória do marxismo, ao ditar um curso, no segundo semestre de 1933, na redação de *Acción*, intitulado *De Marx a De Man*, publicando-o nas páginas daquele semanário, e mencionava que a ANDS se vinculava às correntes socialistas:

> Não negamos nossa vinculação com as doutrinas socialistas no movimento econômico e social, mas tampouco negamos nossas discrepâncias com o socialismo ortodoxo, acima de tudo, em suas aplicações à nossa realidade nacional. Representamos uma tendência política com métodos e fins próprios, que quer ter ou aspira a elaborar uma teoria para a ação[388].

Quijano coincidiu com Frugoni de que Marx, em *O Manifesto do Partido Comunista*, não havia sustentado o caminho revolucionário para a tomada do poder em todos os países, e na Inglaterra e na Holanda, talvez também nos Estados Unidos, a ascensão dos trabalhadores ao governo poderia ocorrer por meio de vias legais[389].

O interesse de Quijano pelas correntes de esquerda, as quais formavam os alicerces de sua trajetória político-intelectual, foi catalisado pela ascensão das idéias fascistas e, acima de tudo, pelo golpe de 1933, e naquele mesmo número em que Quijano iniciava a publicação do curso sobre o marxismo, o editorial de capa *Hacia la izquierda* buscava definir as noções de esquerda (contra a ditadura, a favor da democracia; luta por justiça, reforma agrária e efetiva independência do capital estrangeiro) e direita (a favor da ditadura, direito inalienável à propriedade, liberalismo; não aceita reformas profundas, amparo ao capital estrangeiro,

[387] *Ibidem*, p. 275.
[388] Un curso de Carlos Quijano. De Marx a De Man. In: *Acción*, Montevideo, ano II, n. 49, 22 de julho de 1933, p. 5-6. Segundo os redatores de *Acción*, o título do curso, iniciado em 19 de julho de 1933, era "As modernas [circunstancialmente aparecia como as novas] correntes sociais: De Marx a De Man", e não foi publicado na íntegra pelo semanário, devido à sua extensão.
[389] *Idem*. In: *Acción*, Montevideo, ano II, n. 50, 29 de julho de 1933, p. 8.

reação, etc.), bem como concluía que a oposição somente poderia nuclear-se em torno das esquerdas[390].

Durante os anos 20, ao mesmo tempo em que criticava a desigual distribuição agrária do Uruguai e a sua "política do avestruz", isto é, a falta de solidariedade do país em relação aos vizinhos latino-americanos, que passavam por problemas comuns, Quijano, após viajar ao México ao lado de José Ingenieros, em 1925, publicou, entre 28 de fevereiro e 20 de abril de 1926, diversos artigos em *El País* acerca da política de reforma agrária, que preferiu denominar de "evolução agrária", a partir do exemplar de 10 de abril de 1926. Importa ressaltar que Quijano sublinhou, desde a introdução daquele instigante estudo, que o problema fundamental do México era a injusta distribuição agrária, mas infelizmente até aquele momento pós-revolucionário não conseguia visualizar um projeto bem arquitetado para a sua definitiva solução[391].

Quijano, ainda em meados da década de 20, buscou definir a América Latina e, ancorado em Paul Valéry, assinalou que ela pertencia ao tronco europeu, alimentado pela "virtude grega, a razão romana e o espiritualismo cristão, mas que em terras novas, tem interesses próprios e idéias também próprias"[392]. Além disso, edificou uma visão oscilante e bastante crítica, às vezes recheada de classificações negativas sobre a América Latina, dentre as quais assinalou que o subcontinente era "enfermo de idealismo e preguiça", "idolátrico e atrasado" e não sabia o que era democracia[393].

Tais críticas, entretanto, não passavam por considerações racialistas, e pensamos que os intuitos de Quijano eram muito mais de diagnosticar os problemas do presente para

[390] QUIJANO, Carlos. Hacia la izquierda. In: *Ibidem*, p. 1.
[391] *Idem*. La reforma agraria en Méjico. Un ensayo de transformación social. In: *El País*, Montevideo, 28 de fevereiro de 1926, p. 3.
[392] *Idem*. Sobre América y la Sociedad de Naciones. In: *América Latina, una nación de Repúblicas*. Montevideo: Câmara de Representantes, 1989, p. 8 (*El País*, 11 de agosto de 1925).
[393] Cf. *Idem*. Carta a un lector [Rodó: una lectura de *Ariel*]. In: *Cultura, personalidades y mensajes*. Montevideo: Cámara de Representantes, 1992, p. 167-170 (*El País*, 26 de setembro de 1927).

mobilizar os jovens grupos políticos e intelectuais para a transformação e construção das democracias latino-americanas.

Nesse sentido, sua trajetória convergia com a de Haya de la Torre, ainda que, como destacaram Caetano e Rilla, os contextos nacionais que conceberam tais intelectuais fossem bem distintos, uma vez que o Peru do líder aprista convivia com uma sociedade mais segregada, desigual e muito pouco democrática, ao passo que o Uruguai de Quijano, embora apresentasse pontos de contato com o país andino, se caracterizava por ser uma sociedade de transformações mais francas e rápidas, cujos canais de debate político se encontravam em fase de consolidação[394].

O primeiro encontro entre Haya de la Torre e Quijano ocorreu em Montevideo, em março de 1922, quando o aprista iniciava a sua primeira experiência no exílio. Em 1925, Quijano e Haya de la Torre se encontraram em Paris, durante a manifestação de apoio ao governo mexicano, como já vimos anteriormente, e finalmente trabalharam em conjunto, embora sem coincidir completamente em alguns pontos, durante o Congresso Contra a Opressão Colonial e o Imperialismo, realizado em Bruxelas, de 10 a 15 de fevereiro de 1927.

Esse congresso, proposto pela Internacional Comunista, e concretizado com apoio financeiro da China e do México, reuniu expressivos personagens do mundo intelectual e político daquele período, que propunham discutir e traçar as frentes de batalha contra o fenômeno imperialista e neocolonialista, em todas as regiões do Globo. Os seus participantes mais conhecidos foram: Albert Einstein, Henri Barbusse, Sun Yat Sen, Gorky, Jawardhlal Nehru, Messali Hadj, José Vasconcelos, Manuel Ugarte e Alfredo Palacios[395].

A principal divergência entre Quijano e Haya de la Torre relacionava-se com a divisão da América Latina em quatro zonas distintas em relação às ações norte-americanas, mas,

[394] Cf. CAETANO, Gerardo; RILLA, José. *El joven Quijano (1900-1933).* Izquierda nacional y conciencia crítica. Montevidéu: Ediciones de la Banda Oriental, 1986, p. 185-188.
[395] FUNES, Patricia. *Salvar la nación: intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo, 2006, p. 231-233.

como assinalaram Caetano e Rilla, bem como Funes, Quijano também dividiria o mapa latino-americano em quatro zonas muito similares, no ano seguinte: 1) países sob influência política e econômica direta dos Estados Unidos, tais como Porto Rico, República Dominicana, Haiti, Cuba e Nicarágua (Quijano não mencionou o Panamá), além do México, que, para Quijano, seguia como uma incógnita no plano das relações internacionais e que não podia ser classificado completamente ao lado de nenhum outro país do continente; 2) demais países do Caribe e América Central, cuja ação política norte-americana seria menos direta; 3) países sul-americanos denominados como "repúblicas bolivarianas", como, por exemplo, Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela, que se situariam em uma zona intermédia, mas que tinham que conviver com um crescente assédio de ações mais propriamente de cunho econômico; 4) países do Cone Sul, que se agrupavam por "maior distância geográfica, maior organização política e menor importância estratégica[396].

Vale assinalar que seria muito interessante desenvolver um estudo comparativo, ao mesmo tempo atento para as conexões, entre os debates acerca da definição da latinidade no Uruguai e no Peru. Ademais, um estudo que buscasse as relações diretas e indiretas de Frugoni e Quijano com Mariátegui[397], Haya de la Torre e Luis Alberto Sánchez, e, por outro lado, de Antuña com García Calderón. No Peru, a forte tradição indígena e marcadamente "mestiça" (com toda a polifonia que tal denominação aventa) constituiu a principal mola propulsora desse debate e da hesitação em identificar os peruanos com a herança latina, ao passo que a idéia de americanos latinos no Uruguai, caso pensemos em pressupostos, acima de tudo, étnico-culturais, recebeu uma acolhida muito menos hesitante.

[396] QUIJANO, Carlos. El pacto Kellog. Los resultados de la doctrina de Monroe. El imperio americano. In: *América Latina, una nación de Repúblicas*. Montevideo: Cámara de Representantes, 1989, p. 35-39. Publicado originalmente em *El país*, 24 de outubro de 1928.

[397] José E. Díaz argumentou que *La sensibilidad americana* foi um dos livros de cabeceira de Mariátegui, pouco antes do seu falecimento. Cf. DÍAZ, José E. Prólogo. In: CHIFFLET, Guillermo. *De la discusión nace la luz. Emilio Frugoni, desafío y referencia*. Montevideo: Letraeñe, 2007, p. 12.

Além disso, o Uruguai – ao lado do Chile e do México – desempenhou um fecundo papel de terra de exilados latino-americanos desde os anos 1830 até o século XX, o que contribuiu de forma evidente para que os uruguaios repensassem o seu lugar na América.

No que toca ao projeto de formação de uma união latino-americana, é possível advertir uma clara oscilação entre o jovem Quijano e o já maduro diretor de *Marcha*. Ainda que não deixasse de preconizar aquele projeto de integração entre os "Estados Desunidos do Sul", Quijano, desde meados de 1940, argumentou que ele consistia em uma "utopia", um "recurso retórico" ou até mesmo "uma vaga fórmula de jogos florais". Quijano, a partir daquele momento, migrou para a defesa de acordos regionais e de uniões aduaneiras, como plataforma inicial para arquitetar a ainda distante integração da América Latina:

> Pressente-se que vamos à formação de grandes confederações de Estados e compreende-se que será necessário empreender novamente o caminho que, sobretudo, o abusivo protecionismo ianque ensinou a fechar: a liberdade internacional do comércio. Se não soubermos nos unir, os grandes, que serão depois desta guerra maiores e mais fortes, nos esmagarão[398].

Mais do que uma clara visão a respeito do jogo das forças mundiais, importa articular tal revisão operada por Quijano às suas linhagens contextuais uruguaias e latino-americanas, marcadas pela percepção da crise dos pressupostos e das práticas democráticas em todo o continente, bem como da elaboração de projetos de integração mediante governos "ilegítimos" e ditatoriais.

Além disso, podemos argumentar que Quijano traduzia uma importante "contradição" do mundo moderno do entreguerras, caracterizada pela exacerbação dos nacionalismos políticos, ao passo que as trocas econômicas abriam novos canais de circulação[399].

Diante disso, Quijano, entre outros redatores e colaboradores de *Acción* e de *Marcha*, não poupava seus adversários, e utilizaram um vocabulário de protesto contra as

[398] QUIJANO, Carlos. La Conferencia Regional del Plata. In: *Marcha*, Montevideo, ano III, n. 82, 31 de janeiro de 1941, p. 5.
[399] *Idem*. Panamericanismo, no; acuerdos regionales, sí. In: *Marcha*, Montevideo, ano III, n. 57, 26 de julho de 1940, p. 5.

"democracias" daquele período e seus agentes que as derruíam internamente, representado por dois termos aplicados de forma mais freqüente: *darlantinitis* e *floripondismo*.

Ao falar em *darlantinitis*, os autores buscavam traçar um paralelo para os leitores entre a conhecida trajetória do comandante da marinha francesa Darlan, que promoveu uma política colaboracionista com o *III Reich*, ao ser o comandante em chefe das forças armadas do regime de Vichy, e a dos governantes sul-americanos, que falavam em defesa da democracia mediante a sustentação de políticas ditatoriais[400].

Além disso, era ainda mais freqüente adjetivar de *floripondistas* os discursos favoráveis tanto à aproximação com os Estados Unidos quanto a quaisquer outros que contrariassem as orientações principais de *Marcha*, e o termo *floripondismo*, que se refere a um adorno rebuscado e de mau gosto[401], obteve uma ampla acolhida em suas páginas.

Posteriormente, no final dos anos 50, Quijano enfocou verticalmente o tema da formação dos mercados comuns e reafirmou que, infelizmente na América Latina, ao contrário da Europa, o cenário seria de edificação ainda bastante embrionária, e que, portanto, o bom senso recomendava cautela e modéstia durante a criação de uma "zona de livre comércio", inicialmente circunscrita aos países do Cone Sul:

> O projetado mercado comum é aqui, em contraste com o que ocorre na Europa, anterior à existência de todo o mercado. O mercado dos seis é resultado da consagração ou do reconhecimento de um estado de fato. O mercado do Cone Sul e, com maior razão, o mercado latino-americano é uma criação *a priori*. Lá as taxas aduaneiras são importantes obstáculos à corrente natural. Aqui, na maioria dos casos, não, porque inexiste tal corrente. Quer-se suprimi-las, não pelo que impedem, mas com a previsão de que a corrente possa nascer e também para provocar o seu surgimento. Como não existem as relações inter-regionais, criemos as possibilidades para que apareçam. O propósito é plausível, mas os fatos assinalados, os fatos que imperam, não podem e nem devem ser ocultados ou desconhecidos. Tudo nos leva a pensar que o mercado comum latino-americano é atualmente somente uma utopia. A pressa em sua realização pode levar ao seu aborto, e não estamos, nem está o mundo

[400] Cf. La darlantinitis, peste south americana. In: *Marcha*, Montevideo, ano IV, n. 167, 18 de novembro de 1942, p. 8-9.

[401] O *floripondio* é um arbusto solanáceo do Peru, constituído de flores brancas e em forma de filtro. O termo também pode ser utilizado para definir uma estampa de flor grande em um tecido.

> todo, cada vez menos largo, cada vez mais alheio, em condições de desperdiçar esforços e energias, de lidar com novas frustrações[402].

Sinal importante da apropriação do discurso de Quijano, por seus descendentes familiares e intelectuais, responsáveis pela publicação do terceiro período de *Cuadernos de Marcha*, a partir de 1985, foi a circulação de um número em homenagem aos 60 anos da fundação de *Marcha* e aos 15 anos do falecimento de Quijano. No clima do debate sobre os destinos do Mercosul e a sua lenta e desconfiada aproximação com o Nafta, aquele número reproduziu dois textos (*El destino de la nacionalidad*, de 25 de agosto de 1930, e *Panamericanismo, no; acuerdos regionales, si*) em que Quijano preconizava a necessidade de edificar acordos regionais, como plataforma de construção das soberanias nacionais[403].

Antuña, por outro lado, interpretou a América Latina em contraposição bem mais parcial à Europa do que Frugoni e Quijano, mas também expressou uma visão marcada pelo hibridismo de imagens.

Ao construir uma combinação pouco comum entre o hispanismo conservador e uma visão positiva dos Estados Unidos, Antuña buscou descortinar *El nuevo acento*, isto é, o "instrumento de expressão original", a busca pela consolidação da "emancipação espiritual", entendida como emancipação cultural, da América Latina diante do circunstancial ocaso europeu. Com *El nuevo acento* obra, o líder intelectual do terrismo buscou interpretar a "origem intelectual dos acontecimentos", a favor do estudo dos temas da cultura contra o "imperialismo materialista do fator econômico"[404].

A crítica explícita e reducente aos pressupostos marxistas, mas também, de forma implícita, a *La sensibilidad americana* e demais obras de intelectuais vinculados a correntes de esquerda, de certa maneira tentava deslocar o debate sobre o passado e o porvir da América

[402] *Idem*. La realidad y la utopia. In: *Marcha*, Montevideo, ano XXI, n. 981, 16 de outubro de 1959, p. 4. O mencionado "mercado dos seis" referia-se à Comunidade Econômica Européia criada pela assinatura do Tratado de Roma, em 1957, pela Alemanha, Bélgica, França, Holanda, Itália e Luxemburgo.
[403] Aniversario. In: *Cuadernos de Marcha*, Tercera Época, Montevideo, ano XIV, n. 151, junho de 1999, p. 11-13.
[404] ANTUÑA, José G. *El nuevo acento*. Montevideo; Buenos Aires: Sociedad Amigos del Libro Rioplatense, 1935, p. 26.

Latina do terreno das interpretações socioeconômicas, em ascensão, para o de uma noção de cultura pouco permeável à renovação dos estudos antropológicos e sociológicos daquele momento.

Antuña expressou sua admiração pela obra espanhola na América e argumentou que os hispano-americanos, inclusive os brasileiros, poderiam até mesmo ser denominados "espanhóis". Para o intelectual colorado, naquele momento se forjava gradativamente o "ressurgimento hispânico depois de três séculos, não de decadência, mas de pausa na ascensão"[405].

Importa destacar que Antuña praticamente não usava o termo América Latina e seu derivado latino-americanismo. Habitualmente referia-se à América Latina como América, América Espanhola ou América Hispânica, e sempre incluía o Brasil em tal denominação, uma vez que, assim como Rodó, sustentou que nosso país era também um filho, ao lado de Portugal, da *Hispania*, como era conhecida toda a Península Ibérica pelos romanos[406].

Antuña realçou a herança ibérica e greco-romana da América Latina, ainda que reconhecesse ligeiramente as matrizes locais em sua formação, com sinais negativos:

> A América recebeu da Europa a fervente comunhão dos sangues, herança mental, normas civis, as sugestões da beleza e da arte. Nossa ascendência arranca, na verdade, da civilização greco-romana e também da **entranha noturna da América**, que engendrou um novo mundo, sob novas constelações[407].

Com esta denominação negativa da herança local, Antuña resumia boa parte da visão que possuía sobre os demais habitantes americanos não ibéricos, mas não explicitava pressupostos raciais para fundamentar tal visão. O livro, que foi publicado no final de 1935, e

[405] *Ibidem*, p. 224.
[406] *Idem*. Realidad nacional e internacional del Brasil. In: *Perspectivas de América*. Temas, acontecimientos y monografías continentales. Buenos Aires: M. Gleizer, 1938, p. 50.
[407] *Idem*. *El nuevo acento*. Montevideo; Buenos Aires: Sociedad Amigos del Libro Rioplatense, 1935, p. 230. Grifos nossos.

que foi laureado pelo Ministério da Instrução Pública, recebeu uma crítica demolidora de *Acción*, em 15 de novembro daquele ano, escrita por Edgard Centron.

Segundo Centron, ainda que o prólogo de Valéry Larbaud ordenasse os conceitos que o leitor encontraria nas páginas de *El nuevo acento*, o livro era desorganizado, impreciso e vagaroso. Além disso, para Centron, Antuña "viu a América com uma emoção já envelhecida pela prodigalidade com que, em outros tempos, gostava-se dessa paisagem intelectual e romântica da América cósmica, universalista, predestinada". Em outras palavras, o crítico de *Acción* realçou que o livro de Antuña carecia de pensamento original, de métodos científicos da sociologia, de teorização clara e de organização conceitual, bem como abusava da erudição de um "*noveau riche*" e de digressões estéreis[408].

Finalmente, ao comentar os últimos capítulos do livro, nos quais Antuña expunha suas interpretações filológicas a respeito do espanhol em terras americanas, com especial ênfase em relação à censura de qualquer projeto de construção de idiomas nacionais, Centron afirmou que o autor colorado não havia feito outra coisa que uma recopilação de autores precedentes e concluiu que "como guia de leituras é de especial referência" [409].

Ainda que a crítica de Centron estivesse publicada em um semanário adversário dos paladinos terristas, concordamos com o crítico de *Acción* de que não é nada fácil extrair da leitura de *El nuevo acento* um olhar inovador para o debate a respeito da realidade latino-americana, como anunciava o prólogo de Valéry Larbaud ou a introdução escrita pelo próprio Antuña.

Além disso, parece-nos conveniente criticar a discrepância entre a proposta de Antuña, que afirmava que "a nossa pronúncia [*acento*] deverá destacar-se da sinfonia de todas as

[408] Cf. CENTRON, Edgard. "El Nuevo Acento" de José G. Antuña. In: *Acción*, Montevideo, ano IV, n. 121, 15 de novembro de 1935, p. 7.
[409] *Ibidem*, p. 7.

vozes, temperando-se em uma síntese de todos os ritmos"[410], quando o autor, por outro lado, praticamente saltava os temas relacionados às matrizes indígenas e afro-americanas para reafirmar o seu hispanismo conservador.

Vale ainda destacar que, ao contrário de Frugoni e Quijano, que apreciaram positivamente tanto a Revolução Mexicana quanto os seus desdobramentos, Antuña solicitou a intervenção da Liga das Nações contra o governo do México no final dos anos 20 e, em 16 de setembro de 1942, pronunciou uma conferência intitulada *Mi visión de Méjico*, pela qual buscou suavizar as disputas transformadoras do país setentrional, ao enfatizar sua imagem legendária, pela qual buscou acionar uma tradição "pacifista" mexicana radicada no passado distante. Em outras palavras, se bem que não deixou de mencionar os importantes movimentos de edificação da nacionalidade mexicana, que reivindicavam a herança indígena e mestiça, Antuña praticamente menosprezou as suas demandas contemporâneas, canalizadas pela Revolução Mexicana[411].

3.4 O pós-Segunda Guerra na América Latina: entre democracias e revoluções

Ainda durante o desenrolar da Segunda Guerra Mundial, ocorreu uma crescente aproximação entre o Uruguai e os Estados Unidos, marcada pela decisão do país sul-americano em lutar pelas fileiras aliadas, bem como com o Brasil, que se tornaram os dois países mais estratégicos para a defesa aliada no Atlântico Sul, em face da freqüente recusa argentina em estreitar os laços com os norte-americanos, o que levou inclusive à sua saída temporária da União Pan-Americana, em 1945, como anotou e aprovou Quijano[412].

[410] ANTUÑA, José G. *El nuevo acento*. Montevideo; Buenos Aires: Sociedad Amigos del Libro Rioplatense, 1935, p. 151.
[411] Cf. ANTUÑA, José G. *Mi visión de Méjico*. Montevideo: Ediciones Ceibo, 1943.
[412] Citamos a conclusão do editorial em que Quijano entreviu um futuro fecundo para a Argentina, acima de tudo, porque rechaçara firmar laços de aliança com os Estados Unidos, ao passo que os demais países latino-americanos teriam, a seu ver, um porvir mais dramático: "Resultará que a Argentina, ao ficar à margem da maquinaria de Chapultepec, será o único país não saxão desta parte do mundo que terá um bom porvir. Os

Pouco depois do ataque japonês a algumas possessões ultramarinas norte-americanas, Antuña propôs no Senado que o Uruguai abandonasse a sua tradicional posição neutral e, ao citar Rui Barbosa, por meio das palavras de Afrânio de Mello Franco pronunciadas em uma conferência em Buenos Aires, afirmou que "'entre a civilização e a barbárie não [poderia] haver neutralidade'"[413].

O senador colorado canalizava, dessa maneira, a voz de significativos setores da sociedade uruguaia, que apoiavam a consolidação da aliança com os Estados Unidos e a declaração de guerra aos países do Eixo, ao mesmo tempo em que amadureciam os movimentos antifascistas nacionais, em contato permanente com seus vizinhos argentinos[414].

Anteriormente ao discurso de Antuña, pronunciado em 09 de dezembro de 1941, os Estados Unidos já arquitetavam tal aproximação com o Uruguai, uma vez que concertara com o país sul-americano a elevação de suas legações diplomáticas à categoria de embaixadas, assim como também ocorreu com o México naquele mesmo ano.

Assim, o Uruguai aprimorava sua diplomacia e buscava o apoio de outras nações americanas, ao consolidar os habituais vínculos de aliança com tais países. Particularmente em relação aos Estados Unidos, como assinalou Juan Oddone, a partir de então se edificou uma corrente fluida de missões militares, comerciais e culturais nas duas direções, até os princípios da década seguinte[415], quando a política de distensão argentina com os norte-americanos eclipsou, em certa medida, a posição estratégica uruguaia, que, segundo a fórmula

---

demais... Porto Rico e Panamá". Cf. QUIJANO, Carlos. El Sanhedrín de Chapultepec empieza condenando al justo. In: *Marcha*, Montevideo, ano IV, n. 272, 02 de março de 1945, p.1.

[413] ANTUÑA, José G. *Defensa nacional y defensa continental*. Montevideo: Comité Ejecutivo Nacional del Partido Colorado, 1941, p. 5.

[414] Sobre o antifascismo na Argentina, consultar: BISSO, Andrés (comp.). *El antifascismo argentino*. Buenos Aires: Buenos Libros; CeDInCI Editores, 2007.

[415] ODDONE, Juan. *Vecinos en discordia. Argentina, Uruguay y la política hemisférica de los Estados Unidos*. Selección de documentos, 1945-1955. 2ª edição corrigida. Montevideo: Ediciones El Galeón - Universidad de la República, 2004, p. 18-29.

do próprio embaixador norte-americano no Uruguai, Ellis Briggis, havia sido "um bom amigo de estação" [416].

Se, de um lado, Antuña apoiou o estreitamento de laços entre o Uruguai e os EUA, bem como a contratação de um novo empréstimo com aquele país, acordado pelo ministro das relações exteriores Alberto Guani, em 1943, Quijano, de outro, reafirmou suas críticas à essa aproximação e advertiu a seus leitores o Uruguai corria o risco de se transformar no "Gilbratar do Rio da Prata"[417].

Diante disso, Quijano novamente não via outra saída para o Uruguai que renovar as diretrizes de sua política internacional e formar um bloco regional latino-americano, se bem que sua visão vinha marcada por uma determinada dose de distopia, como podemos captar no seguinte fragmento:

> Não negamos a possibilidade e também a necessidade de [edificar] grandes confederações econômicas de povos. Não acreditamos na confederação americana. O continente é um mito: um mito econômico, um mito geográfico e, além disso, um mito histórico.
> [...]
> Nosso destino, sem perder de vista aquele equilíbrio do Rio da Prata, ao qual antes nos referimos, seria, assim, o de integrar uma grande conferência econômica regional, conservando nossa independência política. O federalismo artiguista [estaria], substancialmente, limitado ao campo econômico, porque cem anos de vida própria não se aventam em um dia, e porque é a única forma viável de promover o desaparecimento da dualidade em que nos debatemos desde as origens: personalidade definida e zelosa, dentro de uma comunidade histórica e geográfica que é também econômica. Este é o verdadeiro norte de nossa bússola[418].

A partir de meados dos anos 40, o debate sobre a América Latina e os Estados Unidos no Uruguai esteve cadenciado pela criação da ONU e da CEPAL, pela criação da OEA e transformação do pan-americanismo em interamericanismo, bem como pela ascensão de

[416] *Ibidem*, p. 66.
[417] QUIJANO, Carlos. El Gilbratar del Río de la Plata. In: *Marcha*, Montevideo, ano IV, n. 169, 22 de janeiro de 1943, p. 5; 13.
[418] *Idem*. Conclusiones sobre nuestra política internacional. Estados Unidos del Sur y Estados Unidos del Norte. Las directivas fundamentales de una política internacional. In: *Marcha*, Montevideo, ano VI, n. 240, 07 de julho de 1944, p. 4-5.

Harry Truman ao governo dos EUA, que formulou novas diretrizes no plano da política internacional (e nacional) estadunidense[419].

Além disso, cabe anotar, com João Feres Júnior[420], que desde finais da década de 40 até meados dos anos 70, o conceito de América Latina consolidou-se gradativamente nos Estados Unidos, tanto na linguagem cotidiana quanto nos discursos das ciências sociais, ainda que nem sempre com pressupostos completamente análogos. Para Feres Júnior, as visões norte-americanas a respeito da América Latina – habitualmente apresentada como o outro negativo – orientaram-se, de forma deliberada ou implícita, por três oposições fundamentais: cultural (o outro católico, particularista e autoritário), temporal (primitivo, infantil, atrasado e subdesenvolvido) e racial (mestiço e escuro).

Nesse sentido, as modalidades discursivas das ciências sociais, ao operarem principalmente com as oposições culturais e temporais, edificaram um determinado leque de teorias para pensar a alteridade latino-americana. Se durante os anos 50, a "teoria da modernização", que prescrevia a transferência do conhecimento técnico e científico, alcançou uma boa recepção, a partir dos anos 60, com o *boom* dos *Latin American Studies*, tanto a teoria da "estabilização política" ou do "desenvolvimento político", que argumentava que o rápido crescimento econômico dos países latino-americanos havia levado a uma desestabilização política generalizada, cuja receita consistia na adoção de governos fortes, alinhados aos Estados Unidos, quanto a teoria da dependência, bem recebida, acima de tudo,

[419] O período pós-Segunda Guerra foi marcado pelo crescimento dos movimentos comunistas em todo mundo e pelo início da Guerra Fria. Temerosos em relação aos seus efeitos, o governo norte-americano lançou a Doutrina Truman, nos princípios de 1947, cujo principal objetivo foi reconstruir a denominada Europa Occidental e asfixiar ou pelo menos deter o avanço do comunismo. As relações entre os EUA e a América Latina sofreram uma significtiva mudança a partir da Doutrina Truman com o fim da Política da Boa Vizinhança. Cf. HOBSBAWM, Eric J. A Guerra Fria. In: *A era dos extremos*: o breve século XX, 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 223-252; AYERBE, Luis Fernando. *Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

[420] FERES JÚNIOR, João. *A história do conceito de* Latin America *nos Estados Unidos*. Bauru, SP; São Paulo: EDUSC; ANPOCS, 2005. Ver também: SALVATORE, Ricardo. *Imágenes de un imperio: Estados Unidos y las formas de representación de América Latina*. Buenos Aires: Sudamericana, 2006.

pelos intelectuais de esquerda, entraram em cena e aparelharam as principais interpretações das ciências sociais norte-americanas sobre a América Latina.

Entre os latino-americanos, a criação da CEPAL no seio do Conselho Econômico e Social das Nações Unidas, com sede em Santiago do Chile, em 1948, canalizou uma parte significativa dos debates acerca do porvir da América Latina, que passaram a enfatizar, ancorados nas análises do economista argentino Raúl Prebisch, a necessidade de modernizar todos os seus países por meio da industrialização e do "desenvolvimento" econômico[421].

Os denominados estudos cepalinos foram responsáveis pela elaboração e ampla difusão de diversos conceitos, como, por exemplo, além de industrialização, deterioração dos termos do intercâmbio, relação centro-periferia, desenvolvimento interno e substituição de importações, que tiveram uma abrangente recepção entre os estudiosos de distintas disciplinas em toda a América Latina, cujos ecos podem ser mapeados até os dias atuais.

Sensível a esse cenário em transformação, Quijano, desde o término de uma conferência dos países americanos realizada no México, nos princípios de 1945 – que gerou a declaração de Chapultepec, cujas linhas orientadoras consistiam em estabelecer os planos para o fomento da industrialização dos países latino-americanos, por meio de capitais e saberes técnicos oriundos principalmente dos Estados Unidos –, advertiu que pelo menos os países do Rio da Prata estavam em condições de promover a desejável industrialização por meios próprios, uma vez que possuíam crédito no exterior devido às elevadas exportações de produtos agropecuários para os países beligerantes. Contudo, ele considerou inviável qualquer tentativa de concretização de tal projeto somente em âmbitos nacionais, especialmente no Uruguai, enfatizando outra vez a necessidade de criar acordos regionais:

[421] Cf. DEVÉS VALDÉS, Eduardo. *El pensamiento latinoamericano en el siglo XX. Entre la modernización y la identidad. Del* Ariel *de Rodó a la CEPAL (1900-1950)*. Tomo I. Buenos Aires: Biblos, Centro de Investigaciones Diego Barros Arana, 2000, p. 290-291.

> Consideramos perigoso o propósito de industrialização desde o exterior. Consideramos impraticável a elaboração de um projeto conjunto pela própria América Latina. Consideramos infecundo, no caso concreto do Uruguai, que, acaso com maior razão do que em outros países do continente, [adotar] a 'solução nacional' para a industrialização. Consideramos, por outro lado, viável, caso se coloque no empenho audácia e imaginação, e se está nos fatos e não somente nas palavras, à altura da grande revolução que estamos vivendo, concertar acordos regionais latino-americanos para empreender a industrialização que a nova era econômica, o nosso desenvolvimento e o nosso destino nos infligirão[422].

Cabe ressaltar que, após vários anos de estudos e críticas à organização da política de exportações, importações e do regime cambial do Uruguai[423], desde o período em que ensinou economia política e finanças na Faculdade de Direito e Ciências Sociais e na Faculdade de Ciência Econômicas, Quijano foi convidado, em 1950, a presidir o *Contralor* do país e não concordou totalmente com as prescrições cepalinas, pois, a seu ver, tratavam as diversidades latino-americanas de maneira geral e uniforme[424].

Em convergência com o pensamento quijaniano, foi criado na redação de *Marcha*, em agosto de 1947, um movimento pela união política da América Latina contra o Plano Truman, encabeçado por Servando Cuadro, Arturo Ardao, Washington Reyes Abadie, Lincoln Bizzorero e Hugo Alfaro, cujo manifesto da comissão organizadora endossava as linhas centrais sustentadas pelo diretor daquele semanário:

> Essa marcha em direção à unificação real e histórica da América Latina pode ser iniciada de uma maneira muito modesta e prosaica: pelas uniões aduaneiras, por alguma tímida planificação de algumas indústrias complementares, pela criação de um banco, por qualquer outra coisa. Contudo, o primeiro e mais importante é a atitude espiritual e política com que se façam as coisas. Positivamente, adotar essa atitude na história e experimentar tal apetência nas profundidades anímicas é desde já conquistar ou criar uma nova e suculenta liberdade[425].

Aliás, tal movimento buscou vincular-se à paternidade de Rodó, ao citar, em primeira página, duas passagens em que ele entrevia os perigos da ascensão norte-americana e proclamava a formação da "pátria única", em 1914 e 1916. Em outras palavras, o movimento

[422] QUIJANO, Carlos. La industrialización del Uruguay. In: *Marcha*, Montevideo, ano VI, n. 277, 13 de abril de 1945, p. 4-5.
[423] Cf. *Idem*. *Evolución del Contralor de Cambios en el Uruguay. Un estudio de legislación positiva*. Montevideo, s/e, 1944.
[424] *Idem*. A manera de testamento. In: *Marcha*, Montevideo, ano XI, n. 529, 02 de junho de 1950, p. 1; 5.
[425] Contra la penetración imperialista. In: *Marcha*, Montevideo, ano IX, n. 391, 08 de agosto de 1947, p. 8-9.

para a união da América Latina argumentou que Rodó, "para além de *Ariel*", mantinha a sua vitalidade, uma vez que "traído, mais do que esquecido por gerações que se formaram à sombra de seu pensamento, teve do imediato porvir de nossos países uma clarividente consciência, que nas difíceis horas atuais reconforta e ilumina"[426].

No ano seguinte, em abril de 1948, foi organizada a IX Conferência Pan-Americana em Bogotá, marcada internamente pela decisão conjunta de se criar a OEA, ao passo que nas ruas da capital colombiana, dentre outras cidades, a população se mobilizava para protestar contra o assassinato de Jorge Eliécer Gaitán, líder popular do Partido Liberal. O movimento, conhecido como *Bogotazo*, demarcou uma inflexão no jogo político colombiano, até então caracterizado pelas disputas eleitorais entre liberais e conservadores.

Marcha, entre abril e junho daquele ano, enfatizou em suas páginas o "drama de Bogotá" e Quijano assinalou que a OEA havia nascido maculada pelo assassinato de Gaitán[427], bem como desestimulou as opiniões favoráveis de alguns intelectuais e políticos das Américas a respeito de uma possível transformação das relações entre seus países a partir da substituição do pan-americanismo pelo interamericanismo. Para Quijano, foram cunhados outros termos, mas a "filosofia política" se mantinha idêntica:

> Busca-se dar um sentido político a essa mudança de vocábulo. O próprio Haya de la Torre, já velho nestas horas para se amparar na ingenuidade, prestou-se a justificá-lo desse modo: 'Pan-americanismo infere tutoria, patronato, que quer dizer desequilíbrio... Interamericanismo expressa relação em igualdade de condições, coordenação e eqüidade'[428].

Com a censura de Quijanoo ao interamericanismo da OEA, deixamos o contexto do imediato pós-guerra e nos trasladamos para meados da década de 50, período em que tanto o processo revolucionário guatemalteco (1944-1954) quanto o boliviano (1952-1964)

[426] Profecía y testamento de Rodó. In: *Marcha*, Montevideo, ano IX, n. 391, 08 de agosto de 1947 , p. 1.
[427] QUIJANO, Carlos. Más allá del drama de Bogotá. In: *Marcha*, Montevideo, ano X, n. 424, 16 de abril de 1948, p. 1. Ver também: *Idem*. En las huellas del fascismo. In: *Marcha*, Montevideo, ano X, n. 425, 23 de abril de 1948, p. 1.
[428] *Idem*. Panamericanismo e Interamericanismo. In: *Marcha*, Montevideo, ano X, n. 429, 21 de maio de 1948, p. 1.

emergiram como exemplos a seguir entre os países latino-americanos, com suas políticas de reforma agrária e de nacionalização das riquezas minerais, como destacou o editorial de *Marcha*, publicado em 30 de outubro de 1953[429].

Particularmente em 1954, o caso do país centro-americano tornou-se gradativamente mais dramático e, mesmo antes do desembarque de tropas estadunidenses nas costas guatemaltecas, em abril, *Marcha* publicou diversos textos em destaque, que denunciavam a existência de uma "conspiração" contra a Guatemala, tais como cartas de leitores, dos representantes diplomáticos residentes no Uruguai, de colaboradores internacionais, a exemplo de Waldo Frank e Alfredo Palacios, e de seus próprios redatores.

Em junho, Quijano publicou um importante editorial, em que analisou as ações dos Estados Unidos no denominado "mediterrâneo americano", por meio da metáfora da luta entre um boxeador e um bebê, e recebeu uma carta de apoio de Miguel Ángel Asturias devido à sua defesa da soberania guatemalteca[430]. No último número de *Marcha* daquele ano, Julio Castro canalizou e expressou a opinião dos seus redatores e parte de seus leitores, ao concluir que a América Latina via a "liquidação da Boa Vizinhança", o que diminuía as possibilidades de dialogar com os Estados Unidos a partir de então[431].

Além da Guatemala e da Bolívia, a Argentina e o Brasil também receberam especial tratamento nas páginas de *Marcha*. Em linhas bem gerais, desde a particular independência do Uruguai, conquistada durante a segunda metade da década de 1820, após as longas disputas pelo território da Banda Oriental, os orientais (posteriormente uruguaios) compreenderam que seu porvir dificilmente seria traçado de forma alheia aos seus vizinhos.

---

[429] Cf. Guatemala y Bolivia. In: *Marcha*, Montevideo, ano XV, n. 694, 30 de outubro de 1953, p. 5.

[430] Cf. QUIJANO, Carlos. El boxeador y el niño de pecho. In: *Marcha*, Montevideo, ano XV, n. 723, 11 de junho de 1954, p. 1; 4. Ver também: *Idem*. La hora del destino. In: *Marcha*, Montevideo, ano XV, n. 725, 25 de junho de 1954, p. 1.

[431] CASTRO, Julio. Un continente que no encuentra su destino. In: *Marcha*, Montevideo, ano XV, n. 747, 31 de dezembro de 1954, p. 10-11.

Ao longo de todo o século XIX, foram bastante freqüentes as intervenções dos dois vizinhos na política interna e externa uruguaia, bem como os canais de diálogo entre tais países quase sempre esteve aberto, acima de tudo, em relação aos argentinos, que muitas vezes padeceram o exílio em solo oriental, até a definitiva consolidação da República Argentina, na segunda metade daquele século, país com o qual o Uruguai compartia similares características culturais, socioeconômicas e políticas.

Se bem que os olhares dos uruguaios sobre os seus vizinhos realçaram, sem distinções, o perigo de estar circundado por dois "gigantes", a Argentina aparecia mais habitualmente como um país aliado aos interesses soberanos do Uruguai, ao passo que abundavam as desconfianças a respeito do vizinho monárquico[432].

Durante as duas primeiras décadas do século XX, é possível observar uma clara inflexão em tais visões. Se, por um lado, a assinatura do Tratado de Retificação de Limites entre o Brasil e o Uruguai, em 1909, que permitia aos uruguaios a livre navegação na Lagoa Mirim e no Rio Jaguarão, bem como do Tratado de Fixação, Liquidação e Aplicação da dívida com o Brasil, em 1914, propiciou a proliferação de considerações favoráveis ao vizinho do norte, por outro, iniciaram-se algumas tensões com a Argentina, acima de tudo, devido à polêmica sobre a navegação no Rio da Prata, entre 1907 e 1910. Os uruguaios sentiram-se ameaçados pelas restritivas medidas tomadas pela Argentina, que chegou – por meio de parte da imprensa e dos representantes diplomáticos – até mesmo a declarar que os limites fronteiriços entre os dois países deveriam ser a areias uruguaias[433].

Nesse sentido, é compreensível o alinhamento do Uruguai ao Brasil e aos Estados Unidos, em seu amparo ao pan-americanismo, durante toda a primeira metade do século XX,

[432] Somente a título de exemplo, ver as imagens sobre a Argentina e o Brasil divulgadas por Juan Zorrilla de San Martín, considerado o poeta da pátria, em *La leyenda patria* (1879).

[433] Ver: BRANCATO, Sandra M. L. Relações Internacionais no Prata. In: REICHEL, Heloísa Jochims & GUTFREIND, Ieda (orgs.). *América Platina e historiografia*. São Leopoldo: Programa de Pós-graduação em História – UNISINOS, 1996, p. 204-214.

como destacou Dante Turcati[434], ainda que os governos uruguaios habitualmente tenham buscado concertar boas relações com a Argentina, as quais se agravaram novamente durante os dois primeiros mandatos de Perón, de 1946 a 1955.

Impossibilitados de nos ater aos seus pormenores, gostaríamos de anotar que, a partir dos anos 30, a idéia de que o futuro do Uruguai estaria entrelaçado ao de seus vizinhos ganhou especial destaque, como rotineiramente realçaram Quijano, Frugoni e Antuña.

No entanto, somente Quijano e Antuña dedicaram maior atenção ao Brasil e demonstraram ampliar suas cartografias intelectuais e políticas em direção ao nosso país, evidentemente por caminhos distintos. Somente para citar alguns exemplos, enquanto Antuña assinalou que era bom amigo de Ronald de Carvalho e capitaneou uma missão cultural enviada pelo governo de Terra ao Brasil de Vargas; em *Acción* e em *Marcha*, foram publicados vários textos de exilados brasileiros contra aquele governo, a favor da Aliança Libertadora Nacional e de Luís Carlos Prestes, em apoio a Francisco Julião e ao governo de João Goulart, além de artigos dos novos exilados após o golpe de 1964, dentre outros textos que enfocavam as transformações do Brasil.

Antes, porém, de mapear resumidamente as principais questões levantadas sobre a América Latina, durante os anos 60, acima de tudo, por Quijano e Frugoni – marcadas pela discussão a respeito das possibilidades de seguir os caminhos traçados pela Revolução Cubana em outros meridianos, bem como, entre 1961 e 1964, pela ascensão do governo de João Goulart –, gostaríamos de citar a conclusão que o diretor de *Marcha* teceu sobre o presente e o porvir da América Latina no final de 1959. Após enfocar os "dourados" anos 50 norte-americanos e europeus, a consolidação da Guerra Fria e a ascensão do denominado "Terceiro Mundo", Quijano não conseguiu entrever um horizonte fecundo, pelo menos no futuro mais próximo, para a América Latina. Vale ressaltar que o Uruguai iniciara aquela

[434] TURCATI, Dante. *El equilíbrio difícil. Política exterior del batllismo*. Montevideo: Arca Editorial, 1981.

década envolvido em um importante ciclo de crescimento econômico e implementara outra vez o Colegiado, mas terminou permeado por vários problemas e viu o Partido Nacional vencer as eleições presidenciais, depois de 93 anos.

> [...] Nossa América marcha com atraso. Na década que se vai, conhecemos, entre outras, a Revolução Boliviana, de incerto destino; a intervenção criminosa na Guatemala; a queda de Perón – outro que se pensava imortal –; a traição sem precedentes de Frondizi; a ainda caótica Revolução Cubana. Tudo isso, desde a traição até o crime, responde, no entanto, à mesma sina. O presente desmorona-se e exala mau cheiro. Não, este não pode ser o mundo no qual estejamos condenados a viver para sempre, sem redenção e sem esperança.
> América, nossa América, está buscando de forma incerta e atribulada o seu caminho, distante de já ter adquirido consciência de suas necessidades e possibilidades, submetida, como está, por razões geográficas, à influência avassaladora, perturbadora e também corruptora de seu grande vizinho[435].

A áspera visão de Quijano foi engendrada no período em que ele buscava concertar com Frugoni uma aliança entre as esquerdas uruguaias em prol de medidas democráticas e transformadoras e convergiu com o artigo que o líder socialista publicou tanto no Uruguai quanto na Costa Rica, naquele mesmo ano, intitulado *Meditación americanista*, em que assinalou os imperativos comuns das nações latino-americanas:

> Países em formação, de economia subdesenvolvida, como se começou a dizer, em maior ou menor grau de incipiência, a despeito do volume de sua produção natural e dos tesouros de arcaica cultura que vários entre eles guardam nesse estupendo reservatório aberto ao assombro universal, que são as maravilhosas ruínas de civilizações imensamente ricas para seu tempo de oito séculos atrás. Países estancados e, às vezes, em retrocesso, que sentem saudades dos extintos esplendores de uma perdida grandeza, nunca isenta – claro que não – dos contrastes oferecidos nos tempos da Colônia pela prepotência e cobiça dos *encomenderos*, pelo generoso parasitismo dos fidalgos e senhorios da alta burocracia civil, pela arrogância insolente dos militares, pela *abrumadora* preponderância do clero, com a miséria e opressão em que se mantinham os indígenas ou zambos e os negros escravos[436].

Frugoni, ao reafirmar que a América Latina era uma terra de profundo entrecruzamento de povos e que possuía uma missão histórica a desempenhar, concluiu que durante a segunda metade da década de 50 seus novos rumos começaram a ser desenhados,

[435] QUIJANO, Carlos. Fin de una década. In: *Marcha*, Montevideo, ano XXI, n. 992, 31 de dezembro de 1959, p. 4.
[436] FRUGONI, Emilio. *Meditación americanista*. Montevideo: Comité Uruguayo del Congreso por la Libertad de la Cultura, 1959, p. 14-15. O título do artigo publicado na edição de maio-junho da revista costa-riquenha *Combate* foi *Meditación política sobre Latinoamérica*.

com o fim das ditaduras na Argentina, Colômbia, Venezuela e Cuba, os quais não deveriam ser nem a associação norte-americana entre o homem público e o homem de negócios, nem – ao citar Sartre – a "'putrefação soviética da revolução social'"[437].

Em suma, Quijano e Frugoni traduziram as principais inquietações de uma parte significativa dos intelectuais de esquerda uruguaios e latino-americanos, situados no centro das discusssões a respeito dos novos caminhos a seguir, entre a crescente influência norte-americana e o alinhamento europeu, as referências revolucionárias soviéticas e chinesas, além dos novos ventos que começaram a soprar com a realização da Conferência de Bandung, em 1955. Suas respostas foram entrecruzadas e insistiram sobre a necessidade dos uruguaios e demais latino-americanos de traçar trajetórias próprias.

Nesse sentido, a Revolução Cubana, como também o governo de Goulart, tornaram-se referências obrigatórias em suas agendas, que habitualmente sublinhavam a necessidade de uma intensa reestruturação do Uruguai, inicialmente veiculada pela reforma agrária, mas também, como vimos nos capítulos anteriores, pela formação de públicos leitores e de homens públicos orientados por ideais republicanos e democráticos.

Os anos 60 iniciaram-se, no Uruguai, com uma viva discussão acerca de tais questões e a fórmula de Quijano canalizou a opinião de uma expressiva porção dos debatedores: "Voltar ao campo para reconstruir o país. A reforma agrária é o eixo em torno do qual gira a reforma do país, o ponto de partida para recuperá-lo e recuperar-nos". Para Quijano, tal projeto deveria incluir, além das medidas básicas de repartição adequada das terras e contínua assistência técnica, a nacionalização do comércio de fertilizantes e sementes, a "organização dos serviços nacionais de maquinaria agrícola", o investimento maciço na formação de

[437] *Ibidem*, p. 28.

agrônomos, veterinários e laboratórios de pesquisa, e a reorganização da industrialização dos produtos agropecuários[438].

Entretanto, Quijano propunha que a realização de qualquer processo de reforma agrária no Uruguai não poderia ser realizado às pressas porque corria o risco de destruir os seus principais mananciais de sustentação até aquele período. Diante disso, Quijano destacou que desarticular rapidamente a produção pecuária do Uruguai, sua "galinha dos ovos de ouro", levaria o país à bancarrota. Para ele, a solução mais viável seria implementar uma equilibrada, paulatina e profunda transformação da estrutura fundiária do país, mediante a formação de colônias agrícolas, bem como, a exemplo de Cuba, pelo emprego de maior quantidade de trabalhadores rurais nas principais atividades econômicas[439].

Além disso, O Uruguai entrava na década de 60 envolvido em uma significativa crise socioeconômica e identitária, que se acentuava desde o final do "decênio glorioso neobatllista" (1945-1955), traduzida e alimentada gradativamente pela produção ensaística. No entanto, o clima ainda não estava marcado pelo ceticismo, desencanto e disputas violentas do final dos anos 60, como veremos mais adiante, e Quijano, em seu famoso editorial *Rebeldes con causa*, reafirmava a necessidade da atuação política dos intelectuais e, acima de tudo, dos jovens para orientar as mudanças do cenário uruguaio, "buscar o país", "reencontrá-lo" e "reconstrui-lo"[440].

Se desde antes do triunfo da revolução, em 1959, *Marcha* já iniciava a noticiar os passos dados em direção à "libertação" de Cuba[441] – que os leitores liam simultaneamente à publicação de textos a favor da luta pela independência de Porto Rico[442] –, a partir de 1960,

---

[438] QUIJANO, Carlos. Volver al campo para reconstruir al país (Resumen y conclusiones). In: *Marcha*, Montevideo, ano XXII, n. 1056, 05 de maio de 1961, p. 4-5.

[439] *Idem*. El diagnóstico y la terapéutica. Estructura de la ganadería y desarrollo económico. In: *La reforma agraria en el Uruguay* [1963]. 2ª ed. Montevideo: Biblioteca de Marcha, Nuevo Mundo, 1986, p. 72 (originalmente publicado em *Marcha*, Montevideo, ano XXII, n. 1050, 17 de março de 1961).

[440] *Idem*. ¿Qué hacer? Rebeldes con causa. In: *Marcha*, Montevideo, ano XXII, n. 1042, 13 de janeiro de 1961, p. 4.

[441] Cuba en el filo de la liberación. In: *Marcha*, Montevideo, ano XIX, n. 903, 14 de março de 1958, p. 1, 4.

[442] Ver: TRIVERI, Edgard. El drama de Puerto Rico. In: *Marcha*, Montevideo, ano XIX, n. 890, 29 de novembro de 1957, p. 16-18; CASTRO, Julio. Martirio de Albizu Campos. In: *Marcha*, Montevideo, ano XXI, n. 989, 11 de

Cuba passou a ganhar maior espaço em suas páginas, acima de tudo entre 1961 e 1964, quando as ações norte-americanas contra o movimento revolucionário da ilha caribenha tornaram-se mais ofensivas.

No dia 21 de abril de 1961, a primeira página de *Marcha* convocava seus leitores a participar de uma manifestação, encabeçada por Quijano, Luis P. Bonavita, Mario Cassinoni e Luis Gil Salguero, contra a intervenção norte-americana em Cuba[443]. No número seguinte, Quijano publicou o editorial *La Revolución de la creciente esperanza* e, em destaque nas páginas centrais do semanário, foi publicado um texto de Sartre a favor da soberania cubana, contra a tentativa de invasão norte-americama à *Playa Girón*[444].

No final daquele ano, após o famoso discurso pronunciado por Fidel Castro, pelo qual anunciou a sua adesão ao marxismo-leninismo, Quijano publicou em *Marcha* uma extensa crítica ao líder cubano, classificando-a de infecunda e até mesmo anacrônica, fundamentalmente porque, com tal medida, segundo o redator de *Marcha*, Fidel Castro submetia Cuba ao jogo dos imperialismos e perdia a oportunidade de responder às demandas mais inerentes da América Latina. Para Quijano, o líder cubano contribuía, dessa forma, para a exacerbação tanto das políticas intervencionistas sustentadas pelos Estados Unidos quanto do clima de perseguição aos movimentos transformadores no interior dos países latino-americanos. Contudo, Quijano corroborou seu apoio à revolução:

> No vasto devir histórico, por cima dos homens, tão vácuos em algumas ocasiões, sempre tão vaidosos, estão os povos, está a terra, está o misterioso fio condutor que leva das entranhas da angústia, sempre mais longe, sempre mais longe [sic], em direção à terra prometida, nunca alcançada. Navegar é preciso, viver não é preciso, como dizia a altiva divisa. No contexto geral da história de nosso continente, a Revolução Cubana, com seus erros, com suas torpezas, com suas crueldades, é uma etapa fundamental. Mortos os homens, caladas as paixões, dela sobreviverá o autêntico. Por isso, atualmente, sem tirar nem colocar ponto ou vírgula a tudo o que dissemos, reiteramos nosso apoio à grande empresa libertadora que se colocou em

dezembro de 1959, p. 24. Para as lutas pela emancipação de Porto Rico, ver: BAGGIO, Kátia Gerab. *A questão nacional em Porto Rico: o Partido Nacionalista (1922-1954)*. São Paulo: FAPESP/Annablume, 1998.

[443] Contra la intervención en Cuba. In: *Marcha*, Montevideo, ano XXII, n. 1054, 21 de abril de 1961, p. 1.

[444] Cf. SARTRE, Jean-Paul. Si Cuba es aplastada, no existe soberanía. In: *Marcha*, Montevideo, ano XXII, n. 1055, 28 de abril de 1961, p. 12-14.

> marcha. Também repetimos, e pela centésima vez, que o cerne de nossa fé é o antiimperialismo[445].

Esse editorial, publicado no dia 08 de dezembro, teve ampla repercussão e Quijano asseverou que em uma semana havia recebido uma quantidade significativa de cartas, nem todas de protesto contra suas opiniões. Além disso, ainda segundo Quijano, o diário *El Popular*, editado pelo Partido Comunista do Uruguai, teceu várias críticas ao seu texto, dedicando-lhe dois editoriais, aos quais Quijano buscou responder, reafirmando boa parte de suas reflexões anteriores[446].

Em diálogo aberto e convergente com Quijano, Frugoni enviou-lhe uma carta, que foi publicada nas páginas centrais de *Marcha*. Apesar de estimar o papel central desempenhado por Fidel Castro, Frugoni criticou a aliança de Cuba com a União Soviética, as medidas adotadas pelo Partido Único de Cuba e, acima de tudo, os "totalitarismos de esquerda" que, a seu ver, espreitavam e asfixiavam as demais correntes marxistas:

> Ficamos satisfeitos e agradecidos ao coincidir com ele [Quijano] em considerações que havíamos formulado durante os começos do ardoroso debate em torno das drásticas medidas de repressão, bem como das manobras e táticas de política internacional adotadas pelo governo revolucionário.
> Era respeitável sua forçada decisão de consolidar-se no poder, ainda que fosse ao preço de aceitar as conseqüências de uma aliança com a União Soviética, para cumprir o destino de uma revolução de amplas e profundas projeções de justiça social, salvando dos embates reacionários os seus primeiros frutos.
> [...]
> À ação funesta do imperialismo de *Wall Street* e do Pentágono, que sob as pregas da bandeira de guerra da 'livre empresa' mantém e estendem a influência diretriz da garra plutocrática, essa crescente vinculação com a máxima potência totalitária, proclamada a gritos no detonante discurso, agrega em certos instantes um fator que pode ser na América mais de truculência e revolta que de revolução de emancipação, fundamentalmente, quando, assim, não se aproxima o momento de robustecer os direitos políticos do cidadão em amplas formas de democracia representativa[447].

Frugoni enfatizava suas reservas em relação "às cartilhas do aprendiz de guerrilheiro" e às possibilidades de êxito da "improvisação" de revoluções nos demais países latino-americanos "sem *Sierra Maestra*" e que viviam em contextos distintos, como o Uruguai:

---

[445] QUIJANO, Carlos. Las declaraciones de Fidel Castro. In: *Marcha*, Montevideo, ano XXIII, n. 1087, 08 de dezembro de 1961, p. 5-6.
[446] *Idem*. Digamos nuestro mensaje. In: *Marcha*, Montevideo, ano XXIII, n. 1088, 15 de dezembro de 1961, p. 5.
[447] Emilio Frugoni y la Revolución Cubana. In: *Marcha*, Montevideo, ano XXIII, n. 1088, 15 de dezembro de 1961, p. 15.

> Internar-nos na revolta armada seria retroceder. Como foi difícil para nosso povo superar a era das reivindicações armadas! Não cometamos a loucura de trazê-las de volta, ainda que seja por outros caminhos e com outras bandeiras.
> Que o Uruguai se mantenha distante das subversões e ditaduras de que não estão curados outros povos da Hispano-América!
> Aqueles marxistas que não adulteramos a Marx, sabemos que não é científico improvisar 'ditaduras do proletariado', sem que exista a consciência de classe trabalhadora, que em países onde as vias da democracia política permanecem abertas, não as necessitam. Além disso, sem consciência proletária, essa ditadura seria o ensopado de lebre sem lebre[448].

No número seguinte, Quijano voltou a reafirmar suas posições, endossou o conteúdo do texto de Frugoni anteriormente publicado, sublinhou que Cuba, ao alinhar-se à União Soviética, desperdiçava a oportunidade de fomentar "autênticas posibilidades criadoras" e argumentou que o caminho para os países latino-americanos era a "revolução socialista" e a formação bem planificada de um mercado comum em toda a região[449].

Tal debate ganhou especial realce no Uruguai devido à realização de duas Conferências Interamericanas em Punta del Este, em julho de 1961 e janeiro de 1962. Che Guevara participou da Conferência em julho, representando Cuba, e não deixou de assinalar que tanto o Uruguai quanto o Chile ainda poderiam ser transformados por vias legais, o que, como destacou Eduardo Rey Tristán, não desestimulou a formação de grupos de esquerda revolucionários no Uruguai, que tiveram, por outro lado, que inovar suas ações, devido à inviabilidade da realização da guerrilha rural no país, além de adaptar a prática do foquismo em suas atividades[450]. Durante a Conferência de janeiro, por sua vez, a principal discussão girou em torno da proposta de exclusão de Cuba da OEA, com profundas divergências entre os países participantes, mas que terminou com a decisão por sua expulsão[451].

---

[448] *Ibidem*, p. 16.
[449] QUIJANO, Carlos. Siempre por el mismo camino. In: *Marcha*, Montevideo, ano XXIII, n. 1089, p. 5-6.
[450] Cf. REY TRISTÁN, Eduardo. *A la vuelta de la esquina: la izquierda revolucionaria uruguaya, 1955-1973*. Montevideo: Fin de Siglo, 2006. Sobre o foquismo, consultar: AGGIO, Alberto. Repensando o sentido da rebeldia na Revolução Cubana. In: *Estudos de História*. Franca: Revista do Curso de Pós-Graduação em História, UNESP-Franca, SP, v. 7, n. 2, 2000, p. 215-229; TOURAINE, Alain. Fidel Castro e o foquismo. In: *Palavra e Sangue: política e sociedade na América Latina*. São Paulo: Trajetória Cultura; Campinas: Ed. da Unicamp, 1989, p. 389-404.
[451] Os principais opositores a tal medida foram Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Equador e México. O Uruguai tampouco rompeu relações diplomáticas com Cuba até 1964.

Os redatores de *Marcha* reiteraram seu apoio a Cuba, censuraram o enquadramento do debate em torno da bipolarização entre, de um lado, a democracia, de outro, o comunismo e a "solidariedade ou aliança com o bloco soviético", e reafirmaram que os países latino-americanos não deveriam jogar o jogo dos Estados Unidos e da União Soviética[452].

Além disso, *Marcha* abriu outros canais de debate acerca da política internacional nas Américas, ao convidar seus leitores para participar de uma mesa-redonda, em suas instalações, sobre "não intervenção e autodeterminação", e ao articular-se à propaganda radiofônica a favor de Cuba[453]. A mesa-redonda, composta por Miguel Ángel Asturias, Francisco Espínola, José Pedro Cardoso, Carlos Real de Azúa, Julio Castro e Quijano, somava-se à realização de um concurso internacional para a eleição do melhor romance, "de tema latino-americano", e melhor ensaio, cujo tópico era "O subdesenvolvimento na América Latina". Os juízes participantes de cada concurso foram: Ángel Rama, Ernesto Sábato e Augusto Roa Bastos, para a escolha do melhor romance, e Carlos Quijano, José Luis Romero e Eduardo Albertal, para o melhor ensaio[454].

Articulado ao debate sobre Cuba, o Brasil de Goulart foi visto pelos redatores de *Marcha* como o palco da edificação dos destinos latino-americanos ou, pelo menos, de seus países vizinhos:

> O Brasil não é Cuba para a América Latina inteira. Não é Cuba para nós uruguaios. Tudo o que ocorreu e ocorrerá terá fatalmente, ainda que por algum tempo se dissimule, uma extraordinária repercussão em nosso continente.
> [...]
> A guerra civil no Brasil pode representar a guerra civil em toda a América, uma *Sierra Maestra* continental. Nessa guerra entraremos todos, em primeiro lugar os Estados Unidos, que não pode se resignar em perder a retaguarda[455].

[452] En el umbral de la Conferencia. In: *Marcha*, Montevideo, ano XXIII, n. 1091, 12 de janeiro de 1962, p. 5.
[453] *Marcha* publicou diversos anúncios do programa *Radioperiódico con Cuba*, organizado pelo Comitê Nacional Coordenador do Apoio à Revolução Cubana, transmitido pela Rádio Nacional, com notícias, comentários e difusão da música cubana entre os uruguaios. Cf. Radioperiódico con Cuba. In: *Marcha*, Montevideo, ano XXIV, n. 1147, 03 de março de 1963, p. 13.
[454] Concurso internacional de *Marcha*. In: *Marcha*, Montevideo, ano XXIII, n. 1101, 30 de março de 1962, p. 28.
[455] QUIJANO, Carlos. La otra revolución de los farrapos. In: *Marcha*, Montevideo, ano XXII, n. 1073, 01 de setembro de 1961, p. 5-6. Importa ressaltar que a primeira página daquele exemplar estampava o seguinte título: *Nuestra América con Goulart*. Ver também a edição seguinte dedicada ao Brasil, com o editorial *En el medio del tunel* de Quijano.

Para Quijano, os acontecimentos do Brasil deveriam ser acompanhados de perto pelos uruguaios e outros países sul-americanos e, a seu ver, eram mais decisivos do que Cuba. Além disso, ao traçar um paralelo histórico entre a Revolução Farroupilha e o governo do gaúcho Goulart, Quijano temia que uma possível guerra civil no Brasil representasse uma guerra entre as Américas ou entre os setores reformistas e revolucionários latino-americanos contra aqueles grupos que possuíam o apoio dos EUA.

Em 1964, a queda de Goulart e uma nova reunião de representantes diplomáticos convocada pela Venezuela para decretar um ultimato para o rompimento de relações dos países latino-americanos com Cuba, permitiram que Quijano e Frugoni percebessem que os horizontes uruguaios e latino-americanos se agravariam paulatinamente, e que o momento era de reafirmação das responsabilidades individuais e coletivas[456].

Desde março de 1964, *Marcha* dedicava um espaço de destaque para o Brasil e Julio Castro publicou o artigo *El pueblo impone la revolución. Las reformas de base de Jango Goulart*, pelo qual expressava uma das imagens divulgadas sobre o Brasil e que foi construída, em certa medida, pela própria intelectualidade e historiografia brasileiras:

> Sem dúvida, o Brasil tem representado na América Latina a maior expressão de equilíbrio e flexibilidade política. Passou da Colônia à Independência – por obra da sagacidade de seus diplomatas – sem violência e sem sangue. Mais tarde, transformou-se de Império em República, outra vez sem lutas armadas. Seus governos republicanos oscilaram de um a outro setor oligárquico – baianos, paulistas, mineiros – sem que, por isso, a paz interna fosse alterada, para além de convulsões de tipo local.
> Não obstante, por baixo dessa capacidade para a composição e o acordo político, mantém-se uma permanente tensão popular. Esta explodiu durante a Revolução dos Farrapos (1835) e, quase um século depois, na guerra de 23 [sic], que terminou com a odisséia da Coluna Prestes, na Revolução de 30, que levou Vargas ao poder, e, por último, durante o abortado levante da Aliança Nacional Libertadora, em 1935[457].

[456] Cf. *Idem*. La victoria que nos espera. In: *Marcha*, Montevideo, ano XXV, n. 1073, 10 de abril de 1964, p. 5. A primeira página de *Marcha* publicou o artigo *La derrota del Brasil* e expôs uma foto de Lacerda, classificado como o "agente da infâmia".

[457] CASTRO, Julio. El pueblo impone la revolución In: *Marcha*, Montevideo, ano XXV, n. 1198, 20 de março de 1964, p. 9.

Todos os exemplares de abril enfocaram o Brasil, ao publicar artigos de opinião e algumas charges. No dia 17 de abril de 1964, *Marcha* editou uma segunda seção de 16 páginas dedicada ao Brasil, encabeçada pela entrevista que Julio Castro fez a Goulart. O ex-presidente estava exilado em Solymar, um balneário localizado nas cercanias da capital uruguaia e endossou as opiniões emitidas pelo semanário:

> Que lhes direi que não saibam? Li os últimos números de *Marcha* e posso lhe assegurar que estão tão informados como eu. O artigo em que se comentou meu discurso no parlamento expõe a situação com total nitidez. Lido agora, ilumina os acontecimentos posteriores. Da mesma maneira que os últimos, que denunciam o jogo de forças que neste momento prevalecem em meu país.
> [...]
> Leio o seu semanário. Admira-me a informação que traz. Nas coisas do Brasil, repito-lhe que demonstram saber tanto como eu. Rogo-lhe – diz-me – que explicite essa minha admiração ao Dr. Quijano. Já pedi ao amigo Mintegui que, quando se tranqüilize o clima que nos rodeia, me leve a visitá-lo. Eu quero ir à sua casa, para apresentar meus cumprimentos. Admira-me, acima de tudo, a continuidade com que vocês têm mantido essa linha de defesa da nacionalidade e da luta antiimperialista. Essa linha é a nossa. A causa de vocês é a nossa causa[458].

Eduardo Galeano, autor de "As veias abertas da América Latina" e redator de *Marcha*, durante os anos 60, viajou ao Brasil em maio de 64 e entrevistou, entre outros, Leonel Brizola e Darcy Ribeiro. Antes, porém, Francisco Julião enviou a Galeano um manifesto contra o governo militar, que foi publicado em *Marcha*[459].

Em relação às ações contra o governo revolucionário cubano, particularmente a decisão dos representantes dos países americanos reunidos em Washington, em julho de 1964, de efetivar o completo rompimento de relações diplomáticas com Cuba, Quijano e Frugoni novamente coincidiram em reprovar aquela reunião[460].

Naquele mesmo número, Frugoni publicou dois textos em que condenava qualquer rompimento de relações com Cuba e afirmava que a causa do país caribenho era a causa da

[458] Sólo las reformas de base darán paz al Brasil. Reportaje exclusivo a Joao Goulart. In: *Marcha*, Montevideo, ano XXV, n. 1201, 2ª seção, 17 de abril de 1964, p. 1. Cabe assinalar que o governo uruguaio divulgou, em abril de 2008, que permitirá o acesso aos documentos que registraram o exílio de Goulart no Uruguai, durante os anos 60.

[459] Cf. Manifesto de Francisco Juliao. Un documento exclusivo de *Marcha*. In: *Marcha*, Montevideo, ano XXV, n. 1202, 24 de abril de 1964, p. 16-18.

[460] QUIJANO, Carlos. La pandilla de la OEA. In: *Marcha*, Montevideo, ano XXV, n. 1216, 31 de julho de 1964, p. 5-6.

América Latina, ainda que coubessem algumas discrepâncias a respeito da fórmula do partido único ou do alinhamento de Fidel Castro ao marxismo-leninismo:

> Como socialista que aspira a uma fraternidade internacional, que, abarcando a todas as nações, abrace solidariamente a todos os homens, no transcurso de minha vida pública, **sempre tive o cuidado de não contribuir, com minhas críticas ao ianquismo, a criar barreiras de ódio que pudessem injustamente incluir o povo dos Estados Unidos, generoso, fecundo e laborioso, como todos os povos do Globo**. Sei que os governos são mais transitórios que os povos e não deixo de lado, tampouco hoje em dia, aquela preocupação. Os fatos assumem agora uma rusticidade que obrigam a empregar juízos proporcionados.
> [...]
> No entanto, creio que se o Uruguai rompesse relações diplomáticas ou interrompesse seu intercâmbio comercial com Cuba, trairia seus interesses e seus desejos, bem como contrariaria a fraternidade e convivência pacífica, que é, para os países frágeis, garantia de sobrevivência.
> A quarentena organizada contra Cuba é o regresso ao primitivismo nas relações internacionais. Todo o direito internacional teve sempre como objeto abrir larga via à discussão, em organismos apropriados, também por aqueles países separados pelas mais abismais diferenças. Agora se aplica a lei da selva, da violência, finalmente, da anti-história[461].

A instigante análise de Frugoni buscava reconhecer distintas correntes de opinião política nos Estados Unidos, se bem que de forma um pouco homogênea e antagonista entre o "povo" norte-americano e o seu governo, que, a seu ver, respondia em última instância aos interesses dos altos círculos financeiros do país[462].

Simultaneamente ao debate nas páginas de *Marcha*, houve diversas manifestações nas ruas de Montevideo contra a ruptura com Cuba e uma multidão criticou a ação do governo uruguaio e acompanhou o representante diplomático cubano ao aeroporto internacional de Carrasco. O Uruguai confirmava as decisões de outros países latino-americanos, como a Argentina (1962), o Brasil (1964) e a Venezuela (1964).

Os anos 60 caminhavam a passos ligeiros e a crise uruguaia tornava-se cada vez mais dramática. Em 1965, a seca durante o verão e o outono prejudicou tanto as atividades

[461] FRUGONI, Emilio. Mi opinión sobre las sanciones. In: *Marcha*, Montevideo, ano XXV, n. 1216, 31 de julho de 1964, p. 8. Grifos nossos.

[462] Para uma fecunda análise do debate sobre a política externa norte-americana, ver AZEVEDO, Cecília. Sob Fogo Cruzado: A Política Externa e o Confronto de Culturas Políticas nos EUA. In: SOIHET, Rachel, BICALHO, Maria Fernanda B. e GOUVÊA, Maria de Fátima S. *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, p. 377-406.

agropecuárias quanto a produção de energia elétrica. Pouco tempo depois, o sistema bancário do país sofreu um rápido *crack* e o Uruguai se endividou para controlar a situação. Além disso, os conflitos entre o patronato e os sindicatos se acentuavam, e o *Movimiento de Liberación Nacional – Tupamaros* iniciou suas ações em público. Assim, 1965 ficou conhecido como "o ano terrível"[463].

Os horizontes democráticos do Uruguai tornavam-se ainda mais incertos, uma vez que, depois do Brasil, era a vez da ascensão de outro governo militar na Argentina, em junho de 1966[464].

Diante desse panorama, os redatores de *Marcha* destacaram que viviam em tempos de compromisso e de sacrifícios. A aproximação entre os governos militares do Brasil e da Argentina engendrava uma evidente apreensão no Uruguai e Quijano defendeu que o único caminho viável para as esquerdas latino-americanas era a revolução socialista:

> [...] Somente por meio de uma integração revolucionária da América Latina ou da América do Sul, ou ainda, por que não, sub-regional, podemos salvar a pátria e fazer com que participe do destino comum, que nos transcenda sem nos privar de nosso conjunto de valores.
> É o jogo dialético da vida e da história. Quisemos ser um país e nos esforçamos para sê-lo. Ao longo de muitos anos de silenciosos e ainda sangrentos sacrifícios defendemos nossas frágeis fronteiras. Agora é hora de integrações sem deixar de ser pátria, a pátria pequena [*patria chica*]. Devemos fazer com todos os outros, aqueles que dentro do continente afrontam o mesmo desafio, outra pátria, a pátria grande, fruto e extensão da revolução emancipadora, frustrada pela cobiça alheia, a balcanização, e a traição e miopia das oligarquias nativas.
> Pelo nacionalismo, pensamos alguma vez, vai-se ao antiimperialismo, pelo antiimperialismo ao socialismo. Pela pátria pequena, pensamos visceralmente agora, à pátria grande. Pelo socialismo à integração. Sem a revolução libertadora e antiimperialista não existirá pátria, nem pequena, nem grande.
> E lindo será então morrer oriental na pátria pequena. Talvez na pátria grande.
> Como deve ser lindo viver e morrer hoje em dia no Vietnã, entre os resplendores da epopéia fabulosa, pela pátria pequena – parte de um mundo fraternal e sacrificado – em face do invasor, para que os seus descendentes sejam livres[465].

[463] Cf. QUIJANO, Carlos. El año terrible. In: *Marcha*, Montevideo, ano XXVII, n. 1287, 31 de dezembro de 1965, p. 5, 8. Ver também: VÁRIOS AUTORES. *El fin del Uruguay liberal (1959-1973)*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1990, p. 28-30.

[464] Para Quijano, entre outros autores, os militares foram o centro do poder na Argentina, de forma direta ou indireta, desde 1930. Cf. QUIJANO, Carlos. El diálogo y el tambor. In: *América Latina, una nación de Repúblicas: Argentina, Brasil, Cuba y otros países*. Montevideo: Cámara de Representantes, 1991, p. 146 (originalmente publicado em *Marcha*, 08 de julho de 1966).

[465] QUIJANO, Carlos. Morir oriental. In: *América Latina, una nación de Repúblicas*. Montevideo: Cámara de Representantes, 1989, p. 146. Originalmente publicado em *Marcha*, 09 de fevereiro de 1968.

Com essas palavras, Quijano traduzia as principais inquietações dos intelectuais nucleados em *Marcha*, que gradativamente granjeava mais e mais leitores no Uruguai, na Argentina, demais países latino-americanos e europeus, à medida que a situação no Uruguai se tornava cada vez mais delicada. Além disso, Quijano referia-se à Guerra do Vietnã e conclamava os latino-americanos a lutar pelas soberanias nacionais.

Vale destacar que o colorado Jorge Pacheco Areco assumiu a presidência do Uruguai no final de 1967 e planejou implementar um "ajuste autoritário" do país, adotando medidas cerceadoras, como, por exemplo, a dissolução do Partido Socialista, o fechamento de diários da oposição, perseguição política, intervenção nos entes autônomos e no ensino secundário, proibição da imprensa em nomear os líderes tupamaros, etc[466].

Durante o avanço do pachequismo, Frugoni faleceu como cidadão proscrito, em 1969, ao passo que Antuña foi homenageado com a publicação de *Un panorama del espíritu. El* Ariel *de Rodó* na coleção dos clássicos uruguaios também em 1969. Ele faleceu três anos depois. Quijano continuou em sua permanente luta pela transformação do Uruguai, mas, com o empastelamento de *Marcha*, nos finais de 1974, um ano após o golpe civil-militar de 1973, teve que partir para o exílio em solo mexicano, onde faleceu em 1985.

[466] Consultar PANIZZA, Francisco E. *Uruguay: batllismo y después. Pacheco, militares y tupamaros en la crisis del Uruguay batllista*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1990; VÁRIOS AUTORES. *El fin del Uruguay liberal (1959-1973)*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1990, p. 55-81.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou explicitar tanto as divergências entre os autores quanto os seus pontos em comum. Emilio Frugoni, Carlos Quijano e José G. Antuña entrecruzaram seus olhares sobre a América Latina e os Estados Unidos em diversos momentos, desde finais dos anos 10 até a década de 60. Ao pensar sobre o lugar do Uruguai no concerto latino-americano e internacional, os três intelectuais enfocaram as relações conflituosas ou dialógicas entre as duas principais regiões constituintes das Américas.

A análise comparativa de seus textos permitiu-nos observar as suas principais inquietações a respeito do lugar do Uruguai na América. Suas respostas devem ser estreitamente articuladas ao contexto nacional e, principalmente Quijano e Frugoni perceberam que o porvir do Uruguai deveria ser traçado no debate em conjunto com os outros países latino-americanos, principalmente com seus vizinhos mais próximos.

As obras escritas pelos autores foram marcadas pela diversidade de idéias e por determinada "ambigüidade" em distintos momentos. A idéia de América Latina oscilou entre um passado e um presente repleto de dificuldades e injustiças, e um horizonte de transformação, acima de tudo, quando nos referimos a Frugoni e a Quijano.

A despeito disso, é possível delimitar um norteamento convergente entre as interpretações de Frugoni e Quijano, principalmente a partir de meados dos anos 30. Esses autores foram críticos do hispanismo tradicional e conservador, e buscaram promover a transformação da sociedade uruguaia por meio da palavra impressa e oral.

Podemos concluir que, apesar da difusão de imagens negativas sobre a América Latina em diversas passagens, Frugoni e Quijano reprovaram os pressupostos social-darwinistas e racialistas que nortearam as visões pejorativas acerca das coletividades latino-americanas desde as últimas décadas do século XIX até o início dos anos 1920. Antuña, por outro lado,

estabeleceu uma relação mais ambivalente com essas interpretações e, em diversos momentos, não conseguiu vislumbrar outros caminhos para os países latino-americanos para além dos exemplos europeus e norte-americanos.

Para Frugoni e Quijano, os países latino-americanos apresentavam um potencial ainda pouco explorado para a construção de novas configurações políticas, devido ao cruzamento de povos e de culturas que os constituíam. Seus olhares buscaram perceber as diferenças entre as regiões da América Latina e não preconizaram fórmulas comuns para todos os seus Estados. Entretanto, não endossaram o difundido imaginário coletivo que sublinhava a "excepcionalidade" uruguaia no contexto regional.

Eles inscreveram a realidade uruguaia no horizonte latino-americano e, ainda que habitualmente destacaram as vicissitudes por que passavam os seus países, propuseram novos caminhos a seguir para a defesa e consolidação da democracia. Além disso, para os dois intelectuais, parte das incertezas e dos problemas que acometiam a América Latina nascia da convergência dos interesses das oligarquias internas e dos grupos dirigentes norte-americanos, que fomentavam grupos políticos que defendessem seus interesses.

Antuña, por outro lado, defendeu o hispanismo conservador, mas não rechaçou o pan-americanismo. Nesse sentido, foi um autor bastante singular e em diversos momentos teve que lidar com suas "contradições internas", pois não foi muito simples defender a tradição hispânica católica e conservadora simultaneamente à preconização da aliança com os Estados Unidos. No entanto, a presença, ao mesmo tempo, de hispanismo e pan-americanismo pode ser explicada pelo seu conservadorismo (no campo cultural e religioso), de um lado, e seu pragmatismo, de outro. E, claro, da consciência, para esses intelectuais uruguaios, de que o país tinha que se integrar, para crescer.

Também é interessante observar que, nem sempre, os intelectuais sustentam a "coerência" que esperamos deles. Muitas vezes, em nome das mais diversas questões e ou interesses, defendem idéias, a princípio, muitas vezes "díspares" ou "incoerentes".

Antuña enfatizou os sinais negativos da América Hispânica e propôs que os seus países constituintes deveriam nutrir-se dos exemplos anglo-saxões. Além disso, ele não deixou de propor um lugar intermediário para o Brasil, e, em alguns momentos, para o Chile e a Argentina, no cenário latino-americano, entre os “prósperos” Estados Unidos e a “instável” América Hispânica.

Os três autores falaram, ainda que por caminhos distintos, sobre a necessidade da aproximação com outros países latino-americanos: Antuña, com o Brasil e a Argentina; Frugoni e Quijano, entre os setores trabalhadores, intelectuais e políticos reformistas de todos os países. Para Frugoni, os movimentos antiimperialistas latino-americanos necessitavam conquistar o apoio dos grupos trabalhadores norte-americanos e ampliar suas frentes de batalha.

A Revolução Mexicana e o período pós-revolucionário receberam especial atenção durante a década de 20. Frugoni e Quijano apoiaram as suas principais reivindicações transformadoras e interpretaram o México como um bom exemplo para os países latino-americanos, se bem que sublinharam que o contexto do Uruguai era distinto e que aquele movimento deveria ser filtrado em terras rioplatenses. Antuña, por outro lado, criticou os propósitos de secularização tanto da Constituição Mexicana de 1917 quanto dos governos pós-revolucionários e pediu a intervenção da Liga das Nações naquele país.

Durante os anos 30, as trajetórias de Frugoni e Quijano convergiram em torno da oposição comum ao terrismo e demais governos ditatoriais latino-americanos. Antuña, por outro lado, atuou como um dos principais líderes intelectuais da esfera oficial e buscou

fortalecer tanto a política externa pan-americanista do Uruguai quanto a aproximação com os representantes intelectuais de outros regimes autoritários da América Latina.

Os anos 40 foram cruciais para a consolidação das posições de Frugoni, Antuña e Quijano, principalmente após a volta de práticas democráticas no Uruguai. Os governos populistas de Vargas e de Perón foram criticados por Frugoni e Quijano.

A partir dos anos 50, a Guatemala e Cuba ocuparam o centro do debate acerca dos movimentos revolucionários latino-americanos. No entanto, Frugoni e Quijano novamente destacaram que os uruguaios necessitavam selecionar as reivindicações e práticas que mobilizaram os seus artífices. Para Quijano, o exemplo mais próximo para os uruguaios era o governo de Goulart no Brasil. A seu ver, os desdobramentos de seu governo repercutiriam em toda a América do Sul e criariam os caminhos a seguir pelos demais países.

É possível delimitar três períodos mais gerais no que toca ao debate sobre os EUA: de finais dos anos 10 até meados dos anos 30, com a criação da Política da Boa Vizinhança; de meados dos anos 30 até o final da Segunda Guerra Mundial e, finalmente, a partir da ascensão de Harry Truman à presidência até os anos 60. Tanto o primeiro quanto o terceiro períodos mencionados foram freqüentemente vistos por Frugoni e Quijano como de assédio e de coerção das soberanias nacionais latino-americanas por parte dos Estados Unidos. Já a Política da Boa Vizinhança, foi interpretada com um certo entusiasmo por Frugoni, ao passo que Quijano hesitou em mudar suas opiniões acerca dos Estados Unidos. Para ele, as mudanças nas relações entre aquele país e a América Latina eram transitórias, e não haviam transformado completamente os interesses de importantes grupos políticos e socioeconômicos norte-americanos sobre os seus vizinhos do Sul.

Antuña, por outro lado, sempre preconizou a formação de um bloco político, econômico e cultural da América Latina com os Estados Unidos. Chegou inclusive a sustentar que o próprio Simón Bolívar havia proposto essa aproximação durante sua trajetória. Para

Antuña, mais importante do que criticar o reconhecido assédio norte-americano sobre os países latino-americanos, seria criar canais de comunicação e edificar uma aliança entre as Américas.

A primeira conclusão geral da presente dissertação refere-se ao fato de que, como no Chile, o caminho da democracia foi, em grande medida, mais valorizado por significativos expoentes das esquerdas uruguaias do que os de outros países da América Latina e com anterioridade, pois, em outros países, essa essa valorização só se evidenciou nas últimas décadas.

O caminho das reformas foi, em Frugoni e Quijano aquele que mereceu mais atenção como uma alternativa para o Uruguai, em sintonia com a sua própria trajetória histórica, e não o caminho revolucionário bolchevique/soviético e ou castrista/cubano.

Sem querer endossar a maneira, de certa forma, tendenciosa de afirmar o "excepcionalismo" uruguaio em relação aos demais países latino-americanos, não há dúvidas de que a trajetória político-social uruguaia, particularmente a partir do primeiro batllismo, deu ao país e aos seus intelectuais elementos para pensar e fazer propostas para o futuro do Uruguai que levassem em conta, antes de outros países (ou, pelo menos com mais ênfase), as questões realcionadas à integração e à democracia.

Assim, ocorreu uma percepção mais clara, no Uruguai, da necessidade da integração sul-americana ou latino-americana em um momento em que, nos países vizinhos, isso ainda não era uma preocupação tão evidente. Esse maior destaque dos intelectuais uruguaios sobre a integração deve-se, evidentemente, às condições geográfica, geopolítica, econômica, demográfica etc., em certa medida, particulares no Uruguai.

Os três autores contribuíram de maneira desigual para o fortalecimento do americanismo no Uruguai e Quijano desempenhou um papel de maior destaque, por meio de *Acción* e, acima de tudo, de *Marcha*.

ACERVOS CONSULTADOS NOS SEGUINTES ARQUIVOS E BIBLIOTECAS:

Uruguai

- ***Biblioteca del Palacio Legislativo***
- ***Biblioteca de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Universdiad de la República***
- ***Biblioteca Nacional***

Argentina

- ***Biblioteca Nacional***
- ***Biblioteca y Hemeroteca del Congreso de la Nación***
- ***Sala Ángel Rama del Instituto Ravignani de la Universidad de Buenos Aires***

FONTES

- ***Obras de Emilio Frugoni***

FRUGONI, Emilio. *De Montevideo a Moscú*. Embajador del Uruguay en Rusia. Buenos Aires: Claridad, 1945.

_____. *El laborismo británico. Sinopsis histórica e interpretativa*. Montevideo: Editorial Afirmación, 1941.

_____.*El nazi-fascismo en la enseñanza*. Montevideo: Publicaciones de la oficina Pro Congreso de Periodistas Libres, 1938.

_____. En la otra América. In: *Nosotros*. Buenos Aires, a. 12, v. 28 , n. 107, março de 1918, p. 332-349.

_____. *Ensayos sobre marxismo*. Montevideo: Claudio García y Cía, 1935.

_____. *Génesis, esencia y fundamentos del socialismo*. 2 Tomos. Buenos Aires: Américalee, 1947.

_____. *Homenaje a Rodó en el cincuentenario de Ariel*. Montevideo: El Siglo Ilustrado, 1950.

_____. *La esfinge roja. Memorial de un aprendiz de diplomático en la Unión Soviética*. Buenos Aires: Claridad, 1948.

_____. *La lección de México*. Montevideo: Tip. Augusta, 1928.

_____. *La mujer ante el derecho*. Montevideo: Indo-Americana, 1940.

_____. *La revolución del machete. Panorama político del Uruguay*. Buenos Aires: Claridad, s/d.

_____. *La sensibilidad americana*. Montevideo: Editorial La Facultad, 1929.

_____. *Las tres dimensiones de la democracia*. Buenos Aires: Claridad, 1944.

_____. *Los nuevos fundamentos* [1919]. 2ª ed. Montevideo: Cámara de Representantes, 1988.

_____. *Meditación americanista*. Montevideo: Comité Uruguayo del Congreso por la Libertad de la Cultura, 1959.

_____. *Poemas civiles*. Montevideo: Claudio García & Cia, 1944.

Artigos publicados em *Marcha*. Montevideo, 1939-1969.

- ***Obras de José G. Antuña***

ANTUÑA, José G. *Acción parlamentaria*. Montevideo: Gómez y Cia, 1924.

_____. *Ante la VII Conferencia I. Americana*. Montevideo: Asamblea Deliberante del Uruguay, J. Florensa, 1933.

_____. *Bolívar símbolo de América*. El libertador, el legislador, el apóstol. Montevideo: Urta y Curbelo, 1932.

_____. *Defensa nacional y defensa continental*. Montevideo: Comité Ejecutivo Nacional del Partido Colorado, 1941.

_____. *El inquieto horizonte*. Montevideo: Talleres Gráficos Institutos Penales, 1937.

_____. *El mundo y la soledad*. Madri: Ediciones Cultura Hispánica, 1962.

_____. *El nuevo acento*. Montevideo; Buenos Aires: Sociedad Amigos del Libro Rioplatense, 1935.

_____. *Estatuto Universal del Derecho de Autor*. Montevideo: L.I.G.U., 1947.

_____. *La Constitución de 1934*. Montevideo: s/e, 1934.

_____. *La fecha de nuestro centenario*. Montevideo: Escuela Naval, 1921.

_____. La unidad del idioma y la necesaria colaboración de América. In: *Tercer Congreso de Academias de la Lengua Española*, Bogotá, Academia Colombiana de la Lengua, 1961, p. 441-449.

_____. *Litterae*. Ensayos, Crítica, Comentarios. Paris: Imprimérie Artistique A. Fabre, 1926.

_____. *Los viejos ritmos*. Paris: Imprimérie Artistique A. Fabre, 1925.

_____. *L'Uruguay, le panaméricanisme et la Société des Nations*. Paris: Imprimière Michel, 1929.

_____. *Mi visión de México*. Montevideo: J. Florensa, 1941.

_____. *Nuestra lengua y la expresión propia americana*. Montevideo: Publicaciones del Centro Gallego, IV y V curso de conferencias, 1930.

_____. *Nuevas páginas bolivarianas*. Montevideo: L.I.G.U., 1942.

_____. *Palabra*. Conferencias y discursos: 1915-1927. Paris: Editorial Paris-América, 1927.

_____. *Perspectivas de América*. Temas, acontecimientos y monografías continentales. Buenos Aires: M. Gleizer, 1938.

_____. Prólogo. In: TERRA, Gabriel. *La revolución de marzo: principales discursos*. Buenos Aires: M. Gleizer, 1938, p. 10-26.

_____. *Un caudillo, el General Fructuoso Rivera, prócer del Uruguay*. Madri: Instituto de Cultura Hispánica, 1948.

_____. *Un panorama del espíritu*. *El Ariel de Rodó* [1952]. 2ª edição. II Tomos. Montevideo: Barreiro y Ramos: 1969.

- ***Obras de Carlos Quijano***

Parte significativa dos textos escritos por Carlos Quijano foi selecionada e publicada, por iniciativa do Congresso Nacional, de 1989 a 1995, sob coordenação dos historiadores Arturo Ardao, Oscar Bruschera, Gerardo Caetano e José Rilla, e familiares José Quijano e Mercedes Quijano.

QUIJANO, Carlos. *América Latina, una nación de Repúblicas*. Montevideo: Câmara de Representantes, 1989.

_____. *América Latina, una nación de Repúblicas: Argentina, Brasil, Cuba y otros países*. Montevideo: Cámara de Representantes, 1991.

_____. *A rienda corta y otros escritos*. Montevideo: Enciclopedia Uruguaya, n. 56, Ed. Reunidos-Arca, 1969.

_____. *Cultura, personalidades y mensajes*. Montevideo: Cámara de Representantes, 1992.

_____. *Evolución del Contralor de Cambios en el Uruguay. Un estudio de legislación positiva*. Montevideo, s/e, 1944.

_____. *La economía uruguaya entre 1880 y 1965*. Montevideo: Cámara de Representantes, 1995.

_____. *La reforma agraria en el Uruguay*. 2ª ed. Montevideo: Biblioteca de Marcha, Nuevo Mundo, 1986.

_____. *Los golpes de Estado (1933-1942)*. Montevideo: Cámara de Representantes, 1989.

_____. *Nicaragua*. *Ensayo sobre el imperialismo de los Estados Unidos*. Paris: Agencia Mundial de Librería, 1928.

Artigos publicados em diários e semanários:

Revista Ariel. Montevideo, 1919-1930.

El País. Montevideo, 1924-1928.

El Nacional. Montevideo, 1930-1931.

Acción. Montevideo, 1932-1939.

Marcha. Montevideo, 1939-1969.

DIARIO DE SESIONES DE LA CÁMARA DE REPRESENTANTES. Tomos 350-352. Montevideo: Imprenta Nacional, 1930.

DSCR. Tomo 353. Montevideo: Imprenta Nacional, 1930.

DSCR. Tomo 354. Montevideo: Imprenta Nacional, 1930.

DSCR. Tomo 355. Montevideo: Imprenta Nacional, 1930.

DSCR. Tomo 356. Montevideo: Imprenta Nacional, 1930.

DSCR. Tomo 357. Montevideo: Imprenta Nacional, 1930.

DSCR. Tomo 358. Montevideo: Imprenta Nacional, 1931.

DSCR. Tomo 359. Montevideo: Imprenta Nacional, 1931.

DSCR. Tomo 360. Montevideo: Imprenta Nacional, 1931.

DSCR. Tomo 361. Montevideo: Imprenta Nacional, 1931.

DSCR. Tomo 362. Montevideo: Imprenta Nacional, 1931.

DSCR. Tomo 363. Montevideo: Imprenta Nacional, 1931.

DSCR. Tomo 364. Montevideo: Imprenta Nacional, 1931.

DSCR. Tomo 365. Montevideo: Imprenta Nacional, 1931.

DSCR. Tomo 366. Montevideo: Imprenta Nacional, 1932.

DSCR. Tomo 367. Montevideo: Imprenta Nacional, 1933.

DSCR. Tomo 368. Montevideo: Imprenta Nacional, 1933.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia, SCHAPOCHNIK, Nelson (orgs.). *Cultura Letrada no Brasil. Objetos e práticas*. Campinas: Mercado de letras, 2005.

ACHUGAR, Hugo (coord.). *Cultura Mercosur. Políticas e industrias culturales*. Montevideo: Logos-FESUR, 1991.

_____. *La balsa de la Medusa*. Ensayos sobre identidad, cultura y fin de siglo en Uruguay. Montevideo: Trilce, 1992.

ACHUGAR, Hugo & CAETANO, Gerardo (comps.). *Identidad uruguaya: ¿mito, crisis o afirmación?* [1992] 3ª ed. Montevideo: Trilce, 1993.

AGGIO, Alberto. Repensando o sentido da rebeldia na revolução cubana. In: *Estudos de História*. Franca: Revista do Curso de Pós-Graduação em História, UNESP-Franca, SP, v. 07, n. 02, 2000, p. 215-229.

AGUIAR, César. *Uruguay: país de emigración*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1982.

AGUILAR CAMÍN, Héctor & MEYER, Lorenzo. *À sombra da Revolução Mexicana: história mexicana contemporânea,1910-1989*. São Paulo: Edusp, 2000.

AGUILLAR, Enrique (ed.). *Ortega y Gasset en la cátedra americana*. Buenos Aires: Fundación José Ortega y Gasset Argentina – Fundación Carolina, 2004.

AÍNSA, Fernando. *De la edad del oro al el dorado*. Génesis del discurso utópico americano. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

_____. *Del canon a la periferia. Encuentros y transgresiones en la literatura uruguaya*. Montevideo: Trilce, 2002.

ALFARO, Hugo. *Navegar es necesario*. Quijano y el semanario *Marcha*. Montevideo: Banda Oriental, 1984.

ALMEIDA, Jaime de (org.). *Caminhos da História da América no Brasil: tendências e contornos de um campo historiográfico*. Brasília: ANPHLAC, 1998.

ALONSO ELOY, Rosa, DEMASI, Carlos. *Uruguay 1958-1968. Crisis y estancamiento*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1982.

ALTAMIRANO, Carlos. *Para un programa de historia intelectual y otros ensayos*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.

ANDACHT, Fernando. *Signos reales del Uruguay imaginario*. Montevideo: Trilce, 1992.

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

ANSALDI, Waldo (coord.). *Calidoscopio latinoamericano. Imágenes históricas para un debate vigente*. 2ª ed. Buenos Aires: Ariel, 2006.

ANSALDI, WALDO (dir.). *La democracia en América Latina: un barco a la deriva*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.

ANSALDI, Waldo (ed.). *Tierra en llamas. América Latina en los años 1930*. La Plata: Ediciones Al Margen, 2002.

ANSALDI, Waldo, FUNES, Patricia. Viviendo una hora latinoamericana. Acerca de rupturas y continuidades en el pensamiento en los años veinte y sesenta. In: *Cuadernos del CISH*,

Universidad Nacional de La Plata, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, ano III, n.4, 2º semestre de 1998, p. 13-75.

ARDAO, Arturo. *América Latina y la latinidad*. México: CCYEDL-UNAM, 1993.

_____. *Etapas de la inteligencia uruguaya*. Montevideo: Universidad de la República, 1968.

_____. *Génesis de la idea y el nombre de América Latina*. Caracas: Centro de estudios latinoamericanos Rómulo Gallegos, 1980.

_____. *La inteligencia latinoamericana*. Montevideo: Ediciones de la Universidad de la república, 1987.

_____. *Nuestra América Latina*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1986.

_____. *Orígenes de la influencia de Renan en el Uruguay*. Montevideo: Instituto Nacional de Investigaciones y Archivos Literarios, 1955.

_____. *Racionalismo y liberalismo en el Uruguay*. Montevideo: Universidad de la República, 1967.

_____. *Rodó, su americanismo*. Montevideo: Biblioteca de Marcha, 1970.

ARICÓ, José. *Mariátegui y los orígenes del marxismo latinoamericano*. México: Siglo XXI, 1978.

AROCENA, Felipe. *Muerte y resurrección de Facundo Quiroga. Historia cultural de lo que ha significado "ser moderno" para los latinoamericanos*. Montevideo: Trilce, 1996.

AROCENA, Felipe; DE LEÓN, Eduardo (ed.). *El complejo de próspero. Ensayos sobre cultura, modernidad y modernización en América Latina*. Montevideo: Vintén. 1993.

AYERBE, Luis Fernando. *Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi, Anthropos – Homem*, v.5, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.

_____. Utopia. In: *Enciclopédia Einaudi, Anthropos – Homem*, v.5, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.

BAGGIO, Kátia Gerab. A América Latina e os Estados Unidos na visão de Euclides da Cunha. In: *Estudos de História*. Franca, SP: Depto. de História, UNESP – Franca, v.7, n.2, 2000, p. 55-68.

_____. *A "outra" América: A América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas*. São Paulo: Departamento de História, FFLCH, USP, 1998 (Tese de Doutorado).

_____. *A Questão Nacional em Porto Rico: o Partido Nacionalista (1922-1954)*. São Paulo: FAPESP/Annablume, 1998.

_____. Reflexões sobre o nacionalismo em perspectiva comparada: as imagens da nação no México, Cuba e Porto Rico. In: *Varia História*. Belo Horizonte: Departamento de História, FAFICH/UFMG, dez. 2002, n.28, p. 39-54.

BARBIER, Frédéric, LAVENIR, Catherine Bertho. *Historia de los medios: de Diderot a Internet*. Buenos Aires: Colihue, 1999.

BARRÁN, José Pedro. *Historia de la sensibilidad en el Uruguay. El disciplinamiento, 1860-1920*. 11ª reimpresión. Tomo II. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental – Facultad de Humanidades y Ciencias, 1998.

_____. *Los conservadores uruguayos (1870-1933)*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2004.

BARRÁN, José Pedro & CAETANO, Gerardo & PORZECANSKI, Teresa. *Historias de la vida privada en el Uruguay*. El nacimiento de la intimidad (1870-1920). 2ª ed. Montevideo: Santillana, 1998.

_____. *Historias de la vida privada en el Uruguay*. Individuo y soledades (1920-1990). Montevideo: Santillana, 1998.

BARRÁN, José Pedro, NAHUM, Benjamín. *Batlle, los estancieros y el Imperio Británico*. 8 volumes. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1981-1987.

_____. El batllismo uruguayo y su reforma "moral". In: *Desarrollo Económico*, Buenos Aires, v. 23, n. 89, abril-junho de 1986, p. 121-135.

BASTOS, Elide Rugai, RIDENTI, Marcelo, ROLLAND, Denis (orgs.). *Intelectuais: sociedade e política, Brasil-França*. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

BAYCE, Rafael. *Cultura política uruguaya: desde Batlle hasta 1988*. Montevideo: Fundación de Cultura Universitaria, 1989.

BEIGEL, Fernanda. *El itinerario y la brújula: el vanguardismo estético-político de José Carlos Mariátegui*. Buenos Aires: Biblos, 2003.

BELLOTO, Manoel Lelo & CORRÊA, Ana Maria Martinez (orgs.). *América Latina de Colonização Espanhola: Antologia de Textos Históricos*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1979.

BELO, André. *História & Livro e Leitura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. In: RIOUX, Jean-Pierre, SIRINELLI, François. *Por uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 13-36.

BEIRED, José Luis Bendicho. *Sob o signo da nova ordem. Intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina (1914-1945)*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BISSO, Andrés (comp.). *El antifascismo argentino*. Buenos Aires: Buenos Libros; CeDInCI Editores, 2007.

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRUIT, Héctor H. A invenção da América Latina. In: *Revista Mestrado História*. Vassouras, RJ: Revista do curso de mestrado em história, v. 5, 2003, p. 75-94.

CAETANO, Gerardo. Del primer batllismo al terrismo: crisis simbólica y reconstrucción del imaginario colectivo. In: *Cuadernos de CLAEH*. Montevideo, n. 49, 1989, p. 85-106.

_____. *La república conservadora, 1916-1929*. 2 Tomos. Montevideo: Fin de Siglo, 1992-1993.

_____. *Los uruguayos del centenario: nación, ciudadanía, religión y educación, 1910-1930*. Montevideo: Taurus, 2000.

CAETANO, Gerardo, GEYMONAT, Roger. *La secularización uruguaya (1859-1919)*. Catolicismo y privatización de lo religioso. Montevideo: Antillana-Taurus, 1997.

CAETANO, Gerardo, JACOB, Raúl. *El nacimiento del terrismo (1930-1933)*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1989-1991.

CAETANO, Gerardo, RILLA, José. *El joven Quijano (1900-1933).* Izquierda nacional y conciencia crítica. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1986.

_____. *Historia contemporánea del Uruguay*. De la colonia al Mercosur. Montevideo: Editorial Fin de Siglo, 1994.

_____. Izquierda y tradición: Un problema y su versión en Uruguay. In: CAETANO, Gerardo, GALLARDO, Javier, RILLA, José. *La Izquierda Uruguaya*. *Tradición, innovación y política*. Montevideo: Trilce, 1995, p. 13-70.

_____. La partidocracia uruguaya. Historia y teoría de la centralidad de los partidos políticos. In: *Cuadernos del CLAEH*, Montevideo, n. 44, 1987, p. 76-95.

CAMP, Roderic. *Los intelectuales y el Estado en el México del siglo XX*. México: Fondo de Cultura Económica, 1988.

CANDIANO, Leonardo, PERALTA, Leonardo. *Boedo, orígenes de una literatura militante: historia del primer movimiento cultural de la izquierda argentina*. Buenos Aires: Ediciones del CCC Centro Cultural de la Cooperación Floreal Gorini, 2007.

CANFIELD, Martha L. Persistencia del mensaje ariélico. In: RODÓ, José Enrique. *Ariel*. Estudios de Martha Canfield y Rómulo Cosse. Montevidéu: Ministerio de Educación y Cultura, Biblioteca Nacional, 2000, p. 13-35.

CAPDEVILLA, Arturo. *América: nuestras naciones ante los Estados Unidos*. Buenos Aires: M. Gleizer, 1926.

CASTRO, Belén. Introducción. In: RODÓ, José Enrique. *Ariel*. Madri: Ediciones Cátedra, 2000, p. 9-127.

CAPELATO, Maria Helena. CAPELATO, Maria Helena Rolim. A data símbolo de 1898: o impacto da independência de Cuba na Espanha e Hispanoamérica. In: *História*, Franca, v. 22, n. 2, 2003, p. 35-58.

_____. O "gigante brasileiro" na América Latina: ser ou não ser latino-americano. In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Viagem incompleta: A Experiência Brasileira (1500-2000) A Grande Transação*. São Paulo: Ed. Senac, 2000, p. 285-316.

CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARVALHO, Eugênio Rezende de. Idéias e identidade na América: quatro visões. In: *Estudos Ibero-Americanos*. V. 24, n. 2. Porto Alegre: PUC-RS, dez. 1998, p. 7-28.

CARVALHO, José Murilo de. Brasil: outra América? In: *Pontos e Bordados: Escritos de história e política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, p. 269-74.

CELENTANO, Adrián. Ideas e intelectuales en la formación de una red sudamericana antifascista. In: *Literatura y lingüística*, Santiago de Chile, Universidad Católica Cardenal Raúl Silva Henríquez, n. 17, 2006, p. 195-218.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro; Lisboa, Bertrand Brasil; Difel, 1990.

_____. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 1994, p. 97-113.

_____. *Formas e Sentido. Cultura Escrita: Entre Distinção e Apropriação*. São Paulo: Mercado das Letras, 2003.

_____. *Libros, lecturas y lectores en la Edad Moderna*. Madri: Alianza Universidad, 1993.

CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHIFFLET, Guillermo. *De la discusión nace la luz. Emilio Frugoni, desafío y referencia*. Montevideo: Letraeñe, 2007.

CHOMSKY, Noam. *La quinta libertad*. La intervención de los Estados Unidos en América Central y la lucha por la paz. 3ª ed. Barcelona: Crítica (Biblioteca de Bolsillo), 2004.

COLOMBI, Beatriz. *Viaje intelectual, migraciones y desplazamientos en América Latina (1880-1915)*. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 2004.

COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da Teoria. Literatura e Senso Comum*. Belo Horizonte: ED. UFMG, 2001.

CÓRDOVA, Arnaldo. *La Revolución y el Estado en México*. México: Era, 1989.

CORRÊA, Anna Maria Martinez. *A Revolução Mexicana (1910-1917)*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

COSTA LIMA, Luiz. *A Aguarrás do Tempo. Estudos sobre a narrativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

COSTA LIMA, Luiz (org.). *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

CRESPO, Regina Aída. *Messianismos culturais: Monteiro Lobato, José Vasconcelos e seus projetos para a nação*. São Paulo: USP, 1997 (Tese de doutorado).

_____. Cultura e política: José Vasconcelos e Alfonso Reyes no Brasil (1922-1938). In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Humanitas Publicações, vol. 23, n. 45, 2003, p. 197-208.

CUADRO, Servando. *Al servicio de la idea socialista. Psicoanálisis profano de la biografía del Dr. Emilio Frugoni*. Montevideo: Editorial Charrúa, 1940.

DARNTON, Robert. História da Leitura. In: BURKE, Peter. *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1994, p. 199-236.

_____. *O beijo de Lamourette*: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DE ARMAS, Gustavo, GARCÉ, Adolfo. *Uruguay y su conciencia crítica. Intelectuales y política en el siglo XX*. Montevideo: Trilce, 1997.

DE CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro, Forense, 1982.

_____. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.

DE DIEGO, José Luis (dir.). *Editores y políticas editoriales en Argentina, 1880-2000*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006.

DE SAGASTIZÁBAL, Leandro, ESTEVES FROS, Fernando (comps.). *El mundo de la edición de libros*. 2ª reimp. Buenos Aires: Paidós, 2005.

DEMASI, Carlos. *La lucha por el pasado*. Historia y nación en Uruguay (1920-1930). Montevideo: Ediciones Trilce, 2004.

DEVÉS VALDÉS, Eduardo. *El pensamiento latinoamericano em el siglo XX. Entre la modernización y la identidad. Del Ariel de Rodó a la CEPAL (1900-1950)*. Tomo I. Buenos Aires: Biblos, Centro de Investigaciones Diego Barros Arana, 2000.

_____. La red de los pensadores latinoamericanos de los años 1920: (relaciones y polémicas de Gabriela Mistral, Vasconcelos, Palacios, Ingenieros, Mariátegui, Haya de la Torre, *El Repertorio Americano* y otros más). In: *Boletín Americanista*. Barcelona: Departament d'Historia d'Amèrica, nº 49, 1999, p. 67-79.

DORATIOTO, Francisco. *Espaços nacionais na América Latina: da utopia bolivariana à fragmentação*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DOSSE, François. *História e ciências sociais.* Bauru: Edusc, 2004.

_____. *La marcha de las ideas*. Valência: PUV, 2007.

DUTRA, Eliana de Freitas. Companhia Editora Nacional: Tradição Editorial e Cultura Nacional no Brasil dos anos 30. In: *I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial*, Rio de Janeiro, Casa Rui Barbosa/UFF, 08 a 11 de novembro de 2004. Disponível em HTTP://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/elianadutra.pdf. Acesso em 15/12/2007.

_____. História e culturas políticas. Definições, usos, genealogias. In: *Varia História*. Belo Horizonte: Departamento de História, FAFICH/UFMG, dez. 2002, n.28, p. 13-28.

_____. *Rebeldes literários da república: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

DUTRA, Eliana de Freitas, MOLLIER, Jean-Yves (eds.). *Política, nação e edição. O lugar dos impressos na construção da vida política. Brasil, Europa e Américas nos séculos VXIII-XX*. São Paulo: Annablume, 2006.

DUTRÉNIT, Silvia. *Uruguay, una historia breve*. México: Instituto Mora, 1994.

EARLE, Peter G., MEAD, Robert G. *Historia del ensayo hispanoamericano*. México: Editorial de Andrea, 1973.

FARAONE, Roque. *La Prensa de Montevideo*. (Estudio sobre algunas de sus características). Montevideo: Biblioteca de publicaciones oficiales de la Facultad de Derecho y Ciencias Sociales de la Uiversidad de la República, 1960.

FERES JÚNIOR, João. *A história do conceito de Latin America nos Estados Unidos*. Bauru, SP; São Paulo: EDUSC; ANPOCS, 2005.

_____. De Cambridge para o mundo, historicamente: revendo a contribuição metodológica de Quentin Skinner. In: *Dados – Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, Vol. 48, nº 3, 2005, p. 655-680.

FERREIRA DE CASSONE, Florencia. *Claridad y el internacionalismo americano*. Buenos Aires: Claridad, 1998.

_____. Claridad y la construcción de una izquierda americana. In: *Cuyo*, anuario de filosofía argentina y americana, v. 15, 1998, p. 185-199.

FERREIRO, Emilia. *Pasado y presente de los verbos leer y escribir*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001.

FONER, Philp S. *La Guerra Hispano-Cubano-Americana y el nacimiento del imperialismo norteamericano, 1895-1902*. Madri: Akal, 1975.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. As idéias estão no lugar. In: *Cadernos de Debate*, n. 1, 1976, p. 59-64.

FREGA, Ana, MARONNA, Mónica, TROCHON, Yvette. *Baldomir y la restauración democrática (1938-1946)*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1987.

FUNES, Patricia. Del Mundus Novus al novomundismo. Algunas reflexiones sobre el nombre de América Latina. IN: DAYREL, Eliane Garcindo, IOKOI, Zilda M. Gricoli (coords.). *América Latina contemporânea: desafios e perspectivas*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: Edusp, 1996, p. 77-95.

_____. El pensamiento latinoamericano sobre la nación en la década de 1920. In: *Boletín Americanista*. Barcelona: Departament d'Historia d'Amèrica, nº 49, 1999, p. 103-120.

_____. *Salvar la nación: intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo, 2006.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

_____. *Culturas híbridas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

GEBRAN, Philomena; LEMOS, Maria Teresa T. B (orgs.). *América Latina: cultura, estado e sociedade*. Rio de Janeiro: ANPHLAC, 1994.

GERBI, Antonello. *O Novo Mundo. História de uma polêmica (1750-1900)* [1955]. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GILMAN, Claudia. El intelectual como problema. La eclosión del antiintelectualismo latinoamericano de los sesenta y los setenta. In: *Prismas*. Revista de historia intelectual. Universidad Nacional de Quilmas, Buenos Aires, ano 3, n. 3, 1999, p. 73-93.

_____. *Entre la pluma y el fusil*. Debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GIÚDICE, Gerardo. *Frugoni*. Montevideo: Proyección, 1995.

GONZÁLEZ CALLEJA, Eduardo. El hispanismo autoritario español y el movimiento nacionalista argentino: balance de médio siglo de relaciones políticas e intelectuales (1898-1946). In: *Hispania*. Revista Española de Historia, Madri, v. LXVII, n. 226, maio-agosto de 2007, p. 599-642.

GONZÁLEZ ECHEVARRÍA, Roberto. El extraño caso de la estatua parlante: *Ariel* y la retórica magisterial del ensayo latinoamericano. In: *Escritura y autoridad en la literatura latinoamericana moderna*. Madri: Verbum, 2001, p. 28-61.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural da Esfera Pública.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HALPERIN DONGHI, Tulio. *Historia da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

_____. *La Argentina y la tormenta del mundo. Ideas e ideologías entre 1930 y 1945*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2004.

HARLAN, David. A história intelectual e o retorno da literatura. In: RAGO, Margareth, GIMENES, R. (orgs.). *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas: IFCH, 2000, p. 15-62.

HOBSBAWM, Eric J. *A era dos extremos*: o breve século XX, 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOBSBAWM, Eric J. & RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOFMEISTER, Wilhelm (org.). *Os intelectuais na América Latina*. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2004.

IANNI, Otávio. *O labirinto latino-americano*. Petrópolis: Vozes, 1993.

ISER, Wolfgang. *Rutas de la interpretación*. México: Fondo de Cultura Económica, 2005.

JACOB, RAÚL. *El Uruguay de Terra, 1931-1938*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1983.

JASMIN, Marcelo Gantus. História dos Conceitos e Teoria Política e Social: referências preliminares. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 20, n. 57, fevereiro de 2005, p. 27-38.

JULIO, Silvio. *José Enrique Rodó e o cinqüentenário do seu livro Ariel*. Rio de Janeiro: MEC, 1954.

JUNQUEIRA, Mary A. Ciência, técnica e as expedições da marinha de guerra norte-americana, *U. S. Navy*, em direção à América Latina. In: *Varia História*, Belo Horizonte, v. 23, n. 38, Jul/Dez 2007, p. 334-349.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro pasado. Para una semántica de los tiempos históricos*. Buenos Aires: Paidós, 1993.

_____. *história/História*. Madri: Mínima Trotta, 2004. (1ª ed. alemã de 1975)

LACAPRA, Dominick. *Rethinking intellectual history: texts, contexts, language*. Ithaca: Cornell University Press, 1983.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. *O que é imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

LOCKHART, Washington. Rodó y el arielismo. In: *Capítulo Oriental: la historia de la literatura uruguaya*. V. 12. Montevidéu: Centro Editor de América Latina, 1968, p. 177-192.

LOPES, Marco Antônio (org.). *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. Para ler os clássicos do pensamento político: um guia historiográfico. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). *Fontes Históricas*. 2a ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 111-153.

MACHIN, Horacio, MORAÑA, Mabel (eds.). *Marcha y América Latina.* Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana / Universidad de Pittsburgh, 2003.

MANSONI, Celina (comp.). *Vanguardistas en su tinta. Documentos de la Vanguardia en América Latina*. Buenos Aires: Corregidor, 2007.

MARIÁTEGUI, José Carlos. Sete ensaios de interpretação da realidade peruana [1928]. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.

MARÍNEZ DÍAS, Nelson. La historiografía uruguaya contemporánea. *Quinto centenario*, Madri, 1983, n. 5, p. 39-64.

MARTÍ, José. *Nossa América*. São Paulo: Hucitec, 1983.

MERQUIOR, José Guilherme. Grandeza de Batlle. In: *O argumento liberal*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983, p. 247-54.

MEYER, Jean. *La cristiada: los cristeros*. 11ª ed. v. 3. México: Siglo XXI, 1993.

MILLER, Juan Edmundo. *El sembrador (Emilio Frugoni)*. Trayectoria biográfica de "el gran traicionado". Relatos. Primera parte. Montevideo: Record, 1973.

MISKULIN, Sílvia Cezar. *Cultura Ilhada: imprensa e revolução cubana (1951-1961)*. São Paulo: Xamã, 2003.

MITRE, Antonio. *O dilema do centauro*: ensaios de teoria da história e pensamento latino-americano. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MOREIRA, Constanza. *Democracia y desarrollo en Uruguay: una reflexión desde la cultura política*. Montevideo: Trilce, 1997.

MORSE, Richard. *O espelho de próspero. Cultura e idéias nas Américas*. 2ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A história política e o conceito de cultura política. In: *LPH: Revista de História*. Mariana, MG: Depto. De História da UFOP, n. 6, 1996, p. 83-91.

MYERS, Jorge. Gênese "ateneísta" da história cultural latino-americana. In: *Tempo Social*. São Paulo:Departamento de Sociologia, FFLCH/USP, jun. 2005, V. 17, nº 1, p. 9-54.

ODDONE, Juan A. A formação do Uruguai moderno (1870-1930). In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina: de 1870 a 1930*. São Paulo: EDUSP, 2002, v. 5.

_____. *Uruguay entre la depresión y la guerra (1929-1945)*. Montevideo: Fundación de Cultura Universitaria, 1990.

_____. *Vecinos en discordia. Argentina, Uruguay y la política hemisférica de los Estados Unidos*. Selección de documentos, 1945-1955. 2ª edição corrigida. Montevideo: Ediciones El Galeón - Universidad de la República, 2004.

ODDONE, Juan A., PARÍS, Blanca. *La universidad uruguaya del militarismo a la crisis, 1885-1958*. III Tomos. Montevideo: Universidad de la República, 1971.

O' GORMAN, Edmundo. *A invenção da América: reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido do seu devir*. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

ORIBE, Emilio. *El pensamiento vivo de Rodó*. Buenos Aires: Losada, 1945.

PAIVA, Eduardo França. *História & Imagens*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PALACIOS, Alfredo L. *Nuestra América y el imperialismo yanqui*. Madri: Historia Nueva, 1930.

PALTI, Elías J. *El tiempo de la política. El siglo XIX reconsiderado*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.

PANIZZA, Francisco E. (org.). *Los partidos políticos de cara al 90*. Montevideo: ICP-FCU-FESUR, 1989.

_____. *Uruguay: batllismo y después. Pacheco, militares y tupamaros en la crisis del Uruguay batllista*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1990.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

PEIRANO BASSO, Luisa. *Marcha de Montevideo y la formación de la conciencia latinoamericana a través de sus cuadernos*. Buenos Aires: Javier Vega, 2001.

PÉREZ, Abel J. *América*. Montevideo: El Siglo Ilustrado, 1912.

_____. *La solidaridad de América*. Montevideo: Barreiro y Ramos, 1917.

PIMENTA, João Paulo G. *Estado e nação no fim dos impérios ibéricos no Prata: 1808-1828.* São Paulo: Hucitec; Fapesp, 2002.

PINO, Miriam. El semanario *Marcha* de Uruguay: una genealogía de la crítica de la cultura en América Latina. In: *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*, Lima-Hanover, ano XXVIII, n. 56, 2º semestre de 2002, p. 141-156.

PITA GONZÁLEZ, Alexandra, VENTURA RAMÍREZ, Rogelio. La Convención sobre la enseñanza de la Historia: educar para la comprensión americana. Disponível em Http://www.caei.com.ar/es/programas/historia/18.pdf. Acesso em 09/12/2007.

PIZARRO, Ana (org.). *América Latina: Palavra, Literatura e Cultura*. 3 volumes. São Paulo; Campinas: Memorial; Unicamp, 1994.

POCOCK, J. G. A. *Linguagens do ideário político*. São Paulo: EDUSP, 2004.

PORTANTIERO, Juan Carlos. *Estudiantes y política en América Latina. El proceso de la reforma universitaria (1918-1938)*. México: Siglo XXI, 1978.

PRADO, Maria Lígia. *A formação das nações latino-americanas*. 16ª ed. São Paulo: Atual, 1998.

_____. *América Latina no século XIX*: tramas, telas e textos. São Paulo: Edusp; Bauru: Editora do Sagrado Coração, 1999.

_____. O Brasil e a distante América do Sul. In: *Revista de História*. São Paulo: Departamento de História – FFLCH – USP: Humanitas, 2001, n. 145, p. 127-149.

_____. *O populismo na América Latina*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PRATT, Marie Louise. *Os Olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *Literatura, cultura, sociedad en América Latina*. Montevideo: Trilce, 2006.

_____. *Transculturación narrativa en América Latina*. Montevideo: ARCA/Fundación Ángel Rama, 1989.

RAMA, Carlos. La Revolución Mexicana en el Uruguay. In: *Historia Mexicana*. México, nº 8, out.-dez. 1957, p. 161-186.

RAMA, Germán. La democracia uruguaya. Montevideo: ARCA, 1995.

RAVIOLO, Heber, ROCCA, Pablo (dir.). *Historia de la literatura uruguaya contemporánea*. *Los narradores del medio siglo*. Tomo I. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1996.

_____. *Historia de la literatura uruguaya contemporánea*. *Una literatura en movimiento (Poesía, Teatro y otros géneros)*. Tomo II. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1997.

REAL DE AZÚA, Carlos. *Antología del ensayo uruguayo contemporáneo*. II tomos. Montevideo: Universidad de la República, 1964.

_____. *El impuso y su freno*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1964.

_____. *El Uruguay visto por los uruguayos*. 2 tomos. Buenos Aires/Montevideo: Centro Editor de América Latina, 1968.

_____. *Historia visible y historia esotérica*. *Personajes y claves del debate latinoamericnao*. Montevideo: Arca, 1975.

_____. *Historia y política en el Uruguay*. Montevideo: Cal y Canto, 1997.

_____. *Uruguay, ¿Una sociedad amortiguadora?* Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2000.

REICHEL, Heloísa Jochims & GUTFREIND, Ieda (orgs.). *América Platina e historiografia*. São Leopoldo: Programa de Pós-graduação em História – UNISINOS, 1996.

_____. *Fronteiras e guerras no Prata*. São Paulo: Atual, 1995.

RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

REY TRISTÁN, Eduardo. *A la vuelta de la esquina: la izquierda revolucionaria uruguaya, 1955-1973*. Montevideo: Fin de Siglo, 2006.

RILLA, José. La tradición contra los partidos en el Uruguay. In: *História*, São Paulo, 23 (1-2), 2004, p. 161-196.

RIVAS, Ricardo Alberto, RODRÍGUEZ, Rodolfo Alberto (coords.). *Problemas latinoamericanos y alteridad en los siglos XIX y XX*. Mar del Plata: Ediciones Suárez, 2003.

RIVERA, Jorge B. *El escritor y la industria cultural*. Buenos Aires: Atuel, 1998.

_____. *El periodismo cultural*. Buenos Aires: Paidós, 2003.

ROCCA, Pablo. *35 años en Marcha*. Crítica y literatura en *Marcha* y en el Uruguay: 1939-1974. Montevideo: IMM-División Cultura, 1992.

_____. *El 45. Entrevistas/Testimonios*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2004.

_____. *Ángel Rama, Emir Rodríguez Monegal y el Brasil: Dos caras de un proyecto latinoamericano*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2006.

_____. La política oficial del libro: Hablar sobre la nada. In: *Siete sobre Siete*, Montevideo, n. 89, 16 de maio de 2005, p. 3-11.

_____. *Poesía y política en el siglo XIX (Un problema de fronteras)*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2003.

RODÓ, José Enrique. *Ariel*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

_____. *Obras completas*. Madri: Aguillar, 1957.

RODRÍGUEZ MONEGAL, Emir. El olvidado ultraísmo uruguayo. In: *Revista Iberoamericana*. Madri, n.118-119, jan-jun., 1982, p. 257-274.

_____. *Literatura uruguaya del medio siglo*. Montevideo: Alfa, 1966.

ROMERO, José Luis. *El pensamiento político de la derecha latinoamericana*. Buenos Aires: Paidós, 1970.

_____. *Latinoamérica*: las ciudades y las ideas. Buenos Aires, Siglo XXI, 1976.

ROMERO, Luis Alberto. *Breve historia contemporánea de la Argentina*. 2ª ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.

ROSA, Alberto Asor. Intelectuais. In: *Enciclopédia Einaudi, Política: Tolerância/Intolerância* , v.22, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1996, p. 151-178.

ROUQUIÉ, Alain. O Extremo Ocidente: introdução à América Latina. São Paulo: Edusp, 1991.

SAID, Edward. SAID, Edward. *Cultura e imperialismo* [1993]. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente* [1978]. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SALVATORE, Ricardo. *Imágenes de un imperio: Estados Unidos y las formas de representación de América Latina*. Buenos Aires: Sudamericana, 2006.

SALVATORE, Ricardo (comp.). *Culturas imperiales: experiencia y representación en América, Asia y África*. Rosario: Beatriz Viterbo, 2005.

SÁNCHEZ, Luis Alberto. *Escritores representativos de América*. 2 volumes. Madri: Editorial Gredos, 1957.

_____. *¿Existe América Latina?* México: FCE, 1945.

SARLO, Beatriz. *El imperio de los sentimientos*. Narraciones de circulación periódica en la Argentina (1917-1927). Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2004.

_____. *La batalla de las ideas(1943-1973)*, con la colaboración de Carlos Altamirano. Buenos Aires: Ariel, Biblioteca del Pensamiento Argentino, 2001.

SCARONE, Arturo. *Uruguayos contemporáneos*. Nuevo diccionario de datos biográficos y bibliográficos. Montevideo: Barreiro y Ramos, 1937.

SCHWARTZ, Jorge. *Las vanguardias latinoamericanas. Textos programáticos y críticos*. Edição revisada e ampliada. México: FCE, 2002.

SCHWARZ, Roberto. As idéias fora do lugar. *Estudos Cebrap* (3), jan 1973, p. 151-161.

SEVCENKO, Nicolau. *A literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SIERRA, Geronimo de. Consolidação e crise do "capitalismo democrático" no Uruguai. In: CASANOVA, Pablo González (org.). *América Latina: história de meio século*. Brasília: Editora da UNB, 1988, p. 273-301.

SIGAL, Silvia. *Intelectuales y poder en la década del sesenta*. Buenos Aires: Puntosur, 1991.

SILVA, Helenice Rodrigues da. *Fragmentos da história intelectual*: entre questionamentos e perspectivas. Campinas: Papirus, 2002.

SIRINELLI, Jean-François. Intellectuels et passions françaises. Manifestes et pétitions au XX^{e}siècle. Paris: Fayard, 1990.

SOARES, Gabriela Pellegrino. Novos meridianos na produção editorial em castelhano: o papel dos espanhóis exilados pela Guerra Civil na Argentina e no México. In: *Varia História*, Belo Horizonte, v. 23, n. 38, Jul/Dez 2007, p. 386-398.

_____. *Semear horizontes: uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil (1915-1954)*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

SOARES, Gabriela Pellegrino, PINTO, Júlio Pimentel. A América Latina no universo das edições brasileiras. In: *Diálogos*, Maringá, DHI, PPHI UEM, v. 8, n. 2, 2004, p. 133-151.

SOARES, Maria Susana Arrosa (coord.). *Os intelectuais nos processos políticos da América Latina*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 1985.

SOIHET, Rachel, BICALHO, Maria Fernanda B. e GOUVÊA, Maria de Fátima S. *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

SOLER, Leticia. *Historiografía uruguaya contemporânea (1985-2000)*. Montevideo: Trilce, 2000.

SOUZA, Marcos Alves de. *A cultura política do "batllismo" no Uruguai: 1903-1958*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003.

_____. *Ideologia e política em José Enrique Rodó: liberalismo e jacobinismo no Uruguai (1895-1917)*. Franca: UNESP, 2006 (Tese de Doutorado).

_____. O reformismo "batllista" e seu confronto com a elite conservadora (1903-1958). In: *Estudos de História*, Franca, Depto. de História, UNESP – Franca, v.7, n.2, 2000, p. 197-214.

STABB, Martin S. *América Latina en busca de una identidad. Modelos del ensayo ideológico hispanoamericano, 1860-1960*. Caracas: Monte Ávila, 1969.

TARACENA, A. La Asociación de Estudiantes Latinoamericanos de París (1925-1933), *Anuario de Estudios Centroamericanos*, San José de Costa Rica, Universidad de Costa Rica, 1989, p. 61-80.

TERÁN, Oscar. El primer antiimperialismo latinoamericano. *Punto de vista-Revista de cultura*, Buenos Aires, Ano IV, Número 12, julio-octubre, 1981, p. 3-10.

_____. *América Latina: Positivismo y Nación*. México: Editorial Katún, 1983.

TODOROV, Tzvetan. *Crítica de la crítica*. Barcelona: Paidós Surcos, 2005.

_____. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

TOURAINE, Alain. *Palavra e sangue: política e sociedade na América Latina*. São Paulo: Trajetória Cultural; Campinas: Ed. Da Unicamp, 1989.

TURCATI, Dante. *El equilíbrio difícil. Política exterior del batllismo*. Montevideo: Arca Editorial, 1981.

URRUTIA, Jorge. Vitalidad de La deshumanización del arte. In: *Revista de Occidente*, Madri, n. 300, maio de 2006, p. 5-22.

VANGER, Milton. *El país modelo*. Montevideo: EBO-Arca, 1983.

VÁRIOS AUTORES. *El fin del Uruguay liberal (1959-1973)*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1990.

_____. *El Uruguay de los años treinta*. Enfoques y problemas. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1994.

_____. *Uruguay hoy*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1971.

_____. *Vida y cultura en el río de la Plata*. Tomo I. Montevideo: Universidad de la República, Departamento de Publicaciones, 1987.

VASCONCELOS, José. *La raza cósmica*. México: Espasa Calpe Mexicana, 1977.

VAZ FERREIRA, Carlos. *Moral para intelectuales*. 3ª ed. revisada. Montevideo: Cámara de Representantes, 1957.

VILLA, Marco Antônio. *A Revolução Mexicana (1910-1940)*. São Paulo: Ática, 1993.

VILLAMIL, Silvia Rodríguez. *Las mentalidades dominantes en Montevideo (1850-1900)*. La mentalidade criolla tradicional. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1968.

VIOR, Eduardo J. Visiones de Calibán, visiones de América. In: *CUYO*. Anuario de Filosofía Argentina y Americana, n. 17, 2000, p. 89-103.

VISCA, Arturo Sergio. *Diccionario de literatura uruguaya*. Montevideo: Arca-Credisol, 1987.

YANKELEVICH, Pablo. *Miradas australes. Propaganda, cabildeo y proyección de la Revolución Mexicana en el Río de la Plata, 1910-1930*. México: Instituto Nacional de Estudios Históricos de la Revolución Mexicana, Secretaría de Relaciones Exteriores, 1997.

ZEA, Leopoldo (comp.). *Quinientos años de historia, sentido y proyección*. México: Fondo de Cultura Económica, 1991.

_____. (comp.). *Fuentes de la cultura latinoamericana*. 3 volumes. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

_____. (org.). *América Latina en sus ideas*. México: Siglo XXI: UNESCO, 1986.

ZUBILLAGA, Carlos. Breve panorama da imigração maciça no Uruguai (1870-1931). In: FAUSTO, Boris (org.). *Fazer a América*. São Paulo: EDUSP, 1999, p. 419-460.

_____. *Hacer la América*. Estudios históricos sobre la inmmigración española al Uruguay. Montevideo: Fin de Siglo, 1993.

_____. *Historia e historiadores en el Uruguay del siglo XX*. Montevideo: Librería de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 2002.

_____. *Las disidencias del tradicionalismo. El Radicalismo Blanco*. Montevideo: ARCA/CLAEH, 1978.

_____. *La utopía cosmopolita*. Tres perspectivas históricas de la inmigración masiva al Uruguay. Montevideo: Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 1998.

_____. Libreros y editores gallegos en Montevideo. In: *Madrygal*, Madri, n. 2, 1999, p. 139-145.

ZUM FELDE, Alberto. *Proceso intelectual del Uruguay y crítica de su literatura*. Montevideo: Editorial Claridad, 1941.

_____. *Proceso intelectual del Uruguay*. III – La promoción del Centenario. 4ª ed. Montevideo: Librosur, 1985.